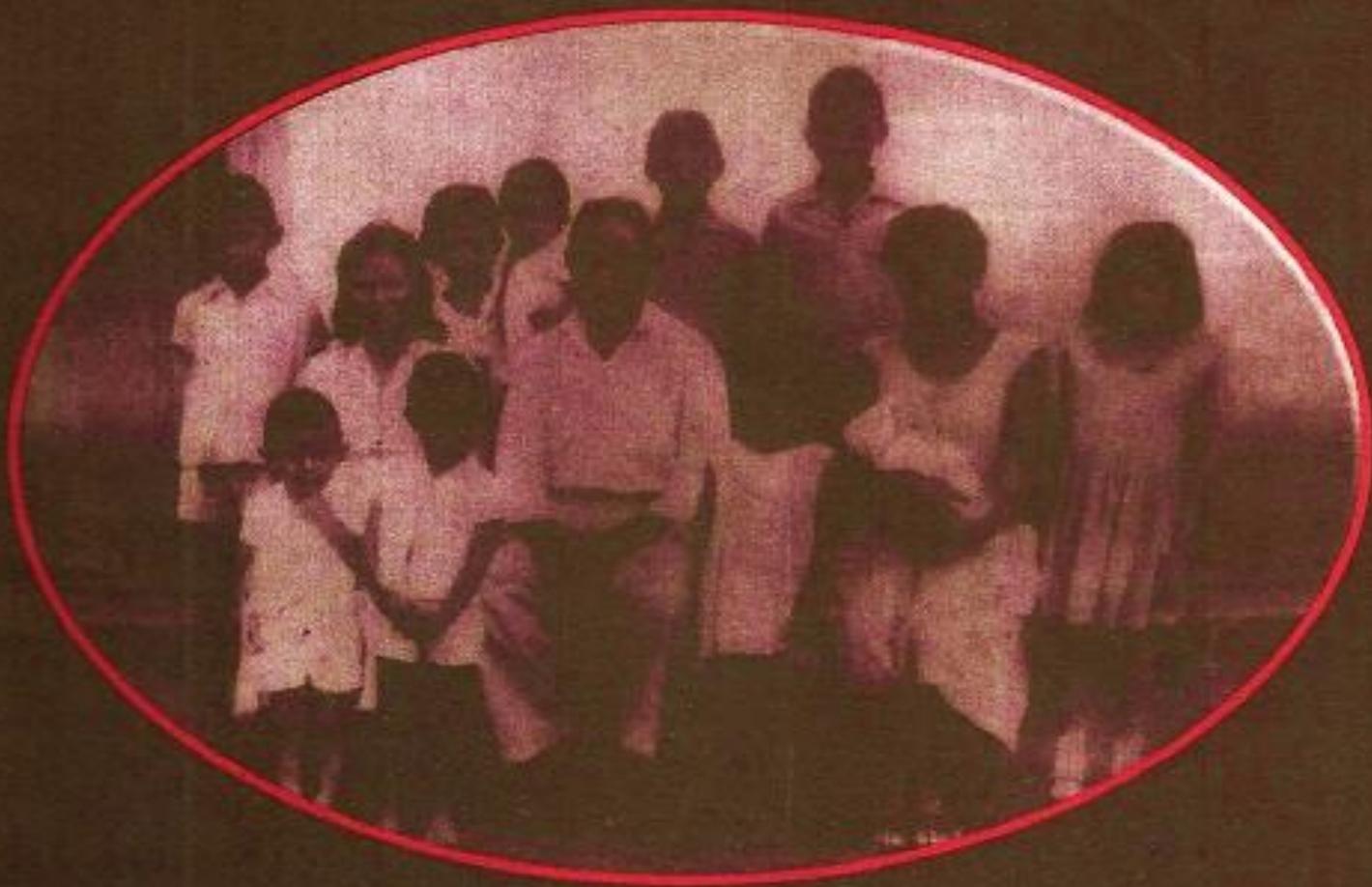


Ayala A. Rocha



**ELIZABETH TEIXEIRA**

**MULHER DA TERRA**



**Ayala A. Rocha**

**ELIZABETH TEIXEIRA:  
MULHER DA TERRA**

**Editora Universitária da UFPB**

**João Pessoa – Pb**

**2009**

**Promoção**

Fórum de Mulheres da UFPB

Residência Universitária Feminina Camponesa

e Professora Elizabeth Teixeira

### **Apoio**

Universidade Federal da Paraíba  
Coletivo Feminista Santo Dias  
Comissão Pastoral da Terra - CPT

Projeto de Capa:

Almir Correia e Lauro Martins

### **Revisão**

Luís de Meio Diniz

Mauriene Silva de Freitas

Uirá de Mendonça Arruda

Valter Luciano Gonçalves Villar

---

T266r Rocha, Ayala A.

Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra / Ayala A. Rocha. – João Pessoa:  
Editora Universitária da UFPB, 2009. 234p.il.: UFPB/BC

I. Teixeira, Elizabeth, 1925 - Biografia. 2. Movimento dos sem-terra.

CDU: 929

---

**Os artigos e suas revisões são de responsabilidade do autor.**

**Direitos desta edição reservados à: EDITORA UNIVERSITÁRIA / UFPB Caixa Postal 5081 - Cidade Universitária - João Pessoa - Paraíba - Brasil CEP: 58.051 - 970 - [www.editora-UFPB.com.br](http://www.editora-UFPB.com.br)**

**Impresso no Brasil Printed in Brazi. Foi feito depósito legal**

**Dedico este livro:**

**À memória dos que tombaram em defesa do povo e da pátria e aos que dedicaram a sua vida na construção de um país livre, sem amos e sem escravos.**

## **AGRADECIMENTOS**

O meu carinho e reconhecimento a V ANDERLEY CAIXE, meu companheiro que me fez enxergar além. Sem o apoio, colaboração e estímulo, jamais teria conseguido realizar este trabalho.

Devo também ao meu pai, EUZÉBIO ROCHA que sempre me estimulou a ter coragem de colocar no papel as minhas ideias. A amar a nossa gente, a lutar Por nossos ideais, a ter coragem de me indignar.

## **EUZÉBIO ROCHA**

São Paulo, 07 de março de 1992.

Adorada Filha:

Não sei se você se apercebeu de que está escrevendo um romance social. Numa linguagem simples e precisa, vai narrando os problemas da vida, numa sequência feliz.

Marca o contexto familiar de Elizabeth, núcleo original de sua existência.

Traz ao leitor o diálogo de Elizabeth com a avó, rico de ensinamentos. O pai, racista afirma: "negros da porta da rua para fora". Já a avó contrariava a posição do seu pai. Contava velhas histórias que são mensagens de sabedoria. E afirmava: "o orgulho não adianta". "conheci uma mulher muito orgulhosa que não suportava pretos. Ficou com o corpo que era só ferida e exalando odor insuportável. Todos se afastaram dela, até amigos e familiares. Ninguém quis carregar o seu caixão, só os pretos agarraram a alça do caixão até a tumba". Que lição de vida e de amor!

Poucos escritores conseguiram, com tanta precisão, trazer ao leitor, os anseios da adolescente, "com certo sabor de rebeldia".

Impressionou-me, talvez, porque viessem a mim lembranças da infância, o inconformismo de Elizabeth com as condições de vida dos marginalizados. Aqui, por certo, a origem da revolucionária que a Elizabeth haveria de ser.

As nuances do confronto dos sentimentos que se contrastam, enriquecem e dinamizam a narração. Oral, o choque, até o desespero, ao contemplar dona Eunice morta, pálida, banhada em sangue. Nunca vira quadro tão terrível. Mais adiante - o encantamento da festa junina, com fogueira, cantadores de viola, fogos. Quadrilha e tudo o mais que a tradição popular tem direito.

Quantas moças vivem a reação do pai iracundo, talvez zeloso ou ciumento, "sonhando alto", na ilusão de que basta o pretendente ser rico para fazer a filha feliz. O romance retrata a sociedade.

"A vida nos ensina. Porque resistir" - Saint Exupéry. Cada vez que vencemos a resistência da vida. Aprendemos a viver, e nada é mais importante.

Nas grandes tragédias, descritas por consagrados escritores, principalmente, russos italianos e ingleses, os personagens, geralmente, perecem.

Com Elizabeth, a realidade supera a imaginação. Sobrevive à morte do filho assassinado pelo irmão. Desesperada, enlouqueci dá por momentos, reage. Quem, mais do que Elizabeth, teria direito de transformar o seu amor tantas vezes provado em ódio, rancor a tudo e a todos? Como Fênix, renasce e luta, cheia de ideal, ajudando a construir uma sociedade humana, solidária e justa.

Curvo-me para me elevar a você, Elizabeth, no altar de minha admiração.

Quem vence a dor vence a vida. Com todo o carinho do seu pai.

# SUMÁRIO

## ELIZABETH TEIXERA: MULHER DA TERRA

Prefácio.....	11
Capítulo I - Da infância a Adolescência.....	07
Capítulo II - Casamento e o Início da Luta.....	35
Capítulo III - As Ligas Camponesas.....	51
Capítulo IV -A Morte de João Pedro Teixeira.....	78
Capítulo V - Elizabeth Assume a Luta.....	100
Capítulo VI - Prisão, Fuga e Exílio.....	138
Capítulo VII - O Reencontro de Elizabeth com os Filhos.....	167
Capítulo VIII - Mais Duas Mortes.....	186
Posfácio.....	208

## **CAPITULO I: DA INFÂNCIA A ADOLESCÊNCIA**

Elizabeth Altina Teixeira é O meu nome. Nasci no dia 13 de fevereiro de 1925, na fazenda "Antas do Sono", no Município de Sapé, na Paraíba, exatamente às doze horas de um dia ensolarado. Mainha me contava sempre que, assim que eu dei o meu primeiro choro, o sino começou a badalar e ressonou por doze vezes. Ao invés dos foguetões, eu tive o sino da igreja a. - Fui a primeira filha do casal Manoel Justino da Costa e Altina Joaquina de Jesus Costa. Eles haviam casado em 1922, na mesma fazenda em que eu nasci. Tiveram nove filhos. O meu primeiro irmão, foi um menino, o que fez dele o queridinho do papai.

Aliás, já cheguei trazendo descontentamento. Papai queria que o seu primeiro filho fosse homem - um menino. Segundo mamãe, ele ficou muito decepcionado e, com pesar, teve que guardar os foguetões. Naquele tempo, quando a parteira dizia:

- Nasceu! É homem!

Dali um minutinho, começava a festança: ao som das explosões. Entretanto, e fosse mulher, era o silêncio da decepção machista, e não havia nenhuma comemoração.

Meu pai nasceu em Pilar, em 1894. Era baixo, bem alvo, cabelo louro, de olhos azuis, inteligente e ambicioso. Muito ativo nos seus negócios, com seus 125 hectares de terra. Ali, ele plantava desde roçado, feijão, arroz, frutas até cana de açúcar. Ainda, possuía uma pequena mercearia na fazenda onde vendia alimento, tecido, fumo e bebida.

Entre as bebidas, a principal era a pinga que vinha em grandes tonéis e iam sendo esvaziados à medida que se enchiam as garrafas.

Para aumentar a renda dessa mercearia, ele também tinha uma banca de jogo do bicho" e, assim que eu cresci, passei a tomar conta dela. Por ali ficava também uma banca para jogar "caipora", "bozó". Adorava jogar bozó, mas sabia que estava proibido para mim. Ficava por ali, à espera de meu pai sair para eu poder jogar. Continuei jogando, escondida, por muito tempo, até que, um dia, fui pega. Não deu jeito de escapulir. Painho disse:

- Minha filha, esse jogo é pro cabra macho, não fica bem uma mocinha sentada com essas camaradas, jogando. Fica muito feio. Não jogue nunca mais. fica avisada. Muito cuidado!

Não sentei mas à mesa de jogo, entretanto, às vezes tinha muitas saudades daquele joguinho. Sempre ganhei, raramente perdi.

Sábado era um dia especial, com brincadeiras para animar a freguesia, fazendo com que ela sempre crescesse e ficasse mais tempo. Assim, o consumo de bebida, de cigarro e de fumo de corda aumentava bastante. O lucro ia aumentando no entanto, a fazenda e a bodega não satisfaziam a ambição de painho, que, estava sempre buscando outros servicinhos.

Entre eles, o de servir aos grandes latifundiários, com a esperança de ganhar a simpatia e algo mais... Esse defeito dia meu pai eu só passei a conhecer muitos anos depois.

Minha mãe pertencia a uma família de proprietários. Era alva, os cabelos compridos, passando da cintura, e seus olhos eram castanhos. Doce e afetuosa sempre cedia aos meus pedidos, ou melhor, sempre que podia. A opinião do meu pai estava sempre presente no nosso relacionamento.

Minha mãe, com serenidade e paciência, ia enfrentando a "braveza" de papai. Esse procedimento era raríssimo, só para as coisas muito sérias e importantes. Não era bem um enfrentamento: ele esbravejava, transbordando o seu autoritarismo, e ela silenciava, deixando passar o trovão. Dava o tempo necessário e, depois, voltava ao assunto, não desanimava com facilidade.

Mainha foi uma sofredora. Eu nunca pude esquecer, apesar da minha pouca idade, o dia em que meu pai teve a coragem de trazer uma mulher até a calçada da mercearia. Colocou uma cadeira para que ela sentasse. Mainha estava gestante e cuidava do jantar. Assim que papai acabou de comer, levantou-se, pegou a mulher que estava a sua espera e foi dançar. Minha mãe chorou e sofreu muito.

Guardo dela muitas lembranças: às seis horas da tarde, hora da "Ave Maria era a hora da devoção: lá estava ela no cantinho da fé, ajoelhada rezava para as "almas do purgatório" e rezava para as "almas dos vaqueiros", rezava também para proteger

a sua casa e a sua família. Era muito cuidadosa com a casa, os filhos e com o que era dela.

Bordava nos lençóis de cama o nome de cada um dos filhos. Bordava até as toalhas de banho, mesmo que fossem de saco. Eu gostava de ajudar nesse trabalho. Com muita paciência, minha mãe foi me ensinando.

Quando era possível, gostava de nos dar presentes, principalmente roupas e brinquedos. Em momentos de maior intimidade, quase sempre sussurrando aconselhava-me:

- Minha filha, nunca se case com parentes do seu pai!

Naquela época, era muito comum a família casar seus filhos na própria família.

Ficava sempre para mim a pergunta a respeito de tamanha preocupação. Entretanto, nunca tive coragem de indagar.

Outra preocupação dela era a respeito de ter posses. Dizia:

- Minha filha, você se casar um homem que mora embaixo de uma barraca; será que você consegue viver assim?! Pense sempre nisso, você pode ser feliz se casar com uma pessoa que nada tem! As mocinhas pensam que dinheiro não é muito importante. Quando se casam, vão ver que, sem ter posses, a vida fica mais difícil. Não basta só ter posses!

Mesmo muito tempo antes de João Pedro Teixeira aparecer na minha vida, minha mãe já se preocupava em me aconselhar, explicando as dificuldades que as mulheres têm que enfrentar, quando o marido não possui muitos bens. Acho que, pior do que não ter dinheiro, é ter um marido machista, rabugento, mandão e que, além do mais, gasta o dinheiro que tem com bebida e outras mulheres. Estou certa de que isso é muito pior do que não ter dinheiro.

Eu não conheci minha avó por parte de meu pai. Ela faleceu no ano em que eu nasci, em 1925. O que me contaram, dela é que era muito alva e que morreu entredada com reumatismo.

O meu avô João Justino da Costa também era um proprietário de terras. Era quase um estranho para nós. Nunca fui à casa dele, quando estava para completar nove anos ele morreu.

A mãe de minha mãe, a minha avó Ana, Ana Felix de Brito, era uma professora e muito preocupada ensinar bem os seus alunos. Paciente e afetuosa, sempre foi uma avó maravilhosa! Estava sempre querendo ensinar aos netos, principalmente religião. Foi com ela que aprendi a minha primeira oração, lembro até hoje:

“Com Deus me deito

Com Deus me levanto

Com a divina graça do Espírito santo

Senhora, cubra – me com seu manto.

Se bem coberto for, não terei medo nem pavor”.

Minha avó usava roupas muito compridas com babados. Contava história como ninguém e tinha uma conversa muito agradável. Desfiava o terço com agilidade, e sua fé estava nos mínimos detalhes, tanto nas atitudes como na sua casa. Quando o meu umbigo caiu, não teve dúvida, foi direto para frente da igreja e lá o enterrou para que eu fosse muito católica. Vovó sempre me contava histórias de escravidão: o sofrimento dessa gente sem nenhum direito. Ela era testemunha dessa miséria porque seu próprio pai torturou muitos negros...

Já o meu avô, Joaquim Felix de Brito, era o oposto. Tinha sangue de índio e era um verdadeiro índio, sempre muito sério e calado. Sua boca só se abria para comer e fala o indispensável. Até para negociar, era minha avó que resolvia.

Na casa em que eu nasci, também cresci só saí de lá pra casar. Era um casarão desses que todas as fazendas tinham. Uma casa bem grande, feita de tijolo e cercada de alpendre por todos os lados. O chão de cimento, uns pares de janelas, muito bem ventiladas. Sem forração, com grandes cômodos. Na cozinha, havia um grande fogão à lenha e uma mesa ampla. Os móveis da casa eram muito simples. Havia a espreguiçadeira do meu pai, duas grandes mesas e muitas cadeiras!

Nos nossos quartos, redes, umas cômodas. No quarto de mainha, havia uma cama de casal, as mesinhas e uma grande cômoda. Num dos cantos da sala nunca faltavam as flores e as velas. Era conhecido como o "cantinho da fé,": havia um oratório com várias imagens, São Bento, Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia e a imagem do Senhor, que ficava no centro.

Não faltavam as toalhas de labirinto, feitas com muito cuidado e carinho por minha mãe. Sempre com muito carinho estavam muito alvas e muito bem engomadas. Havia, também, as flores de papel feitas por minha mãe. Ai de quem mexesse nesse canto! Uma sujeirinha ou um santo fora do lugar, era castigo no duro.

Minha mãe não perdoava. Nas paredes da sala, num lugar especial, ela havia pendurado o quadro da "Santa Ceia". Uma proteção para a nossa casa e a nossa família contra o "demo". Depois, o retrato do seu casamento e, depois, os nossos retratos. Todos eram coloridos os. Tinham um vidro pra não sujar e uma moldura, que eu achava uma formosura!

Fui batizada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na barra, em Antas.

O meu padrinho o Farmacêutico Júlio Gabiraba, e a minha madrinha chamava-se Emília Joaquina de Jesus. Os dois foram sempre muito afetivos e me ajudaram quando precisei.

Até os meus cinco anos, minhas brincadeiras foram limitadas, porque, com um ano de idade, surgiu um problema nas minhas pernas que me impediu de andar. Só consegui dar o meu primeiro passo aos três anos, Se não fosse o meus padrinho, talvez tivesse ficado paralítica.

Nunca me esqueci do meu quinto aniversário, porque foi exatamente nesse dia que fiquei completamente curada senti força nas minhas pernas e pude andar normalmente.

Quando o meu primeiro irmão nasceu, eu era muito pequena para entende a razão de a barriga da minha mãe estar crescendo, crescendo e, depois do nascimento do meu irmão, murchou. Apresentaram o meu irmãozinho, como presente da cegonha, e eu acreditei. Essa história repetiu-se muitas vezes. Olhando e pensando, eu fui compreendendo a realidade, e o casarão foi ficando povoado.

A pouca diferença de idade entre os irmão fazia a alegria da casa: brincadeiras e mais brincadeiras e mais brincadeiras eram inventadas, as diabruras eram tantas que precisavam ser coisa muito séria, para serem levadas em conta. Brincávamos no terreiro, cima das arvores, no córregos na casa de farinha; brincávamos em todo lugar que encontrássemos e que a nossa imaginação criasse.

Eu e minhas irmãs gostávamos muito das nossas bonecas. Organizávamos verdadeiras festas: nos batizados, nos aniversários e até casamentos. Conseguíamos com a nossa mãe um pedaço de carne verde, carne de charque, carne de sol, feijão verde. Outras vezes fazíamos maxixada. Na época do milho, era pamonha, a canjica, o milho assado e cozido. Em cada época do ano era um tipo de festa.

Gostávamos muito de brincar de “burrica”: um carro feito de madeira e com rodas de rolimã empurrávamos bastante e, depois, sentávamos rapidamente aproveitando o embalo. Outra brincadeira que me traz saudade é o jogo castanha era uma brincadeira muito valorizada. Todos os jogadores tinham a mesma quantidade de castanha. Em cada rodada, os jogadores colocavam o número de castanhas que quisessem. Depois, tinham que o direito de atirar “bozós”. Quem conseguisse o maior número, ficava com todas as castanhas. Às vezes, saía muita briga, mas o jogo era divertido. Acho que as brigas animavam mais as brincadeiras. Éramos terminantemente proibido, por nosso pai, de irmos brincar com os filhos dos moradores. Não podíamos se quer chegar perto das casas. Quando se tratava de uma criança negra, era pior. O preconceito de raça ficava bem claro em cada gesto de papai. Não podíamos discordar de sua “opinião”, mais absurda que fosse.

Já a minha avó Ana pensava bem diferente:

- Orgulho é o preconceito adiantam! Conheci uma mulher muito orgulhosa, não suportavam negros. Um certo dia ela ficou doente, e o corpo ficou coberto de feridas, que cheiravam muito mal. Os amigos e até os parentes foram se afastando e, quando morreu, estava sozinha. Não tinha nem um amigo e nem um parente. Foi um negro que se apiedou dela e, com outros, negros, carregou seu caixão, conduzindo – o até a “tumba”.

Sempre fui muito teimosa, portanto as ordens de meu pai nunca foram obstáculo para minhas brincadeiras. Dava as minhas fugidas e ia até as casas dos moradores, procurando meninos para brincar. Foi assim que fui enxergando a diferença entre a nossa vida e a vida dos empregados: casa de choça e bem pequena, pouca comida, faltavam móveis, as redes eram muito surradas, as crianças não tinham quase roupa e eram bem mirradas. Seus brinquedos eram a terra, as latas, as caixas e algum animalzinho de estimação.

Numa dessas fugidas, encontrei Dona Severina, uma das moradoras de meu pai, com um bebê recém-nascido, embrulhado em trapos e sem nada em casa para comer. Aquela situação de miséria me fez criar coragem e ir pedir à mainha que fizesse alguma coisa. Minha mãe me atendeu prontamente: preparou uma: canja bem forte; fez uma feira e arrumou algumas roupas para o bebê. E lá fui toda feliz carregando as sacolas com a ajuda da minha irmã Ana. Aliás, ela era sempre solidária comigo, até nos castigos.

O irmão mais moço de minha mãe, ainda era solteiro, e às vezes, ele vinha passar alguns dias em nossa casa. Havia umas moças, já consideradas solteironas, e por isso chamadas "moças velhas" e, quando percebiam que o meu tio estava lá em casa, elas apareciam inventando alguma justificativa e davam em cima dele. Ele ficava muito bravo e para demonstrar o seu desprezo, como quem não quer nada, começava a cantar:

"Moça velha tira pó,

Moça velha põe pó,

Moça velha não sai do caritó,

Moça velha quando vai se confessar, pergunta ao padre se é pecado namorar."

Logo aprendi a canção e, um dia, quando estava indo para a escola, deparei com as "moças velhas" lavando roupa no açude. A canção veio à minha lembrança" e eu comecei a cantar, bem alto para que elas escutassem e ficassem furiosas. Disseram muitas coisas que eu nem ouvi, porque prossegui o meu caminho, dando risada. Cheguei da escola e minha mãe colocou o almoço, sem demonstrar qualquer irritação. Assim que eu acabei de almoçar, ela me chamou e já estava coma a "macaca" na mão. Eu explico: "macaca" era uma correia que vivia pendurada num prego. Já fiquei arrepiada e pedi a Deus que me ajudasse:

Ai, meu Deus, é hoje que eu vou apanhar! E, minha mãe falou:

- Eu vou lhe dar umas lambadas, para você deixar de ser atrevida, aprender.

Para respeitar os mais velhos. E nunca mais desacatar ninguém que está trabalhando. A sova foi mais para assustar do que para doer. Se aprendi a lição não

sei. O que sei é que passei a odiar aquelas "velhas moças". Além de tudo, linguarudas. Passei a torcer para elas não encontrarem nenhum marido.

Uma outra, dessas fugidas para brincar não foi nada alegre. Olhava para dentro dos casebres em busca das crianças, quando em um deles, vi muito sangue pelo chão. Olhei para a rede, ela estava vermelha e pingava ... pingava ...Curiosa, entrei bem devagar, e vi Dona Ernestina deitada, transparente. Chamei, chamei nada. Quis gritar mas, a voz não saiu. Assustada e tremendo, corri ao encontro de mainha:

- Mainha! Mainha! Mainha! Venha, venha, e fui puxando-a pelo braço, até chegar ao local. Nunca me esqueci daquele dia. Foi a primeira vez que vi uma pessoa morta. Passei algum tempo meio triste e nem pensava em dá minhas fugidinhas. Os dias foram passando, e eu fui me esquecendo. Depois, a vontade de brincar foi me empurrando novamente, e lá estava eu, com a mesma alegria, chamando as crianças. Por muito tempo eu me lembrei dessa triste cena. Rezei muito para a Dona Ernestina.

A casa de farinha sempre existiu, pelo menos desde que eu me entendo gente. Um local que me atraiu e foi cenário de muitas artes, muitas brincadeiras e de muitas conversas na adolescência. Enquanto as mulheres trabalhavam na moagem de farinha, os homens trabalhavam na secagem e nós estávamos sempre “aprontado”.

Não esqueço a maios “seria” delas, por que nos custou uma “sova” de mainha e sérias repreensões de nosso pai. Vou contar: na casa de farinha não existia nenhum sanitário. Para os homes era mais fácil mas, as mulheres para se esconderem, iam até o “oitão”, local bem fechado pela vegetação e lá as trabalhadoras sentiam-se mais seguras. Acocorava-se e resolviam o seu problema. Quando percebemos essas fugidinhas das mulheres, resolvemos acompanha-las e descobriremos o segredos. Achamos muito engraçado e não me lembro de quem partiu a ideia mas foi aceita por todos nós e começamos a agir. Juntamos uma porção de pedregulhos e assim que elas se agachavam, recebiam uma chuva de pedrinhas. Repetimos a brincadeira várias vezes. Como achávamos graça! Até que um belo dia, nosso “crime” foi descoberto. Muito revoltadas a zangadas, foram se queixar a minha mãe. E ai, como já contei, fomos bem castigados.

Essa brincadeira me fez ficar arrependida: havia uma vaca muito brava na fazenda e decidimos brincar com ela. Era sábado, dia de feira. Esperamos meu pai sair e fomos aperrear o animal. Quanto mais instigávamos, mais ela ia ficando furiosa. Batia a pata da frente no chão com tanta força que levantava poeira. Abaixava a cabeça e vinha com toda velocidade nos atacar. Foi aí que tive a infeliz ideia de colocar um prego na ponta de uma vara. Assim, quando ela viesse nos atacar, jogávamos a vara. E assim fizemos. Entretanto, o prego foi para justamente no olho da vaca e o animal ficou cego daquele olho. Amedrontada, esperamos a volta do meu pai, rezando para ele não chegar. Quando ouvi a voz os passos, tive a certeza de que era papai. Senti medo, mas não podia dá para trás, porque havia convencido os meus irmãos a irmos contar tudo o mais depressa possível. Ficaríamos livres desse peso e evitaríamos que os empregados contassem o que seria muito pior. Papai zangou-se mas não tanto quanto imaginamos.

Entre todas as brincadeiras e passeios nada me alegrava tanto quanto ir casa da minha querida avó Ana. Ela era muito carinhosa.

O milho me fascinava principalmente quando as espigas já estavam bem amarelinhas. Imaginava serem bonecas de cabelo louro, vestidas com um lindo vestido verde. O meu maior sonho era ir apanhá-las, para brincar. Diante da forte proibição de minha mãe, chorava e chorava. Com paciência, minha mãe me explica que, nos cabelos dessas "bonecas", haviam muitas lagartas. Eu tinha horror à elas.

Quando eu estava com sete anos, quase completando oito anos, dei o meu primeiro passo importante, fui para a escola apreender a ler e escrever. As escolas não era como as de hoje. Meninos e meninas juntos. Havia a escola para meninos e escola para as meninas.

Não haviam colégios particulares. Mas, antes de ir para o grupo, meu pai me colocou para estudar com um professor que morava perto. Não consigo lembrar o nome dele entretanto, tenho em minha memória o seu rosto. Frequentava muito a minha casa para ir conversar com meu pai. Quando isso acontecia ficava bem encolhida no canto, só para escutar a conversa. Queria saber o que o professor dizia a meu respeito. O que esse velho professor tinha em anos, tinha também em severidade. Não admitia, na sala de aula, nem um zumbido. Pobre de quem fosse apanhado conversando, não escaparia do castigo. E que castigo: à palmatória até a

mão ficar vermelha ou então ficar de joelhos em cima do milho ou ter que equilibrar um livro na cabeça com os braços abertos. Esses castigos eram aplicados conforme a gravidade do "crime". À medida que ia aprendendo, ia esquecendo a bridade do professor.

No ano seguinte, o meu pai me matriculou no grupo escolar, no primeiro ano. Foi com grande entusiasmo que me preparei para o meu primeiro dia de aula. Fiquei tão ansiosa que não consegui dormir. Rolava de um lado para o outro quando pegava um pouquinho no sono, acordava assustada, com medo de perder a hora. Por muito tempo, havia sonhado com esse momento, morria de inveja das crianças que já estavam matriculadas. Ir à escola, para mim, significava crescer, ficar inteligente, poder ler os papéis da igreja, os livros, os letreiros da cidade.

A minha escola ficava no povoado de Sobradinho, distante da minha casa uma légua, o que equivale a seis quilômetros. Tínhamos que caminhar a pé essa distância, tanto para ir como para voltar. A minha querida professora, Dona Hilda Sales, ensinou-me a ler, a escrever e fazer contas. Adorava a Matemática. Já a Geografia era muito difícil, porque tínhamos que conhecer, no mapa, as fronteiras do país, dos estados e outras coisas que exigiam muita memória. Entretanto eu gostava tanto de estudar que acabava guardando todos aqueles nomes e sempre tirava notas muito altas. Cursei o primeiro e o segundo ano. Entre os oitenta alunos, fui sempre a primeira aluna. Gostava muito de estudar, gostava também da caminhada, porque me dava uma sensação de liberdade. Sempre passava na farmácia do meu padrinho e quase sempre ele me presenteava com giz, caneta, tinteiro, vestido, etc.

## **PROIBIDA DE ESTUDAR**

Meu pai, há muito tempo, vinha achando que o caminho era perigoso para uma mocinha e, quando terminei o segundo ano, decidiu não me matricular no terceiro ano. Minha querida professora achou um absurdo e foi conversar com ele. Mas papai era homem de "opinião" e repetiu a sua decisão - os meus conhecimentos eram suficientes para as minhas atividades na fazenda. Repetiu várias vezes NÃO. Um não que mais pareceu um trovão. Minha mãe, sabendo o quanto eu gostava de estudar e era excelente aluna, tentou de todas as maneiras de movê-lo dessa decisão. Encontrou até uma solução: eu iria morar em João Pessoa,

com os padrinhos de minha irmã. Mas, meu pai era duro de dobrar. Principalmente quando se tratava dos filhos.

O meu padrinho, quando tomou conhecimento de que eu seria obrigada a abandonar a escola e sabendo do meu interesse em continuar os estudos foi conversar com meu pai. Mas, antes, foi pedir o apoio da minha mãe. Levou também a minha madrinha para dar mais força ao pedido. Lembro-me muito bem dos quatro sentados em torno da mesa de jantar. Escondida numa fresta, com o coração em disparada, tentava ouvir a conversa. Meu padrinho empenhava-se em convencer o meu pai, usando todos os argumentos possíveis: desde a importância dos estudos na vida de uma pessoa até os proveitos que isso poderia trazer para ele. Ele dizia ao meu pai:

- Elizabeth é muito inteligente, é preciso que ela dê prosseguimento aos estudos. O segundo ano do grupo é muito pouco para uma menina tão inteligente.

Você só vai ganhar com isso! Mas meu pai para cada argumento tinha uma resposta azeda:

- Não, não é possível! Sei que ela é muito estudiosa, mas os outros filhos também vão querer estudar e eu não tenho dinheiro para formar seis filhos. Não quero que haja queixa de um ou de outro, que a fulaninha aprendeu e eu não pude aprender. Por isso que eu quero dar a todos os meus filhos o mesmo nível de estudo. Basta ir para a escola aprender a assinar o nome, saber fazer conta de somar, subtrair, multiplicar e dividir. Pronto, é tudo o que é importante para o trabalho e para a vida deles. Na minha família quem manda sou eu. É minha a última palavra.

Havia pedido a Santo Antônio com muita fé:

Oh! Meu Santo Antônio, veja a injustiça que meu pai está cometendo.

Abranda o seu coração, arranque a teimosia da sua cabeça, faça com que ele seja menos ignorante. Cheguei até a fazer uma promessa.

O tempo foi passando, e eu só encontrava os meus colegas aos domingos quando eles iam à missa. Muitos deles, continuaram os estudos e contavam-me das dificuldades de algumas matérias e das provas. Eu ficava com a moléstia, chegava a casa chorando e minha mãe me chamava para conversar.

Chorei, chorei e chorei por muitos dias. Queria aprender muita coisa, eu sabia tão pouco. Por muito tempo guardei uma grande revolta do meu pai e fazia questão que ele soubesse.

Fui tendo o meu tempo todo ocupado: fazia os rótulos para as garrafas de aguardentes, passava o "jogo do bicho", pesava as mercadorias (algodão, milho, feijão, etc.), fazia as contas da mercearia e, assim, as semanas, os meses, os anos foram passando e as brincadeiras também. O meu corpo foi se transformando e eu fui ficando uma moça. As diversões já eram outras: as compras em Pilar, os batizados, os casamentos, as festas do padroeiro da Matriz e as comemorações de São João, São Pedro e Santana. Nunca perdi um batizado em que meus pais eram padrinhos, porque havia conquistado o privilégio de ser apresentadora da criança que iria ser batizada.

Era uma cerimônia bonita diferente das de hoje. Ser a escolhida para a apresentação da criança enchia-me de orgulho e vaidade. Ia correndo contar aos meus irmãos. Muito prosa, gabava-me de ter conquistado esse privilégio. Diante do espelho, segurando uma boneca, tentava encontrar o jeito mais bonito de segurar o bebê. Isso se repetia até chegar o dia do batizado. Levava um tempo grande para me arrumar e, com meus pais, seguia para a igreja. Na hora da cerimônia, o padre me dava para vestir, por cima da roupa, uma linda toalha que mais se assemelhava a um manto. Chegava a ficar emocionada e nem sentia o peso da criança que eu segurava até o batizado terminar.

Havia, também, os santos que eram homenageados em nossas casas; principalmente Santo Antônio, São João e São Pedro. São João era muito comemorado em casa: uma grande fogueira, muitos fogos, o milho e a batata doce para serem assados na fogueira. Havia também canjica, a pamonha, amendoim cozido, o bolo de pé de moleque, etc. O caldo de cana para os meninos. O quentão e o aguardente para os adultos. Escolhíamos nossos padrinhos de fogueira e, de mãos dadas, cumpríamos as regras da cerimônia. Dançávamos a ciranda e a quadrilha, pulávamos a fogueira, ouvíamos os cantadores de viola. E as horas iam passando até o dia amanhecer, sem que fosse percebido. Havia outras festas, mas não eram comemoradas com tanto empenho.

Em 13 de fevereiro de 1940, completei quinze anos. Os preparativos para essa festa começaram com o vestido novo e o sapato que ganhei, uma formosura. O bolo bem enfeitado, a casa arrumada e tudo o mais. Os parentes e os amigos foram chegando, e a animação também. Tudo muito modesto, mas eu fiquei bem satisfeita.

Meu pai era muito severo, e eu não conseguia namorar nenhum rapaz. Havia muitos a minha volta, mas, diante da braveza de meu pai, afastavam-se. A bem da verdade, sempre dava uma prosa com o rapaz que passava o "jogo do bicho": o José Rodrigues. Era filho de um pequeno fazendeiro. Numa ocasião, conseguimos esticar a prosa por muito mais tempo, lá no regato da fazenda. Não sei como meu pai descobriu e foi uma confusão terrível. Ele sonhava alto para mim. O filho de um pequeno fazendeiro não servia. O que ele pretendia era me casar com o filho de um usineiro ou empresário ou ainda um grande fazendeiro e vai por aí...

Havia um campo de futebol na fazenda, e os rapazes de todas as redondezas vinham lá jogar. Entretanto, quando era dia de jogo, painho ficava "atocaiando" para ter certeza de que estávamos obedecendo a sua ordem: fechar as porta se as janelas e não saímos de dentro de casa. O que me salvava e a minha irmã eram as frestas das janelas. Aliás, tudo que era proibido por meu pai eu me esquecia. Parece que a desobediência tinha um sabor especial para mim.

## **ENCONTRO COM JOÃO PEDRO**

Exatamente nove meses após o meu aniversário, encontrei, pela primeira vez, o João Pedro Teixeira. Chegou à bodega de meu pai, com um grupo de trabalhadores da pedreira. Eram os empregados dos Ribeiro Coutinho, grandes latifundiários da região, muito poderosos. Ai de quem ousasse enfrentá-las. Era pior do que mexer em vespeiro.

Desde o primeiro momento em que vi João Pedra, senti uma grande simpatia, e logo quis saber quem ele era, de onde vinha, o que fazia e se era casado. Lugar pequeno é bom por isso, todo mundo conhece todo mundo, e não foi difícil matar a minha curiosidade.

João Pedro Teixeira veio de Campina Grande para trabalhar na pedreira, que ficava no município de Sapé, e o empreiteiro era o mestre Jaques. Houve um contrato entre ele e meu pai, para que a bodega da fazenda passasse a fornecer, semanalmente, a feira para os empregados da pedreira. As contas seriam pagas de

15 em 15 dias, pelos Ribeiro Coutinho. Por isso, os empregados vinham religiosamente, todas as segundas-feiras. O nosso encontro foi no mês de novembro de 1940, numa segunda-feira.

João Pedro realçava dos demais companheiros de trabalho, pelo porte alto e forte. Era magro mas os ombros eram largos. Era cuidadoso com a roupa e sabia combinar as cores. Apesar de o cabelo ser crespo e cheio, estava bem cortado e penteado. Os dentes, alvos e certinhos, enfeitavam o seu sorriso. Os olhos eram brilhantes e o seu olhar era doce. Uma figura bonita e simpática. Entretanto, não foi só o físico que me chamou a atenção. O que me impressionou foi o seu olhar e a sua voz: uma mistura de força e de ternura. Nunca havia percebido tanta educação, num simples cumprimento. Ainda consigo escutá-lo:

- Bom dia, senhorita! Por favor senhorita!

Com muita delicadeza, estendeu o braço e me entregou a lista. Enquanto ia buscando as mercadorias, sentia os seus olhos fixos em mim e, depois, percebi que o olhar foi desviado para as minhas mãos. Os seus olhos permaneceram fixos em mim, o tempo todo, enquanto ajeitava as compras. Fiquei um pouco envergonhada, mas também contente com essa atenção. Assim que ele partiu, olhei para as minhas mãos, querendo entender a causa daquele olhar. Só muito tempo depois, por intermédio das cartas, é que fiquei sabendo do encantamento de João Pedro pelas minhas mãos. Na carta, ele me dizia:

- Achei linda a alvura da pele da sua mão. Combinava muito bem com o vermelho forte do esmalte. Acredite, fiquei enfeitiçado. Passei a semana inteira sonhando com você, com suas mãos e com o seu rosto. Não consegui nem trabalhar direito. E a segunda-feira demorou.

Para mim, também, foi uma semana longa. Temia que pai conseguisse impedir o nosso encontro. Ele estava furioso com o comentário de um de seus empregados a respeito do interesse de João Pedro por mim. Ainda escuto o ruído da sua voz zangada, chamando o meu nome:

- Elizabeth, venha cá! Bastava ouvir este som, para saber que papai "estava com a moléstia". Sentia um pouco de temor, mas, desde pequena, sempre enfrentei o meu pai, sem ser malcriada. Logo que me viu, foi dizendo:

- Elizabeth, estou avisando que não quero mais que você me ajude na bodega, toda segunda-feira. Não quero você de prosa com os empregados dos Ribeiro Coutinho. São um bando de cação. Não dê prosa a essa gente. Estamos conversados?' É uma ordem, espero não ter que voltar ao assunto. Não esqueça!

Enfim, era segunda-feira, e eu havia planejado várias coisas. Logo percebi que estava sendo vigiada por um empregado. A minha sorte é que ele não foi liberado das suas tarefas e, assim, não ficou muito difícil dar uma escapadinha rápida. Não conseguia deixar de pensar em João Pedro. Fiquei temerosa de não o encontrar. Mas lá estava ele! Senti o seu olhar. Acho que fiquei vermelha, minha mão tremia, e o meu coração disparou.

Conforme o tempo foi passando, a vontade de vê-lo foi ficando maior. A segunda-feira passou a ser um dia muito especial. Depois os sábados, também se tomaram especiais, porque eu podia vê-lo quando ia para Sapé. Sempre arrumado e com o sorriso que me acariciava, abanava a mão e ia seguindo o seu caminho, o mais devagar possível. De vez em quando, virava-se, e com um gesto muito doce, abanava novamente a mão até desaparecer. Permanecia naquele local por muito tempo, mesmo sem enxergá-lo mais. Aquela figura me encantava e estava dominando quase todos os meus pensamentos. Nunca havia me sentido assim: o coração disparava, ficava tremendo por dentro e, logo que ele desaparecia, a alegria sumia e eu já ficava sonhando com o novo encontro.

O tempo que durou o nosso namoro foi sempre a distância: o abanar de mãos, os sorrisos, a troca de olhares, no máximo um beijo atirado de longe e muito silêncio. Numa única festa, a festa da padroeira, pudemos conversar mais próximos. Um pouco mais tarde, começaram a chegar as cartas. Não vamos atropelar os fatos. Eu sabia que estava gostando do João Pedro e que era correspondida; por um lado, sentia muita alegria e felicidade, mas, por outro, estava preocupada e amedrontada porque sabia que, um dia, teríamos que enfrentar a fúria do meu pai. João Pedro era tudo o que ele não queria para mim: pobre e, além do mais, negro.

Em janeiro, havia a festa de São Sebastião, padroeiro da cidade de Sobrado que, naquela época, ainda pertencia à Sapé. Hoje, ~ uma cidade autônoma, com

Prefeitura, Câmara dos Vereadores e tudo o mais. Uma comemoração dessas eu não podia perder. O meu pai havia dito que eu não iria a essa festa. O empregado da pedreira continuava a ser uma ameaça e ele queria me afastar de João Pedro, custasse o que custasse. Chorei muito, lamentei tanto que acabei por ganhar o apoio de minha mãe, do tio Vance (Venceslau) e da minha tia Anália. Só depois de muito empenho, conseguiram demover meu pai do seu propósito. Meu coração disparou de alegria. A partir desse momento, vivi, minuto por minuto, os preparativos para essa festa. Nem sequer sabia se João Pedro iria, mas eu estava sonhando com esse encontro. Ninguém, em seu juízo perfeito, nas redondezas, perdia essa festança.

Ah! Se fosse possível avisá-lo! Não, não poderia correr esse risco e, além do mais, eu ficaria envergonhada... Enfim, o tão esperado dia chegou.

Vestido novo, sapatos novos e um cuidado todo especial com os meus cabelos. Eles eram bem compridos, castanhos e com reflexos dourados.

Queria, queria muito estar com o João Pedro. Fiz planos e sonhei ... Eu fui me arrumar faltando muito mais de uma hora, para o início dos festejos. Parece que estou exatamente naquele momento em que, em frente ao espelho, colocava o pó de arroz no rosto, pintava os lábios e, com muito cuidado, penteava os meus cabelos. Os sapatos estavam calçados e só faltava o vestido. Deixei para o final, para não amassar. A tia Anália, cansada de me esperar, chamou com impaciência:

- Elizabeth! Vamos, já estamos atrasadas! O que está acontecendo com você que não sai da frente do espelho! Vamos, a festa já começou!

Tremi e o meu coração disparou. Abri a porta e fui ao encontro da minha tia, que, a essa altura, já estava me esperando na calçada. Ao me ver, disse:

- Puxa! A minha sobrinha está uma formosura!

Saímos em direção às luzes. A cada passo, o meu coração batia mais rápido. Onde poderia encontrar João Pedro? Ia de um lugar para o outro, encontrava tanta gente e nada de encontrá-lo. Eu já estava com a moléstia! Muito aperreada, decepcionada, quase arrependida de estar ali. Os meus pés começavam a doer. Havíamos ido de banda em banda; de barraca em barraca; entramos na igreja várias vezes. Fomos ao coreto e ao parque e nada! Já começava a ter certeza de que ele não estava na festa. Quando caminhávamos um pouco, sem rumo, buscando um lugar que houvesse menos gente, olhei para um lado e depois olhei para o outro e

nada! De repente, quase trombando comigo, cara a cara, estava João Pedra. Devo ter ficado da cor de um pimentão maduro. Ah! Como é bom poder recordar estes momentos tão alegres.

João Pedro cumprimentou a todos que estavam comigo e, depois, com muito jeito, me convidou para dar uma volta na roda gigante. Depois, fomos no bicho da seda e caminhamos pela festa. Paramos na barraquinha da "maçã do amor", talvez para dizer o que não tínhamos coragem de confessar. Não perdemos o "forró" e nem os repentistas. Dançamos a ciranda. Tentamos a sorte no coelho. Caminhamos e conversamos até a hora combinada com titia, para irmos embora.

Foi uma festa que realizou meus sonhos. Eu estava feliz, muito feliz! Foi o dia cor de rosa que toda menina espera e nem todas têm o privilégio de realizar. Estar com João Pedro naquela festa foi muito mais do que eu havia sonhado. A delicadeza, o carinho, a educação e as atitudes firmes de quem sempre sabe o que quer, me fizeram gostar dele muito mais. Demos um nó cego, um laço cor de rosa, que ninguém, ninguém conseguiria desmanchar. Sabia o preço que iria pagar. Meu pai não perdoaria o meu encontro com o João Pedro. Estava disposta a enfrentá-lo.

Ainda estava sonhando acordada, quando fui sacudida pela voz áspera de painho. Estremeci, fiquei um pouco assustada. Ele estava furioso. Aos gritos e com tom ameaçador, foi dizendo:

- Essa foi a última festa a que você foi com seus tios. Filha minha não sai por aí com qualquer um. Eu tinha razão de não querer que fosse a essa festa. Levou-me imediatamente para casa.

Por causa do orgulho e prepotência de painho, não seria nada fácil esse amor. João Pedra era muito sério, trabalhador e respeitado por todos. Os defeitos apontados por meu pai eram totalmente injustos: João Pedro não servia para casar comigo porque era negro e pobre.

Papai começou a agir imediatamente. Fiquei praticamente encarcerada. E haviam as ameaças constantes. Eu não deveria sair de perto dele ou de mainha, Não poderia ir à missa sem a presença dele. Festas, nem era bom imaginar. Não poderia ir à "bodega", nem caminhar pelos arredores da nossa casa, sozinha. Percebi que, se obedecesse a essas ordens, estaria presa, sem ter cometido crime. Por mais que resistisse, sentia que a minha vida, em casa, estava tomando-se insuportável.

Com certeza, eu e João Pedro tínhamos muitas dificuldades para dar continuidade ao nosso amor. Apesar do autoritarismo de meu pai, nunca deixei de fazer o que queria, não seria agora que me curvaria às suas ordens. Os cuidados de papai redobram. Eu sabia que, estava sendo vigiada o tempo todo.

Avistar João Pedro, mesmo de longe, e dar o nosso adeusinho, passou a ser tarefa das mais difíceis. A minha teimosia superava o zelo do meu pai. Apesar de toda a vigilância, conseguia sempre dar um jeitinho e escapulir ... Continuava a ser um encontro silencioso: troca de olhares, o abanar das mãos e o sorriso. Era tão pouco, mas alegrava o meu coração e me deixava nas nuvens. Sonhava ... sonhava ... e ... sonhava.

Foi no dia três de junho de mil novecentos e quarenta e um (03.07.1941) que a primeira carta de João Pedro chegou às minhas mãos. É impossível descrever o tamanho da minha emoção Nunca li tão rápido e tão devagar. De início, quis conhecer todo o conteúdo da carta, depois, quis sentir palavra por palavra. Tornei a ler muitas e muitas vezes, até conseguir, de olhos fechados, repeti-la. Fiquei sonhando acordada, até que, de repente, estremeci, teria que descobrir um lugar para guardá-la. Não queria nem pensar em rasgá-la. Olhei pelo quarto, cantinho por cantinho, e, de repente, surgiu a solução: o meu travesseiro. Com cuidado, desmanchei a costura, reli a carta e dei-lhe muitos beijos e, depois, coloquei-a dentro do travesseiro. Com cuidado, costurei tudo muito bem. Desse momento em diante, o meu travesseiro passou a ser muito especial. As cartas de João Pedro passaram a chegar com frequência e, depois de lidas, tinham o mesmo destino. Sentia uma grande ternura e alegria toda vez que colocava a minha cabeça no travesseiro dos meus sonhos e do meu segredo.

Passei a respondê-las. Ia buscar, nos meus livros do colégio, poesias e frases bonitas. As cartas de João Pedro vinham sempre num papel cor de rosa, enfeitado com cachos de flores. Esse papel era conhecido como "papel da amizade". Essas cartas falavam dos sentimentos dele por mim e da sua decisão, de que nada teria força suficiente para nos separar. E não teve mesmo!

A cada carta que chegava, o meu coração parecia escapulir pela boca, mas a alegria se misturava com muita preocupação. O meu grande temor era o meu pai descobri-las e me impedir de recebê-las.

Alzira era o cupido do nosso amor. O nosso pombo-correio. Era esposa de

um companheiro de trabalho de João Pedra, o Manoel Ângelo. Ela cuidava das roupas de João Pedra e era, também, muito amiga de nossa família. Por isso, a correspondência chegava e partia sem que ninguém pudesse desconfiar. Nunca teve medo e sempre guardou o nosso segredo.

No final de julho ou começo de agosto, recebi uma carta de João Pedro, pedindo a minha autorização para vir conversar com o meu pai, queria pedir a minha mão em casamento. A felicidade que o pedido me trouxe transformou-se logo em uma grande preocupação. Estava certa de que só um milagre faria com que meu pai mudasse de ideia. Apesar do meu temor, respondi que, se essa era a decisão dele, seria também a minha.

O primeiro sábado, após ter recebido a resposta às oito horas da manhã, muito bem arrumado, lá estava João Pedro, conversando com papai. O meu coração estava apertado, o meu rosto pegando fogo. Caminhava de um lado para o outro. A minha preocupação não durou muito tempo. A conversa foi bem rápida. Pude ver, de longe, João Pedro acabrunhado, afastando-se. Sentia o gosto amargo da humilhação sofrida por ele e as lágrimas teimavam em saltar dos meus olhos. Eram lágrimas de raiva e revolta.

De repente, a voz de meu pai, chamando mainha, atingiu os meus ouvidos como um trovão. Logo depois, papai me chamou, as minhas pernas bambearam. Mas, tudo só por um minuto. Respirei fundo e fui ao seu encontro de cabeça ergui da e dentes trincados. Não era medo. Com voz áspera, ordenou-me que sentasse. O olhar doce e preocupado de mainha envolveu-me. Ficamos os três em torno da grande mesa; na cabeceira, o chefe. Não tardou a pergunta esperada:

- Foi você que autorizou aquele negro pedir a sua mão em casamento?  
Cara a cara com meu pai, respondi:

Sim, fui eu mesma meu pai!

- Não esperei nunca que me desse essa resposta! Estava certo de que esse pedido de casamento havia sido uma ousadia daquele negro!

Diante da minha coragem, meu pai perdeu a braveza, sua voz estava mais triste do que violenta. Eu preferia a braveza, porque a sua prepotência me despertava raiva, e era mais fácil reagir. Meu pai revelou o seu racismo:

- Nem mesmo se houvesse uma lei que me obrigasse a permitir esse

casamento, eu não daria o meu sim! Nunca obedeceria a essa lei nem que tivesse que fugir e abandonar vocês, a minha casa e os meus negócios. Eu continuarei a dizer não! Não! Não, pelo resto da minha vida. Até morto, eu continuarei a dizer não! Não aceitaria esse casamento da minha filha, que eu criei com todo o gosto.

Entregar você para um negro cação nunca! Nunca! Negro só da porta da minha casa para fora.

Fui para o quarto, com o coração espremido e as lágrimas de raiva saltando dos olhos.

Por que tanto preconceito?' Recordei a história que a minha avó Ana sempre contava. Seria a cor da pele que determina o mal e o bem? Os Reis Magos eram negros e foram saudar Jesus Cristo! João Pedro Teixeira é um rapaz trabalhador, honesto e muito sério. Era respeitado por todos os companheiros. Não era rico mas, será que é o dinheiro que traz felicidade para as pessoas? Não vi o dia passar. Fiquei pensando em tudo o que acontecera. Estava muito revoltada. Ele estava errado, erradíssimo! Entretanto, o que mais me doía era a atitude da minha querida mãe. Sempre tão amiga e compreensiva e, agora, estava concordando com meu pai, apoiando todas as suas atitudes. Nem sequer conversou comigo. Pela manhã levantei-me com a cabeça doendo, os olhos vermelhos, mas havia tomado a minha decisão: eu estava certa, portanto, não renunciaria a João Pedro, custasse o que custasse. Iríamos ficar juntos, sempre juntos, para o que desse e viesse.

Na segunda feira, logo cedo, meu pai mandou o seu empregado, Zé Benício, entregar um recado ao João Pedro Teixeira, proibindo que ele voltasse a pisar a fazenda "Antas do Sono"; nem mesmo para fazer compras na bodega. A resposta voltou imediatamente, pelo mesmo portador, deixando meu pai furioso.

A primeira carta de João Pedro, após o seu pedido de casamento contava-me, entre outras coisas, a resposta que enviara, ao recado de meu pai:

- O meu direito de fazer a feira na bodega de "Antas do Sono" só poderá ser cortado quando houver rompimento do contrato entre a sua fazenda e a fazenda em que eu trabalho!

Ai entendi a raiva enorme do meu pai. Essa atitude implicaria grande prejuízo e poderia até criar um desentendimento com os donos da fazenda, os Ribeiro Coutinho. Diante de tamanho risco, papai resolveu deixar a ordem cair no

esquecimento. E João Pedro continuou a fazer a feira na bodega, como se nada houvesse acontecido.

O cerco em torno de mim fechou-se mais e ficou difícil livrar-me. As ameaças de meu pai eram constantes. Os conselhos de minha mãe eram dados com carinho, mas insistentemente. Diante de tudo isso, a vontade de ir ao encontro de João Pedro crescia. Felizmente, eu era mais esperta do que os empregados, portanto nunca deixei de avistá-lo. As cartas cada vez mais longas e mais frequentes, iam e vinham, bem no "nariz deles". Ficava imaginando como iria vencer a resistência de pai. No momento em que avistava João Pedro ou recebia uma de suas cartas, eu era envolvida por muita alegria mas, um tempinho depois, já estava angustiada, triste e muito preocupada.

Buscava nas palavras fortes e carinhosas de João Pedro, ditas nas cartas, o ar que, às vezes, me faltava. Era um tal de abrir o forro do travesseiro e fechar, que eu não sei como ele não se rasgou. Foi assim todo o nosso tempo de namoro. Nunca mais as nossas mãos se tocaram. E, se não bastasse tudo isso, havia o medo enorme do meu pai me mandar para bem longe, como sempre ameaçava.

Do lado de João Pedro, também nada era fácil. Havia as constantes ameaças de meu pai. Os companheiros, sempre preocupados, avisavam ao amigo o risco que estava correndo. Conheciam meu pai e sabiam que ele era capaz de tudo, até de mandar matar. Nada assustava João Pedro. Parece que essa guerra contra o nosso amor fazia com que ele gostasse ainda mais de mim. E as cartas eram cada vez mais apaixonadas, e as minhas respostas, também.

Lamento muito não poder mostrá-las. Elas estavam muito bem guardadas com muito cuidado e carinho, amarradas com um laço de fita. Às vezes, desmanchava o laço, abria uma a uma e as deixava num lugar para tomar ar. Aproveitava para reler algumas delas. Depois guardava novamente. Infelizmente, não sobrou nenhuma, todas foram queimadas, em 1964, quando invadiram a minha casa e puseram fogo em tudo.

Numa das últimas cartas que recebi, João Pedro me perguntou se, diante da atitude irredutível do meu pai, eu teria coragem de fugir com ele para casar. Não precisei tempo para pensar, sabia da minha resposta antes mesmo da pergunta. Não havia outra solução para o nosso amor: fugir ou renunciar. Renunciar nunca!

Eu havia pensado nessa solução quando o meu pai negou a minha mão.

Escrevi:

Sim, Aceito! Quase como se já estivesse diante do padre dizendo sim.

Estaríamos sempre juntos, para o que desse e viesse!

A partir desse momento, uma grande ansiedade e a ideia da fuga não me abandonaram mais. Outra carta de João Pedro chegou pedindo que eu marcasse a data. Sentia um alívio quando pensava na fuga. A minha situação em casa estava ficando insuportável. O dia em que o João Pedro ia na bodega era um aperreio o tempo todo, devido às ameaças de meu pai, e os seus capangas a me acompanhar. A dificuldade que eu tinha para escapular e ir ver o João Pedro, de longe, era enorme. Eu era uma verdadeira prisioneira, e isso não podia continuar.

A idéia da fuga pareceu acertada. Nem por um minuto medi as consequências da nossa decisão, nem o risco que João Pedro estaria correndo. Foi essa ousadia, um tanto inconsequente, que transformou muita coisa neste mundo.

Sem nenhum temor, muito decidida, aguardei e preparei tudo para o dia da fuga. Nunca me arrependi! É verdade que arriscamos muito, principalmente João Pedro, que teve muita sorte de escapar sem levar um tiro.

A decisão veio na hora certa. Meu pai, temeroso da presença constante de João Pedro, havia acertado tudo para que eu voltasse a estudar. Fez a minha matrícula no colégio e combinou tudo com a "tia Neném", a respeito das minhas acomodações. A notícia de que eu voltaria a estudar foi me dada como um grande presente. Eu sabia muito bem a grande distância que separava Itabaiana de "Antas do Sono" e de Sapé. Naquela época, o acesso entre as duas cidades era difícil. Seriam muitas horas numa jardineira velha que ia parando, a cada aceno. Não tinha nenhum horário para chegar, quando chegasse chegou e, muitas vezes, nem chegava, quebrava no meio do caminho.

O tempo correu depressa demais, e estava chegando o dia marcado. Se, de um lado, eu estava feliz, de outro, estava triste: pensava nos meus irmãos, na minha querida mainha, na minha avó Ana, nos meus padrinhos, sentia a garganta fechar, de um jeito que eu não conseguia nem falar. Nunca havia ficado distante da minha família. E, agora, não iria vê-los por muito tempo. Corria o risco até de não poder vê-los mais. Pensava também, no meu pai, apesar de tudo, eu gostava muito dele.

Enfim, o dia chegou, e eu estava decidida. Não consegui tomar o café da

manhã. O almoço foi à força, para ninguém desconfiar. Não podia despertar suspeitas. Verifiquei o que iria vestir uma porção de vezes. Olhava para os meus irmãos e para a minha mãe, com vontade de abraçá-los e levá-los comigo. Uma tristeza danada!

Quando chegou a hora de dormir e vi os meus irmãos e meus pais irem para os quartos, em pensamento beijei um por um. Não era nada fácil ter que os deixar. Quando todos estavam dormindo, abri com rapidez o meu travesseiro para retirar as cartas. Juntei todas e amarrei com um laço de fita cor de rosa. Foram guardadas na minha frásqueira, presente da minha madrinha. Era branca, pintada com esmalte rosa e verde. Nela eu havia guardado o meu pó de arroz, o meu perfume, o meu batom e umas pecinhas de roupa depois fui me arrumar.

Às dez horas, como foi combinado, o carro deu um toque na buzina, bem devagarinho. Com o coração doendo, em silêncio, despedi-me de toda a minha família, repetindo baixinho o nome de cada um deles. Voltaria a vê-los? Quando? E meu pai me perdoaria? E minha mãe iria ficar muito zangada? Por que, para ter João Pedro, teria que renunciar a minha família? Por quê? Era a discriminação, a ganância e o orgulho mandando nas pessoas, Havia decidido e estava decidido. Entretanto, tudo poderia ter sido bem diferente: Ah! se pai fosse mais compreensivo, menos orgulhoso e ambicioso!

## **FUGINDO PARA CASAR**

Todos esses pensamentos não demoraram nada. Abri a janela com decisão, peguei a frásqueira e pulei. Fugi. Escolhi a janela da cozinha, porque era o lugar mais distante dos quartos e, mesmo que eu fizesse algum barulho, não seria escutado.

Logo que pulei, avistei João Pedro perto do carro. Com uma lanterna, tentava clarear o meu caminho. Quando entrei, o meu coração parecia que ia saltar, de tanto que batia. O carro começou a andar bem ligeiro. Com o carinho de João Pedro e as suas palavras fui ficando mais calma. Felizmente, tudo havia dado certo, como combinamos. Só uns dias depois, fiquei sabendo o risco que corremos. Quando a buzina tocou para me avisar, papai acordou. Assustado, vestiu rapidamente a roupa e foi chamar o vigia, para ver o que estava acontecendo. Correram e enxergaram o carro, que estava se afastando. Chegaram a atirar, mas não acertaram.

Fiquei assustada ao tomar conhecimento desse fato e mais ainda, com as palavras de meu pai:

Se eu tivesse chegado um pouquinho antes, daquele carro, não teria saído ninguém vivo!

Fui para a casa do pai de criação de João Pedro, o tio Luís Pedro Teixeira.

João Pedro carregava o mesmo nome do seu verdadeiro pai: João Pedro Teixeira, sua mãe chamava-se Maria Francisca da Conceição. Sua única irmã era a Severina Francisca Teixeira, uma pessoa muito doce. Foi-nos visitar algumas vezes. Infelizmente adoeceu dos pulmões e, em pouco tempo, faleceu.

João Pedro não conheceu o pai. Quando estava com um ano e três meses, o Seu João Pedro partiu e nunca mais deu notícias. Dona Francisca me contou com detalhes o que havia acontecido. Era dia de São João e o pai de João Pedro adorava dançar. Não perdia uma festa, mas a Dona Maria Francisca havia sido avisada por uma família amiga, que o proprietário da fazenda havia contratado dois pistoleiros para acabar com o Sr. João Pedro, por causa do apoio que ele dava aos moradores e pela sua arrogância diante do fazendeiro. Ele não havia concordado que o proprietário diminuísse a área da sua posse. E houve muita confusão entre eles. E isso levou o fazendeiro a contratar o seu assassinato.

A empreitada seria cumprida, quando o Sr. João Pedro fosse para a festa.

Dona Maria Francisca disse-me que ficou desesperada, sem saber o que poderia fazer. Conhecedora do gênio do marido, sabia que, se contasse a verdade, seria pior; aí é que ninguém iria conseguir segurá-la em casa, ele não era homem de recuar. No desespero, teve uma ideia e logo colocou em prática, molhou todas as roupas do marido. Quando o Seu João Pedro chegou, viu aquele estrago, ficou furioso. Arrancou da corda uma calça e uma camisa e colocou perto do fogão para secar. Encheu o ferro de brasa e ele próprio passou a roupa ainda fria. Com rapidez, vestiu-se. Quando ia saindo, Dona Maria Francisca, chorando, pediu que ele não fosse à festa e contou a respeito da emboscada, preparada. Implorou, em nome das crianças pequenas, mas o Seu João Pedro saiu, sem olhar para trás ...

A empreitada foi cumprida, entretanto o Seu João Pedro, prevenido do atentado foi preparado e conseguiu matar os dois jagunços. Evidentemente, foi obrigado a sumir. Ninguém soube do seu paradeiro. Uma notícia muito atrapalhada

chegou até Dona Francisca, doze anos depois. Ele estaria no Pará, trabalhando como embarcadiço, e teria constituído uma nova família. Tudo faz acreditar que, antes de partir, recomendou ao irmão que cuidasse dos seus filhos e da esposa. E o Seu Luís Pedro atendeu ao apelo do irmão. Dona Francisca dizia que o cunhado foi um verdadeiro pai para os meninos.

Fiquei na casa do tio Luís, e João Pedro imediatamente foi cuidar dos documentos, para o nosso casamento, tanto no civil como no religioso. O aperreio maior foi conseguir a minha certidão de nascimento e a autorização do meu pai para o casamento. Mais uma vez o meu padrinho me ajudou, se não fosse ele não teríamos conseguido nada. Ele convenceu painho a dar a autorização e a entregar a minha certidão. Mandou levar os documentos por um portador, sinal claro que, apesar de ter intercedido, não aprovou o meu procedimento.

A casa onde passei a morar era bonita, grande e confortável. Foi por muito tempo a sede da fazenda, onde o coronel Cazuza morava com a família. Havia seis quartos, três salas, dois banheiros, uma cozinha enorme e uma varanda circulando todo o casarão. Na frente, um cimentado com bancos, muitas plantas e flores.

Foi o tio Luís que providenciou as minhas roupas, o enxoval e o vestido de noiva. Era um homem de certa posse, diante de quem nada tem, dispunha de um enorme roçado e deveria receber um bom salário, como gerente da fazenda Massangana. O proprietário foi morar na cidade, e ele mandava e desmandava.

A data do nosso casamento foi marcada para o dia 2º julho de 1942. A medida que o dia ia se aproximando, sentia-me dividida. Apesar do gênio autoritário do meu pai e todos os problemas que o seu orgulho me causou, eu sempre gostei muito dele. Nos meus sonhos de mocinha, eu sempre imaginei entrar na igreja pelo seu braço. E a realidade iria ser bem diferente: nem painho, nem mainha e nem mesmo meus irmãos. Nem meus padrinhos e nem minha avó. Como iria ser o meu casamento, sem eles? Às vezes, sonhava com o impossível. Apesar do amor que dedicava aos meus pais e irmãos, eu não me arrependi do que fiz. Não mesmo!

Estava tudo pronto, desde o meu enxoval ao meu vestido de noiva, os enfeites da igreja, o vestido do civil. O tio Luís Pedra e sua esposa, a Maria José, o

Sr. Manoel Paulino e a sua esposa, o Sr. Antônio Cândido e a sua esposa, a

Dona Esther, seriam as nossas testemunhas.

Finalmente, chegou o tão esperado dia 26 de julho. O casamento estava marcado para as dez horas, na Igreja da Consolação, em Cruz do Espírito Santo. Enquanto eu me arrumava, ajudada pela Dona Esther e umas amigas, sentia, de um lado, a alegria de ver nosso sonho realizando-se, mas, de outro, muita tristeza. Cheguei a rezar em silêncio, pedindo um milagre: que lá na igreja estivesse toda a minha família, meu pai, minha mãe, minha avó, a Ana, os meus outros irmãos. Fiz até promessa.

Eu era miudinha, e o meu vestido de noiva caiu muito bem. Feito de crepe branco, todo abotoado nas costas, com uns botõezinhos bem pequenos. As mangas eram compridas. Havia sido costurado em Cruz do Espírito Santo. Nas mãos, eu segurava um ramalhete de flores miudinhas, com um perfume bem suave. Os meus cabelos iam quase até a minha cintura. Ficaram soltos, bem penteados. Uma capela feita de florezinhas brancas, prendiam o véu. Pouca pintura, só o batom suave. João Pedro sempre dizia que eu fui uma noiva muito bonita.

Saí do carro e entrei na igreja, pelo braço do tio Luís Pedro, procurei em cada rosto, o rosto da minha família. A cada fileira de banco, mais uma decepção. Quando cheguei no altar engoli a decepção. Quando avistei João Pedro esqueci tudo. Era uma noiva feliz.

João Pedro veio ao meu encontro e me levou diante do padre. Depois, o sermão, o juramento e a troca das alianças. E, no final, o beijo delicado e carinhoso. E saímos como marido e mulher, pela Lei de Deus.

Fomos almoçar e, depois, troquei o vestido de noiva por um vestido azul de crepe, bem bonitinho, embora simples. Sem nenhum enfeite. E, em companhia dos nossos padrinhos e de alguns amigos, seguimos para o nosso casamento civil, que foi realizado no cartório de Cruz do Espírito Santo. Enfim, estávamos casados também pelas leis dos homens. E, agora, era ir para a casa festejar.

Foi preparado um jantar para os amigos. Aí que ficamos sabendo que meu pai enviou dois empregados, para acabar com João Pedra. Entretanto, o tio Luís, homem vivido e cuidadoso, havia tomado precaução e deixou vários homens com a incumbência de fazer a nossa segurança. Isso deve ter amedrontado os capangas. Eles desistiram da empreitada e voltaram para a fazenda. Respirei aliviada, mas decepcionada. Nunca imaginei que painho fosse capaz de agir assim.

REPÚBLICA REPUBLICANA DO BRASIL



CASAMENTO N.º 328

CERTIFICO que as folhas 126 do Livro N.º B-02 de registro de casamentos, fôr encontrado no e no caso do matrimônio de JOÃO PEDRO TEIXEIRA e ELIZABETH ALTEINA COSTA, contratado perante o juiz Dr. Sebastião Sívul Fernandes - Juiz d/Comarca da 1.ª J.ª J.ª do 1.º Juízo das testemunhas José Bernardino de São Brito e Maria Teresa Mariano, residentes nesta cidade.

Ele, nascido em cidade de Itapetininga, desta Estado do Paraná, em 09 de maio de 1910, profissão jornalista, filho de MARIA FRANCISCA DA CONCEIÇÃO nascido em 1.ª J.ª J.ª do 1.º Juízo, domiciliado em Prop. Mangueira d/Município e residente em Propriedade Mangueira desta Município. Ela, nascida em Propriedade Águas Município São José - PR, em 13 de fevereiro de 1925, profissão doméstica, filha de MANOEL JUSTINO DA COSTA e residente em Prop. Mangueira d/Município.

ALTINA MARIA DE JESUS residente em Prop. Mangueira d/Município. A qual passou a assinar-se ELIZABETH ALTEINA TEIXEIRA.

Forma apresentada os documentos a que se refere o artigo 180 N.º I-II e III do Código Civil. Observações: Casamento lavrado no dia 26 de Julho de 1942.

O referido é verdade e dou fé. CRUZ DO ESPÍRITO SANTO, PR, 21 de

BOYACIRO de 19 42 Maria Teófilo Melo Gomes OFICIAL

OBS: Verifiquem que, a profissão de João Pedro Teixeira está como jornalista. Elizabeth explicou que ninguém sabe porque o escrivão fez isso. Acredita que tenha sido erro de datilografia; ele trabalhava em pedreiros, deveriam ter colocado pedreiro.

## **CAPITULO II**

### **CASAMENTO INICIO E LUTA**

Nunca fui tão feliz na minha vida! João Pedro era muito carinhoso, era gentil e tentava me agradar de todas as formas. Além do mais, contava com o afeto dos tios, o conforto da casa, até dispúnhamos de um carro para irmos a Cruz do Espírito Santo fazer compras. Se não fossem as viagens de João Pedro para cumprir as tarefas do seu trabalho e a saudade da minha família, diria que estava no céu.

Apesar de feliz, estava saudosa da minha família. Queria ir ao encontro deles para matar as saudades, conversar e tentar conseguir o perdão. João Pedro não se opôs e concordou em me acompanhar. Quando cheguei a casa, minha mãe, meu pai e meus irmãos haviam saído. Só encontrei a Maria e o meu irmãozinho caçula. Fiquei emocionada ao vê-lo andando, pois, quando eu parti, ele só engatinhava. Perguntei aonde foram e ela me respondeu:

- Eles acabaram de sair. Todo mundo saiu às pressas, para não encontrar você aqui. Eu nem havia avisado, com medo de que eles tomassem essa atitude. Mas, quando descemos no Café do Vento, alguém me viu e correu avisar ao meu pai. Voltei para casa, um pouco triste.

Alguns meses após o meu casamento, minha irmãzinha Ana, com doze anos, a que eu mais estimava, quando esteve em São Severino dos Ramos, pegou uma doença que dava uma febre muito brava. Apesar dos cuidados dos remédios, não conseguia ficar curada. Papai chamou dois médicos que se revezavam no tratamento. Entretanto, Ana não apresentava nenhuma melhora.

Acho que, pressentindo a morte, minha irmãzinha começou a chorar, pedindo a minha presença. Tanto chorou que foi atendida. Meus pais tiveram uma pequena esperança de que, talvez, a minha presença animasse Ana, e ela tivesse mais forças para resistir à doença. A carta chegou por um portador, a mando do meu padrinho, com a recomendação de que só fosse entregue nas minhas mãos. Na carta, meu pai contava a grave doença de minha irmã e pedia a minha presença na casa dele, o mais depressa possível.

Ana estava mal mas, me reconheceu. Nós nos abraçamos e ela tentou falar alguma coisa que eu não consegui entender. Fiquei ao seu lado o tempo todo e, na madrugada, ela partiu. Chorei muito. Foi uma tristeza enorme em minha casa.

Meu pai se culpava por não a ter enviado para o hospital. Naquela época, todo mundo tinha horror ao hospital, porque havia muitas dúvidas a respeito do tratamento médico fornecido aos doentes. Quase todo mundo que entrava não saía vivo. Ver aquele corpinho tão jovem dentro de um caixão fazia sangrar o coração. Ana parecia um anjo. Abracei muito minha mãe, os meus irmãos e o meu pai. Entretanto, nada diminuía o nosso sofrimento : os parentes chegando em lágrimas, e os amigos, tentando nos consolar em vão. O único consolo, nessas horas, é a religião. Felizmente, minha mãe sempre foi religiosa e se curvou a vontade de Deus.

Enfrentamos o cemitério, a missa de sétimo dia e, quando achei que havia uma certa tranquilidade e minha mãe estava mais calma; comecei a me preparar para voltar. A saudade estava me sufocando. Foi bem nesse momento que minha mãe e meu pai começaram a ter febre e apresentar os mesmos problemas da minha irmã. Fiquei muito preocupada, não podia deixá-los assim. Avisei a João Pedro da situação dos meus pais e do meu propósito de ficar mais tempo, para tratá-los. João Pedro entendeu perfeitamente e me escreveu uma carta carinhosa, dizendo que ficasse o tempo que fosse preciso. Quando meus pais estavam melhorando, foram os meus irmãos que adoeceram e eu não tive coragem de partir.

Um dos médicos que cuidou de Ana, o Dr, Antônio Vicente, passou a vir diariamente a casa dos meus pais para cuidar dos doentes. Além de médico, era muito amigo da minha família. A medida que meus irmãos foram melhorando e fomos vencendo a doença, iniciaram os pedidos de minha mãe e do meu pai para não retomar para o lado do meu marido. Eles esqueceriam a minha fuga, o meu casamento, e tudo voltaria a ser como antes. Eu não dei resposta, eu não quis aborrecê-los. Passados uns três dias, meu pai me perguntou qual era a minha resposta. Sem ter qualquer dúvida, respondi com firmeza:

Meu pai, eu volto!

- Você ainda vai voltar para a companhia daquele negro?

Eu volto! Eu não posso ficar aqui. Para o meu pai não foi fácil me perder novamente. Ficou na maior tristeza. Eu sentia remorso por deixá-lo tão triste. Adiei minha viagem por mais alguns dias. Foi aí que eu percebi que o tal Dr. Antônio estava sendo gentil em excesso. Já não havia razão para, vir, todo dia em casa. Alguma coisa me disse que havia a mão do meu pai por trás disso. Acabei

descobrimo o "arrumadinho". Tudo com o objetivo de me separar de João Pedro. Fiquei vermelha de raiva e de revolta. Cheguei a ir ao seu encontro para lhe dizer algumas verdades. Pensei melhor e resolvi não falar nada, e partir o mais rápido possível. Arrumei meus trens e, apesar dos apelos de todos, me despedi e tomei o ônibus para Massangana.

O reencontro com João Pedro foi maravilhoso. Não fez perguntas, confiou. Não reclamou do tempo prolongado em que fiquei na casa de painho. A sua preocupação constante foi me consolar pela perda da minha irmã. Tentava me alegrar de todo jeito. Na vida toda que passamos juntos sempre João Pedro foi muito solidário comigo. Aliás, em tudo.

O tempo foi passando gostoso e tranquilo. Estava sendo muito mimada, tanto por João Pedro como pelos tios. No final de 1943, comecei a não me sentir nada bem. Um mal estar, muito sono e não podia ter nada apertado. Tudo me incomodava. Tia Esther percebeu o meu estado e logo indagou da minha menstruação. Descobriu a doença. Toda sorridente me deu a notícia:

- Você está buxuda, Elizabeth! Vamos ter um bebê nesta casa.

Recebi a notícia com grande alegria. Há muito tempo sonhava em ser mãe.

Ter um filho de João Pedro. Já andava até meio preocupada e me perguntava: será, que eu não vou ter filhos?

Quando João Pedro chegou, dei-lhe a notícia. Ele ficou sorrindo, muito satisfeito. Desse dia em diante, passamos a pensar sempre no nosso filho. Comecei a bordar o enxoval. João Pedro providenciou o berço e, quando tudo estava pronto, a nossa filha veio ao mundo no dia três de junho de mil novecentos e quarenta quatro(1944). Fui atendida pela parteira do engenho. Mas o parto complicou-se e fui levada às pressas para o Hospital Cândida Vargas. A placenta estava colada e eu tive que ficar lá por treze dias.

Passado o susto, foi uma imensa alegria. João Pedra, mais uma vez, demonstrou não ser igual a todo mundo. Recebeu a filha com a mesma alegria que teria recebido um garoto. Não houve decepção, só alegria. Punha a menina no colo e andava de um lado para o outro. Marluce não podia dar um chorinho que ele corria. Aliás, todos da casa corriam. Felizmente, Marluce era uma criança sadia e foi, crescendo sem sérios problemas. A nossa felicidade, agora, estava ainda mais completa. Tínhamos muito amor, muita paz e fartura em casa. Éramos

uma família muito unida e muito alegre. O tio Luís *Pedra* era sempre gentil e a tia Esther era um amor. Foi um tempo feliz, nem por sombra poderia imaginar as dificuldades e as tragédias que me aguardavam.

Pouco tempo depois que Marluce nasceu, iniciaram os aborrecimentos entre João Pedro e o seu tio. O primeiro atrito foi quando o Tio Luís expulsou de Massangana uma família com oito filhos pequenos, sem lhes dar os direitos. A família havia feito muitas benfeitorias, tinha um bom roçado. Mas, saíram vexados, com as mãos vazias. Estavam apavorados diante da surra que o chefe da família levou e das terríveis ameaças do tio Luís.

Naquela época, eu não tinha nenhuma consciência dos direitos dos trabalhadores. Fiquei com muita pena da família, porque eram oito crianças que teriam que andar pelas estradas, sem nenhum abrigo e sem nada para comer, à procura de um novo emprego. João Pedro teve uma reação diferente, ficou revoltado com o tio e fez questão de deixar claro que o trabalhador tinha direitos e não podia ser despejado daquele jeito. O tio ficou zangado com ele. Mas o tempo foi ajeitando as coisas e tudo voltou ao normal. Infelizmente, novamente fomos surpreendidos pela reclamação de uma moradora da fazenda, que havia ficado viúva, com uma filha de doze anos, muito bonitinha. Amedrontada mas indignada, a viúva contou -nos que o tio Luís Pedro havia bebido bastante e foi até a casa dela bulir com a menina. A pobre viúva teve que sair de casa com a filha aos prantos e ir buscar um esconderijo seguro.

### **PRIMEIRO LAR**

João Pedro esperou a bebedeira do tio passar e, no dia seguinte, quando viu que estava bem curado, foi conversar com ele. Com muito respeito e carinho tentou mostrar ao tio que essas atitudes só serviam para enxovalhar a sua reputação. Pediu para o tio evitar a bebida, porque ela só servia para arruinar as pessoas. Entretanto, ele não aceitou o conselho e ficou muito ofendido. Disse que, se João Pedro não concordava com o seu procedimento, deveria ir procurar O seu destino longe dele. Imediatamente, João Pedro pediu que eu arrumasse as minhas coisas e as de Marluce. Ele arrumou o que era dele, providenciou um transporte e partiu, deixando para trás, as duas vacas, um lindo roçado de oito hectares e muitas outras coisas. Fomos para a casa de Dona Francisca, minha sogra. Ela possuía

uma casinha em Sapé, na Rua Feres Antônio. João Pedro partiu para o Recife, para procurar emprego. Logo enviou notícias: estava trabalhando no Município de Jaboatão, na Pedreira Guarani.

Dona Maria Francisca nunca foi uma sogra, era uma segunda mãe, sentia-me em casa. Ela estava sempre querendo me ajudar, em tudo. Combinávamos muito bem. Era muito carinhosa com a neta. Morei com Dona Francisca seis meses: de julho a janeiro, enquanto João Pedro conseguia arrumar uma casa e colocar, dentro dela, o indispensável para vivermos. Seria o nosso primeiro lar, só nosso. Deixar Dona Francisca sozinha me preocupava. Ela havia se apegado muito à neta. Achei até uma malvadeza o que iríamos fazer, mas ela não quis nos acompanhar. De jeito nenhum. No dia em que tudo ficou pronto, mudamos.

Estávamos muito alegre mas, percebi o quanto Dona Francisca ficou triste, apesar de tentar disfarçar. Poderia ter ido conosco mas, não arredava o pé do seu cantinho.

Chegamos à casa no dia três de maio de mil novecentos e quarenta e cinco, João Pedro deve ter se empenhado muito para deixar tudo tão bem arrumado. A casa estava toda caiada de branco, com as portas e as janelas pintadas de azul. Um pequeno jardim, bem tratado, na frente. Havia dois quartos, duas salinhas, dois banheiros, cozinha e uma área fora onde ficava o tanque, a cisterna. Era um quintal grande, sem ser murado. Os móveis, apesar de modestos, eram fortes e bem escolhidos. Ele não havia esquecido de nada, que era importante. A nossa casa estava situada entre Jaboatão e Recife, em Cavaleiro, na rua Siqueira Campos, número trinta. Aí moramos por nove anos. E quatro dos nossos filhos nasceram nessa casa: o Abraão nasceu em 28 de novembro de 1946; Isaac nasceu em 22 de março de 1948; em seguida, nasceu a Marta, em 20 outubro de 1949, e Maria das Neves nasceu em 8 de maio de 1953.

João Pedro era cuidadoso e gostava de ver a nossa casa sempre muito branquinha e por isso, todo ano comprava cal, que era bem barata, e ele mesmo caiava. Logo consegui um emprego na mercearia que ficava na mesma rua da nossa casa, e assim podia ajudar nas despesas. Para trabalhar, acordava às quatro horas da manhã, arrumava a casa, lavava, passava, preparava a comida e, depois, seguia para o meu trabalho, levando minha filha comigo.

A vida não era fácil, mas o carinho e a cooperação de João Pedra me faziam

esquecer as dificuldades. Ele não reclamava de nada. E me ajudava sempre que podia. Se, por acaso, eu não estava passando bem ou estava aperreada com a doença de um de nossos filhos, ele chegava e ia providenciar o jantar, se ele não estivesse pronto. Ele sempre foi assim: uma pessoa solidária, humilde, muito doce e muito correta. Não discutíamos e nem brigávamos. Nos vinte anos que vivemos lado a lado, como marido e mulher, eu nunca vi e nem ouvi dizer que João Pedro estava bebendo ou João Pedro estava com outra mulher. Quando terminava o serviço, vinha direto para casa. Todo o seu tempo livre era dividido entre a sua família e a igreja. Um pouco mais tarde, a sua luta assumiu o papel tão importante como o de sua família. Quando as crianças choravam durante a noite, ele se levantava e ia ver o que estava acontecendo. Se, por acaso, ficavam doentes e exigiam a nossa presença, dividia comigo o plantão: "de tal hora a tal hora eu fico e de tal hora a tal hora você fica". Assim também fizemos com os nossos recém-nascidos chorões. Isso, evidentemente depois do meu resguardo. Sempre estava disposto a me ajudar. João Pedro era muito carinhoso e muito paciente com as crianças. Diante das arengas e das brincadeiras dos nossos filhos, dizia sempre:

- São crianças, precisam brincar! Preocupava-se com os estudos dos filhos, queria que todos estudassem bastante. Não era nenhum pouco machista. Tratava os meninos e as meninas do mesmo jeito.

Sempre que eu conseguia um tempo livre, eu ia à missa. Gostava de frequentar a igreja e sentia falta quando não podia ir. Fiquei interessada quando li um aviso da igreja sobre o curso de corte e costura, que iria ser dado, de graça, na casa paroquial. Foi lá que aprendi a costurar e assim deixei de comprar as roupas prontas. Costurava para os meninos, costurava para mim e até para o João Pedro. Com um pedaço de pano fazia milagres. Consertava as roupas e conseguia, às vezes, transformar roupas minhas e de João Pedro, em roupas novas para as crianças.

João Pedro era protestante e, após a nossa chegada ao Recife, passou a frequentar a escola da Igreja Presbiteriana. Às vezes, quando havia festa, ele me convidava para acompanhá-lo e eu ia, entretanto, nunca cheguei a ser crente. Havia muito respeito entre nós e nunca houve qualquer desavença a respeito das nossas crenças. Continuei a ser católica, muito católica e João Pedro chegou até a cantar no coro da igreja. Aos domingos, levava a ~ filha mais velha com ele. A noite,

sempre que era possível, me pedia para ler a bíblia:

Versículo três do Evangelho de São Lucas e muitos outros. Ele sabia que eu também gostava de conhecer os ensinamentos que estavam na bíblia. Estou certa de que João Pedro aprendeu muito com esse livro sagrado.

Quando nasceu Isaac, o meu terceiro filho, precisei deixar o meu emprego, porque era muito perigoso duas crianças pequenas ficarem sozinhas em casa, e levar os dois era impossível. Aí, a nossa situação ficou mais difícil. Sem poder trabalhar, dispus-me a ajudar na distribuição do jornal e no recolhimento do dinheiro, nos finais de semana. Mas eu não tive, nessa época, qualquer participação consciente na luta. O que fazia, era para ajudar a João Pedro. Perto das eleições, ele me perguntou se eu queria tirar o meu título eleitoral para poder votar, respondi que não queria votar.

João Pedro trabalhou três anos na pedreira em Jaboatão. Depois foi trabalhar no centro do Recife, trabalhou em Boa Viagem e em qualquer lugar onde aparecesse serviço. Foi para a construção civil entretanto, sempre trabalhando com pedras. Ele conhecia bem o seu ofício. Era um excelente profissional, um verdadeiro artesão. Foi ele quem esculpiu o famoso monumento que se encontra no Cemitério de Sto. Amaro, em Recife: o Tenente da Cateni, todo feito em mármore, encomendado por um usineiro.

Depois de uns três anos que vivíamos no Recife, João Pedro começou a se afastar da igreja. As reuniões com os companheiros de trabalho, os operários, passaram a ser muito mais importantes. Ele recebia e vendia, bem barato, um jornalzinho, que informava e defendia o povo. Fazia reuniões duas, três, quatro vezes por semana e até aos domingos. Não conseguia mais tempo para ir a sua igreja. Surpresa perguntei o que estava acontecendo. Ele explicou-me:

- A minha crença é em Deus, mas o momento está exigindo urna grande luta por melhores condições de vida, por melhores dias para os nossos filhos e os filhos dos nossos companheiros. É por essa razão que estamos lutando. Essa luta também me aproxima de Deus. O jornal A Voz do Povo, que ando distribuindo, ajuda na discussão com os companheiros e esclarece os nossos direitos. "Lutar por esses direitos me toma ainda mais próximo de Deus".

João Pedro começou a ter uma grande preocupação, precisava conscientizar os seus companheiros para os seus direitos, os direitos que estavam na lei mas,

não eram respeitados. Ele dizia que não adiantava nada existir uma lei que só ficava no papel, porque os trabalhadores não recebiam o benefício desse direito. E as reuniões começaram. Eram realizadas em nossa casa, entretanto, logo João Pedra achou que era pouco, muito pouco, diante das injustiças. E por isso, nos finais de semana, andava pelas redondezas, conversando com os companheiros que não estavam participando das reuniões. Não demorou muito para ficar bem conhecido, passando a ser estimado, admirado e respeitado pelos companheiros de toda a redondeza. Nessas reuniões, foram aparecendo outras lideranças. Foi sendo criada uma forte união. Nunca vou me esquecer desse tempo e desses amigos: o Manoel Faustino, o Nazeozeno, conhecido como "Nazol"; o José Augusto; o Manoel Serafim. Havia outros mas, não eram tão ... tão próximos.

Depois de muito trabalho e de uma atuação firme de João Pedro e dos outros companheiros, foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores das Pedreiras. Foi uma grande vitória, mas os líderes ficaram definitivamente marcados pelos empresários. Trabalhador que ensina outros trabalhadores a **lutar** por seus direitos, decididamente, na cabeça do empresário nordestino, é agitador e comunista. Contra eles, sem dó e piedade, esses proprietários despejam todo o seu poder. Um poder que manipula juízes, polícia, deputados, vereadores, prefeitos. Um poder violento, que não respeita as leis e nem os direitos humanos. Um poder que tortura, manda matar ou mata sem qualquer preocupação, porque tem certeza de que conta com a impunidade. A mera fundação de um sindicato de classe, para esses proprietários, é imperdoável. Não abrem mão dos seus privilégios, não abrem a cabeça e só têm um senhor, o lucro - o dinheiro. Ai de quem ameaçar esses interesses, mesmo que seja apenas buscando o que está na lei. Portanto, um direito legal já conquistado.

Conseguir um emprego passou a ser um problema seríssimo para João Pedro e, quando conseguia, era, sempre, por pouco tempo. Apesar de toda a sua capacidade, era despedido, sem que lhe fornecessem qualquer razão justa. De emprego em emprego e, pior ainda, sem emprego, a cada dia ia ficando mais séria a nossa situação. Já não tínhamos dinheiro para nada. Eu fazia de tudo para ajuda-lo 10 mas, era muito pouco.

Apesar das nossas dificuldades, João Pedro não perdia a fé e não se amedrontava. Continuava a conscientizar os companheiros do mesmo jeito. As

reuniões, também, tiveram prosseguimento. Nunca participei e nunca soube o que era discutido. Certa vez, a polícia ficou "ato caiando" a nossa casa. Havia uma reunião importante marcada, se o João Pedro saísse, seria seguido. E ele estava muito preocupado e eu me dispus a ajudar. Disse que poderia sair pelos fundos da casa e talvez pudesse ir dar o recado, sem que os policiais percebessem. João Pedro aceitou a minha proposta aliviado, pediu que eu tomasse muito cuidado. Consegui sair sem ser vista e pude avisar ao companheiro Serafim, que não morava longe. Serafim foi imediatamente levar o aviso ao companheiro que descia do ônibus, sempre no mesmo ponto. Foi um sufoco danado! Quando tudo passou, respiramos aliviados. Mesmo sem entender muito bem a luta de meu companheiro, eu sabia que ele estava certo e, por isso, dava-lhe todo o meu apoio.

## **VOLTANDO PARA PARAÍBA**

João Pedro tentava superar as dificuldades, aceitando qualquer serviço. Não se queixava, não abria mão da luta e apesar de tudo estava sempre sorrindo. A cada ano que passava, foi piorando ainda mais a nossa situação. Renunciamos a tudo o que podíamos e, assim mesmo, não conseguíamos equilibrar o nosso dinheiro, com as nossas despesas. Realmente era impossível, porque o dinheiro que entrava era quase nada. Já não podíamos contar com um salário fixo, por menor que fosse. Até o nosso aluguel estava atrasado.

Foi nessa situação de miséria que o meu irmão mais velho, o Euclides Justino foi me encontrar. Aproveitando a viagem ao Recife, para entregar uma carga para exportação, resolveu ir me visitar. As crianças estavam com os cabelos grandes, as roupas muito gastas e, na casa, praticamente não havia o que comer.

Euclides, preocupado, me deixou algum dinheiro e me perguntou se eu aceitaria voltar para Sapé, porque o meu pai havia comprado o sítio do meu padrinho e, além da terra para trabalhar, havia uma casa muito confortável para morar. Meu irmão fez questão de deixar bem claro que não estava me prometendo nada. Mas iria conversar com o meu pai e, quando retomasse ao Recife, passaria pela minha casa para me dar a resposta. Após mais ou menos, uns quinze dias, Justino voltou e me disse que o sítio estava à minha espera. Ele havia contado a nossa situação a meu pai e pediu permissão para a nossa família ir viver no sítio, que ele havia comprado e que estava abandonado. A resposta de meu pai, segundo o que meu

irmão contou, veio seca e direta:

- Bem, para ficar dentro da minha casa jamais, para ficar perto de mim nunca! Pra ficar pra lá ... está vazia mesmo ... ela pode! Diga que venham!

Euclides deixou dinheiro para a mudança e para as passagens. Mas as necessidades, eram tantas que logo o dinheiro terminou. Sem dinheiro para poder viajar, resolvi deixar a conversa com João Pedro para depois. Eu estava com muito medo de falar, sobre esse assunto. E se João Pedro não voltasse comigo?' Eu sabia a humilhação que seria para ele ter que ir trabalhar nas terras de meu pai. As dificuldades que estávamos vivendo não seriam nenhum problema, nem para mim e nem para João Pedra. Entretanto, havia as crianças e elas não podiam enfrentar essa miséria. Estavam em crescimento e precisavam ser bem alimentadas, precisavam estudar, precisavam de roupas. A pouca alimentação acabaria por comprometer o desenvolvimento e a saúde de nossos filhos. Isso eu não queria e não podia deixar acontecer.

Meu irmão voltou novamente, deixou mais dinheiro e me disse que tudo estava pronto a nossa espera. Agora, não dava mais para adiar a minha conversa Com João Pedro. Sentindo um frio na barriga, disse-lhe tudo. Estava gelada e suada, estava com medo de que ele não aceitasse. O meu amor por ele continuava o mesmo ou maior ainda, por causa das raízes: os nossos filhos, a admiração pela sua luta, a sua honestidade, a sua coragem, a sua bondade e tudo mais.

A reação de João Pedro Teixeira foi tranquila, com voz suave me disse que a minha decisão estava correta, porque não teríamos condição de sobrevivência naquele lugar. Os proprietários não se esqueciam e continuavam a persegui-lo. Não escondeu a tristeza e argumentou:

- Como eu posso morar e trabalhar nas terras de um povo que me odeia?' Mas, um tempinho depois, continuou:

- Vamos! Assim é melhor, você está certa. Lá a gente vai ter terra para plantar e vamos ter condições para poder criar os nossos filhos. Aqui não dá mais! Eu tentei ... tentei ... tentei de tudo que era possível. Vamos voltar, você está certa! Eu pago a renda da terra, não quero dever nada ao seu pai.

Combinamos que eu iria imediatamente com as crianças e que João Pedro iria depois, assim que ele conseguisse acertar tudo. Apesar da confiança que sempre depus em meu marido e saber que ele era um homem de palavra,

guardei comigo um certo receio. Não era nada fácil, para ele, viver nas terras de meu pai, depois de tudo o que papai havia dito e feito. Eu sabia disso, e o meu coração mais ainda. Só por nossos filhos aceitei esse sacrifício.

Com a ajuda de João Pedro, embalei as coisas e, quando tudo ficou pronto, compramos as passagens. Dia 15 de maio de 1954, unto com as crianças, tomei o trem para Sapé. João Pedro colocou a bagagem no trem, e as crianças sentadas, em seus lugares. Fez algumas recomendações para os filhos. Beijou todos e ficou comigo até a hora da partida quando o trem apitou. Aí, ele desceu e ficamos nos olhando e abanando as mãos ...

Estava dividida, mais triste do que alegre. Quando chegamos a Sapé, o meu irmão estava a nossa espera para nos levar até o sítio. A casa era bonita, confortável e estava muito bem pintada. Eram três salas, quatro quartos, uma cozinha bem grande, um banheiro e um alpendre que circulava toda a casa. Encontrei tudo muito limpo, até os tonéis estavam cheios de água. Tudo arrumado. O sítio era ótimo!

Logo que chegamos, meu pai mandou uma feira bem grande, duas vacas leiteiras, para não faltar leite. Pouco depois, chegou também, um mutirão de trabalhadores, enviados por ele, para plantar: maniva, feijão verde, milho, etc.

Enquanto João Pedro não voltou, passamos a receber toda a assistência do meu pai. Toda semana chegava a feira, carne e tudo o que fosse preciso. Apesar do conforto e da fartura, eu estava muito triste. A noite, o sono, demorava, e eu ficava lembrando de João Pedro. Era saudade e, ao mesmo tempo, o medo, de que ele desistisse de chegar. Mas eu estava confiante, não havia nenhuma razão para dúvidas.

Passados quinze dias, exatamente no dia 30 de maio, João Pedro chegou. Às vezes, eu sinto um arrependimento muito grande de ter querido voltar. Talvez se tivéssemos ficado, teríamos evitado a tragédia. Ah! Destino é destino, infelizmente. Acho que já estava escrito. Iria acontecer de qualquer jeito.

João Pedro chegou de repente, sem qualquer aviso. Com ele, chegou a nossa alegria. Quase foi sufocado pelas crianças, que tinham muitas novidades para contar. Olhou-me com carinho e apertou a minha mão. Com a paciência de sempre, escutou, com atenção, o relato e as novidades dos meninos. Eu sentia, o seu olhar

fixo em mim, como se quisesse falar da saudade que sentiu. Só à noite, quando as crianças foram dormir, conseguimos conversar e começar a matar a saudade. A alegria tinha retomado a nossa casa.

João Pedro era trabalhador e ativo. Trabalhava na nossa terra e trabalhava também, em outros lugares. Conseguiu financiamento, na Cooperativa dos Pequenos Lavradores, para poder tocar a terra, a fatura voltou a nossa mesa. Desde o dia que João Pedro regressou, meu pai deixou de nos ajudar. O que foi muito bom. Todo final de ano, João Pedro não deixava de pagar o foro. Aliás, essa foi a condição que João Pedro exigiu, para vir para Antas do Sono e usar terra de meu pai.

Foi nessa cooperativa que João Pedro conheceu o João Alfredo Dias, mais conhecido como "Nego Fuba". Ele não era camponês, trabalhava como sapateiro. Ele era filiado ao partido comunista e fazia bons discursos, falava muito bem! Suas palavras entusiasmavam os trabalhadores. Em pouco tempo, João Pedro estava integrado no lugar e fez muitas amizades. Conheceu o Pedro Fazendeiro, cujo nome verdadeiro era Pedro Inácio de Araújo. A razão desse apelido ninguém sabia explicar, nem ele próprio que, ao ser perguntado, sempre dizia:

- Por que me chamam "Fazendeiro" eu não consigo entender, se eu não tenho um chão de terra para morar, com minha família.

Ele era um forasteiro, sempre foi pobre e trabalhava nas terras dos Ribeiro Coutinho, na fazenda Miriri. João Pedro ficou conhecendo também, o Ivan Figueiredo, o Severino Dias, o Manoel Porfírio e outros. O Aduino Freire me contou, um dia, que João Pedro falava com muito carinho e admiração a meu respeito. Dizia que eu tinha uma personalidade muito forte.

Pensando bem nos acontecimentos, eu acho que João Pedro deve ter chegado a Sapé, já com a incumbência de organizar os camponeses. Tudo aconteceu muito rápido mas, eu não posso garantir. O que tenho certeza, porque vi, é de que João Pedro era revoltado com a situação de miséria do campo e, apesar das dificuldades no trabalho de organização, ele estava decidido. Tinha alguma experiência, porque aprendeu muito quando organizou os operários para a criação do Sindicato dos Trabalhadores nas Pedreiras.

5

Nunca pude esquecer a revolta de João Pedro quando viu um grupo grande de empregados do meu pai, almoçando. Ficou horrorizado com a miséria desses

trabalhadores, cujo almoço era apenas, açúcar preto, farinha e piaba seca. Piaba é um peixinho que dá de monte nos rios. Chegou tão intrigado que me surpreendi. Nunca havia visto João Pedro daquele jeito. Sem a delicadeza costumeira, com voz alterada, perguntou-me:

- Elizabeth, você tá sabendo que o teu pai dá como almoço, para os empregados açúcar preto, farinha e piaba seca? É essa "bóia" que seu pai destina aos trabalhadores. Homens que trabalham duro, no sol! Você sabia disso? E tem muito empregado que aceita essa miséria! Você sabia?! E, sem ouvir a minha resposta, prosseguiu:

- Isso não pode continuar! Não vai continuar! Temos que acabar com a exploração, com essa escravidão! É a falta de terra para plantar! É a comida faltando na mesa! É o salário de miséria! É o cambão! É o barracão! Tudo escraviza o homem do campo! Basta! Tá no tempo de dar um fim nisso.

A vida sacrificada de João Pedro continuava: pegava duro na lavoura do milho, da fava e do feijão. Cuidava também dos três mil pés de agave e quase sessenta pés de coqueiro. Os nossos filhos mais velhos e eu ajudávamos no possível.

João Pedro trabalhava, às vezes como assalariado, tirando pedras de uma pedreira que não ficava longe. Assim ficava garantido: o café, o açúcar, a charque e a carne verde. Era muita boca para alimentar, e o dinheiro amealhado com a venda da produção era pequeno e só chegava na época da safra.

Apesar da jornada de trabalho pesada, João Pedro nunca estava cansado, para ir pregar suas ideias. Tranquilo, seguia o rumo determinado, contente, sem reclamar da distância e das dificuldades. Não havia sábado, não havia domingo e nem feriado, estava sempre disponível para a luta. Chegasse a hora que fosse, estava com a mesma leveza com que havia partido. Se a reunião havia sido proveitosa, vinha derramando alegria: - Vamos vencer esses coronéis do latifúndio A terra vai ser de quem nela trabalha! conseguirmos convencer um grupo grande de companheiros dos direitos que têm, garantidos na lei. Agora é dar continuidade ao trabalho: eles precisam entender que, para exigir o seu direito, precisam lutar, para lutar, precisam ter consciência da sua força e, para ter força, é preciso união!

A luta do meu companheiro estava recomeçando, ou melhor, acho que nunca parou. A velha rotina estava de volta: durante a semana, trabalhava duro e, nos finais de semana, fazia reuniões com os camponeses da região. Ia para Mari,

Antas, Corredor, São Miguel de Itaipu, Sapucaia, Caruçu e outras localidades do brejo.

Só usava o ônibus para grandes distâncias e, quando não era muito longe, usava sua bicicleta. Reunião marcada era sagrada, chovesse ou fizesse sol, ele estava lá. Não demorou muito tempo para ficar conhecido em toda a região.

A grande maioria do trabalhador do campo não sabia ler. Eu não era nenhuma professora, mas eu acho que não lia muito mal porque João Pedro me pediu que lesse para os camponeses os jornais e outras publicações que traziam. Chegava domingo, eu acordava bem cedinho, as quatro ou quatro e meia da manhã, fazia todo o meu serviço. Quando os companheiros iam chegando, eu já estava à espera deles. O número de camponeses foi aumentando, as vezes, lá no terreiro, eu contava cinquenta, sessenta e até oitenta. Essa atividade me agradava muito, porque eu estava ajudando a João Pedro e, ao mesmo tempo, ficava informada das notícias. Quando eu terminava a leitura dos jornais, boletins, revistas, eu me recolhia para dentro da minha casa, para dar continuidade ao meu trabalho.

Um pequeno grupo de camponeses decidido e consciente com muita paciência. Após um trabalho constante, ao "pé do ouvido", em todos os lugares possíveis, principalmente nas feiras. Pouco a pouco foram ganhando a confiança dos seus companheiros e começaram a se reunir. O grupo foi aumentando. Só depois de um certo tempo, de muitas e muitas reuniões, com o grupo bem maior, é que os camponeses, começaram a ficar animados. Aí, surgiu a ideia de fundar uma Associação que desse apoio ao trabalhador do campo. Depois de muitas reuniões e muita discussão, foi aprovada a ideia da criação de uma Associação.

Depois que a reunião acabava, João Pedro e outros companheiros ficavam conversando horas e horas. Alguma coisa muito importante estava para acontecer, e eu acompanhava a animação dos companheiros. João Pedro tinha me contado que, logo, logo, a Associação ia ser fundada. Não me lembro bem o dia, mas estou certa de que foi no início de 1956. Num domingo, começou a chegar gente ao nosso sítio "até não poder mais!" Acho que umas duzentas pessoas ou até mais estavam lá. João Pedro, Pedro Fazendeiro, Nego Fuba e o Manoel Barbosa organizavam a reunião. A reunião foi bem animada e, no final, com muitas palmas, estava fundada, no terreiro da nossa casa, a "Associação dos Trabalhadores Rurais". Reunir tantos camponeses, para tratar de assunto do interesse dos trabalhadores e, ainda, fundar uma Associação foi "ousadia demais", para os

latifundiários que estavam acostumados a ter o camponês embaixo da sua bota.

## **REPRESSÃO**

A grande liderança de João Pedro e seus companheiros preocupou os latifundiários. A resposta não tardou. No dia seguinte, os policiais, verdadeiros serviçais do latifúndio, chegaram gritando e fazendo ameaças. Cercaram a nossa casa e traziam tantas armas que pareciam preparados para uma batalha. Assim que João Pedro saiu na porta de casa para protestar, nem conseguiu falar nada. Foi imediatamente agarrado e levado preso. Invadiram a nossa casa, reviraram tudo e quando encontraram aqueles jornais antigos lá do Recife, começaram a gritar:

- Olhe aqui! Isto é jornal comunista! Subversivo!

Como não encontraram nada, tiveram que valorizar os jornais velhos. Fui tomada pela raiva; meus filhos ficaram muito assustados. O meu companheiro estava sendo levado aos trancos. Tive vontade de avançar neles. Vi que era bobagem. Aí, disse:

Ah! Isso tudo é por falta de papel higiênico?!

Avançaram para o meu lado, mas, desistiram. Fizeram muitas ameaças e foram embora. João Pedro ficou oito dias encarcerado, e apanhou muito. Foi tratado como criminoso, apesar de ser um honesto pai de família, cujo o único crime era querer organizar O homem do campo. Os camponeses ficaram revoltados mas, ficaram muito amedrontados.

Meu pai chegou no dia seguinte, "com a moléstia", e foi perguntando sobre a reunião comunista. Respondi com raiva:

Aqui não houve nenhuma reunião comunista, não senhor!

- Houve sim! Ontem um bando de gente esteve aqui e são todos comunistas, sim! Pena eu não ter sido avisado, porque eu tinha chegado aqui bem acompanhado, para acabar com essa reunião, do meu jeito, no pau!

Aí, respondi com mais raiva:

Infelizmente, João Pedro foi levado preso pela polícia. É por isso que ele não está aqui. Eu garanto que o senhor e seus capangas não iriam conseguir acabar com a reunião; só se passassem por cima de dois cadáveres, o do João Pedro e o meu. Dando-me as costas, me mandou ir embora do sítio e da casa dele e foi saindo.

João Pedro, depois de ter ficado oito dias preso, sem qualquer culpa, voltou

para casa e aí começou o inferno. Ele foi chamado para depor várias vezes. Acho que umas quinze vezes, em muito pouco tempo. Quase todo dia, chegava uma nova intimação. A polícia cercava a nossa casa, entrava e dava busca. Os capangas, durante a noite, não davam descanso: xingavam, davam tiros e faziam ameaças. Quando João Pedro foi pegar financiamento pra plantar, não conseguiu nada.

Todos os líderes do movimento foram muito perseguidos, não era fácil suportar a repressão e a perseguição, montada pelo latifúndio. João Pedro e as outras lideranças concluíram que não havia condição, naquele momento, para dar prosseguimento à luta. Os camponeses, estavam muito assustados, com toda aquela repressão. A situação foi discutida, avaliada e eles concordaram que era preciso dar um tempo, deixar os acontecimentos caírem no esquecimento. João Pedro conversou comigo sobre qual seria a melhor saída e foi falando:

- Desistir da luta, nunca! Ninguém aqui tá pensando nisso: nem eu, nem Nego Fuba, nem o Pedro Fazendeiro e nem os outros companheiros.

Depois de muita conversa comigo e entre os companheiros, nasceu a ideia: toda a liderança teria que desaparecer por um tempo, até que os latifundiários esquecessem e afrouxassem a repressão. Ficou combinado. João Pedro me disse:

- É só por um tempo, Elizabeth! Esse tempo também vai servir pra gente pensar e descobrir um caminho que não assuste tanto o latifúndio. A violência deles amedronta o homem do campo, que não está acostumado à luta. Acho que esse foi o nosso erro, quisemos correr. A gente tem que ir devagar até eles perderem o medo. Isso só vai acontecer, quando aprenderem que juntos, são muito fortes. Aí o medo vai desaparecendo. Por isso, a gente tem que dar um passo, depois outro e depois outro ... até chegar à luta de verdade. Tá compreendendo, Elizabeth?

Concordei, ele continuou:

- Elizabeth, tenho que sair para essa perseguição acabar. E tem mais, nem financiamento conseguimos. O que plantei não dá pro sustento da nossa família. Eu tô querendo ir arrumar trabalho lá no Rio de Janeiro. Lá, eu tenho uns amigos e não vai ser difícil. E logo posso mandar dinheiro pro sustento da casa. O que acha?

Concordei com essa solução. Novamente iria ficar longe de João Pedro. No

dia seguinte, bem cedo, ele partiu para o Rio de Janeiro. Agora, não eram só os empresários da construção civil, os latifundiários também se opunham a João Pedro Teixeira, só porque ele estava ensinando os camponeses a lutar por seus direitos, direitos que estavam na lei. Por isso, ele era perigoso. Só porque queria ensinar ao camponês ter uma vida digna, exigir justiça. Levar o camponês a se organizar e reagir contra a exploração. Foi o grande "crime" de João Pedro e de seus companheiros. A terra, sem as mãos do camponês, não produz nada. Não é justo que vivam sem teto, sem terra para plantar e com fome. Eu começava a entender esta luta e apoiá-la também.

Logo recebi carta de João Pedro. Ele me escrevia sempre: dava todas as notícias e pedia notícias das crianças, minhas e dos companheiros. Queria saber se estávamos bem, se precisávamos de alguma coisa. Ele arrumou trabalho numa pedreira em Jacarepaguá, e enviava, praticamente, tudo o que recebia. Nem sei como conseguia sobreviver com o pouco dinheiro que lhe restava. Sempre foi um ótimo pai de família.

Os camponeses, apesar de todo medo, vinham nos ajudar e se revezavam no trabalho do nosso sítio. Estavam sempre à disposição para todo o serviço. Eu nunca precisei pedir nada.

Com o passar dos meses (e foram sete meses), com o desaparecimento dos líderes, aquela perseguição e as ameaças foram enfraquecendo. Aqueles camponeses, que ficaram mais assustados, foram voltando à minha casa, para ter notícias do meu companheiro. Conversavam e repetiam sempre as mesmas palavras:

- É, João Pedro Teixeira é que tinha razão, falava a verdade e estava com a verdade!

O incidente com João Pedro e seus companheiros parecia ter sido esquecido. Nem meu pai estava mais me pressionando para sair de suas terras. A polícia, fazia tempo que não vinha mais nos "visitar". Até os capangas tinham nos deixado em paz. O incidente parecia ter caído no esquecimento, milagre que só o tempo é capaz de fazer.

Essa tranquilidade fez com que alguns companheiros viessem conversar comigo a respeito da volta de João Pedro. Quando me certifiquei de que algumas lideranças já haviam voltado sem nenhum problema e diante dos apelos dos

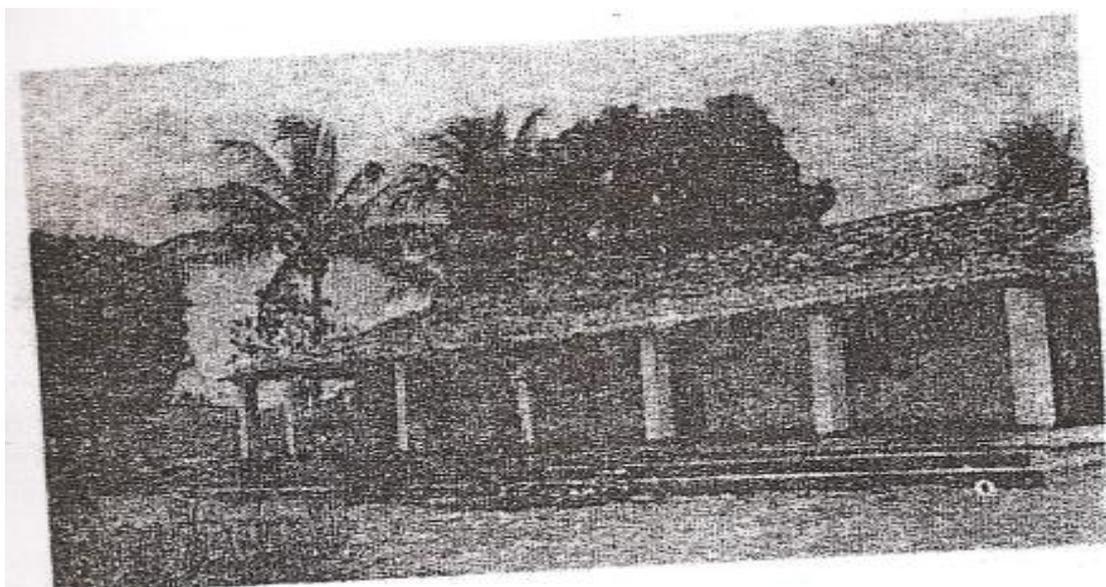
companheiros de muita confiança, decidi escrever para João Pedro, informando que a sua volta já era possível e dei todas as informações: a conversa com os companheiros; a chegada tranquila de algumas lideranças; o silêncio dos policiais e dos capangas.

Não demorou muito e chegou a carta de João Pedro, avisando que voltaria em breve. Eu e os meninos ficamos muito contentes. Foi aí que um boato, tomou conta do lugar: espalharam a notícia de que João Pedro havia morri do. Mesmo tendo sempre notícias dele, fiquei preocupada. Logo afugentava a minha preocupação, sabia que os amigos de João Pedro não deixariam de me avisar. Só sosseguei mesmo, quando recebi uma carta de João Pedra com a data, após terem começados os boatos.

João Pedro não havia chegado, mas as crianças já estavam alvoroçadas. Até o dia da chegada do pai foi aquela espera, qualquer barulhinho estranho e todos corriam para a porta, gritando:

\_Papai! painho... Painho!

E vinha a decepção, ainda não era ele. Apesar da minha alegria, lá no fundo eu estava preocupada.



*Casa situada na sitio "anta do Sono " moradia de Elizabeth Teixeira, João Pedra Teixeira e os seus 11 filhos.*

## **CAPITULO III**

### **AS LIGAS CAMPONESAS**

João Pedro Teixeira voltou para casa, em maio de 1957. Chegou abatido, magro, tossindo e com febre. Os remédios caseiros não estavam fazendo nenhum efeito. Aperreada, fui com ele ao médico. Era pneumonia. Foram dias de muitas preocupações e muitos cuidados. O ânimo do nosso doente fez com que, em pouco tempo, estivesse curado. Imediatamente, João Pedro assumiu todas as suas tarefas: o trabalho na terra, as reuniões nos finais de semana e a conversa ao "pé do ouvido" nas feiras.

Apesar do meu envolvimento com as crianças e com a casa, passei a me interessar pela luta. Lia as publicações e os livros que chegavam. Comecei a entender melhor os problemas e a valorizar mais a luta. João Pedro sempre se preocupou em me dar conhecimento do que fazia e por que fazia. Contava o que acontecia, discutia tudo comigo, valorizava as minhas ideias. Era bem diferente da maioria dos camponeses que não se preocupava em esclarecer as suas mulheres. Lembro-me até das suas palavras:

- Elizabeth, essa luta que hoje travo é porque desejo o bem para os meus filhos e para os filhos dos nossos companheiros. A escravidão, a exploração, a fome e o analfabetismo têm que acabar. Tanta terra e tanta miséria! A solução é a Reforma Agrária. Com a luta, iremos conquistando os nossos direitos: salários dignos, educação e muito mais. A Reforma Agrária está lá em cima. Vai ser a mais difícil. Mas quando vier, vai haver muita fartura e ninguém mais vai passar fome nesse país! A miséria vai acabar.

João Pedro lia tudo o que julgava importante para melhor orientar os camponeses: livros, revistas jornais como Voz Operária e Terra Livre, documentos, livros e, principalmente, os livros escritos por Francisco Julião. Ele lia bem, falava com muita facilidade. No entanto, na hora de escrever, tinha muita dificuldade. Até o nosso casamento João Pedro não sabia nem assinar o próprio nome.

A luta, desde o início, não foi nada fácil. O grupo da várzea dominava a nossa região por muitas gerações e mantinha os camponeses no cabresto. Essa atitude, entretanto, não era privilégio só do grupo da várzea, ouvi gente séria

contar que, em outros lugares da Paraíba e, também em outros Estados do Nordeste e do Sul, a situação dos camponeses não era diferente. O trabalhador do campo não tinha direito nem de pensar, quanto mais de agir ou reagir.

Explorar, humilhar os seus empregados, expulsá-los sem dar a eles os seus direitos, mandar bater, castigar e até matar, dando sumiço ao corpo, isso fazia Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra parte do dia a dia das fazendas. Toda essa violência era considerada pelos proprietários como um procedimento normal.

Não era coisa séria. Na maioria das vezes, o problema chegava ao administrador, e ele mesmo decidia. Tudo podia ser feito com o trabalhador do campo: eles sabiam que contavam com a impunidade para os seus atos. Aliás, nem consideravam crime: era a maneira correta de administrar uma propriedade "não se pode deixar a corda bamba".

Os proprietários tinham suas próprias leis, que norteavam a conduta dos seus empregados. Essas leis, para eles, estavam acima das leis do país. Aí do empregado que desobedecesse. Seria castigado e até expulso da terra sem qualquer escapatória, conforme a decisão do administrador ou proprietário. Por exemplo:

Os empregados tinham que votar no candidato indicado pelo patrão. Os empregados não podiam se filiar a associação ou sindicato.

Os empregados não podiam reclamar das condições de trabalho, salário, "vale do barracão", etc.

As faltas consideradas graves eram punidas seriamente, por exemplo, com o "cabocó": o trabalhador era colocado num tanque, dentro de um lugar escuro, com água até atingir a boca e ficava lá, por muito tempo. Acabava urinando e defecando. E o empregado continuava mergulhado até a boca, naquela água suja. O castigo só acabava quando o trabalhador estava se afogando. Muitas vezes, ele era esquecido e, quando davam pela coisa, o pobre homem já estava morto. Outros saíam vivos do castigo, entretanto morriam alguns dias depois. Outro castigo terrível era o da "língua do boi", o Gregório Bezerra \* explica bem a perversidade desse castigo. Vejamos: "Chegou ao conhecimento do proprietário, que um pobre homem, seu morador, estrangulado pela fome, porque estava parado há muito tempo, cortara uma cana sem a sua autorização. O cruel senhor do Engenho chamou o homem e perguntou-lhe por ordem de quem havia chupado a cana. A

criatura respondeu que estava com muita fome, por isso cortara a cana para chupar, mas pagaria assim que começasse a trabalhar. Desconhecia que tinha sido proibido chupar cana no engenho, porque, antes, era permitido."

O homem foi amarrado no mourão da Casa Grande, lubrificaram seu corpo com mel, e o capataz pôs o gado para lambê-la. Dentro de poucos minutos, o homem começou a gritar e a pedir por Deus, por todos os santos que o sádico fazendeiro o liberasse, que ele passaria o resto da vida trabalhando de graça, mas que lhe perdoasse e o livrasse de semelhante suplício.

Pouco tempo depois, o homem era uma pasta de carne. O sangue escorria, o gado lambia e ele ainda implorava o perdão do bandido latifundiário. Tudo isso para demonstrar sua autoridade perante os moradores, que, em pânico, eram obrigados a assistir àquela revoltante cena, para tomarem como exemplo. Mas ainda o castigo não estava no fim. Insatisfeito, o proprietário mandou afastar o gado e desamarrar sua vítima, que estava em carne viva. Ordenou novamente, que o lubrificassem com mel e o prendesse no tronco, para as formigas darem conta do resto. E deram. No dia seguinte, o homem amanheceu morto, transformado num grande formigueiro.

Não foi fácil para o camponês quebrar as correntes e libertar-se de toda dominação que lhe foi imposta há muitos anos, quase desde que o Brasil foi descoberto. No entanto, nem todos os camponeses aceitavam essas correntes, alguns poucos, pouquíssimos, não se curvavam ao cabresto. Reagiram e foram sempre perseguidos com extrema violência. Apesar de terem me contado algumas histórias sobre as lutas do passado, eu só posso falar mesmo do tempo que acompanhei a luta: sobre o que conheço, o que presenciei: a luta dos camponeses no interior da Paraíba, principalmente em Sapé, na época das Ligas Camponesas.

Como eu já contei, um pequeno grupo de camponeses, muito decidido e consciente, conseguiu acordar para os seus direitos outros camponeses. Após muitas e muitas reuniões, esses camponeses aprovaram a ideia da criação de uma Associação. Essa Associação foi fundada no terreiro da nossa casa. Infelizmente, foi rapidamente desmanchada, pela mão do latifúndio. O empenho desse pequeno grupo de camponeses corajosos e teimosos era muito grande. Haviam decidido acordar seus companheiros para a luta. Queriam acabar com a escravidão. Nada, nada mesmo amedrontou João Pedro e seus companheiros. A ideia da criação da

Associação continuou. Transformaram o fracasso da primeira tentativa, em experiência, para não serem cometidos os mesmos erros. Eles aprenderam que tinham que tomar a Associação uma entidade legal, como manda a lei. Esse teria que ser o primeiro passo. Só assim poderiam evitar a mão do latifúndio. Entretanto, as exigências para a legalização de uma associação não eram nada fáceis. Entende-la já era quase impossível e obedecê-las, pior ainda. Só com muita determinação e ajuda dos advogados é que foi possível preparar toda a documentação exigida.

## **FUNDAÇÃO DA LIGA**

O nome aprovado para a entidade foi o de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. A Associação seria mantida pelos filiados. Os sócios poderiam ser: contribuintes, honorários e beneméritos. Associação de Camponeses seria uma entidade civil, sem fins lucrativos, registrada em cartório obedecendo à legislação do país. O seu objetivo seria o de prestar assistência social aos arrendatários, assalariados e pequenos proprietários agrícolas do município de Sapé e redondezas. A Associação assumiria, também, o encargo de pagar o enterro dos associados, desde que a família não tivesse meios. Nem todos os objetivos foram colocados nos estatutos. Foi tomada essa decisão, para evitar muitos problemas com os latifundiários.

Quando os advogados Dr. Santa Cruz e o Dr. José Gomes consideraram o estatuto pronto, foi convocada uma reunião. Depois de aprovado, o estatuto foi levado para o cartório, para ser reconhecido e registrado. Só com o registro em nossas mãos, é que foi marcada a data do ato comemorativo da fundação. Tudo, tudo nos conformes da lei!

Ainda me lembro do nome dos companheiros que fizeram parte da primeira Diretoria da Associação. Ficou decidido que assumiria a presidência um companheiro menos conhecido, para não preocupar os latifundiários - presidente - Severino Alves Barbosa (um pequeno proprietário, com seus 50 hectares de terra), vice-presidente - João Pedro Teixeira 1<sup>o</sup> Secretário - Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro); 2<sup>o</sup> secretário - Severino José da Silva, Tesoureiro - Walter Acioly, Orador - João Alfredo Dias (Nego Fuba).

A Associação era dirigida pela Diretoria, Conselho Fiscal e Assembléia Geral.

Todas as decisões eram tomadas em Assembleias Gerais colocadas em votação.

Só às decisões de rotinas escapavam.

Quando a Associação foi fundada, já contava com 1.500 associados. A comemoração da fundação foi realizada em fevereiro de 1958, numa reunião em Sapé, no Grupo Escolar Estadual Gentil Lins. A criação da Associação, sem dúvida foi uma grande vitória dos camponeses.

Um pouco mais tarde, um ano e alguns meses, foi criado o cargo importantíssimo de delegado. Os delegados eram as pessoas de ligação entre os camponeses e a Associação, representavam também, a Diretoria nas áreas rurais. Cada fazenda ou engenho tinha como representante um delegado. Eles levavam para a Diretoria da Associação as informações do que estava acontecendo no campo e levavam para as bases, os informes da Associação, orientação, etc. Esses delegados eram eleitos por dois anos, mas, se os camponeses da área que ele representava resolvessem eleger outro representante e demiti-lo, podiam fazer, tantas vezes quantas achassem necessárias.

O Estatuto da Associação ficou tão bem feito que, no início, nem preocupou os proprietários, o que ajudou muito, porque deu tempo para a Associação crescer e fortalecer. Entre os objetivos que não foram citados no documento e que eram muito importantes estavam a assessoria jurídica e as reivindicações trabalhistas (Luta pelo décimo terceiro mês, pelo salário mínimo, receber o salário em dinheiro, pagar foro em dinheiro, estabilidade onde o trabalhador morava, pagamento das benfeitorias quando o trabalhador deixasse a terra, indenização por tempo de serviço, descanso semanal remunerado). O grande e decisivo objetivo era reforçar a **luta** pela Reforma Agrária.

Embora registrada com o nome de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, os jornais sempre que se referiam à Associação empregavam o nome de Liga Camponesa, por influência das Ligas de Pernambuco. O apelido Liga Camponesa foi pegando e, em pouco tempo, o verdadeiro nome foi sendo esquecido. Só nos assuntos oficiais e no registro, o verdadeiro nome permaneceu.

Com o dinheiro arrecadado com as mensalidades, (vinte cruzeiros) logo foi possível alugar uma casa em Sapé, para ser a sede da Liga. Aí, foi muito bem

organizada toda a sua papelada. Pedro Fazendeiro e Severino tomavam cuidado para que a secretaria estivesse sempre em ordem. O fichário dos associados era muito bem cuidado: cada ficha com o nome do associado, da esposa e dos filhos, o local de trabalho o endereço de residência e todas as observações que fossem necessárias. Com as informações escolhidas nessas fichas eram preparadas as carteirinhas da Liga. O Acioly, o tesoureiro, trazia a contabilidade sempre em ordem.

Após ter sido aprovado o nome de Julião, para advogado da Liga, João Pedro, Pedro Fazendeiro, Inácio e Severino foram escolhidos para ir ao Recife convidá-lo para assumir o cargo. Ele não se fez de importante e disse: "Aceito!" E ficou tudo combinado. Julião passou a orientar e defender na justiça os nossos associados. Tivemos a assistência jurídica de outros dedicados e competentes advogados: O Dr. José Gomes da Silva, o Desembargador João Santa Cruz, o Dr. Joaquim Ferreira e a Dra. Ofélia Amorim. A Dra. Ofélia era quase uma garota. Formou-se com 22 anos e, apesar da pouca idade, era muito competente e corajosa.

Quando a Liga precisava de algum dinheiro para mobilização ou para outra atividade importante e dele não dispunha, os associados, que podiam, colaboravam. Não era obrigatório, mas a maioria tinha prazer.

A primeira vitória da Liga contra os proprietários aconteceu na fazenda Maraú.

João Pedro, Pedro Fazendeiro, Nego Fuba e outras lideranças, acompanhados de um grupo grande de camponeses, foram à sede da fazenda conversar com o proprietário. Houve muita discussão, o fazendeiro não queria aceitar a proposta da Liga, entretanto ~ firmeza da direção e o grande número de camponeses conseguiram convencê-lo: os seus moradores não mais seriam obrigados a cumprir os "dias de condição" o que já era proibido por lei. Pouco tempo depois, Zé Marinho, o proprietário, aproveitando a ausência dos camponeses para um ato público, como represália, mandou cortar as cercas e soltou o gado para comer a lavoura. João Pedro soube do desmantelo imediatamente avisou aos companheiros, e um grande grupo de camponeses passou a noite recolhendo o gado e consertando as cercas.

Apesar do poder dos latifundiários, eles viviam com medo de perder seus

privilégios. Por isso, o controle nas suas terras era terrível. E, de repente, surge a Liga Camponesa, e os homens do campo entram para a Liga, começam a perder o medo e exigir os seus direitos. Autoritários e acostumados à submissão acreditaram que, aumentando a violência, fariam cessar a "subversão". Nem dava para contar o número de vezes que os proprietários apontaram a Associação como um órgão do Partido Comunista. O que era totalmente falso e desonesto. Quando João Pedro Teixeira, João Alfredo Dias, Pedro Inácio de Araújo, Walter Acioly, e outros companheiros discutiam a criação da Associação, nunca disseram que era do Partido Comunista, até pelo contrário, nas reuniões foi decidido que seria proibido falar em política partidária, pregar qualquer ideologia e religião. Os associados e dirigentes podiam ter seus vínculos tanto com a Igreja a quanto com os partidos, mas, dentro da Associação, não era admitido.

João Pedro empenhava-se tanto na luta e na hora de uma vitória, não deixava de ficar bem satisfeito, mas repetia sempre as mesmas palavras:

-Toda esta luta só será definitivamente vitoriosa, quando as massas do campo conquistarem a Reforma Agrária. A luta não é fácil e vai ficar muito mais difícil, porque o latifúndio não vai entregar os seus privilégios, sem investir contra nós, com todo o seu poder e violência. Vão tentar derrubar a nossa luta de qualquer jeito. A terra vai ficar vermelha de tanto sangue derramado, até a vitória final: a Reforma Agrária!

Reforma Agrária não é só terra pra plantar; é também semente, adubo, é financiamento para o agricultor sobreviver até a colheita. É preço justo para vender a safra. É escola para nossos filhos. É a casa pra morar e é assistência médica! Ainda escuto essas explicações e vejo o quanto João Pedro estava certo.

O tempo foi passando, o Brasil foi se transformando, mas o latifúndio ficava no mesmo, fechado nas suas terras, com o seu dinheiro e o seu poder. O latifundiário ignorava tudo que reconhecesse os direitos dos seus empregados, a legislação trabalhista, o Estatuto da Terra, etc. O que não lhe trazia vantagem não interessava. E o que poderia trazer prejuízo não entrava nas suas terras.

Quando foi reconhecido o direito à carteira de trabalho para o homem do campo, os proprietários ficaram com a moléstia. O Ministro do Trabalho foi muito criticado. Os donos das terras consideravam um atrevimento, os camponeses terem direito à carteira profissional:

- Pra que eles precisam disto? Não tem serventia. Este governo precisava pensar em coisa séria e não ficar gastando dinheiro com carteiras, só pra essa gente ficar atrevida. Isto ajuda a subversão. Na minha terra não! Não mesmo!"

O que vou contar é apenas um exemplo, entre muitos outros casos parecidos ocorridos em muitas outras regiões. Só para a gente ver como é a cabeça desses proprietários.

Um senhor de engenho, na região da várzea, insatisfeito com a exigência da tal carteira profissional, não teve dúvida, mandou seus capangas fazerem umas "visitinhas" aos seus moradores e recolherem todas as carteiras. O balaio veio repleto, e o proprietário colocou fogo em tudo. Não deixou de festejar o "grande feito" com cachaça e carne de bode. Foi assim mesmo! A partir de 1960, passei a ir aos sábados à sede da Liga, para ajudar aos companheiros, porque o movimento era muito grande. Neste dia, João Pedro e outras lideranças, não ficavam lá porque passavam o dia inteiro nas feiras, desde o amanhecer até às 5 ou 6 horas da tarde. Ficavam proseando com os camponeses:

Falavam sobre os direitos, sobre a importância de se associarem à Liga e lutarem por seus direitos, falavam sobre as vitórias, etc. foi desse jeito que conseguiram acordar e conscientizar muitos companheiros.

Passamos a contar com a ajuda de um forte aliado: muitos cantadores violeiros de cordéis começaram a divulgar a importância da Liga, suas vitórias, o apoio que dava ao trabalhador.

Quando O homem do campo percebeu que dispunham de uma Associação que o orientava e lutava com ele pelos seus direitos, que, unidos, impunham respeito - podiam até enfrentar os proprietários e que os direitos exigidos, já eram leis, houve muito entusiasmo pela luta. A informação de que o "cambão" e o "barracão", por eles tão odiados, estavam proibidos no Brasil foi o empurrão que faltava para afastar o medo. O "cambão" significava o dia de trabalho sem remuneração, que o arrendatário era obrigado a prestar para os proprietários da terra. Raramente era só um dia por semana. Às vezes, exigiam dois dias, três dias e até cinco dias. Esses dias variavam de local para local e de fazendeiro para fazendeiro. O "barracão" significava que o trabalhador, ao invés de receber o salário em dinheiro, recebia em vale, para comprar no barracão da fazenda. O Barracão vendia caro,

roubava no peso e a qualidade era péssima.

As vitórias conseguidas trouxeram mais confiança e a decisão não tardou: o "cambão " e o "barracão" teriam que ser eliminados de todas as propriedades da região. A luta foi acontecendo de fazenda em fazenda, conforme a organização dos camponeses. Agimos sempre da mesma forma à medida que o grupo de camponeses dirigia-se à propriedade, outros camponeses iam engrossando o grupo e no lugar combinado juntavam-se aos que viviam na propriedade. Juntos iam para a sede da fazenda. Aí, aquele mundo de camponeses gritava:

- Não aceitamos mais dar os dias de condição (trabalho), vamos pagar o foro com dinheiro! Não aceitamos mais ser pagos com "vale do barracão", queremos nosso salário em dinheiro!

Depois, um grupo era escolhido para representar os companheiros e ir conversar com o proprietário. Conversavam de igual para igual. É sempre importante lembrar que a nossa força estava ligada ao número de camponeses mobilizados. Na caminhada, o grupo ia crescendo. O número de camponeses que participavam da "visita era sempre muito superior ao que havíamos solicitado. Em nossa caminhada, cantávamos os hinos da nossa luta. Quando íamos para algum ato público, também gostávamos de ir cantando. Muitos hinos foram compostos, para animar a nossa luta. Eu só me lembro de um pouquinho de um deles. *A Reforma Agrária será nossa salvação A semente já tão fecunda ...*

Os proprietários acostumados com a servidão levavam o maior susto e ficavam com a moléstia. Só nos recebiam e não nos expulsavam por causa do grande número de participantes. Protegidos pela lei do país, apoiados pela Liga e com a força da união, nas mãos as ferramentas de trabalho, conversávamos com os proprietários, exigindo que os direitos dos camponeses fossem acatados. Eles ficavam acuados. Sem condição de se manifestarem, contrários ao nosso pedido. O que exigíamos era muito pouco, o mínimo que um trabalhador merece: quem trabalha tem direito a receber salário em dinheiro e pagar o "foro" da terra em dinheiro, sem ser obrigado a trabalhar nas terras dos proprietários de graça.

As dificuldades eram grandes, mas estávamos acumulando vitórias. O que

era muito importante. De vitória em vitória, o poder do "sinhozinho", o todo poderoso estava caindo, mostrando o homem "frouxo" que ele era. Com que espanto os empregados viam os seus patrões trêmulos, diante do grupo de trabalhadores que os cercavam. É bem verdade que, assim que íamos embora, ele voltava a ser o "senhor" de sempre. Aos olhos dos seus empregados, nunca mais seria o mesmo. Não adiantavam as ameaças, os gritos ordenando aos capangas que fossem avisar aos policiais, aos militares e políticos mais chegados; o "atrevimento daqueles desordeiros, comunistas, subversivos". Tanta ousadia tinha que ser cortada pela cabeça!

A luta seguia também outros caminhos: na região da cana, na época da colheita, quando a cana precisava ser colhida rapidamente, porque estragava, os trabalhadores das usinas da Paraíba, copiando o exemplo de Pernambuco, entravam em greve, exigindo aumento salarial e contra o "pulo da vara", etc.

O "pulo da vara" acontecia sempre na hora em que os proprietários mandavam medir a tarefa. As usinas costumavam pagar os trabalhos prestados, por tarefa diária. Na hora em que o encarregado do proprietário media a tarefa, a vara era deslocada, dando um espaço bem maior do que o tamanho da vara. Daí o nome "pulo da vara". Isso reduzia a área trabalhada em até 30%.

A tarefa era de 750 quilos de canas colhidas. Após o golpe militar essa tarefa aumentou para 1.500 quilos de canas colhidas. A greve na Paraíba foi se alastrando. Faziam greve numa fazenda, dava certo, servia de exemplo para outra fazenda e, assim, essa prática foi se estendendo por todo o Estado. A greve passou a ser feita também em outras propriedades, onde não havia cana.

Existia a maior solidariedade entre as Ligas Camponesas, não só entre as que ficavam aqui na Paraíba como as que ficavam em outros Estados. Por exemplo: as Ligas Camponesas da Paraíba eram muito próximas das Ligas Camponesas de Pernambuco: uma era como irmã da outra. Sempre que foi preciso, uma ajudou a outra. Eu me lembro de que, numa ocasião, João Pedra e outras lideranças fretaram um vagão inteirinho do trem, para levar nem sei quantos camponeses da Paraíba, para prestarem a sua solidariedade aos companheiros de Pernambuco. Do mesmo jeito, vinham carreadas e carreadas de companheiros das Ligas de Pernambuco prestar a sua solidariedade aos companheiros da Paraíba. A união

não era só entre as Ligas, havia muita solidariedade 'com os sindicatos de trabalhadores - o Sindicato dos Ferroviários, por exemplo.

Quanto mais nossa luta se fortalecia, a repressão crescia. Quem se filiava à Liga era perseguido, execrado podia ser expulso das terras, levar uma sova, ser castigado. Quase sempre, levava uma sova danada e, depois ainda deparava com a casa destruída e os seus "trens" jogados do lado de fora da propriedade.

Houve muito espancamento. Os proprietários mandavam tomar a carteirinha da Liga e entregar aos policiais. É lógico que nem o camponês e nem a Liga ficavam de braços cruzados: denunciávamos a arbitrariedade para a imprensa, outras entidades e para as autoridades competentes. Entravamos com a questão na justiça. Entretanto, quando a violência do proprietário precisava de uma atitude mais forte, juntávamos um número de camponeses suficientes para impor respeito e íamos conversar com ele.

Só usávamos a violência quando não tinha jeito mesmo. Quase nunca passava uma semana, sem pelo menos, acontecer uma violência por parte do latifundiário. Por exemplo: em 1961, o companheiro Antônio Vitô estava trabalhando roçado quando chegou um grupo de capangas chefiados pelo "Capa de Aço", um pistoleiro tido como valentão e muito temido pela sua pontaria. Atiraram no companheiro, mas outros camponeses ouviram os tiros e correram em sua defesa. Reagiram, o "Capa de Aço" foi morto.

Assim, foi sendo plantada a verdadeira união dos trabalhadores do campo, numa prática de dia após dia. Quando estávamos juntos, percebíamos que a força da nossa união era capaz de fazer milagres: o medo era esquecido, os proprietários perdiam a autoridade e, assim as nossas reivindicações iam sendo atendidas. Nas assembleias, discutíamos e preparávamos as atividades para o próximo mês. Os delegados da Liga traziam as informações da base.

O Clóvis não quis pagar nada. Estava acostumado a botar o empregado para fora da sua propriedade e pronto, não queria mais ouvir falar no caso. Os irmãos e a mãe não arredaram o pé. Aí começou a violência. Eles resistiram e resistiram ... Até que um dia, chegaram cinco capangas. Os capangas foram direto para dentro da casa. Nezinho que estava no quintal, arrancando umas macaxeiras viu e não teve dúvida entrou pela outra porta pegou o revólver e foi disparando.

Houve troca de tiros e muita confusão. Até a dona Maria, mãe de Nezinho reagiu, deu uma dentada na orelha de um dos capangas, com tanta força que arrancou um pedaço. O companheiro Nezinho matou dois capangas, mas foi ferido. Aí, a Liga convocou um ato público para denunciar a violência do Clóvis Marinho e arrecadar dinheiro para a operação do companheiro Nezinho. Ele perdeu sessenta centímetros do intestino e um rim, felizmente conseguiu recuperar-se.

Foi neste ato público que avistei, pela primeira vez Francisco Julião. Nunca vou me esquecer, gostei logo do jeito de Julião. Já admirava a firmeza com que ele ensinava, defendia e apoiava os camponeses. João Pedro me contava e eu, também lia muita coisa escrita por ele. Em outras ocasiões pude ver a capacidade que ele tinha de conversar com os trabalhadores. Com poucas palavras e muita clareza ele ia despertando e animando os camponeses para a luta.

Lembro-me da maneira simples como Julião demonstrava a importância da união: usava como exemplo os dedos e a mão. Primeiro ele ia unindo, um dedo com o outro dedo e quando os dedos estavam bem juntos, ele fechava a mão e estendia o braço, chamava um dos companheiros para abrir a sua mão. Muitos tentavam, mas era difícil, precisava de força. Depois ele abria a mão e separava bem os dedos e, chamava outro companheiro para vir dobrar o seu dedo, o que era muito fácil, nem precisava de força. Aí, ele fazia a comparação entre os dedos separados e a desunião do povo e a união do povo que é a mão fechada. Uma conversa com Julião representava sempre mais força para a nossa luta.

A luta tomava-se cada vez mais forte, e a violência acompanhava! Quando Jânio Quadros renunciou, apesar de não termos nada com isso, a nossa casa foi cercada por soldados. Quase puseram a porta abaixo e foram entrando, empunhando metralhadoras. Reviraram tudo, mexeram em tudo e levaram João Pedro, deixando tudo destruído e meus filhos amedrontados. Que ligação poderia haver entre a renúncia de um Presidente da República com a luta de João Pedro?! Tudo era motivo e tudo justificava a perseguição tenaz contra o meu companheiro e todas as outras lideranças.

Em 1961, não consigo me lembrar nem do mês e nem do dia, João Pedro e mais alguns companheiros da fazenda Maraú foram a Pilar conversar com o proprietário dessa terra, que era também prefeito da cidade. Muito chegado ao

Aguinaldo Veloso Borges. O prefeito não quis receber João Pedro e os companheiros e, em voz alta, passou a ofendê-los:

- Não! Não quero nenhum entendimento e nem quero ouvir o nome dessa merda!

Continuou com os insultos. João Pedro não era homem de ouvir desaforo, num salto abriu a porta do gabinete e levou a mão à cara do Prefeito, num gesto de raiva. Foi imediatamente "engadelhado" pelos seguranças, aí vieram os policiais, e João Pedro foi levado preso, para a cadeia de Pilar. Mas nem cadeia e nem ninguém conseguiu tirar, por algum tempo, a marca dos cinco dedos de João Pedro do rosto do Prefeito. Por incrível que pareça, essas atitudes corajosas eram muito importantes para a luta, porque iam quebrando o mito do "sinhozinho, o todo poderoso". O Dr. Santa Cruz foi avisado dos acontecimentos tomou imediatamente todas as providências e, rapidamente, João Pedro Teixeira foi liberado.

João Pedro admirava o Dr. Santa Cruz e o Dr. José Gomes gostava muito deles. Um dia, os capangas tentaram fazer João Pedro abrir, altas horas da noite, a porta de nossa casa dizendo que tinham um recado urgente do Dr. Santa Cruz. João Pedro não era ingênuo, estava acostumado a luta e mandou-nos deitar no chão e começou a gritar, dizendo muitos desaforos para os bandidos.

Apesar de as provocações serem constantes, eu não conseguia me acostumar, principalmente porque as crianças ficavam em pânico. Víamos o pavor no rosto de cada um deles. Os menores, depois do susto, danavam a chorar, e os maiores tentavam, a todo custo, segurar o medo. Não tomar conhecimento de toda violência que se repetia, dia após dia, era impossível. Termos uma noite sossegados era quase um milagre. Nossos filhos estavam ficando umas crianças muito assustadas e nervosas.

Num dos dias em que João Pedro estava preso, o que estava sempre acontecendo, uma comissão de usineiros foi conversar com ele, oferecendo-lhe muito dinheiro e tudo o que ele quisesse, para abandonar essa luta e sair de Sapé. Ir embora para longe. Ele me contou a resposta que deu:

- Renuncio a todas essas ofertas. O meu lugar é no campo, lutando, para unir os camponeses, porque não é só a família de João Pedro Teixeira que está com fome, descalça e analfabeta. São milhões de camponeses em todo o nosso país.

Somos os explorados e os injustiçados do campo, porque não soubemos lutar pelos nossos direitos. A luta vai continuar a crescer!

Quando viram que não conseguiram comprar João Pedro, apelaram para as ameaças, o que também não deu nenhum resultado. Foi aí que o latifúndio decidiu eliminar João Pedro Teixeira, de um jeito que ele não pudesse escapar. A repressão foi terrível e não foi só dessa vez que deixaram as costas de João Pedro roxas. A polícia de Sapé já havia feito o mesmo, muitas vezes. Chegou tão machucado, que não conseguia dormir, precisei colocar salmoura. Eram tantos os vergões e tão grandes que preferi molhar uma toalha e colocá-la. Entretanto, ele nunca se arrependeu da luta. Ainda escuto a sua voz mansa, dizendo-me:

- Ah, companheira, a luta é pesada e muito dura! Temos que conseguir a união dos camponeses. Eles têm que se organizar para acabar com a miséria, com a fome, com a grande exploração que existe no campo.

Nem as dificuldades para despertar os camponeses, nem as ameaças, nem as prisões, nem a tortura. Nada, nada disso tirava a sua vontade de dar continuidade à luta. Ele era teimoso: obstinado! Com o apoio da Liga de Sapé foram sendo fundadas novas Ligas: as de Sta. Rita, Mamanguape, Rio Tinto, Alhandra, fazenda Miriri, Cuitegi, Araçagi, Guarabira, Alagoa Grande, Campina Grande, Pedras de Fogo, Mulungu, Várzea Nova, Bananeira, Oitizeiro e outras. Cada município fundava a sua, independente da do outro município, com seu próprio estatuto. Entretanto, havia uma ligação muito forte entre as Ligas, porque os problemas eram iguais. Como o número de Ligas era grande e tendia a crescer, foi decidida, em reunião conjunta, a criação da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba. A Federação trouxe mais unidade e peso para o movimento.

A criação da Liga nas cidades de Pilar e Itabaiana não foi nada fácil. -Fracassaram várias tentativas, porque ali se encontravam as propriedades do mais peçonhento e violento grupo de proprietário de terra. Eram comandados pelo Aguinaldo Ve1oso Borges. Nessas cidades não havia nem sequer um partido de oposição, para apoiar a Associação. Foi ai que João Pedro e outros companheiros decidiram deslocar o Pedro Fazendeiro, muito combativo, corajoso e experiente na luta, para ir para Itabaiana e ficar dando uma força para os companheiros. Só assim, depois de muita violência, foi fundada a Liga Camponesa do Itabaiana

integrando aquelas duas cidades (Pilar e Itabaiana). E a Liga foi criada bem nas barbas do Veloso Borges. Foi mais uma vitória da união e da coragem dos camponeses.

No dia da posse a repressão foi buscar João Pedro às seis horas da tarde ele apanhou por todo o corpo havia vergões e manchas roxas, principalmente nas costas. Enquanto via os policiais levando João Pedro, eu sentia muita revolta, muito ódio e uma raiva muito grande. Uma vontade enorme de avançar contra aqueles bandidos, com o que tivesse na mão e bater ... Bater ... Até caírem no chão.

Enxergar toda essa injustiça e não poder agir fazia a minha cabeça ferver e ficava pensando como reagir. Eles vinham em grupo, muito bem armados e sempre na espreita. João Pedro não era bandido, era um "pai de família" trabalhador, honesto, preocupado com os companheiros. Tudo era motivo para prendê-lo Desesperada e revoltada diante de tanta violência e sem poder fazer nada, me ajoelhei com os meus filhos. Começamos a rezar enquanto víamos ir desaparecendo, arrastado pelos soldados. Depois o soltaram e novamente vieram prendê-lo, Ele chegou todo estropiado. Contou-me que, ao chegarem perto do rio, ele avistou do outro lado uma quantidade de folhas de coqueiro desfolhadas, transformadas em chicotes (trançadas) e pareciam tapar uma cova. Ele percebeu a armadilha e pensou: "foi tudo armado para o açoite e, depois, por certo vão me matar."

Aproveitando um momento em que os policiais estavam distraídos, enrolando as calças para não se molharem, escapou mergulhando nas águas barrentas do rio Gurinhém. No outro dia, João Pedro voltou à noite, todo machucado. Sua preocupação maior não era pela dor que estava sentindo, mas sim pelo prosseguimento da luta. Com o rosto trancado, João Pedro, olhando bem para mim, disse:

-Ah! Elizabeth, essa repressão violenta não vai ter fim. Só vai acabar quando conseguirmos quebrar a espinha do latifúndio. A luta vai ser muito difícil, mas vamos chegar lá. A Reforma Agrária virá, leve o tempo que levar e custe o que custar!

Aí, ele me perguntou muitas vezes:

- Se alguma coisa me acontecer, você promete que assume a luta no meu

lugar? Assim, fico sossegado, sinto que minha cabeça está a preço! Você continua a luta se eu tombar? Continua? Continua? Continua? Promete? Promete mesmo?! Como em outras vezes, eu não respondi nada. Eu também estava muito preocupada. Agora tínhamos onze filhos: Haviam nascido em Sapé, Maria José, o Carlos, o Lenine (depois do golpe, a minha família trocou o nome dele para José Eudes), o João Pedro Teixeira Filho, a Marta e a Marines.

## **LATIFUNDIÁRIO**

O cerco ia se fechando em torno de João Pedro, ficávamos muito apertados e preocupados. Pedi, cansei de pedir para sairmos da Paraíba, poderíamos ir para São Paulo ou para o sul, só por uns tempos. Um amigo, quando veio visitar os parentes, preocupou-se muito com a situação de João Pedro e disse:

- João Pedro, as coisas aqui estão fervendo, vem comigo para o Paraná. Lá você tem emprego garantido. João Pedro balançou a cabeça e disse para o amigo:

- Concordo, o campo está fervendo! É por isso mesmo que eu tenho que ficar aqui. Enfrentar tudo isso e caminhar com meus companheiros. A luta é difícil! A gente tem que enfrentar e eu estou decidido! Estou certo de que essa luta vai valer o sacrifício que estamos fazendo!

O amigo pediu que ele reconsiderasse a resposta, que pensasse nas crianças e na esposa e, depois, resolvesse. O convite ficou em aberto, valendo pra qualquer ocasião que ele precisasse sair - em qualquer ocasião teria um emprego garantido, lá no Paraná. Disse para João Pedro que a nossa saída de Sapé seria a decisão acertada. Deixaríamos esfriar a situação. O que seria bom para nós e para as crianças, porque poderíamos ter um pouco de sossego. Depois, voltaríamos para Sapé, para darmos prosseguimento à luta. João Pedro, riscando a terra com uma varinha, começou a falar:

- Elizabeth, eu escuto o barulho do latifúndio. Desta vez eu não vou embora.

Não vou fugir não! A nossa luta vai continuar até o fim! Você promete que se alguma coisa acontecer, você assume a luta no meu lugar? Promete?

Com um engasgo na garganta, mas tentando sorrir, respondi: - Isso não vai acontecer!

Esse assunto não foi esquecido, de vez em quando ele voltava a falar, deixando-me apertada. Parecia ser o destino iria acontecer, eu só não sabia

quando. Tentava esquecer, mas era difícil.

A preocupação de João Pedro com as crianças era grande, entretanto era maior ainda com a luta. Altas horas da noite, quando todos os nossos filhos dormiam, via João Pedro, com o cigarro na boca e as lágrimas descendo de seus olhos, ir parando na rede de cada filho olhando ... Olhando, com muita doçura. E, depois, voltava para o nosso quarto e, às vezes, falava sobre a sua morte:

- Eu tenho a certeza de que a tragédia vai acontecer, só ignoro o dia. Eu sei que vou ser assassinado e vai ser à traição, porque, de frente, eles sabem que eu não vou morrer sozinho. Promete mesmo que assume a luta em meu lugar?!

Era um sofrimento que me sufocava. Sentia o coração disparar, o peito doer, o estômago pegava fogo. Sempre que eu pensava em viver sem João Pedro, eu ficava desesperada e pedia para morrer com ele. O pior é que a possibilidade de essa tragédia acontecer, não saía do meu pensamento, por mais que tentasse.

A repressão aumentava, as ameaças também, e João Pedro tinha certeza do que iria acontecer!

Pouco tempo antes do atentado, ele chegou pedindo que trouxesse todos os nossos filhos, desde o mais novo até a mais velha. Trocou de roupa e levou umas cadeiras para fora da casa, dizendo:

- Chegue, vamos tirar umas fotografias com toda a família reunida. Quero deixar essa fotografia para você e os nossos filhos, como uma lembrança minha. Eu sei que, um dia desses, o latifúndio vai mandar me matar. É uma lembrança que quero deixar para vocês.

Até essa foto foi para a fogueira, com tudo o que era nosso, no golpe em 1964, quando invadiram a nossa casa e puseram fogo em tudo. Por milagre, meus filhos escaparam. Fiquei emocionada e agradecida quando recebi de um jornalista uma cópia dessa foto. No momento em que foi tirada, uma agonia me apertou o coração. Rezei para que João Pedro fosse protegido de toda a perversidade do latifúndio. Senti uma coisa muito esquisita. Não sei se foi um aviso.

Havia dois caminhos, fugir ou dar prosseguimento à luta até a morte. Eu conhecia a escolha de João Pedro. Aquele dia foi como uma despedida. Foi a ferida que começou a abrir, para nunca mais fechar.

Nessa época, eu já entendia bem a luta e colaborava no que era possível. Os meninos mais velhos me ajudavam a cuidar dos menores e, também, dos afazeres

da casa. E todo o tempo livre de que eu dispunha, quando não estava ajudando na Liga, era destinado a ler. Eu queria aprender tudo o que fosse possível sobre a nossa luta. Passei a ler todos os informativos que recebíamos: Terra Livre, Voz Operária e outros. Lia, também, livros e revistas que João Pedra trazia.

Quando João Pedro foi obrigado a ir para o Rio de Janeiro, a polícia e os capangas rondavam a minha casa, fazendo questão de serem vistos por mim e pelas crianças, mas paravam aí. Entretanto, depois que os latifundiários ficaram certos de que João Pedro não tinha preço, não desistiria da luta, não foi só a violência que cresceu. Os capangas não davam sossego, chegavam ao terreiro da nossa casa, gritando, xingando, dando tiros e fazendo ameaças. Batiam com força nas portas da casa, tanto na frente como na dos fundos, era um horror!

Mandávamos as crianças para debaixo das camas, e João Pedro, com a foice, ficava por detrás da porta e eu junto dele.

Ele insistia para que eu fosse para debaixo da cama, mas eu dizia: Você não vai morrer sozinho!

Ficávamos ali por muito tempo, até termos certeza da saída dos capangas. Isso se repetia quase todas as noites. Eles só faziam ameaças, mas nunca tiveram coragem de botar a nossa porta abaixo. Isso rolou anos, já no final, nem me assustava. Os latifundiários com o poder que detinham, usavam os jornais e as rádios para denunciar a "subversão", o "comunismo", cobrando do governo mais repressão. A violência e a subversão eram armas deles, não dos camponeses, e nem da Liga. Estavam preocupados porque o movimento camponês já não temia o latifúndio e avançava e avançava... Além disso, com insistência, cobrava do Presidente da República as reformas prometidas, principalmente a Reforma Agrária.

Para o governo, estava muito difícil controlar as duas partes e atender às exigências opostas. Ele não queria enfrentar o poder dos donos de terra e fraquejava. Parecia que ele precisava muito do nosso apoio, para poder governar e não queria perder o apoio do outro lado. Com os pés em duas canoas acabou perdendo o equilíbrio e deu no que deu, afundou.

No final de 1961, em Belo Horizonte, foi realizado o Congresso de Trabalhadores Rurais. Não posso esquecer o aperreio que foi à noite, véspera do dia em que João Pedro e os companheiros iriam para o Congresso. Os capangas rondaram nossa casa a noite inteira, fizeram muito barulho. Chamavam nossos

nomes e no xingavam. Ameaçavam a toda a família. Nem as crianças escaparam. Apesar de já estar acostumada a essas provocações, eu ficava preocupada, porque não sabia até onde iria essa violência. Pensava: para invadir a nossa casa e dar alguns tiros, espancar, matar, não é nada difícil. Aquela noite foi a mais barulhenta. Os capangas só pararam quando o dia começou a clarear.

João Pedro partiu para o Congresso, bem cedo. Saiu preocupado, recomendou que eu não deixasse de ir conversar com os companheiros, para que nos dessem segurança. Ficou acertado que o companheiro Manoel Lemos, mais conhecido por "Pezão", ficaria em nossa casa. Ele era alto, muito forte, corajoso. Quando os capangas chegaram e começaram as gritarias, o "Pezão" pegou o seu revólver, abriu a janela um pouquinho e começou a atirar e a revidar os insultos. Os capangas escafederam-se e não voltaram mais. O companheiro Manoel Lemos era membro do Partido Comunista, era muito dedicado à luta. Quando a Liga ficou mais forte, ele foi enviado para São Paulo e só retomou a Sapé, quando João Pedro foi assassinado.

João Pedro e os demais companheiros chegaram do Congresso muito animados. Foram direto para a Liga e, imediatamente, marcaram uma reunião, para transmitir as informações que trouxeram. Ao chegar à casa, João Pedro me contou sobre o Congresso: compareceram mais de 1.500 delegados de toda parte do Brasil. Demonstrando muito alegria, continuou:

- Não é brincadeira conseguir colocar, num Congresso, tantos delegados.

Foi uma demonstração da nossa força, que ninguém pode ignorar. Além disso, o Congresso foi aberto pelo Presidente da República, com a presença de governadores, ministros, senadores, deputados, representantes da Igreja, intelectuais, etc. E aprovaram um documento bem importante para nossa luta. Nessa reunião, foi reconhecido, pelos participantes, que o latifúndio possui quase a totalidade das terras para agricultura. O que sobra é muito pouco, para repartir para muita gente.

Os latifundiários foram considerados uma força muita atrasada. Ficou decidido que "a terra deve pertencer a quem nela trabalha". Chegar a essa decisão, contando com a aprovação das autoridades que estavam lá, foi uma grande vitória.

Durante o Congresso, foram apresentadas duas propostas para a luta: a proposta do Partido Comunista (PC) era mais vagarosa: era preciso mais tempo

para poder organizar e trazer mais camponeses para a luta. O congresso deixou para trás essas propostas. Ganhou a proposta de Julião, "Reforma Agrária Radical, na lei ou na marra!" Sorrindo, João Pedro me disse:

- Concordo com Julião. Ele tem razão. Já esperamos demais, se não for na lei, vamos conquistar a Reforma Agrária na marra! Temos que estar preparados para a repressão dos coronéis. Eles vão ficar aperreados e vão soltar os cachorros!

Fiquei um pouco assustada com essa explosão, porque João Pedro sempre foi muito calmo e cuidadoso. Entretanto, depois que li o documento, gostei. Era isso mesmo, o caminho não podia ser outro!

Mas, como já era esperado não tardou chegar a resposta dos proprietários.

Chegou pela boca dos capangas:

- Os patrões estão bravos. Estão revoltados com toda esta subversão e não vão deixar as coisas correrem soltas. Eles vão agir- é só esperar.

João Pedro respondeu:

- Pudera, as coisas, até hoje, correram soltas, todas as ordens desses patrões eram obedecidas, sem qualquer atranco. Nada perturbava a "paz nessas terras", nem mesmo as leis do país conseguiram lá chegar. O capanga retrucou:

-Toda essa safadeza e desrespeito são provocados pelos agitadores comunistas. Esses safados que não respeitam nada, nem mesmo a religião. O perigo vermelho é como cobra venenosa e tem que ter sua cabeça cortada! Nem é bom imaginar o que vai acontecer. Os sinhozinhos já começaram a tomar suas providências. Os agitadores vão ter que se haver com eles!

Parecia uma conversa entre amigos. Mas o capanga estava "pagando sapo", eram ameaças ... Realmente, os proprietários tomaram-se ainda mais violentos. Muitos arrumadinhos foram feitos para preservar seus interesses do jeito que queriam. E que arrumadinhos! Assustados, os latifundiários decidiram que precisavam derrubar as Ligas de qualquer jeito.

Infelizmente, o grande poder dos senhores da terra não havia sido abalado, suas raízes intocadas, nem sequer bambearam. Portanto, a reação não tardou. Agora, pensando com a cabeça fria, eu acho que o fogo nos canaviais e em tudo teria sido a decisão correta...

Meu pai, quando viu que não deixaríamos o sítio, resolveu vendê-lo ou fingir

que vendeu para o vereador Antônio Tavares, também conhecido como Antônio Vitor, filiado à UDN (União Democrática Nacional), portanto com grande força política, para conseguir o nosso despejo. Papai não queria ficar mal com os fazendeiros e, ao mesmo tempo, achou que era uma ótima oportunidade para se livrar de João Pedro.

O novo proprietário começou a soltar o gado dentro do nosso roçado. Uma provocação para deixar João Pedro com raiva e ser agredido por ele. Assim, haveria justificativa para matá-lo ou mandar matá-lo, como era costume. João Pedro, com muita calma, ia com os meninos prender o gado, que estava estragando o roçado. Antônio Vitor percebeu que as provocações não iriam adiante e acabou buscando outro meio de agir, entrou na Justiça. Atitude rara naquela época.

Assim que recebemos a notificação de despejo, João Pedro foi conversar com o Dr. Zé Gomes, para contestar a ação. Como morador há dez anos naquelas terras, pagando foro e tendo muitas benfeitorias, para deixar a terra teria que ser indenizado. Foi em cima dessa questão que foi armada a emboscada para tirar a vida de João Pedro.

Às vezes, eu fico recordando aqueles momentos e penso como deve ter sido difícil para João Pedro aguentar aquela situação, ser tão ameaçado pelos capangas, saber que iria morrer e não reclamar e nem fugir. Ficava sempre pensando na luta, nas crianças e em mim. Apesar de tudo, ele conseguia ser alegre, brincar com os filhos, ser carinhoso comigo e dar continuidade à luta, como se nada estivesse acontecendo.

Mas a violência não atingia só João Pedro e a sua família. Muitos companheiros enfrentavam a mesma situação. Um deles, o companheiro Alfredo Nascimento, organizador da Liga Camponesa da Fazenda Miriri, foi assassinado covardemente, pelo pistoleiro Manoel Pereira da Silva, por empreitada do proprietário. A viúva, desesperada, chorava e, aos gritos, repetia sem cessar o que havia acontecido:

- Alfredo saiu de casa com saúde e alegre, para o trabalho e na hora do almoço, quando meu filho foi levar a bóia ele já estava morto. A terra ficou vermelha do seu sangue derramado, caiu quase dentro da cova que abriu para plantar maniva. Como pode acontecer uma coisa dessa! Meu Deus, me ajude! Alfredo! Alfredo! Cabras safados! Com a moléstia não se mata um chefe de família. Não era bandido, só queria plantar...

O conflito ocorreu quando os foreiros e moradores se negaram a dar um dia de cambão por semana, como era exigido. Conscientizados pela Liga sobre o preço alto que estavam pagando, por meio hectare de terra, decidiram não aceitar mais o cambão. Exigiram o pagamento do foro em dinheiro. Entretanto, o usineiro, revoltado com "tamanha ousadia", resolveu expulsar de suas terras, todos os camponeses associados à Liga e se livrar do líder, "um agitador comunista".

Contratou o pistoleiro Manoel para o serviço. Houve reação dos moradores: dois capangas foram mortos a foçadas e machadadas, o vigia desapareceu, o administrador foi ferido e, infelizmente, mais um camponês foi assassinado. Um dos companheiros fugiu e foi se esconder na casa de "Maria Cuba", Maria de Aquino, uma jovem simpatizante da nossa luta. Ela prestava um excelente trabalho aos companheiros de Guarabira. Maria sempre deu muito apoio a João Pedro. A violência dos proprietários era constante. E o pior é que continua até hoje, no ano 2002.

## **O ATENTADO**

No último domingo, na véspera do dia 2 de abril de 1962, Assendino, um camponês morador das terras de Aguinaldo Veloso Borges, chegou a nossa casa milito vexado. Veio para avisar sobre a trama medonha que estava sendo preparada Contra João Pedro, e que, por acaso, havia sido escutada por ele:

- Olhe, eu vim mesmo só pra te avisar, tome cuidado porque a tua cabeça não tem preço. O Dr. Aguinaldo Veloso Borges disse que quer a tua orelha cortada, assada para ser tomada com cachaça ...

O companheiro pediu que tomássemos muito cuidado, porque tudo estava sendo bem arrumado e bem combinado, para não falhar, como das outras vezes. Assendino, como chegou, partiu, sem demorar nada. Era um bom amigo. Preocupado, veio avisar. Eu não consegui conversar sobre o assunto com João Pedro. Assim que o seu Assendino saiu, ele se embrenhou pela lavoura. Lá ficou por muito tempo. Depois, recolheu as nossas duas vaquinhas e entrou. À noite, ele foi de rede em rede e de cama em cama, beijando, acariciando nossos filhos. Agasalhou-os porque estava um pouco frio. Ele fazia sempre isso, mas, naquela noite, havia alguma coisa diferente.

Passei o dia tentando não pensar no assunto. Buscava uma coisa alegre,

para esquecer a minha aflição. Poucas vezes vi meu companheiro tão triste, calado mesmo! O seu sono foi agitado. Eu, também, acordei muitas vezes.

No dia seguinte, mais cedo do que costumava, estava vestida. Não me sentia nada bem. João Pedra levantou-se e foi ordenhar as vacas, tomou um copo de leite e foi tomar banho no rio. Eu fui para a cozinha e, quando estava coando o café, João Pedra chegou todo arrumado e, antes mesmo de dizer bom dia, foi me dando explicação.

Não se preocupe, eu sou obrigado a ir, se não fosse o assunto da maior importância, eu não iria. Não se preocupe, não! Tenho um compromisso com Dr. José Gomes. Parece que o advogado do proprietário quer fazer um acordo, que não é ruim. É muito importante. Não posso deixar o Doutor esperando. Foi combinado. Eu não acredito em sonhos, mas, hoje, eu tive um sonho muito esquisito. Atravessava o rio e uns cabras botaram para me matar. Eu dei um chute em um deles e quando vi, a água não era água, era sangue. O rio havia virado um rio de sangue.

Pedi para João Pedra deixar a viagem para outro dia. Falei:

- Esse sonho que você teve pode ser um aviso. Quando a gente tem um sonho desses, anda ameaçado e ainda é segunda-feira, não carece viajar, é melhor ficar. Temos onze filhos para criar, e o que vai ser de nós sem você?

João Pedro não era de dizer não para mim. Entretanto, fazia o que achava certo. Com calma e delicadeza, ia me convencendo com os seus argumentos. E, assim, foi naquele dia: repetiu o que havia dito, olhando para mim bem nos olhos; com carinho e um jeito de menino levado que estava pedindo autorização para a mãe. Precisava ir pra resolver o conflito do nosso sítio. Era a questão da nossa posse, o proprietário estava tentando nos "botar para fora". O Dr. Zé Gomes mandou um recado, marcando essa reunião. Ele era homem de palavra e não podia, por causa de um sonho, deixar o Doutor esperando; fez-me um agrado e disse:

- Hoje eu não me esqueço de trazer os livros do Abraão, para o curso de admissão. Mal sabia ele, que esses livros seriam entregues, por outras mãos, todos manchados do seu sangue. Saiu sorrindo, virou-se e disse:

- Se a audiência for muito demorada, sou capaz de dormir por lá. Chego no dia seguinte. Não se preocupe!

Fiquei parada, acompanhando João Pedra até onde deu para enxergar. Eles sabiam que João Pedra ia para João Pessoa. Eles sabiam o horário do ônibus e sabiam o caminho que ele fazia para chegar a casa... Pensei: isso não é vida para viver. Todo este aperseio, nunca sei se João Pedro vai voltar.

Sentia-me tão inquieta, que me empenhei muito no trabalho e nem senti cansaça. Foi um dia longo. Qualquer barulhinho e eu corria com o coração aos pulos, para ver se era João Pedro. Ficou noite e João Pedro nada! Tentei me acalmar, lembrando-me do seu aviso:

- Se ficar tarde, eu durmo lá e volto pela manhã.

Isso havia sido decidido em reunião, muito tempo antes. Era mais seguro não andar pelas estradas quando anoitecia. A estrada ficava muito esquisita. Porque não passava ninguém. O melhor era ficar onde estava, dormir na casa de um companheiro e vir no dia seguinte, para evitar a escuridão do caminho, tão amigo dos ladrões, dos bandidos e dos capangas.

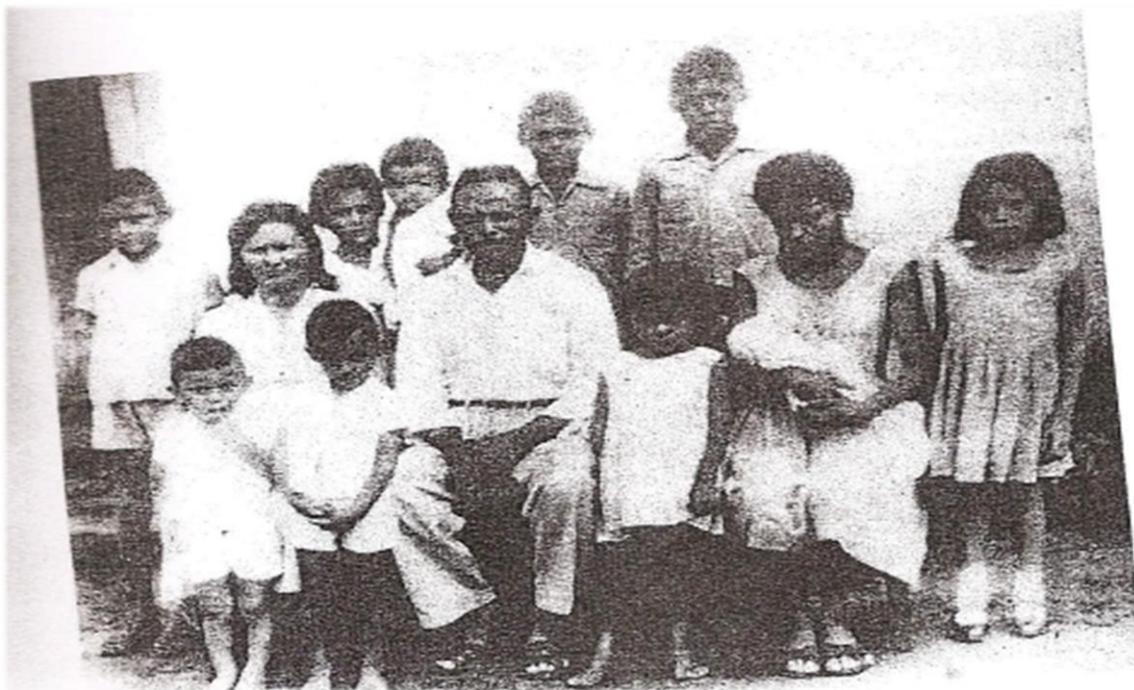
Vendo que João Pedro não chegava, como sempre fazia fechei todas as janelas e portas da casa. Ele me aconselhava que, em face de perseguições e ameaças, eu fechasse tudo quando começasse a escurecer e não abrisse para ninguém. A inquietação crescia e crescia. Eu tentava pensar em quantas vezes João Pedro foi para a cidade e só voltou no dia seguinte, quantas?! Botei os meninos para dormir. Ficou um silêncio esquisito. Resolvi ir para a cama. Deitei sem trocar de roupa. Não tinha sono. Não queria pensar. Pouco depois, um barulho - ouvi bater na porta e se fosse João Pedro?! Dei um salto e já estava lá:

João Pedro, é você? Só o silêncio! O aviso do companheiro Assendino, agora parecia mais ameaçador: "A cabeça de João Pedro não tem preço, tem que ser tirada, e as orelhas cortadas para serem comidas assadas". Depois, eu pensei no sonho de João Pedro, ou melhor, no pesadelo:

-Eu atravessava o rio e uns cabras botaram para me matar. Eu dei um chute em um deles e quando vi, a água não era água, era sangue. O rio havia virado um rio de sangue." Comecei a rezar e rezar ... fiz de tudo para esquecer e, quanto mais tentava, mais lembrava. Encolhida num cantinho da cama, fiquei rezando. Quando ia fechando os olhos, vi um clarão, como se fosse fogo. Fiquei assustada. Continuei rezando, com cuidado para não fechar os olhos. Quando enxerguei, pela fresta da janela, um pouquinho de claridade, foi um alívio.

Quase em seguida, ouvi bem longe um certo barulho. Não poderia ser João Pedro, tão cedo. Corri para a porta, encostei o meu ouvido e deu para escutar algumas vozes e elas foram chegando mais perto, rapidamente. Estava prestes a perder o fôlego. Não queria assustar o meu filho. Pensei com medo de pensar:

Meu Deus, o que será que aconteceu?! O Abraão estava do meu lado. Com cuidado, abrimos a parte de cima da porta e enxergamos um grupo de pessoas, que se dirigiam para nossa casa. Quando ficaram mais próximas, eu reconheci um vizinho nosso, que trabalhava no cemitério. Abri a outra parte da porta e quis correr ao encontro deles, mas não consegui. Quis falar, e a voz não saiu. Também não foi preciso porque, assim que o grupo nos viu, o seu Chico, o que trabalhava no cemitério, foi dando a notícia de supetão: - "João Pedro Teixeira foi assassinado com tiros de fuzil, na estrada lá perto do "Café do Vento", ontem, às 5h40min da tarde. Ele já se encontra em Sapé, no Hospital Sá de Andrade!"



*João Pedro Teixeira e Elizabeth Altina Teixeira com os 11 filhos da esquerda para direita: José Eudes, Carlos, Maria José, Marluce com Marinês no colo, Maria das Neves. Atrás: Paulo, Marta, com João Pedro Filho no colo, Isaac e Abraão.*

## CAPITULO IV

### A MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

- “Menino, seu pai está morto! Foi ontem, à tardinha, as 5h40 min na estrada pertinho de café do vento. Foi assassinado com o tiro de fuzil. O corpo foi levado para o necrotério do hospital “Sá Andrade.” Não sei se seu chico repetiu a notícia várias vezes ou fui eu que ouvi além, para acreditar.

Um grito de dor partiu do meu peito:

Meu Deus! Tanto ameaçaram e planejaram que acabaram conseguindo!

Não enxerguei nada. Não chorei. Senti muito ódio e raiva. Havíamos vivido os últimos tempos, como tormento dessa tragédia, dia após dia, quando iria acontecer? Rezava, fazia promessas e tentava me convencer do contrário. Mas, tanto eu como João Pedro tínhamos a certeza desse acontecimento. A besta fera tramou e tramou e acabou conseguindo assassinar o grande líder camponês. Agora, era preciso ser forte, pelos meus filhos, por João Pedro e pela luta.

Da cabeça aos pés, eu era revolta e ódio. Eu não iria deixar barato mais essa terrível violência dos latifundiários. João Pedro estaria comigo para sempre. Ainda estávamos juntos, para o desse e viesse. Foi difícil viver aquele momento: ir ao encontro do corpo de João Pedro. Não poderia mais escutar suas palavras. Ele não caminharia mais, em minha direção, com aquela calma e ternura, apesar de todos os problemas. Não iria segurar as minhas mãos com as suas mãos fortes. Teria que deixá-lo partir, sem poder sonhar com a sua volta.

Todos esses pensamentos não duraram um segundo. Estremeci e pensei que João Pedro estava lá sozinho. Eu tinha que estar com ele era preciso ir imediatamente para Sapé. Pedi para minha filha Marluce cuidar dos meninos e fui saindo. Sem trocar de roupa, sem me pentear, do jeito que estava. Tomei pela mão meu filho Abraão e, em disparada, tomamos o rumo da estrada de Sapé. Por sorte, uma camioneta parou e nos deu carona. O motorista já estava sabendo do ocorrido e me explicou que fora

ele que havia a levado o corpo de João Pedro Teixeira para Sapé. Ele nos deixou na porta do hospital Sá de Andrade.

Chegando, o que vejo?! Soldados fortemente armados fazendo guarda e impedindo a entrada no necrotério. Quando vi os policiais, o meu sangue ferveu. Eu tinha raiva dessa gente. Eram eles que, sem qualquer razão, vinham prender e maltratar João Pedro. Por que estavam ali? Até? depois de morto tinham medo de João Pedro? Não tomei conhecimento desses bandidos e me dirigi para a porta de entrada e, ai, fui barrada. Tentando engolir a raiva, disse para os policiais, que eu queria ver o meu marido que estava lá dentro. Eles mim explicaram que teria que aguardar as setes horas, para pedir autorização.

Fui imediatamente para a casa do diretor, que ficava encostada ao hospital, A empregada disse que ele ainda estava dormindo. Voltei para o necrotério, decidida a entrar. Puxei o meu filho pela mão e saltei. Fomos mais rápidos. Nem si como conseguimos, só sei que estava lá dentro. Seria muito difícil me arrancar de lá, por sorte, os soldados nem tentaram.

Ali, numa pedra gelada, jogado sem qualquer cuidado, estava João Pedro. Coberto por um pano, todo melado de sangue. Sem vela, sem nada. Cheguei perto, levantei o pano e fiquei olhando para ele com amor, tristeza e revolta: era forte, alto e, com aqueles olhos abertos, parecia estar vivo, se não fosse o estrago que o fuzil fez no seu peito. Estava todo melado de sangue e terra. A terra pela qual tanto lutou e ensinou aos companheiros de luta.

O rombo produzido pelos tiros de fuzil era testemunho de mais um bárbaro crime cometido pela besta fera. Fiquei olhando para ele, com os olhos secos. Apesar da minha grande dor, não conseguia chorar. Parecia que ele estava falando com migo:

- Eu sei que vão me assassinar, mas vai ser a traição, porque, de frente, eu levo um com migo! Elizabeth, se eu cair, você continua a luta no meu lugar?

Com muito amor, mas também com muito ódio e revolta, eu olhei bem para o rosto do grande líder camponês, o meu companheiro, o João Pedro Teixeira, e fiz o meu juramento. Ali, diante dele:

Prometo, João Pedro que a sua luta, de hoje em diante, será a minha luta, prometo! Com consciência da luta ou sem consciência da luta, eu marcharei na sua luta. Darei continuidade a ela em seu lugar. Darei prosseguimento a tudo o que você fazia. Essa será sua a nossa respostas ao latifúndio. Assumo a sua luta para o que der i vier! Não temo mais nada, porque o pior já aconteceu. Viver ou morrer é mesma coisa para mim. Enquanto viver, vou viver para a sua luta, agora é a nossa luta! Juro! Juro diante de você! tantas vezes me pediu e tentei escapulir, mudar de conversa e, agora, estou dando a resposta, prometo e vou cumprir!

Sempre estivemos juntos, durante esses vinte anos, para o que desse e viesse e vamos continuar juntos para o que der i vier. A besta – fera não tem toda essa força, João Pedro Teixeira estará sempre presente, onde houver uma luta pela terra. Se pensam que afastaram o “perigo vermelho”, enganara-se. Atearam fogo à luta. Muitos e muitos João Pedro Teixeira vão brotar da terra, vocês vão ver, e vão se arrepender do que fizeram.

Tirei como pude, dos cabelos rosto do meu companheiro, a terra molhada pelo seu sangue. Não consegui fechar s seus olhos. Tentei inutilmente tapar o rombo do seu peito. Tive que engolir o meu grito de dores e de ódio. Um grito que denunciava a perversidade dessa, que só sabe plantar escravidão, opressão, miséria e morte. Uma gente que não trabalha. Uma gente que não faz falta nem para o país. São as bestas-feras! ...

Ignorei o silencio da morte e conversei com João Pedro, como sempre: sabe, o latifúndio teme João Pedro Teixeira até morto. Você viu, lá fora, em volta do hospital, tem um bando de soldados armados, fazendo guarda a este local.

Parecia que eles estava me escutando e olhava-me surpreso. Lembro-me do 2 de abril de 1962 como se fosse hoje. Nunca me esqueci de nada. Tudo ficou gravado na minha memória para sempre. Tenho tentado honrar o compromisso de assumi: tenho levado essa luta como posso. Tudo o que fiz foi em homenagem a João Pedro Teixeira.

Por um tempo grande, ainda ficamos sozinho, o que foi muito bom. Pode pensar. Rezei. Pedi que João Pedro me ajudasse a ser forte, forte como ele. Não fui uma despedida, porque estaríamos sempre juntos. Aí, os companheiros foram chegando, um depois outros e, de repente, não cabia mais ninguém. Todos muito tristes e revoltados.

Um companheiro que morava encostado ao lugar onde João Pedro foi assassinado contou-me que escutou vários tiros e saiu correndo para o local, ai ouviu um grito muito forte:

- Tanto tentaram que conseguiram!

E viu João Pedro caído no chão: estremeceu por três vezes, espalhando os livros que trazia. Ele não havia esquecido os livros de Abraão! AH, MEU Deus! Uns dias depois, quando me entregaram esses livros manchados de sangue, eu fiquei muito emocionada e revoltada.

Não sei de quem foi a ideia, mas, como sou católica estava um pouco perturbada, a sugestão, sem me lembrar de que o padre de Sapé apoiava o latifúndio. Eu mesma fui falar com ele, para rezar uma missa de corpo presente. Esse padre nem apareceu para falar com migo. Mandou dizer que não estava. Eu deixei o recado que era muito urgente, porque não queria enterrar meu marido, sem rezar uma missa.

Meu recado não foi nem respondido. Não recebi uma justificativa. Ele sabia bem quem era o assassino e quem estra a vítima e nem assim cumpriu o seu dever. Para ele, era mais cômodo considera a nossa família como uma família de satanás e

santificar as famílias dos grandes proprietários. Os latifundiários eram os seus protetores. Ficou com medo de desgostar os seus senhores e perder os favores e os cheques que recebia. Muito cômodo para um padre oportunista! Estou certa que Satanás era que usava a cruz para defender o latifúndio perverso e criminoso - besta fera.

No hospital Sá Andrade fui procurada por jornalistas e representantes do governador. Acusei publicamente os latifundiários assassinados e pedi justiça. Protestei também pela falta de consideração, a polícia não foi nem mim avisar. João Pedro foi assassinado à tardinha, eu só fiquei sabendo doze horas depois, por um vizinho.

## **O FUNERAL**

O corpo de João Pedro demorou muito a ser liberado. Entre três e quatro horas da tarde, finalmente pudemos sair em direção à sede da liga. Uma multidão acompanhava o caixão. O campo parou para homenagear o seu líder. Na cidade de Sapé ninguém ficou dentro de casa: ou estava nas janelas e nas calçadas ou acompanhado o cortejo. Todos homenageando o mártir da luta camponesa. Na sede da Associação dos Lavradores e Trabalhadores de Sapé muitos companheiros há horas aguardavam. Paramos, o caixão entrou e foi aberto, para que os companheiros despedissem do seu líder. O desembargador João Santa Cruz, emocionado, homenageou João Pedro.

- Não é com a morte de João Pedro que vão terminar com a luta que ele começou. A chama que ardia no espírito de cada um adquiriu maior intensidade.

Ficamos lá por mais de uma hora, mas a fila não diminuía, sempre chegavam mais e mais companheiros. Infelizmente, apesar dos protestos, tivemos que dar continuidade ao cortejo, porque começava a escurecer, e estávamos muito atrasados.

No caminho em direção ao cemitério, o número de pessoas acompanhado o cortejo dobrou, triplicou, sei lá! Era tanta gente que não coube no cemitério. Foi difícil decidir quem falaria à beira do tumulo. Lembro-me de que o secretario da Federação, João Bernardo da Silva, falou. Falou um representante da União Estadual de Estudantes da Paraíba. O deputado Osmar de Aquino falou; falaram também, o deputado Raymundo Asfora e o Assis Lemos. O enterro de João Pedro falou uma verdadeira demonstração da força dos camponeses e, ao mesmo tempo, uma manifestação de carinho e do respeito que os camponeses tinham por ele. Não só camponês, muita gente. Compareceram ao enterro mais de cinco mil pessoas, segundo o que noticiam os jornais: representações de entidades camponesas de quase todo país; muitos deputados e vereadores, líderes estudantis; representantes da federação de trabalhadores; o presidente da Associação Brasileira de Imprensa da Paraíba; muitos jornalistas, o prefeito o representante do governador.

Muito emocionados estavam os companheiros da direção da Liga Camponesa. Nunca se viu tanta gente em Sapé. A cidade ficou pequena, Alguns minutos antes de o caixão descer para a sepultura, Raymundo Asfora comoveu a todos, principalmente no momento em que convidou para prestarmos um juramento. Todas aquelas vozes falando ao mesmo tempo:

- Juro dar continuidade à luta de João Pedro Teixeira! Viva o grande Líder camponês!

Foi um momento triste e muito emocionante. Acho que não havia uma pessoa que não estivesse chorando ou com lágrimas nos olhos. Quando o caixão foi descendo, eu quis ir mais ele. Seria muita covardia. Era preciso cuidar dos meninos e dar continuidade à luta.

Na hora do juramento, fiquei gelada, arrepiada, mas não consegui chorar. Os companheiros revoltados coçaram a pedir justiça. Exigiram punição para os assassinos e mandantes. Ali, ficou provado que não era só eu que estava revoltada.

Os trabalhadores do campo e da cidade, estudantes, professores, jornalistas e muitos mais gente, também estavam revoltados.

Após o enterro, a União dos Estudantes da Paraíba promoveu um comício para protestar contra o fuzilamento de João Pedro Teixeira, exigindo apuração do crime e punição para todos os culpados.

Muitas entidades como a ABI, sindicato, federações partidos políticos de esquerda e outros de eu não me lembro aderiram a este comício. O ato foi marcado para o ponto de Cem Reis, e uma multidão tomou o local. Os oradores falaram do primeiro andar de um prédio de esquina, que ficava bem na ponta. Muitos camponeses vieram participar. Entretanto, a maioria absoluta era o povo de João Pessoa, demonstrando, assim, que a revolta contra o latifúndio não era só no campo. O discurso do Raymundo Asfora foi lindo e emocionou a todos...Felizmente, um jornalista anotou e pôde ser publicado.

A notícia do assassinato de João Pedro correu todo o Brasil e chegou até ao estrangeiro. Recebi um telegrama muito confortador dos companheiros cubanos. O Presidente Fidel Castro decretou luto. Infelizmente o telegrama foi queimado, junto com todas as outras homenagens e notícias que eu guardava respeito de João Pedro (foi em 1964, quando puseram fogo em minha casa, queimaram tudo). O número de telegramas de pésames que chegou foi muito grande. Até um jornal muito importante dos EUA deu a notícia. João Pedro Teixeira foi muito homenageado. Fizeram Versos para ele.

Presenciava toda aquela tragédia sem derramar uma lágrima. Era grande a revolta dentro de mim. Um ódio...mas um ódio que exigia uma atitude, uma reação. A minha vontade era de chamar os companheiros, quintetos...mil. Dois mil. Que quisessem me acompanhar e com enxada, pá foice e peixeira fossemos invadir as fazendas, acabando com tudo: com o Aginaldo Veloso Borges e seu capangas, a

moradia da fazenda, a cana. Botar fogo em tudo, mas tudo mesmo! Deixar a terra limpa.

Eu sabia que bastaria uma palavra minha para os companheiros me seguirem e darem o troco que o latifúndio merecia. Bastava só uma brasa, bem pequena, para os companheiros de João Pedro Teixeira incendiarem tudo. Mas, Nego Fuba, Manoel Alexandrino, preocupados, vieram conversar comigo, para que eu desse uma força no sentido de evitar essa reação, porque não era esse o objetivo da Liga, e isso iria atrapalhar a luta. Olhei bem para eles e quase contei que os pensamentos combinavam muito bem com os pensamentos dos camponeses.

Por um instante fiquei em silêncio, para poder pensar: eles tinham mais experiência de luta do que eu. Além do mais, eram companheiros de confiança de João Pedro. Resolvi acatar a decisão da liderança, ajudando a impedir qualquer tumulto. Disse aos companheiros mais inflamados, que devíamos exigir da polícia, mandantes

, que planejaram e pagaram para mata-los e os que atiram nele. Assim teríamos mais força, para dar prosseguimento a nossa luta.

Mesmo depois de um certo tempo da morte de João Pedro, esse momento de loucura voltava, e só passava quando me lembrava de que iria arriscar os companheiros e de os grandes lideranças estavam, a todo custo, segurando o campo, tentando impedir uma reação violenta. Eu deveria estar errada. Mesmo pensando assim, eu não, eu não consegui impedir que essa ideia voltasse sempre. Cheguei até a fazer planos, não confiava nem no governo e nem na justiça, apesar das promessas.

Ouvi, muitas vezes, João Pedro com muita revolta, dizer:

- Não é possível continuar essa injustiça e essa impunidade. O latifundiário não reconhece os direitos dos empregados, direitos que estão garantidos na Lei do país;

nem a justiça nem o governo tem coragem de agir. O latifúndio destruiu a lavoura do seu morador e, apesar de a lei determinar que o proprietário é obrigado a indenizar o prejuízo, mas fica por isso mesmo. O latifúndio arma mão do capanga, que assassina o camponês, mas fica por isso mesmo. O latifundiário faz o que bem entende, porque sabe que não é punido, fica sempre por isso mesmo. Eles estão enganados, o país pertence não só a eles. Pertence todos os brasileiros. O camponês tem que tomar consciência disso, exigir e lutar por seus direitos. Fazer obedecer a lei.

Como eu poderia acreditar nesse governo que nunca pune o latifundiário? Pedro Gondim, um dia estava do lado de cá e, muitos outros dias, estava do lado de lá!

Ver os filhos de João Pedro Teixeira chorando a morte do pai, aumentava a sanha e revolta do nosso companheiros. E a minha também. Os protesto, a exigência de justiça com punição para os culpados foi muito forte, conseguiu empurrar a polícia e a justiça.

João Pedro não era bandido, era um homem calmo, trabalhador. Era um pai de família de lutou por pouco de justiça, para si e para injustiçados do campo. Lutou obedecendo a lei do país. Queria apenas que a lei em benefício dos camponeses fosse cumprida. Não era um egoísta querendo o bem só para a sua família. Era calmo, mas decidido! Não era um baderneiro, nem ladrão. Era um homem bom, honesto que seguia a religião. Ofereceram muito dinheiro e terra e ele não aceitou. Não cometeu nenhum crime. Por que foi trucidado dessa forma? Pensar nisso me dava uma revolta e um ódio muito grande. Quarenta anos já se passaram e eu não esqueço. A revolta continua, apesar de todos os criminosos envolvidos no caso já terem partido prestar contas dos seus crimes.

O campo estava revoltado com a morte do seu líder. Ninguém conseguia se conformar com essa violência, sem qual quer razão.

Meu pai teve a coragem, a serviço do grupo da várzea, de tentar me convencer a ir para as rádios e declarar de João Pedro Teixeira havia sido assassinado por ladrões. Se eu fizesse isso eu teria terra, dinheiro e tudo que eu e meus filhos precisássemos. Com muito ódio, eu disse para ele:

Desse momento em diante, nossos caminhos estão separados para sempre. Eu não vou acobertar os assassinos do meu marido. Vou é lutar com todas as forças que tenho, para ver esses bandidos na cadeia. Lugar de assassino é na cadeia! Fuzil não é arma de ladrão; é arma de usineiro covarde! Eles vão pagar pelo crime que cometeram!

O envolvimento do cabo Chiquinho no assassinato de João Pedro Teixeira ficou provado sem deixar nenhuma dúvida. Ele foi denunciado pela corajosa companheira, Dona Joana que, no dia em que João Pedro foi assassinado, na parte da tarde, estava passando “a pés” pela estrada que vai dar no “café do vento”. Quando estava atravessando a ponte do município chamado sobrado, viu todo trajado de vaqueiro o cabo Chiquinho, (Francisco Pedro da Silva) montado num cavalo e com roupa de vaqueiro. Surpresa, Dona Joana Perguntou:

- Oh! Você está montado num cavalo vestido de vaqueiro? Você não é polícia?! Como contou Dona Joana, o cabo Chiquinho ficou muito sem graça. Então tentou disfarçar:

-Tô prestando um serviço pro Dr. Aguiinaldo Veloso Borges. Tô procurando uma novilha que fugiu do rebanho da fazenda”.

Pouco tempo depois, Dona Joana tomou conhecimento do assassinato de João Pedro Teixeira e não teve dúvida e nem medo, passou a acusar O CABO Chiquinho como envolvido nesse assassinato. Quando foi chamado para depor, confirmou tudo. Quando o cabo Chiquinho foi preso, ela foi colocada diante de vários policiais para fazer o reconhecimento. Com muita coragem e firmeza, apontou diretamente para o criminoso:

- É este o cabo Chiquinho! Muitas outras vezes Dona Joana foi chamada em nenhuma delas deixou de repetir suas acusações. Foi uma testemunha muito importante.

Como já era de se esperar, o Aginaldo Veloso Borges seus capangas passaram a ameaçar a pobre viúva e chegara a destruir todo o seu roçado. Dona Joana era muito trabalhadeira e tinha sua casa cercada por lavoura muito bem cuidada. Chorando chegou a liga e conto:

- Eles chegaram fazendo muito barulho e me xigando de nomes feios, de comunista, e disseram que isso que estava fazendo era só o começo, o piro iria chegar depois. Só foram embora quando não sobrou nada na minha lavoura. Os capangas destruíram tudo, pedaço, por pedaço! Foi muita covardia.

Um grupo de companheiros foi convocado a ficar com Dona Joana para dar segurança. Passadas algumas noites, os capangas chegaram e começaram as arruaças. Bateram na porta até que ela caísse e ai foi aquela surpresa: no lugar da viúva sozinha e sem defesa, deram de cara com um grupo de camponeses, armados de foices e machados. Felizmente, os capangas, assustados não reagiram e foram desarmados. Foram colocados chocalhos no pescoço de alguns deles. Pedro Justino, um amigo de meu pai, chegou para me convencer a entregar as armas. Confirmei o que havíamos combinado:

- Armas?! Que armas?! Não tiramos as armas! Não sabemos dessas armas!

## **APURAÇÃO DO CRIME**

Eu fiquei sabendo que outro policial, disfarçado de vaqueiro, havia participado do atentado, era o Antônio Alexandre. A propriedade onde eles estavam de tocaia era de João Leite, meu cunhado. Essa propriedade ficava na beira a estrada e, de lá, enxergava-se o ponto do “café do vento” que era para dos ônibus que chegavam de João Pessoa, em direção a cidade de Campina Grande.

Houve em Sapé, promovido pela Liga Camponesa um ato público, o primeiro após o assassinato de João Pedro Teixeira, quando foi lido o manifesto da Liga de Sapé; assinado pela Diretora. Inúmeras entidades de classes deram o seu apoio e estiveram presentes, condenando a violência e exigindo justiça. Entre elas, eu me lembro do sindicato dos Bancários da Paraíba, do Rio de Janeiro e de São Paul; do Sindicato dos Ferroviários. Desse ato participou muita gente de João Pessoa, de Sapé, os camponeses de muitas regiões também chegaram, quase todos os principais jornais da Paraíba e de outros Estados mandaram representantes, muitos líderes vieram. Muita gente mesmo!

Nessas horas, eu ficava bem animada, acreditando até que dessa vez, haveria justiça. Depois vinha aquela tristeza, aquela revolta. É, eu que ter muita força para não arriar. Eu sabia que João Pedro estava me pedindo isso. Ele me achava muito forte e eu não podia. E aluta pela qual ele acabava de dar a vida trair essa confiança. Principalmente naquele momento. Além disso, se eu fraquejasse, como iriam ficar nossos filhos?! E aluta pela qual ele acabava de dar a vida?! Bem que eu quis chorar, mas não consegui. Os meus olhos estavam secos. Na minha boca, um gosto amargo. A minha garganta parecia fechada. Sentia dificuldades até para respirar.

Pensava nas outras viúvas e nas outras crianças sem pai. Viúvas dos outros camponeses que foram assassinados pelo mesmo motivo. Quantos órfãos? Quantas viúvas? Quantos camponeses ainda seriam sacrificados? Quantos? Quando iria haver paz no campo? Não queria a paz do latifúndio, porque ela representava exploração e mais miséria para os trabalhadores. Quando a exploração vai um fim? Quando? Quando conquistaremos a tão sonhada reforma agrária?

No dia do enterro de João Pedro, tornei a pedir ao Chefe da Casa Civil do governador, a apuração do crime e punição para criminosos. Ele prometeu que iria tomar providencias imediatamente.

Não foi fácil enfrentar aquela situação: enquanto eu estava lutando e trabalhando, conseguia me manter bem. Mas, quando chegava a casa, era aquele desespero: a noite caía, e eu sabia que João Pedro não iria voltar. Olhar para os meninos dava pena, cada um mais triste do que o outro. Só sobrava os menores, porque nada entediam. O desespero crescia ainda mais eu não sabia como responder às perguntas das crianças:

- Quando –e que meu pai vai chegar?

Outro chorando, me perguntava:

- O Isaac me disse que painho não vai voltar pra nossa casa porque, agora, ele está no céu. É mentira! É mentira, não é, mainha?!

O outro, no canto, chupando o dedo, de cabeça baixa, não queria brincar e não queria comer. Tentava conversar com ele, mas não conseguia. Respondia a tudo movimentando a cabeça. E a outra, choramingando, pedia:

-Mãinha, conta como foi que mataram meu pai! Um outro ou uma outra, já não me lembro, chorava escondido. Só ouvíamos o soluço.

Eu queria consolar a todos. Queria trazer de a alegria para os meninos. Não era possível, nem eu mesma, conseguia me conformar. Às vezes, até pensava por que não havia sido assassinado com o João Pedro. Em seguida, percebia a minha covardia e me arrependia. Eu precisava estar ali para acudir os meu filhos, exigir punição para os assassinos. Precisava, também, cumprir minhas palavra e dar prosseguimento a luta.

Marluce desde a notícia da morte de seu pai ficou parecendo uma assombração. Não comi, quase não dormia e passou a querer que eu não saísse mais de casa. Fazia tudo:

- Não carece a senhora ir para o meio da do mundo. A senhora não vai conseguir nada. Muita coisa ruim ainda está para chegar. A senhora não vê que os assassinos do meu pai não vão pagar por este crime?

Ai eu perguntava:

Por que você vive dizendo isso, minha filha? Por que?

- mainha eu vejo! Eu escuto! O pouco que durmo é para sonhar com isso.

Eu não quero saber. Eu não quero ver. Eu não quero sonhar. Eu quero parar de pensar. Quando eu deito, eu escuto os passos do meu pai e, depois, ele senta perto de mim. Não fala nada. Não conversa com migo. Só me olha...Só me olha... Mãinha, por favor, desista dessa luta. Ela não vai dar vitória, só vai trazer mais desgraça. Os meninos precisam da senhora e vão acabar jogados por aí. Eu não quero ver mais desgraça. Antes que aconteça, eu quero morrer. Quero ir para junto do meu pai.

As pessoas que demonstraram conhecer informações sobre o assassino, foram sendo convocadas. O meu depoimento foi feito na presença do chefe de Polícia Dr. Francisco Maria. Se os proprietários imaginaram que iria ficar nervosa e amedrontada, erraram, porque foi bem ao contrário. Fiquei com mais raiva. No meu depoimento, repeti tudo o que havia denunciado aos jornais, sobre a trama urdida pelo” grupo da várzea”. Quis deixar bem claro que meu marido havia sido assassinado por encomenda do latifúndio. Conteí o que sabia:

João Pedro Teixeira foi assassinado por mão criminosas de sicários assalariados. Denunciei o Francisco Pedro da Silva, mais conhecido como cabo Chiquinho, o soldado Antônio Alexandre, o vaqueiro Arnaud Claudiano, que era administrador das terras do Aguinaldo Veloso Borges, como os que atiraram em João Pedro Teixeira. Entre os Fazendeiros que planejaram o atentado, eu apontei o Aguinaldo Veloso Borges, comandante. Denunciarei também, o Antônio Victor, o proprietário das terras onde eu e João Pedro estávamos morando. Expliquei que

Antônio Victor havia comprado as terras do meu pai, para expulsar João Pedro da LA  
Continuei:

O proprietário, assim que comprou o sítio, mandou um recado exigindo que João Pedro saísse de suas terras. Muitas vezes, o gado foi solto na nossa lavoura. João Pedro ia, mais os meninos, e prendiam os animais. Com calma e firmeza, João Pedro resistia à violência do proprietário. Diante da atitude firme do meu esposo, o Antônio Victor resolveu entrar com uma ação de despejo, o que foi logo respondida na justiça. Dr. Jose Gomes.

Então, Antônio Victor quis resposta, e entrou imediatamente na justiça, para impedir que João Pedro e sua família plantassem. Uma semana antes da emboscada, que acabou com a vida do meu marido, o Antônio Victor propôs um acordo. Prometeu indenizar as benfeitorias, com cem mil cruzeiros, desde que saíssemos daquela terra imediatamente. Cem mil cruzeiro naquela época era muito dinheiro, dava pra comprar um sítio.

João Pedro deixou o caso para ser resolvido pelo seu advogado. Aí, foi marcada uma reunião para o dia 02 de abril de 1962 às 11 horas. Nem o proprietário nem seu advogado apareceram. O advogado do proprietário telefonou para Dr. José Gomes transferindo o encontro para as cinco horas da tarde. Impossibilitado de ficar até aquela hora, João Pedro Teixeira acertou tudo com Dr. José Gomes, o que ele decidisse estaria decidido. Ele tinha certeza de que seria o melhor possível.

Também às cinco horas da tarde, o proprietário e seu advogado não apareceram. Expliquei para o chefe de polícia que tomei conhecimento desses fatos por intermédio do próprio Dr. José Gomes. Contei tudo o que sabia e tudo o que pensava. Quem poderia acreditar que um proprietário iria fazer acordo vantajoso, era uma atitude que nunca havia acontecido no campo. Tamanho milagre já dava para desconfiar. Depois, a emboscada e o assassinato, naquele mesmo dia e na hora em que o ônibus chegava, uma hora bem conhecida, por todo mundo do lugar. Dava para

ter certeza da trama, não, dava?! No final o Chefe de Polícia garantiu que os criminosos seriam punidos. Para isso, ele estava contando com todo o apoio do governador do Estado, Pedro Gondim.

O Francisco Pedro da Silva, mais conhecido como cabo Chiquinho, no seu depoimento na polícia, quando viu que sua situação estava muito difícil, diante das denúncias de muitas testemunhas, como todo bandido, acovardou-se e “abril a boca”: apontou o Antônio Alexandre como o autor dos disparos. Contou que havia sido contratado pelo vaqueiro do Aguinaldo Veloso Borges, o Arnaud Claudino. Disse ainda, que foi Arnaud que forneceu os cavalos e as roupas de vaqueiro. E deu o nome do Aguinaldo Veloso Borges, como mandante do assassinato.

Acho que, no início, Pedro Gondim jogou o problema para o chefe de polícia. Assim ganharia tempo que era preciso para o crime ser sendo esquecido. Ele acreditou que o chefe de polícia iria enrolar e enrolar, até a “poeira baixar”. Entretanto, em uma semana, o inquérito na polícia está concluído. Acho que ele nunca pôde imaginar que as investigações policiais chegassem ao líder do “grupo da várzea,” o Aguinaldo Veloso Borges. Nunca!

Quem conhecia a situação “quente” na nossa região, entre a Liga Camponesa, a liderança de João Pedro e o latifúndio, sabia do envolvimento do “grupo da várzea,” no assassinato. E não deu para escapulir. Havia muita pressão, dentro e fora do país, para o caso ser esclarecido, e os culpados, castigados. A força dos trabalhadores do campo e da cidade, unidos, o movimento estudantil, a maioria dos jornais nacionais, jornais estrangeiros que apoiavam ou eram simpáticos a nossa luta, numa só voz exigiram a mesma coisa: “punição para assassinos de João Pedro Teixeira!”

A situação fervia e ficou mais séria, ainda mais quando o chefe de polícia, em entrevista coletiva, apontou para os jornalistas os responsáveis pelo assassinato de João Pedro Teixeira. As P provas apresentadas pela polícia não deixavam dúvidas. O governador Pedro Gondim não conseguiu encontrar uma saída que agradasse os dois

lados e teve que engolir as conclusões do inquérito policial. As provas concretas que chefe de policias levou ao juiz, pedindo que determinasse a prisão preventiva para todos os implicados no atentado: o Cabo Chiquinho, Antônio Alexandre da Silva, Antônio Victor e os fazendeiros Aginaldo Veloso Borges e Pedro Ramos Coutinho fizeram com que o juiz Walter Rabelo da Costa decretasse imediatamente a prisão preventiva dos criminosos.

Os militares, descontentes com a conclusão do inquérito e a decisão do juiz, para mostrarem serviço aos latifundiários, passaram a fustigar os camponeses. Inventaram treinamento, manobras, diligências, só com o objetivo de amedrontá-los.

Logo após os jornais publicarem a ordem de prisão para os assassinos e mandantes do atentado contra João Pedro Teixeira, coincidência ou não, o que eu sei é que militares chegaram às nossas posses como se estivessem indo para a guerra, dizendo que estavam executando uma tarefa de desarmamento na área rural. Só invadiram as casas dos camponeses. Nas casas dos proprietários rurais, onde haviam arma de todos tipos, os militares nem chegaram perto, devem ter passado quase ajoelhadas e empurrando os carros de guerra desligados, para não levantar poeira.

Na terra da gente, a coisa foi bem diferente: os caminhões fizeram algazarra danada! Exibiram metralhadoras. Os soldados, em grande número, foram descendo com fuzis nas mãos, gritando e xigando. Revistaram os camponeses que estavam trabalhando. Alguns companheiros tentaram reagir, mas avançavam neles três, quatro, cinco soldados. Fomos tomados de surpresa, do contrário não teria sido tão fácil. Os soldados cavaram buracos nos terreiros e pisaram nos nossos roçados. Entraram em nossa casa e fizeram um desmantelo danado. Jogaram tudo pelo chão, se quebrasse, quebrou. Não encontraram nem uma arma, nem munições, nada mesmo e, para não chegarem de mão vazias, depois de tudo aquilo, foram pegando as nossas ferramentas de trabalho. Levaram todas que encontraram, apesar de nosso protesto. Como poderíamos trabalhar nas nossas roças? Como poderíamos abrir um coco? Cortar a cana? Matar uma cabra? Naquele mesmo dia, quando um caminhão

repleto de camponeses estava indo prestar trabalho voluntário junto aos companheiros da cidade, quando passou pelo batalhão do 15 RI, foi cercado por um grupo muito grande de soldados e todas as ferramentas de trabalho também foram confiscadas, apesar dos protestos. Acho que essa repressão injusta contra o homem do campo envergonha o exército brasileiro. Aqui na Paraíba, eles estavam assumindo esse papel, Tenho a certeza de que nem todo militar é assim, mas a imagem foi sendo comprometida. E tudo isso aconteceu quando João Goulart Era presidente, e Pedro Gondim, Governador!

Não perdemos tempo, imediatamente discutimos o problema, e ficou decidido que um grupo muito grande de camponeses seguiria para João Pessoa, para ficarem em frente do palácio do governo, protestando e exigindo só instrumentos de trabalho de volta. Diante da multidão de camponeses, Pedro Gondim prometeu que em algumas horas as ferramentas seriam devolvidas. Parece que ele não teve coragem de exigir do exército essas ferramentas, e mandou que um dos funcionários fosse secretamente compra-las, para nos entregar.

Do outro lado, os proprietários, como sempre, bem organizados e poderosos, acabaram descobrindo a maneira de enganar a lei, impedindo a prisão do Aginaldo Veloso Borges:

- Ele foi protegido pelo manto da imunidade parlamentar, se não me engano, acho que foi esse o nome que deram quando me explicaram a razão de o Aginaldo Veloso Borges não ter sido preso. Eu não me esqueci, porque imunidade é bem parecido com impunidade. O que aconteceu foi uma vergonha. Com o perdão da palavra, foi malandragem desavergonhada. Imagine só que o Aginaldo Veloso Borges era o quinto suplente de deputado estadual. Foi preciso que um deputado estadual pedisse licença e mais quatro suplente fizessem o mesmo, para que ele assumisse como deputado. Coisa que nunca havia acontecido, mas, para salvar o latifundiário assassino, aconteceu. O deputado Wilson Braga pediu licença e aí entraram e saíram mais quatro suplentes, para chegar a vez do Aginaldo Veloso Borges. Assim foi

sendo garantida, mais uma vez, a impunidade para o latifundiário assassino, mesmo diante da revolta de grande parte da população da Paraíba e do Brasil.

Apesar de tudo os latifundiários, acostumados com impunidade, cometessem o crime que cometessem, ficaram com a molestai! Protestaram contra todos: contra o governo, os policiais encarregados do caso e o juiz que decretou a prisão dos assassinos e dos mandantes. A solidariedade para os fazendeiros assassinos choveu de muitas partes. E vejam só: os fazendeiros nem foram presos!

De qualquer jeito, a ordem de prisão do latifundiário Aginaldo Veloso Borges foi decretada, e a notícia “correu solta” pelos jornais do país inteiro e até em jornais do Brasil. Acho que deve ter sido a primeira vez, no país, que um latifundiário foi considerado culpado, pela polícia e pelo juiz, como o mandante de um crime e recebeu ordem de prisão.

Infelizmente, em 1964, durante a ditadura, os assassinos de João Pedro Teixeira foram considerados inocentes pelo Tribunal do Ju, por unanimidade de votos. Uma vergonha para o Brasil! O próprio cabo Chiquinho, uns anos depois, segundo o que contaram, quando se encontrava preso por uma questão, confirmou para os companheiros de cela que era um matador de aluguel, assumiu a autoria do assassinato e apontou como mandante o Aginaldo Veloso Borges. Mais uma vez os latifundiários conseguiram escapar – a impunidade prevaleceu. De qualquer maneira, dessa vez eles saíram bem enlameados. O Arnaldo Claudino, segundo o que me contou o Sr. José, eu não sei o sobrenome dele, só sei que é primo de Arnaud Claudino, recebeu trinta contos para contratar o assassinato de João. Pedro. Chegou a se tornar um proprietário, depois perdeu tudo e foi para o Rio de Janeiro. Lá estava assaltando e um dia em que estava com mulher e o filho de oito anos, o seu carro foi metralhado, morreram os três.

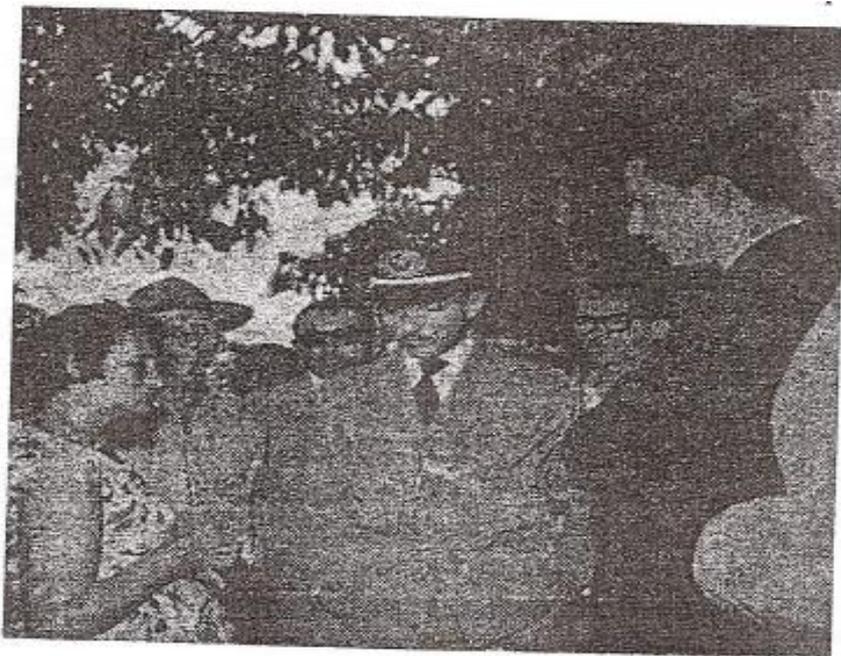
O cabo Chiquinho continuou na sua profissão de matador de aluguel. Esteve preso por várias vezes e depois foi liberado segundo que ouvi contar, acabou sendo assassinado por “um desafeto”.

Entretanto, se o objeto desse bárbaro crime foi acabar a luta dos camponeses pelos seus direitos, acabar com as ligas camponesas cresceu e se fortaleceu. Parece que o homem do campo, revoltado com tamanha injustiça e violência decidiu seguir o caminho do mártir. O número de associados da LIGA DE Sapé chegou a quase 20 mil, no início de 1964. Muitas outras Ligas Camponesas em todo Estado foram fundadas e em outras grandes lideranças surgiram. O movimento camponês passou a enfrentar os proprietários sem medo e se tornou uma grande força na Paraíba.

Na homenagem do 1º aniversário, foi construído, no local onde João Pedro caíra, um monumento muito bonito; uma grande cruz de ferro saía de um suporte de cimento armado. Havia uma placa de bronze, com só seguintes dizeres: “Aqui tombou João Pedro Teixeira, o líder e mártir da Reforma Agrária”.

Quando aconteceu o golpe, em 1964, o monumento foi destruído, pelas mesmas mãos criminosas dos que tiraram a sua vida. O monumento foi destruído por rajadas de metralhadora e no que sobrou mandaram passar o trator, até verem tudo totalmente destruído.

Tempo perdido, sempre há uma outra mão, que coloca uma cruz. Ainda hoje, permanece presente nas minhas lembranças e na de muitos outros companheiros, o exemplo de João Pedro Teixeira, de Pedro Fazendeiro, de Antônio Galdino, de João Antônio Dias e outras lideranças. Quase todos foram assassinados, mas as ideias plantadas com sangue desses mártires deram flores e frutos. A luta não parou. O exemplo de coragem e devoção das lideranças, daquela época foram seguidos por outras lideranças. Apesar de toda a violência da besta-fera, não conseguiram, nunca mais, calar o homem do campo.



**A DENÚNCIA** – Ao Sr. Valdir dos santos, Dona Elizabeth denunciou pessoas suspeitas da autoria intelectual do assassinato de seu marido. Invocou fatos e citou nomes envolvendo o destacamento policial de Sobrado. Diante dessa denuncia, o chefe da Casa Civil, depois de conversa com o Governador determinou o imediato recolhimento dos policiais suspeitos. **União 04.04.62**



*Elizabeth Altina Teixeira presta um depoimento exaltado e comovente ao chefe de polícia Francisco Maria Filho. Arquivo Francisco Maria Filho.*



*Dona Joana Bernardo (dir.), em cuja casa Chiquinho e Arnaud estiveram disfarçados de vaqueiro no dia do assassinato de João Pedro. O depoimento de Joana foi decisivo para elucidação do crime e prisão dos criminosos. Arquivo Francisco Maria Filho.*

## **CAPITULO V**

### **ELIZABETH ASSUME A LUTA**

A luta de João Pedro foi para o que desse e viesse, e eu também estava disposta a lutar para o que desse e viesse. A morte já não me dava medo, mas eu, queria viver por meus filhos e pela luta. Por outro lado, eu sabia que não podia descuidar das crianças que tanto precisavam de mim. Marluce, apesar dos meus esforços e dos médicos, dia a dia piorava. Então, eu me ajoelhava e rezava. Pedia para João Pedro estar ali ao meu lado e que Deus me ajudasse a cumprir com os meus compromissos. Realmente, a revolta, o ódio, foi me transformando numa outra mulher. Esses sentimentos mudam muito as pessoas. Mas eu não deixei morrer dentro de mim o amor - era o amor que me empurrava para a luta e para cuidar dos meus filhos.

Havia sido marcada uma passeata em protesto pelo assassinato de João Pedro Teixeira, pela Federação das Ligas Camponesas, para o dia 11 de abril, com o apoio de vários sindicatos, da Associação Paraibana de Imprensa (API), da UNE, do Movimento Nacionalista. Uns dias antes da data marcada para a passeata, houve muita repressão por parte do exército. Soldados prenderam vários líderes. A Federação das Ligas Camponesas foi obrigada, diante de tanta violência, a cancelar a passeata.

Dia 1º de Maio, o dia do trabalho, foi a nova data escolhida. Dessa vez, a Federação tomou providências para garantir a realização do ato público; entrou na Justiça pedindo autorização. A Justiça decidiu a nosso favor, contra a violência dos militares. Foi autorizada a realização do ato público e da passeata. Dessa vez, os camponeses conseguiram dar um nó na repressão dos "milicos" a serviço do latifúndio. Infelizmente, não pude comparecer. Anteriormente, eu havia recebido um convite da União Nacional dos Estudantes (UNE), para ir ao Rio de Janeiro participar de um ato público, no dia 1º de maio, homenageando os trabalhadores, e em protesto o assassinato de João Pedro Teixeira e de outros líderes camponeses. Havia recebido, também, uma convocação do Presidente João Goulart, para depor na CPI das Ligas Camponesas, na Câmara Federal, em Brasília. Como as datas eram

próximas, ficou combinado que eu iria para o Rio de Janeiro, depois seguiria para Brasília. O meu compadre Julião me acompanhou na viagem para Brasília. Dona Cecília, viúva do Alfredo do Nascimento também foi.

No Rio, uma comissão de estudantes estava me esperando e fui levada para a casa da Dra. Regina Albuquerque. Na hora combinada, os estudantes chegaram e me levaram para a sede da UNE, Lá recebi uma homenagem muito bonita.

Assim que entrei no auditório, uma multidão de estudantes me aplaudiu em pé. Havia muitas faixas e cartazes homenageando João Pedro e a mim. Havia, também, faixas e cartazes contra o latifúndio, contra violência no campo e exigindo justiça e Reforma Agrária. Fiquei emocionada. Uma manifestação linda, a mais linda que vi em toda minha vida; um grupo de estudante colocou na minha cabeça uma guirlanda de rosas vermelhas que ia até o chão. Segundo o que explicaram, simbolizava o sangue derramado por João Pedro Teixeira.

Foi nesse ato público que conheci o líder Luís Carlos Prestes. Ele falou forte revelando decisão e coragem, denunciando a violência e, ao mesmo tempo, mostrando o caminho que precisava ser seguido, para ser conquistada a Reforma Agrária e o Socialismo. Denunciou a exploração capitalista e o imperialismo dos EUA. Brizola veio do Rio Grande do Sul, contou por que havia desapropriado duas empresas estrangeiras, atacou forte o latifúndio. Pedro Fazendeiro estava participando do ato, mesmo ferido, usava muletas. Recebeu dois tiros num atentado: um dos tiros atingiu o ombro e o outro, a perna. Felizmente os assassinos, dessa vez falharam. Nada mesmo conseguia afastar o companheiro Pedro Fazendeiro da luta. Ele estava ali daquele jeito, de muletas, por causa da violência dos latifundiários. Eu estava ali, daquele jeito, toda vestida de preto, por causada violência dos latifundiários. Dona Cecília estava ali também, pela violência dos latifundiários. Acho que a nossa tristeza e os ferimentos do Pedro Fazendeiro despertaram muita revolta, tanto nos oradores como no povo ali presente. Todos exigiram punição para os latifundiários criminosos. O Presidente da UNE fez um discurso saudando-me, lembrando a luta de João Pedro Teixeira e exigindo imediata prisão dos mandantes do atentado. Quando os discursos terminaram, saímos em passeata, pelas ruas do Rio de Janeiro. Uma passeata muito grande! Fiquei impressionada com tanta

manifestação de solidariedade e carinho. Deu para convencer que o homem do campo não estava sozinho.

Em João Pessoa, o "1° de Maio" foi um grande acontecimento, segundo o que li nos jornais e o que me foi contado por João e pelos companheiros. Logo bem cedo começaram a chegar os caminhões e os ônibus apinhados de campo-nesses. Os trens que vieram de Cabedelo e Santa Rita também vieram apinhados. Primeiramente houve uma grande passeata que iniciou com mais de 4 mil camponeses com cartazes, exigindo punição para os assassinos de João Pedro Teixeira e exigindo Reforma Agrária Já! A passeata foi crescendo e crescendo, com a participação dos companheiros da cidade. "E, assim cheguei" ao local marcado, o "Ponto de Cem Réis", um mar de gente abarrotou todo aquele espaço. O centro de João Pessoa parou diante da multidão e o local ficou pequeno. Os discursos foram firmes e fortes.

No dia seguinte, seguimos para Brasília. Fomos depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) \* sobre as Ligas Camponesas. Os nossos depoimentos foram prestados no mesmo local onde os deputados federais faziam os seus discursos. Estavam presentes muitos deputados, senadores, o Presidente da República e muitas outras autoridades. As arquibancadas estavam apinhadas de populares.

Comecei o meu depoimento contando a revolta de João Pedro quando viu a miséria dos camponeses de Anta do Sono. Indignado, prometeu a ele próprio acabar com aquilo. Não esqueceu a sua promessa e, assim que foi possível, deu início ao seu trabalho; organizar o movimento camponês, para acabar com a escravidão.

João Pedro conhecia a luta, porque havia organizado os operários que trabalhavam nas pedreiras, em Pernambuco. Não tardou muito e conheceu outras lideranças em Sapé, com o mesmo ideal. Passaram a atuar juntos. Quando contavam com um tempo considerável de camponeses, surgiu a ideia de fundar uma associação para dar mais força às reivindicações dos camponeses. Aos domingos os camponeses começaram a frequentar' muito a minha casa. Havia dia que chegava ajuntar cinquenta, sessenta, oitenta...para a reunião. João Pedro me explicou que a grande maioria deles não era letrada e me pediu que lesse os jornais. Apesar da pouca leitura que tinha, aceitei. Os camponeses chegavam, e, com atenção, escutavam o que eu lia.

Continuei a falar; certo dia, a minha casa ficou apinhada de camponeses. Foi mesmo nesse dia que foi fundada a Associação. Aí, quando os latifundiários tomaram conhecimento dessas reuniões e da fundação da Associação a violência contra as lideranças foi terrível! Mas continuei; bastava o homem do campo falar sobre as injustiças e já era considerado subversivo e comunista. Era expulso da sua posse, onde quase sempre vivia há muito tempo; quinze anos, vinte anos, até mais.

Falei sobre a violência da polícia e dos militares; muitas vezes, os trabalhadores do campo eram presos pelos policiais ou pelo exército e eram ameaçados e espancados. Disse que isso vivia acontecendo com João Pedro Teixeira, Pedro Fazendeiro, João A. Ifiedo Dias e muitas outras lideranças. Isso quando não eram assassinados e enterrados como bichos, em qualquer moita. Pedi justiça, disse que eu tinha sede de justiça. Porque, até aquela data, os mandantes do crime que tirou a vida do meu marido, ainda estavam em liberdade. Falei sobre a violência que estava acontecendo no campo. Sempre prevalece a impunidade. Respondi às perguntas que foram feitas. No final, após ter falado por mais de quatro horas, fui muito aplaudida.

O Presidente João Goulart me perguntou se eu iria voltar para Sapé. Respondi que sim e ele disse: - Em breve estarei em João Pessoa, sua filha vai ser batizada por mim. Vou à sua casa para batizá-la. Foi aí que ele me perguntou: -Elizabeth, você assumiria a Presidência da Liga Camponesa? Respondi com decisão: Assumo! Assumo mesmo até com a perda da minha vida! Quero contribuir diretamente para essa luta.

Essa comissão Parlamentar de Inquérito sobre as Ligas Camponesas foi, também, para João Pessoa e foi instalada na Assembleia Legislativa. Muitos companheiros foram convocados para depor, e os proprietários também. O objetivo da CPI era apurar as atividades das Ligas Camponesas. Eu acho que eles deveriam apurar as atividades dos latifundiários, entretanto ela abriu um espaço onde foi denunciada toda a violência do latifúndio. O primeiro a ser chamado, em João Pessoa, foi o Assis Lemos, presidente da Federação das Ligas Camponesas.

Foram chamados, também, muitos coronéis entre eles os proprietários envolvidos no assassinato de João Pedro Teixeira. Pedro Fazendeiro foi também chamado e fez um depoimento muito bom e corajoso, como era esperado.

## **PRESIDENTE DA LIGA**

Quando regressei de Brasília, havia completado um mês e alguns dias do assassinato de João Pedro, houve um Ato Público em Sapé. Foi nesse ato que assumi a direção da Liga Camponesa. Os companheiros me aplaudiam dizendo: -Viva Elizabeth Teixeira presidente da Liga de Sapé! Elizabeth vai assumir o lugar de João Pedro Teixeira!

Era uma multidão de camponeses: mais de quinze mil. Depois que assassinaram João Pedro, os camponeses vinham em massa para a Liga. Perderam o medo de se associarem. Todos queriam participar da luta, estavam revoltados, dava gosto ver. Eu sentia o peso e a responsabilidade diante do compromisso que eu estava assumindo, não podia falhar. Alguns desses companheiros confiavam em mim, outros só me aceitaram em homenagem a João Pedro. Muitos passaram a confiar com o tempo, diante do meu comportamento, na direção da Liga e no enfrentamento com os proprietários. Dirigi a Liga Camponesa de Sapé por dois anos, de 1962 até 1964, quando aconteceu o golpe militar. Fecharam a Liga, saquearam e destruíram tudo.

A atividade na Liga era puxada. Eu precisava estar na sede todos os dias, felizmente um jipe me pegava pela manhã e me levava à tarde. Tínhamos que atender e ajudar os companheiros que vinham a nossa sede, tínhamos que organizar reuniões, tínhamos que fazer um relatório do nosso trabalho, do dinheiro que entrava e saía, das ocorrências do mês, etc. Havia também os problemas de saúde que estavam difíceis de serem resolvidos. Felizmente, conseguimos, por intermédio do Assis Lemos, que era considerado o homem de confiança do Jango, um posto de emergência do SAMDU, para atender os camponeses de Sapé. Quando um companheiro ficava doente e não podia cuidar da sua roça, havia solidariedade. Um grupo de camponeses voluntários ia lá e fazia tudo o que era necessário.

O que eu mais gostava de fazer era ir para as áreas de conflitos ajudar os companheiros. Geralmente, as caminhadas eram longas, e a gente nunca sabia o que iria acontecer. Era uma tesão danada! O grupo era sempre muito grande, porque, assim, sentíamos-nos mais seguros e impúnhamos respeito. O conhecimento que demonstrávamos ter da lei dava-nos mais segurança na hora da conversa com os proprietários: - A Lei número tal, no seu artigo número tal diz que o fazendeiro, para despejar o seu morador, tem que marcar a data. Só pode ser após a colheita. Tem

que pagar indenização pelas benfeitorias e pela moradia. Vai obedecer à Lei?! “Vai ter que pagar” na justiça. Se for à justiça, não se esqueça de que, enquanto não houver decisão, o seu morador vai continuar aqui, até a questão ser resolvida. E não vai tocar no roçado dele. Não vai não! A Liga está aqui para garantir o direito do trabalhador!

Os proprietários ficavam com a moléstia, assombrados com "tamanha ousadia". Ousadia para o latifundiário era o trabalhador exigir o que estava na lei, cobrar indenização pela lavoura que ele destruiu, pela casa que ele derrubou, pela cerca que ele arrancou... Nunca deixamos de apoiar a luta de nossos companheiros. Onde fosse necessário, lá estávamos. Outra coisa que deixava o proprietário explodir de ódio era aquela quantidade enorme de camponeses em frente da Liga, participando do Ato Público. Não foram poucos os camponeses que participavam do Ato Público, no domingo e na segunda-feira foram "bota todos para fora", espancados, ameaçados de morte. Era uma violência danada!

Naquele tempo, não podíamos contar com o apoio da Igreja. Até mesmo quando marcávamos um Ato Público para denunciar as injustiças e a violência dos proprietários, a Igreja ficava contra. E quando um camponês entrava na Igreja para marcar o casamento ou batizar o filho ou mesmo só conversar com o padre, ele perguntava imediatamente se ele era sócio da Liga Camponesa. Sea pergunta fosse afirmativa, vinha o Sermão: não participar mais dos Atos Públicos e de mais nada que fosse promovido pela Liga, porque lá só havia comunista. Os sindicatos estavam sendo fundados só para combater a Liga e a maioria deles foram organizados por padres. Fomos perseguidos pela Igreja. Achávamos uma atitude errada os padres nos chamarem de comunistas e combaterem a nossa luta. Felizmente, hoje é bem diferente. Reconheço que a Igreja mudou.

Só consegui levar essa luta adiante porque eu podia contar com a solidariedade dos companheiros e das companheiras que desde a morte de João Pedro passaram a me ajudar. Durante a noite, deixavam seus lares e chegavam para nos dar proteção: revezavam-se tão bem, que nunca ficamos sozinhos. Apesar de os meus filhos trabalharem no roçado, sempre chegavam os companheiros para, em mutirão, fazerem tudo o que era necessário. A área plantada aumentou e a lavoura estava uma beleza.

Não deixavam faltar nada: eles traziam tudo de que precisávamos, em quantidade exagerada. A mandioca transformava-se em farinha, como se fosse um milagre; para isso, os companheiros trabalhavam à noite e, quando eu abria a porta, a sacaria cheia de farinha estava ali prontinha. Se a mainha batalha não estivesse no ponto de ser colhida, o companheiro Manoel Alexandre, rezeiro em Marau trazia do seu roçado uma carga de batatinha e outra de inhame. Esse companheiro, quando veio o Golpe, teve que fugir com toda a sua família. Infelizmente quando chegou à Rodoviária do Rio de Janeiro, foi pego e ninguém mais teve notícia dele. Está "desaparecido", como tantos outros camponeses. Não vou esquecer nunca a solidariedade desses companheiros. As companheiras também me ajudavam como podiam. Eu nunca lavei roupa, a companheira Júlia buscava a minha roupa suja e trazia tudo bem limpinho e bem passado, Acho que esse carinho me dava mais força e animação.

O companheiro Julião, percebendo que, apesar de toda ajuda, não estava sendo fácil eu assumir as duas tarefas - e os meus filhos ficavam horas e mais horas sozinhos, trouxe do Sul o companheiro José Odilon, mais conhecido por "Pezão". Era um negro muito forte. Veio para ficar tomando conta do nosso sítio. Ele chegou com a sua companheira Maria em um casal de filhos. A companheira Maria foi uma segunda mãe para os meus filhos. Cuidava da casa e fazia a comida. "Pezão", sempre corajoso e leal. Deu a vida para proteger minha casa e meus filhos. Veio o golpe de 1964, quando todos fugiram; ele continuou na minha casa, firme. Chegaram os policiais e ele não se entregou, reagiu. Fiquei sabendo que ele foi morto pela repressão. Foi muito torturado. Todos os seus ossos foram quebrados. Um verdadeiro herói. Reagiu enquanto pôde e não abandonou meus filhos! Eu já falei a respeito dele anteriormente.

No mesmo ano em que assassinaram João Pedro, a besta-fera voltou-se novamente contra mim e minha família. Em 16 de Julho de 1962, o meu filho, Paulo Pedro Teixeira, um menino de apenas onze anos, arrancava macaxeira quando os capangas chegaram e atiraram na cabeça dessa criança, no osso frontal. O meu filho ficou como morto, nem sei como pôde sobreviver com uma bala dentro do seu cérebro. Foi levado, mais morto do que vivo, para o hospital, sangrando muito. Passou vários dias em coma e, quando saiu do coma, ficou seis meses em tratamento no hospital. Nunca mais voltou a ser a mesma criança. Perdeu parte do cérebro e ficou

excepcional, para o resto da vida. Toda essa violência porque Paulo Pedro, um dia, conversando com outros meninos, disse o que toda criança quando está com raiva ou revoltada diz: quando crescesse, vingaria a morte de seu pai. Só estava querendo crescer mais um pouco para poder agir. O que uma criança diz aos onze anos, para agir quando ficar adulto vai uma grande distância. Essa conversa de criança foi parar nos ouvidos de um dos coronéis, levada por um dos badalos que viviam chaleirando os proprietários, dedo duro. Bastou isso, somente isso, para meu filho levar um tiro na cabeça. Talvez tenham feito também, para me atingir. Assim agiam os latifundiários para impor a todos os camponeses o seu domínio. Nem todos, porque, felizmente, havia os que reagiam. Não se deixavam domar.

Apesar da preocupação com Paulo Pedro, precisei encontrar força e tempo para ajudar a organizar a chegada do Presidente Jango, que havia prometido dar o seu apoio à nossa luta. Sua visita ao nosso Estado estava marcada para o dia 29 de julho, se não estou enganada. Essa manifestação foi considerada, pelos jornais, como a maior mobilização que se viu em todo o Estado da Paraíba. Sem qualquer dúvida, feito do trabalho e da organização das Ligas Camponesas. Gondim, como sempre, ficou "em cima do muro", e os proprietários tentaram, impedir a visita.

Aconteceu a maior decepção; já de início ficou claro que nenhuma liderança da Liga Camponesa teria voz no ato público. Nem mesmo o Deputado Francisco Julião teve direito de falar. O discurso de Pedro Gondim não surpreendeu. O discurso do Jango não convenceu a ninguém: falou numa Reforma Agrária democrática e cristã. Excluiu a Reforma Agrária feita em Cuba. Não condenou a violência dos proprietários e nem tocou nos assassinatos de João Pedro Teixeira e do Alfredo do Nascimento. Para surpresa e decepção de todos os camponeses, o Presidente dedicou a maior parte do tempo a um dos chefes do grupo da várzea, o Renato Ribeiro Coutinho.

Talvez tivesse sido a forma que encontrou para diminuir os ataques dos proprietários ao seu governo. Entretanto, nenhuma justificativa apagou da nossa lembrança essa decepção. Os camponeses, que não pouparam esforços para homenageá-lo, foram tratados com frieza, quase ignorados. Os proprietários, que fizeram de tudo para impedir a sua visita, inclusive, quando não conseguiram, lançaram um documento considerando o Presidente "um visitante indesejável", receberam toda a atenção do Jango.

O Presidente não foi à minha casa batizar a minha filha mais nova, a Maria Inês, como havia combinado. Era um outro João Goulart muito próximo dos proprietários e muito distante dos camponeses. A nossa decepção foi muito grande e uma grande parte dos camponeses deixou de confiar nele. Felizmente havia sido preparada uma mensagem, para ser distribuída amplamente nas ruas de João Pessoa, apontando a derrota dos latifundiários diante da união e organização dos camponeses da Paraíba. Foi mais importante do que imaginamos, porque deixamos o nosso recado escrito, já que fomos impedidos de falar.

Só podíamos contar com a nossa força. O Presidente Jango fez, aconteceu, e quando veio a Paraíba, apoiou o latifúndio. Não posso deixar de reconhecer que de qualquer jeito, ele nos ajudou, às vezes, dando verbas para as nossas mobilizações, transporte, material educativo, tudo o que precisávamos, até raidinho de pilha.

O governador Pedro Gondim era ainda mais vacilante. Vou dar um exemplo: reunido com o Assis Lemos se comprometeu a dar toda proteção e liberdade aos camponeses, para lutarem por seus direitos. Não admitindo interferências que viessem atrapalhar o movimento camponês. Em seguida, atendendo aos latifundiários nomeou o coronel Luís de Barros, um verdadeiro carrasco, para ser o delegado especial de polícia, no destacamento da Sapé, criado só para reprimir o movimento camponês. Luís de Barros foi o "cão raivoso" contra os camponeses, antes e depois do golpe de 1964. Contam que, após o golpe ele saiu caçando os líderes e filiados da Liga, prendeu, torturou até a morte e depois deu fim aos corpos. Todas as provas apontam para ele no caso do desaparecimento de Pedro Fazendeiro e João Alfredo.

Na região de Sapé, o poder dos usineiros era ainda maior, porque se concentrava entre apenas duas famílias: os "Ribeiro Coutinho" e os "Veloso Borges". Teria sido muito importante que o Jango agisse como agiu no 1º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais ou como agiu quando eu fui à Brasília. Estávamos contando com o apoio dele para rachar o poder absoluto desses proprietários. Eles agiam da fôrra que agiam, porque tinham a plena certeza da impunidade. Quantos camponeses foram assassinados por eles e seus capangas e nem sequer houve abertura de processo. Quantos?! Eles manobravam o governo eleito pelos seus "currais eleitorais", conforme seus interesses. Não obedeciam à lei. E contavam ainda, com todo apoio da polícia e até do exército. Quantas vezes o latifundiário usou o

exército, a polícia para intimidar o homem do campo. O João Pedro Teixeira foi várias vezes preso e ameaçado por eles. Mas, no momento que o Presidente da República usasse da sua autoridade exigindo que a lei fosse cumprida; eles não agiriam da mesma forma. Os crimes tinham que ser apurados e os criminosos presos, fossem quem fossem. Acho que bastaria isso, apenas isso. Entretanto, nem isso foi feito.

## **MORTE DE MARLUCE**

Apesar de toda decepção a luta continuou firme. Eu não deixava de cumprir todas as minhas tarefas, mas andava cada vez mais preocupada com a Marluce. Com apenas dezoito anos, começou a ficar pior e pior, o que me preocupou muito. O assassinato do pai, o atentado contra o irmão havia afetado, a sua cabeça seriamente. Quando ela falava comigo repetia quase as mesmas palavras: - Mainha, Mainha, nenhuma justiça foi feita e de hoje em diante eu não quero ter mais vida! Sei que a senhora não vai vencer essa luta. A dificuldade é muito grande para a senhora e antes que a senhora morra ou desista eu vou me acabar! Marluce foi sempre muito apegada com o pai. Era um chamego só! Eu tentava, de todo jeito animá-la e não conseguia. Nem os remédios indicados pelos médicos fizeram efeito. Eu tentava conversar, mas ela não me escutava e voltava a falar: - Mainha, nenhum ajustiça foi feita contra esse bárbaro assassinato do meu pai, e de hoje em diante eu não quero mais ter vida. Sei que a senhora não vai vencer essa luta. A dificuldade é muito grande e antes que a senhora morra ou desista eu vou me acabar! Perguntava a Marluce: Por que você só fica pensando nisso? Por que você tem tanta certeza do que vai acontecer? Não seria melhor esperar acontecer? E ela com sua angústia, quase chorando, repetia: - Eu sei que a senhora não vai vencer porque eu vejo e eu sonho sempre. Eu não quero ver, mas vejo. Mataram painho e não vai haver justiça.

Toda noite eu vejo o rastro do meu pai, caminhando por toda casa, depois ele chega e vem sentar no lado da minha cama. Eu vejo que a senhora não vai ter faturado nessa luta. Vai ser uma desgraça, e essa criançada toda vai ficar jogada e eu não quero ver isso. Antes que esse desastre aconteça, eu prefiro morrer. Marluce parecia ausente, como se não estivesse me escutando. Marluce não melhorou com o tratamento e nem com o nosso carinho. Sempre muito triste, não passeava, não tinha mais amigas, não namorava. Ficava calada no seu cantinho, roendo as unhas, e, quando falava, era para repetir as mesmas palavras.

Assim como Marluce falou, ela fez, apesar de todo o nosso cuidado. No dia 29 de Novembro de 1962, completando oito meses do assassinato de João Pedro, quando eu cheguei a casa, vinda da sede da Liga, vi que Marluce não estava nada bem e vomitava sem parar. Preocupada, fui para o seu lado e perguntei o que ela estava sentindo e o que havia comido. Minha filha me disse: - Mainha, foi veneno que eu tomei misturado com mel de engenho (melado). Senti minhas pernas bambearem. O importante era agir o mais rápido possível. “Mande o Abraão pegar a bicicleta e ir correndo até Sobradinho chamar” um táxi: - Corre, corre meu filho porque sua irmã tomou veneno!

Marluce chegou ao hospital com vida. O médico fez uma lavagem no estômago e me disse que o caso era muito grave, que o melhor era levá-la para João Pessoa. Imediatamente partimos para o hospital em João Pessoa e eu passei a noite ao seu lado. Ela se queixava de fortes dores na barriga; sentia uma queimação no corpo todo. Estava bem lúcida: dizia que estava morrendo e que havia feito isso porque não podia viver sabendo que não havia justiça aos assassinos de seu pai, que estavam em liberdade e ainda disse, que eu iria continuar nessa luta em vão. Depois foi piorando... piorando... e morreu. Morreu no dia 30 de Novembro, às 10 horas da manhã. O latifúndio havia feito mais uma vítima, na casa de João Pedro Teixeira. Essa tristeza aconteceu, só tratamento.

Por mais que eu quisesse resistir, o peso sobre os meus ombros foi grande demais. Não suportei e fiquei como morta. Nem sei como tive forças para ir ao enterro. Eu não conseguia sair da cama. Não me alimentava. Não dormia. Não chorava. Sabia que tinha que cuidar dos meninos e dar continuidade à luta. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia. Assim fiquei alguns dias. Aí, chegou Francisco Julião para me fazer uma visita e, vendo o meu estado levou-me para o Recife e me intimou por alguns dias no hospital. Quando recebi alta, Julião levou - me para casa dele. Fui cuidada, com uma atenção por sua irmã, que era médica.

Recebi muitas visitas dos companheiros que vinham, me prestar solidariedade e desejar que eu ficasse logo restabelecida. Entretanto, suportar aquela dor não estava sendo fácil. Eu sabia que iria resistir e que iria voltar. O preço que eu estava pagando era muito penoso. Todos os que resolviam erguer a cabeça e ir contra o

latifúndio pagavam caro. Eu havia aprendido com João Pedro, que a luta compensava todo esse sacrifício.

Apesar de todas as dificuldades, contávamos com muito apoio; de associações, de sindicatos, partidos de esquerda, de jornalistas, de estudantes, de intelectuais e de muita gente do povo.

A nossa luta estava ligada à nossa necessidade de sobrevivência. Só havia dois caminhos pra os camponeses: continuar escravizados e morrer de fome na beira das estradas ou lutar. Quem luta tem esperança, porque está tentando construir um futuro diferente.

Foi a crença na luta, nessa luta que herdei de João Pedro, que me fez reagir nos momentos mais difíceis. A luta me envolvia com tanta força que não me deu tempo para chorar diante do suicídio de Marluce. Logo entendi que não podia desistir, era preciso voltar. No dia em que cheguei fiquei com meus filhos e, no Outro dia, fugi para a Liga.

Daí para frente, foi muito trabalho. A prática do dia a dia era tão intensa que nem me dava tempo para ficar lamentando. Isso não quer dizer que eu não sofria a dor de ver meu marido assassinado, meu filho ter levado um tiro e minha filha ter-se suicidado. Eu sabia que não era a minha família a única família vítima da violência dos latifundiários. Mas a cada golpe, ia ficando mais forte, à medida que reagia.

Estava certa de que minha resposta contra toda essa violência era a minha luta, a nossa luta para exigir os nossos direitos. O nosso maior objetivo era conquistar a Reforma Agrária radical, custasse o que custasse e levasse o tempo que levasse. E preciso repartir a terra, para os que nela trabalham. E muita injustiça a terra ficar concentrada nas mãos de poucos que geralmente, nunca sujaram as mãos nessa terra. Apesar disso, são os que fazem e acontecem com os que nela trabalham. A imensidão dos trabalhadores rurais ou tem pouca terra para plantar ou pior ainda, não tem nem um pedacinho de terra.

A luta não era fácil. Era preciso que o homem do campo estivesse bem preparado para enfrentá-la. João Pedro sempre dizia da importância de manter o homem do campo muito bem informado e participando de todas as atividades. Lembro-me de que caminhávamos distâncias e mais distâncias, sempre "de pés" e

caminhávamos... caminhávamos... íamos cantando e conversando. A cada caminhada ficávamos mais amigos, mais unidos.

Tínhamos muitas atividades, entre elas, aos domingos um grupo de camponeses voluntários ia para a periferia de João Pessoa, para colaborar com os companheiros que estavam sobrevivendo em condições de miséria absoluta. Prestávamos algum serviço útil; às vezes, consertávamos os barracos em péssimas condições; outras, aproveitávamos algum terreno baldio para plantar e revertê-lo em benefício dos moradores. Fazíamos o que fosse mais importante. Eram os companheiros da cidade que decidiam o que deveria ser feito. Quando o trabalho terminava, um grande número de moradores ia até o local, onde os caminhões estavam estacionados. Aí vinha a conversa, as discussões: debatíamos a exploração, as leis, as injustiças, a nossa força. Os nossos direitos e vai por aí... Era reforçada a importância da união entre todos os trabalhadores, do campo e, da cidade, para a luta ficar mais forte e conquistarmos mais rapidamente Os nossos direitos. Os trabalhadores da cidade também eram explorados. Essa prática -j foi muito importante, porque foi sendo criado um laço muito forte entre os companheiros do campo e da cidade. Na realidade, éramos todos camponeses, i porque a maioria dos habitantes da periferia eram trabalhadores rurais expulsos S do campo.

Às vezes, queríamos acreditar que contávamos com o apoio do governo, mas, nas nossas discussões, vinha clara a realidade: o camponês só pode contar com o camponês consciente. Unidos, organizados e lutando, somos uma força capaz de conquistar a Reforma Agrária. Achávamos importante arrancarmos dos governos, que nos prometiam apoio, tudo o que fosse possível. As vezes a gente até punha fé, porque eles prometiam mesmo. Mas logo chegava a decepção. O ano de 1962 marcou com ferro em brasa a minha vida. Foi também nesse mesmo ano que ocorreram as eleições, em outubro. Os companheiros e Julião insistiram muito para que eu aceitasse a minha candidato a Deputada Estadual.

Como eu já estava esperando, perdi as eleições, e o Assis foi eleito... A grande vitória do movimento camponês foi a vitória do companheiro Julião para deputado Federal. Festejamos muito. Não seria possível o camponês eleger dois candidatos duma mesma área. O número dos eleitores era bem limitado. A grande maioria não sabia assinar o nome, portanto não tinham direito de serem eleitores. Naquela época,

o voto do analfabeto era proibido. O próprio governo era o responsável por isso. Ai chegava a idade de votar e eram castigados: - Analfabetos não podem votar nem serem votados, Uma grande injustiça, uma democracia capenga, das elites.

Depois que acabou a eleição, o delegado de Sapé me intimou. Soube que ele ia me processar por causa dos meus discursos. Não fiquei aperreada, mas fiquei com muita raiva. No dia e hora marcados eu fui à delegacia, acompanhada do Dr. Bento da Gama. Ele estava muito preocupado com as acusações. Nem bem coloquei o meu pé na sala do delegado, ele já começou a me ameaçar, ' dizendo que eu ia ser processada pelo que eu tinha dito nos meus discursos. Tremi de raiva e comecei a dizer tudo que estava pensando: - O senhor até pode me processar. Mas vai ter que processar muita gente comigo, viu senhor delegado!? O senhor vai ter que chamar aqui o Joacil de Brito, ele vai ter que provar que o meu marido, João Pedro Teixeira, assassinado por eles, é um assassino. Até panfletos foram distribuídos por todo o canto. Eu tenho ' esses panfletos guardados. Se o Joacil conseguir provar aqui o que disse nos discursos e nos panfletos, então o senhor pode me processar. Não foi só ele não! ; E o senhor vai ter que chamar toda a essa gente à responsabilidade! Eu provo o que disse, porque falei a verdade! E eles?

Com cara de bravo, ele me mandou ir embora. Disse que nunca mais queria i me ouvir, que sumisse dali. Vê se ele teve coragem de chamar o Joacil Brito!? O Dr. Bento da Gama, logo que saímos, me disse que ficou bem satisfeito porque ' estava achando muito difícil conseguir me safar desse processo.

## **CUBA**

Quando completou seis meses que o Isaac partiu para estudar em Cuba, Fidel Castro me enviou um convite para conhecer CUBA e visitar o meu filho. Imediatamente aceitei o convite, com muita alegria. Estava morrendo de saudades de Isaac. E conhecer Cuba me interessou bastante. Fui para lá, acompanhada de Julião, mais um companheiro de luta da Paraíba, o Antônio Dantas e outros companheiros de Pernambuco. Partimos, se não estou enganada, no dia 24.de julho dei 963, e chegamos a Havana no dia seguinte. Fomos recebidos com o Hino Nacional Brasileiro.

Dia 26 de julho era o aniversário da Revolução Cubana. Comemorada com muito orgulho e alegria. Desde cedo, começamos a ouvir o alto-falante e as rádios tocando o Hino Nacional as músicas da Revolução e convidando o povo para as comemorações.

Mais tarde o povo começou a chegar à Praça da Revolução, local marcado para os festejos. Alegres, empunhavam a bandeira cubana de todos os tamanhos, A maioria das crianças e jovens sacudiam com orgulho as bandeirolas com as cores cubanas e o número 26. Cartazes e fotos eram conduzidos, com carinho, respeito, como se fossem imagens de santos. Havia, também faixas enormes aplaudindo a Revolução Cubana e seus líderes: Não Passarão! Viva a Revolução! Viva Cuba Livre! Viva CHE GUEVARA! Viva CIENFUEGOS! Viva FIDEL! Viva RAUL! Tudo escrito em espanhol é lógico!

Em pouco tempo as ruas ficaram apinhadas de gente... Naquelas vias que davam acesso à Praça da Revolução, onde seria o centro dos festejos, o mínimo espaço era disputado. Apesar de termos ido para a praça com bastante antecedência, foi difícil conseguirmos chegar. O som tornava-se mais forte ainda, com o acompanhamento do povo. A cada instante chegava mais gente e foi assim até a hora em que se iniciou o ato público.

Quando a orquestra começou a tocar o Hino Cubano, o povo ficou em posição de respeito, e quase todos acompanhavam. Depois, vieram os discursos. O silêncio só era quebrado pelas palmas. Falaram alguns convidados internacionais, autoridades cubanas e, quando foi anunciado o discurso de CHE, Ernesto Guevara, a praça veio abaixo; - Hay que endurecer-se sempre, pero si jamais perder la ternura.

Não me lembro de se essa frase foi pronunciada naquele momento pelo CHE ou pelo povo, ou se eu li em alguma faixa. Talvez tenha escutado várias vezes, porque ficou na minha memória. Foi difícil entender, por causa da língua, o que Che falou. Tive a ideia de que conversava com o povo. E, com muito entusiasmo, o povo aplaudiu. Encerrando essa parte dos festejos, emocionando a todos, falou Fidel Castro. Fidel falou, por horas, sem nenhum papel escrito. Fidel, também, em certos momentos, conversou com o povo. Muitas vezes o seu discurso foi interrompido por palmas...palmas e mais palmas... e, quando terminou, foi aplaudido por muito...muito

tempo. O povo gritava o seu nome e dava vivas à Revolução. Aí, foi o próprio povo que assumiu a celebração.

Fiquei quase um mês em Cuba, percorri o interior. Vi os companheiros cubanos cultivando sua terra. Terras distribuídas pela Reforma Agrária. Ali não havia mais patrão. A lavoura estava muito bem tratada e prometia ser farta. Vi os extensos canaviais e as usinas sendo montadas. Visitei alguns locais onde ocorreram as batalhas principais e visitei o Museu da Revolução. Foi lá que vi as fotografias tiradas durante a luta revolucionária. Fiquei muito emocionada, comovida-poderia ser nossa gente lutando... Haveríamos de chegar lá! Estava certa disso.

Visitei também a casa de um escritor muito famoso. Eu não consigo lembrar o nome\*. Só sei que era americano e que deixou o seu país para viver em Cuba. Conheci Varadero, lá o mar é muito bonito. Vi o luxo das casas de veraneio dos americanos transformadas em prédios para servir o povo. Visitei a escola que levava o nome de João Pedro Teixeira. Fiquei surpresa porque as crianças sabiam explicar a razão da sua Escola ter aquele nome. Particpei dos trabalhos voluntários. Muita gente importante, intelectual de vários países estava ali de enxada ou foice nas mãos, colaborando com a "ILHA". Visitei muitas outras áreas rurais. Vi a beleza da plantação de fumo e depois fui a fábrica onde se produzem os famosos charutos cubanos. Fiquei surpresa com cuidado e o capricho dos trabalhadores: enrolavam manualmente um a um.

Estive com muitos camponeses beneficiados pela Reforma Agrária. Pude, sentir a alegria daqueles homens que conseguiram romper os grilhões da exploração capitalista. Almocei na casa de um deles. Estavam confiantes no futuro e dispostos a fazer a terra produzir, para o bem do povo cubano.

Fidel recebeu a nossa delegação várias vezes. Conversamos muito sobre a, vida e a luta do homem do campo no Brasil. Ele demonstrou muito interesse e me fez muitas perguntas, quis saber como e quando João Pedro Teixeira deu início a essa luta também, quis saber, como era a nossa luta, no dia a dia, e qual a nossa 'esperança de vitória. Eu disse para Fidel Castro;

Custe o que custar, vamos vencer! Não desconheço que as dificuldades são grandes. Nunca imaginei que o golpe militar fosse dado e não houvesse reação. O

povo querendo reagir, mas o governo foi embora. E, com isso, o golpe ganhou a força que não dispunha.

Fidel foi informado das dificuldades que eu tinha que enfrentar no Brasil, com tantos meninos e quase todos bem pequenos, convidou-me para ir com meus filhos viver em Cuba. Cheguei até a ver a casa onde eu iria morar. Agradei muito. Fiquei comovida com a solidariedade. Mas expliquei que havia assumido o compromisso de dar prosseguimento à luta de João Pedro Teixeira. Ele me olhou, balançou a cabeça, concordou comigo. Parece ter gostado da minha decisão.

Isaac me disse que Fidel Castro era homem de palavra. O seu ideal de revolucionário, com justiça social e independência nacional ele estava cumprindo. Fidel não enrolava, não ficava em cima do muro, enfrentava com decisão todas as dificuldades impostas pelas oligarquias locais e os americanos. Nenhuma pessoa honesta pode negar que as críticas e a oposição forte e violenta contra a "Revolução Cubana" tiveram início, como não podia deixar de ser, quando foi implantada a Reforma Agrária e a nacionalização das grandes empresas privadas. Isaac me explicou bem isso, muito bem.

Fidel é simples. Manifestou, em várias oportunidades, o quanto se preocupava e era solidário com os companheiros de luta do mundo inteiro. Essa solidariedade ficou provada, para mim, no seu gesto amigo, na homenagem que fez a João Pedro, recebendo Isaac para fazer todos seus estudos e convidando-me para viver em Cuba, com meus filhos.

Quando avistei Fidel caminhando pelas ruas, percebi o carinho e o respeito que o povo cubano tem por ele. Andava entre o povo como se fosse um deles. Era com muita ternura que olhava e conversava com as crianças. É triste saber que um homem desses tenha que viver cercado por muita proteção, por causa dos atentados contra a sua vida, que não foram poucos.

Estivemos com Ernesto Guevara, o CHE, várias vezes CHE recebeu a nossa delegação com o seu jeitão todo carinhoso e atencioso. Quando veio me cumprimentar abraçou-me como se já me conhecesse e perguntou-me sobre a nossa luta! Queria saber qual a nossa esperança de vitória. Ele conhecia bem a situação do Brasil e conhecia a nossa luta. Foi ele quem preparou a Lei de Reforma Agrária de

Cuba. Eu disse para ele que iríamos vencer, custasse o que custasse. Com um gesto de alegria, apertou a minha mão, com força desejando sucesso na luta. Quando começava a falar, fazia estremecer. Sabia convocar para a luta. Ele falava devagar, para que os brasileiros pudessem entender. Mesmo assim, havia um companheiro que fazia a tradução. CHE explicou que uma das tarefas mais importante para a luta era a formação dos quadros revolucionários – tínhamos que estar bem preparados. Seria impossível conquistar a vitória e resistir às investidas dos inimigos, sem treinamento.

Isaac me contou que uma das tarefas de CHE, enquanto viveu em Cuba, era retransmitir a sua experiência, para todos os companheiros. Apesar de ter, o conforto do lar, a esposa e os filhos, para dar prosseguimento a sua luta pela libertação dos povos oprimidos. CHE, como muitos cubanos falavam, era um revolucionário do mundo. Eu penso nele, como um "herói do mundo" Uma personalidade que me orgulho de ter conhecido. Impossível ser esquecido. Considero um grande privilégio ter conhecido o CHE. Foi, também um grande privilégio ter conhecido Fidel Castro, outro grande herói e um governo comprometido com os interesses do povo cubano: honesto e corajoso.

Até hoje, admiro muito aquele país. Pude ver, naquela época, que o governo e o povo estavam construindo um país para os cubanos; Reforma Agrária, saúde, educação sem esquecer a soberania, é claro. Se não fosse o meu compromisso com a luta, eu teria ficado lá, para sempre. Saí desejando que o Brasil caminhasse também, por esta estrada. Achei tudo muito certo. Cuba é forte! Resiste até hoje ao bloqueio imposto pelo EUA.

Apesar de ter gostado muito da Ilha, mesmo que eu soubesse o que iria acontecer, em nosso país, eu nunca teria ido morar lá. O meu lugar era no Brasil, dando prosseguimento a luta. O que eu lamento muito é não ter levado todos meus filhos para viverem lá. Não teria havido o desmantelamento que houve. Todos estariam formados, como Isaac, e não teriam passado por toda humilhação e sofrimento por que passaram.

Ficamos em Cuba 24 dias e, na hora da partida, foi difícil deixar o meu filho. Mas eu sabia que era o melhor para quem desejava estudar. Não podia imaginar o tempo que teria que ficar sem ver o Isaac. O nosso reencontro só ocorreu em 1986.0

curso de Medicina em Cuba é tão bom que Isaac não encontrou nenhuma dificuldade, em enfrentar as adaptações exigidas pelo Ministério da Educação, no Brasil.

Assim que voltei para o Brasil dei prosseguimento à nossa luta, que, a cada dia, tomava-se mais difícil. Aminha ida a Cuba me deu mais força e entusiasmo. Eu havia visto, com os meus próprios olhos, a vitória dos camponeses e a Reforma Agrária sendo aplicada. Cada camponês com o seu pedaço de terra, podendo plantar, com todo o apoio e incentivo do governo. A vida lá não era fácil, mas todos tinham, o necessário para viver e as mesmas oportunidades para estudar e trabalhar.

Estava tão entusiasmada, que, logo que pude, fui para a sede da Liga. Queria repassar aos companheiros tudo sobre Cuba. Falei sobre a Reforma Agrária aplicada lá. Era exatamente essa a Reforma Agrária que os camponeses brasileiros estavam precisando e precisavam conquistá-la, de qualquer jeito. Até na marra. Aliás, estava certa de que os nossos caminhos teriam que ser os mesmos de Cuba. Os latifundiários e toda essa classe privilegiada não iria entregar as suas terras, mesmo improdutivas sem muita violência. Só se fossem derrotados. Teríamos que lutar contra o poder, que "há mais de quatrocentos anos se instalou nesse país", como dizia o meu compadre Julião. Contei aos companheiros sobre a simplicidade de Fidel e do Che conversando com o povo, ouvindo o povo. Entreguei o farto material, que trouxe: livros, boletins, revistas, documentos, cartazes e algumas fotos. Não havia nenhuma bomba e nem armas, as únicas armas que trouxe foram as armas que preparavam o povo para a sua conscientização e reação diante da opressão. Fiz muitas reuniões, tanto na sede da Liga como nas áreas rurais, para repassar essas informações. Muitos companheiros ficaram animadíssimos e desejosos de poderem ir lá. Eu deixava claro que o importante era fazermos aqui, no nosso país, o que eles fizeram lá. Quando cheguei de Cuba estava mais confiante na nossa luta. Ela passou a ser ainda mais concreta. Isso aconteceu com todos os companheiros que foram na nossa delegação.

No dia seguinte da minha chegada de Cuba, mesmo com muitas saudades dos meninos, fui bem cedo para a sede da Liga. Queria voltar logo ao trabalho, estava bem animada. Queria saber o que aconteceu durante os 24 dias em que estive fora. Mas eu queria, também, voltar logo para perto dos meus filhos. Eu gostava de ficar com os meninos; o carinho deles, as brincadeiras, as briguinhas, as queixas, as meninas as vezes, vinham correndo, dava-me um "cheiro". Eu não descuidava dos

estudos. João Pedro e eu sempre concordamos que o estudo era muito importante e iríamos fazer tudo para eles estudarem. Quantas saudades eu estava sentindo de João Pedro e de Marluce! Paulo Pedro já estava em casa. Foi considerado curado. Eu agradecia a Deus por ter salvado a sua vida. Infelizmente, bastava olhá-lo para ter certeza de que ele não era o mesmo menino. A minha revolta crescia ainda mais contra os latifundiários, perversos e covardes. Eles eram o diabo da terra!

Logo a minha vida voltou ao normal, cedo saía para a Liga e, à tardinha, voltava. Sempre que era possível, contava para os companheiros o que havia presenciado em Cuba e mostrava os folhetos e retratos de lá. Aliás, todo o material que trouxe ficou na Liga, para que os camponeses pudessem ver. Muitos deles foram lidos e discutidos nas nossas reuniões. Estava certa de que esses relatos traziam muita animação. Sentíamos a vitória mais perto.

A Reforma Agrária radical é a solução para os trabalhadores do campo. É preciso ir buscá-la, custe o que custar e leve o tempo que levar. A terra tem que pertencer aos que nela trabalham. Não é justo poucos com uma imensidão de terra, sem nem mesmo plantar nela. E carradas e carradas de trabalhadores do campo sem terra para poder plantar. Convenhamos, é muita injustiça.

João Pedro sempre me dizia que a obrigação das Ligas era defender o homem do campo, prepará-lo para a luta (animação, formação e união) para conquistarmos a Reforma Agrária.

A realização do ato público era muito importante. Ele era o laço entre a Liga e os camponeses. Lá denunciávamos a violência dos proprietários e dos seus sicários; a violência dos policiais e dos soldados. Protestávamos contra as injustiças: a falta de terra para plantar, a falta de casa, a falta de serviço médico e de escolas, os baixos salários. Exigíamos punição para os assassinos de Alfredo do Nascimento, João Pedro e de outros camponeses, divulgávamos os nossos trabalhos e prestávamos conta de tudo.

## **VIOLÊNCIA POLICIAL**

Os Latifundiários sempre nos perseguindo, entretanto, a luta continuou e sempre mais forte. Fomos acumulando vitórias. E, por causa delas, a repressão cresceu ainda mais. A polícia vivia na minha casa, algumas vezes só para fazer,

ameaças e, em outras, me levava mesmo! Os policiais tentavam me assustar, atirando nos meus pés. Não acertavam, mas as balas passavam bem perto. Às vezes, eles me obrigavam a passar entre duas filas de policiais: de um lado e do outro e eu tendo que passar no meio deles que gritavam, quase dentro do meu ouvido, as mesmas ameaças e ofensas. Faziam gestos como se fossem me bater, mas não chegaram a tanto. Pegavam os revólveres e faziam a mira, como se fossem atirar. No início, conseguiram me assustar. Depois fui perdendo o medo. Já sabia bem o que iam fazer e o que não iam fazer. Eu suportava tudo isso com muita raiva e revolta. Reagia como podia: Esta é mais uma covardia, ontem vocês atiraram em João Pedro Teixeira e hoje vocês estão atirando nos meus pés. Quando vocês vão atirar e pelas minhas costas? Covardes!

Eu ficava muito preocupada pelas crianças. Já haviam sofrido tanto...tanto e ainda tinham que ver tudo isso. Mesmo quando não me levavam presa, faziam muitas ameaças e me mandavam trabalhar dentro de casa: -O melhor que você faz é ir para o tanque lavar roupa! Lugar de mulher é na cozinha, não é fazendo badernas!

Uma das vezes em que os policiais me levaram, eles me atormentaram para assinar uma declaração, reconhecendo que eu e outros camponeses das Ligas estávamos invadindo as fazendas. Não assinei de jeito nenhum. Numa outra ocasião em que me prenderam, os policiais, exigiram que eu assinasse um documento reconhecendo, que o nosso objetivo na Liga era fazer a guerrilha no campo. Respondi que não sabíamos nada disso e que só buscávamos os nossos direitos, que estavam garantidos na lei do nosso país. Insistiram muito e ficaram com a moléstia quando se certificaram de que eu não iria obedecer. Com o papel na mão, prontinho para eu assinar, tentavam me amedrontar, gritando: \_Você não é daqui do Brasil, você deve ser cubana. São os cubanos que nunca sabem de nada e sempre dizem que são inocentes. Você é cubana ou soviética? Com raiva respondi: Eu não sou cubana e tampouco soviética. Eu nasci na Paraíba. Sou brasileira. Viúva de João Pedro Teixeira, que vocês assassinaram covardemente. Sou mãe de onze filhos. Não vou assinar nada, nem que vocês me matem! A minha sorte era que sempre que ia presa logo chegava um dos advogados da Liga e me soltava.

Certa vez, o meu filho José Eudes ficou bem doente, chegou a ser internado por quase um mês, numa clínica Médica, em Cruz das Armas. E, quando ele voltou

para casa, deixei as minhas obrigações na Liga, para poder cuidá-lo melhor. Chegou um bando de policiais, uns quinze ou mais. Logo deram-me ordem de prisão por causa de um conflito que aconteceu numa fazenda. Eu expliquei que não poderia ir porque estava cuidando do meu filho. Aí, o sargento berrou: - A senhora vai de qualquer jeito! Por bem ou por mal! Pode ir deixando tudo aí e venha! Os carros estavam parados na frente de casa, e um deles já estava com a porta aberta para me colocar lá entro. Não deixei a oportunidade escapar: - Quanta covardia, tanto policial para prender uma só mulher!

Quando eu ia subindo na camioneta, vi que, no banco, estava o motorista e mais o sargento; Aquilo fez o meu sangue ferver. Olhei bem na cara do sargento e disse: - Seja digno, sargento! Aprenda a respeitar uma viúva, mãe de onze filhos. O senhor está querendo que eu me sentasse nas pernas de quem? Do senhor ou do soldado? Ele ordenou que o soldado descesse para eu subir. Quando cheguei a Sapé, desfilaram comigo pela cidade inteira, só para mostrar que eu estava presa. Prendiam-me, ameaçavam-me e depois, tinham que me soltar; O coronel Luiz de Barros quando foi me prender, usou uma linguagem pesadíssima, para me ofender: - Mulher-safada, mulher sem-vergonha, tenha vergonha, deixe de andar acompanhada de um monte de machos. O seu lugar é dentro de casa, cuidando dos filhos e da casa. Não é fazendo agitação e subversão. Eu respondi bem alto: Sem vergonha não, ouviu?! Cuidado com os palavrões que está falando. Se eu sou mulher safada, foram vocês que me colocaram nessa vida, quando mataram 'covardemente meu marido João Pedro Teixeira, pai de onze filhos. Quem mandou matar foi um latifundiário e quem matou, por acaso não foi um cabo e um soldado disfarçado de vaqueiro?! Foram vocês que me deram esse lugar!

Eles nem mereciam a minha resposta, mas eu não conseguia ficar calada. Acho que a capacidade que tinha de ter sempre uma resposta contra os latifundiários e seus cachorrinhos deve ter sido a causa que levou o Aguinaldo Veloso Borges a viver ameaçando que ia mandar cortar minha língua. Diziam que ele estava oferecendo muito dinheiro. Problema dele! O meu era lutar.

Um negociante de Pilar, o Sr. Nelson Pessoa, muito tempo depois, contou-me, de certa forma, eu devia a minha vida a ele. Curiosa, perguntei por que e ele me

disse: - Eu ia passando pela estrada e vi dois capangas conhecidos, conversando de repente, escutei bem alto: -Hoje ela não escapa!

Não tive dúvida de que era empreitada do Dr. Aguinaldo Veloso Borges e que a "encomendada", só podia ser você Elizabeth. Fui em direção aos dois e comecei a prostrar até chegar ao assunto. Aí mostrei a covardia da empreitada; - Matar uma mulher já é covardia e matar uma viúva com onze filhos para serem criados é muito mais covardia. Além do mais, essas crianças já estão enfrentando muitas provações para viverem sem o pai, se matarem a mãe, o que vai ser delas?! Vão ficar completamente sós jogadas pelo mundo. São tão pequenas, não carece uma covardia dessa! Tanto falei, que resolveram me levar para conversar com o seu patrão. Aí, consegui o cancelamento do atentado. Aguinaldo Veloso Borges era esperto. Percebeu que eu iria denunciar tudo e resolveu ser "gentil", assumindo compromisso de que a sua vida, Elizabeth, iria ser poupada. Esse caso pode ter acontecido e pode não ter sido bem assim....

Estava decidida a dar continuidade à luta, e não seria essa ameaça que me afastaria de tudo. Repetia sempre para os amigos: "Só peru morre na véspera." Isso não quer dizer que eu não tivesse medo. Os companheiros se preocupavam muito com a minha segurança. Davam-me muita proteção, nunca me deixavam sozinha e viviam me avisando do perigo.

Antônio Teixeira, prefeito de Santa Rita, temendo uma emboscada diante das ameaças que eu estava recebendo, deu-me de presente um rifle que atirava oito vezes sem precisar apertar o gatilho novamente. Além desse rifle, recebi muitas outras armas de presente. Foi aí que pensei: o que adiantam todas essas armas, se eu não sei atirar? Achei que deveria aprender e aprendi. Aliás, aprendi a lição rapidamente. Nunca havia imaginado ter nas mãos uma arma, tinha horror a elas.

Entretanto, a arma significava para nós uma defesa, talvez a sobrevivência, Não podíamos esquecer que estávamos enfrentando os latifundiários, com toda a sua violência. Lamentavelmente, precisei ficar preparada, para poder reagir e não dar a minha vida de graça. Diante da repressão que caiu sobre nós, agíamos com muita coragem. O número de companheiros dispostos a lutar crescia e crescia; a união tomava-se mais forte. A violência era terrível! Ainda hoje, fico eriçada ao recordar as crueldades praticadas pelos latifundiários. Eram mesmo bestas-feras!

Apesar das dificuldades e do perigo, havia muita coisa boa mesmo! Lembro com alegria a nossa união, a solidariedade, as nossas reuniões, as nossas caminhadas sempre muito animadas, o hino que cantávamos, as brincadeiras as nossas vitórias. Ah! Se não fosse 1964, teríamos conquistado a Reforma Agrária, estávamos caminhando bem rápido e com firmeza. Tenho muitas saudades daqueles tempos.

Muitas pessoas, principalmente os jornalistas, quando vão me entrevistar, têm me perguntado como consegui liderar tantos camponeses, diante do machismo existentes na Paraíba e como reagiram as mulheres do campo. Para mim, tudo foi natural. Eu já trabalhava na sede da Liga, e muitos camponeses já me conheciam.

Depois, era vista como a viúva de João Pedro Teixeira. Os camponeses são muito respeitadores e nunca tive problema nenhum. Com o tempo, eles foram me admirando pela minha seriedade, coragem e decisão na luta. Com as mulheres, não foi diferente. Talvez, bem no início, algumas tenham ficado um pouco ressabiadas, mas logo que me conheceram melhor, ficaram bem afetuosas. Quando eu ia à casa delas, era tratada com deferência. Muitas chegavam até a minha casa, para me ajudarem. Às vezes, vinham me visitar e, quando podiam, traziam-me um agrado. Infelizmente, naquela época, a participação das companheiras era muito pequena. Poucos eram os camponeses que agiam como João Pedro, sempre luta.

Além da minha pessoa, participavam do movimento camponês, na nossa área, duas companheiras. Uma delas era a filha de Pedro Fazendeiro. Ela era novinha, trabalhava comigo e estava sempre participando da luta. Era corajosa e gostava muito de ir aos comícios. Não era acanhada, falava em público, lia cartas, recados, etc. Em Sapé, a Otavinha trabalhava na Liga Camponesa e sempre estava comigo. Dizia: Dona Elizabeth, conte comigo em qualquer momento que precisar.

Sempre que era possível, eu estava com as duas ou com uma das duas. '[Entretanto, quando eu ia para uma ação mais séria, eu não podia arriscar a segurança dessas excelentes companheiras, ainda bem novinhas. Aí, eu era a única mulher no meio de dois mil homens, às vezes menos e às vezes mais. Éramos irmãos, e eu nunca me preocupei com isso.

Continuava usando o luto e, mesmo assim, os latifundiários tentavam me desmoralizar. Nunca conseguiram me atingir e nem inibir minha luta. Os inimigos, 'mesmo dizendo o que diziam, tinham que me respeitar, porque eu sabia me impor.

Passei a ter um laço de amizade muito forte com os jovens das redondezas já que vinham entusiasmados nos procurar para tomarem-se associados da Liga 'Camponesa e participarem da luta. Preocupou-me o fato de a grande maioria não, saber ler nem assinar o nome. Era um desperdício de inteligências, uma injustiça, 'um verdadeiro crime. Era um desafio! O passo mais importante, para a luta, naquele momento, teria que ser a alfabetização. A decisão foi tomada. Felizmente recebemos muito apoio nesse trabalho. A alfabetização começou para valer e foi ampliando as suas áreas.

Muita gente havia enxergado o problema e estava decidida a ajudar. Sem falar nos professores e estudiosos do assunto, que dedicaram o seu tempo a elaborar um método mais fácil e eficaz. Foi aí que, entre os educadores, surgiu o Professor Paulo Freire. O seu método, além de prático, fácil, alfabetizava conscientizando. Dizem os entendidos que foi uma verdadeira revolução dentro da educação. No golpe de 1964, Paulo Freire foi considerado subversivo, os seus livros, proibidos no Brasil. E ele teve que se exilar. Apesar de ser conhecido e admirado internacionalmente como grande educador. Tudo porque o seu método, além de alfabetizar conscientizava - despertava os oprimidos. Só por isso o método foi considerado um "grande perigo vermelho", coisa de "comunista e agitador".

Foi colocado à nossa disposição um grupo de professores altamente capacitados, dispostos anos ensinar a técnica de alfabetização do "Método Paulo Freire", Aceitamos imediatamente e passamos a receber orientação. Logo que aprendi, preparei o material necessário e dei início a esse trabalho lá em casa. Numa das paredes da sala, eu coloquei um quadro negro bem grande. A velha mesa, que tão orgulhosamente João Pedro havia comprado, de dois metros de comprimento, estava ajudando bastante Os meninos de dez, doze, quatorze e quinze anos, sentados em volta daquela mesa, com muita atenção, iam aprendendo as lições.

Dava gosto e alegria perceber o avanço dos jovens. Facilitava muito o nosso trabalho o programa de alfabetização transmitido pela rádio. Conseguimos, com o João Goulart, um grande número de radinhos e todo material necessário para o nosso

trabalho. Esse trabalho de alfabetização passou a ser feito em todo o Brasil. Nunca se alfabetizou tanta gente, em tão pouco tempo! Essa alfabetização abria a inteligência, fazendo despertar a consciência, e funcionava mesmo! Daí por diante, a participação na luta ficava muito mais fácil e mais forte.

Era um tempo de luta, de muito trabalho, de entusiasmo e de crença. Havia uma alegria e uma grande fé no Brasil o que contagiou muitas pessoas. Foi um tempo que fez o brasileiro acordar. Foi um tempo que traz saudade. O homem do campo estava mudando; trocou a submissão pela luta. O olhar vazio, o sorriso triste e a caminhada lenta, pela pressa, pela combatividade, pela alegria, pela confiança de quem está construindo o seu futuro. Todos os dias passaram a ser dias de luta e dias de festa: festa do aprendizado, festa de plantar, festa de construir junto. O campo começava a despertar para uma nova vida, uma vida digna, com homens que não se curvam diante do "sinhozinho". Homens que conheciam e exigiam os seus direitos. Nas cidades a luta não estava diferente.

Foi aí que os proprietários, aliados aos interesses de companhias e países estrangeiros, começaram a tramar contra o Brasil e o povo brasileiro. Diante da força dos camponeses, operários e patriotas os traidores não ousavam manifestarem-se e, em silêncio, tramavam e tramavam...E a nossa luta continuava e continuava... No local onde havia conflito de terra, nós estávamos lá, como representantes da Liga Camponesa, para orientar e apoiar os companheiros. Assumíamos legalmente as suas defesas quando era necessário. A arrogância do latifúndio, dia a dia, ia sendo quebrada graças às nossas ações; o nosso apoio era verdadeiro e forte, para todos os companheiros que tinham seus direitos violados. Um apoio na prática, que não era de meia dúzia de camponeses, mas de um grande número deles, tanto quantos fossem necessários. E, para lutar na justiça, havia muitos advogados. Um jeito que encontramos de enfraquecer os proprietários, diante dos seus moradores e de outros camponeses, era cercar o fazendeiro na estrada, impedindo a passagem do seu carro até que ele gritasse: -Viva as Ligas Camponesas!

Parece uma bobagem, mas era muito importante, porque rompia o sentido de poder, temor e respeito que os proprietários impunham aos seus moradores. Não era habitual colocarmos chocalhos. O chocalho surgiu depois do assassinato de João Pedro Teixeira. Não soubemos nunca de quem foi a ideia. O chocalho era usado no

camponês que era "badalo" do proprietário e que, para ganhar algum favor ou só para agradá-lo, era capaz de delatar um companheiro. Era colocado também, naquele camponês traidor, aquele que ia às nossas reuniões a serviço do proprietário, para informá-lo sobre tudo que ocorria nas nossas reuniões. Colocamos o chocalho também em alguns fazendeiros, mas só quando era muito necessário. Aí colocávamos o chocalho e exigíamos que gritassem: - Viva as Ligas Camponesas!

Tente imaginar o que isso representava para os camponeses que eram tratados pior do que animais, sem qualquer consideração e respeito, acumulando miséria em cima de miséria, ofensa em cima de ofensa, sem poder descortinar um futuro melhor para si e sua família. Recolhendo as migalhas, tirando o chapéu e agradecendo.

Alguns me chamavam de muito radical. Acho que eu não era radical. Quando resolvi assumir a luta, assumi de verdade. A repressão dos proprietários é que era mais do que radical. Eu aprendi que a violência traz mais violência. O camponês detesta agir com violência, mas, quando não há outro jeito, tem que ir à luta. Veja o que os coronéis fizeram com os camponeses, enquanto eles não reagiram?!

Quando eles atiravam, a gente também tinha que atirar, senão acabávamos morrendo. Isso não é ser radical. Essa era a realidade do campo criada pelos proprietários das terras. Se não fizéssemos o que fizemos, não conseguiríamos dar prosseguimento à luta. O engraçado é que eu nunca vi os proprietários serem considerados radicais. Eles é que são verdadeiramente radicais. Concorda? O que a Liga Camponesa não queria era ver os camponeses continuarem a ser explorados, torturados, assassinados, terem suas lavouras destruídas, serem despejados sem reagir. O que queríamos era que não houvesse mais viúvas e órfãos da luta. Queríamos terra para trabalhar!

Reconheço que cometemos algumas imprudências; o que nem podia ser considerado um grande pecado, afinal estávamos começando a luta e não tínhamos o amadurecimento que só a prática traz. Aliás, nós tivemos uma experiência que nos fez pensar bastante. Foi uma verdadeira lição: estávamos num ônibus fretado e íamos para um ato público em João Pessoa. Quando passamos pelo quartel e começamos a gritar palavras de ordem, que enfureciam os soldadinhos: -"Viva Cuba! Viva Fidel, viva Fidel Castro! Uma provocação infantil, sem qualquer justificativa. Não aconteceu nada de muito sério. Poderia ter acontecido. Como já era esperado, os soldadinhos

não deixaram essa provocação sem resposta. Assim que terminou o ato público, o ônibus pegou a estrada para retornarmos. Em Bayeux, os soldadinhos cercaram o nosso ônibus e, fortemente armados, passaram a nos revistar. Um por um, sem nenhuma pressa. Fiquei assustada e muito preocupada, porque, na minha bolsa, havia uma arma. Sabia a exploração que fariam disso; por sorte, estava sentada bem atrás. Abri a bolsa com cuidado, peguei a minha, avisei aos companheiros e joguei com força para os bancos da frente. Os soldadinhos encontraram a arma e passaram um grande tempo tentando descobrir, quem era o seu proprietário mas as respostas eram sempre as mesmas: -"Não sei! Nunca vi! Ela já devia estar no ônibus!" Por sorte, os tempos eram outros, e resolveram liberar o ônibus.

E a luta prosseguiu, sempre mais forte. Se o assassinato de João Pedro Teixeira teve como motivo acabar com as Ligas Camponesas, fracassou, porque o assassinato dele foi a centelha que faltava. Os camponeses, ao invés de se amedrontarem, criariam mais coragem e foram, para luta com decisão. Três meses depois da morte de João Pedro Teixeira, a Liga de Sapé cresceu de sete mil e quatrocentos camponeses para dezesseis mil camponeses e, na época do golpe de 1964, já contávamos com vinte mil associados, tudo muito bem organizado, com a carteirinha e a ficha completa.

Muitas e muitas vezes, planejamos pegar o Aguinaldo Veloso Borges na estrada. Era grande a nossa revolta, diante da violência praticada a mando dele. Uma atitude dessas não podia causar surpresa. Ele merecia uma pisa, um guiso e coisa bem mais séria. Mas refletíamos com os companheiros, e decidíamos deixar para depois.

A luta havia se tomado a nossa prática de cada dia. De um jeito ou de outro, estávamos sempre lutando: ora era uma reunião no sítio, ora um ato público, ora uma caminhada para apoiar e forçar a exigência dos companheiros que tiveram os seus direitos violados; ora um curso de direito legal, ora um curso de conscientização e ainda, era preciso dar o atendimento na sede da Liga e fazer a nossa prestação de conta, etc. Nunca deixávamos de comemorar às datas importantes. Alguns dias tínhamos duas, três e até mais tarefas.

Em nenhum momento, o movimento camponês cresceu tanto e avançou tanto. Eu acreditava que, depois do poder do governo do Estado da Paraíba, éramos a

segunda força. Havíamos superado, em parte, até o poder do latifúndio. O movimento alastrou-se por todo o Estado. Por exemplo: foi organizada e fundada a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Mamanguape e Rio Tinto. Decidiram juntar as duas cidades, porque ficavam muito próximas e assim o número de associados seria maior, o que fortaleceria a entidade. Podíamos contar, nessas cidades com o apoio do Sindicato dos Tecelões, esse Sindicato 'arregimentava os operários e a Liga arregimentava os camponeses. As duas entidades passaram a atuar sempre juntas, quando se tratava das reivindicações trabalhistas. Além disso, o juiz da Comarca dessas cidades era muito justo e exigia que a lei fosse cumprida.

O clima entre nós e os proprietários estava fervendo e acabou explodindo. . Não me recordo bem o dia; sei que foi em fevereiro. O confronto ocorreu entre •nós (associados da Liga Camponesa de Sapé e os moradores do local e os membros de "LILA" - Liga dos Latifundiários. Eles levaram a pior. Foram eles que nos atacaram. Foram eles que fugiram sem prestar socorro ao proprietário; Rubens Regis, e nós é que fomos apontados por eles como assassinos. Vou explicar: — As Ligas Camponesas, diante da morosidade das decisões da justiça, em julgar as causas que defendiam os camponeses, decidiu que todas as casas destruídas pelos proprietários, seriam imediatamente reconstruídas. Passamos a cumprir essa decisão. Entre muitas mobilizações que tivemos, em uma, infelizmente, houve um sério conflito. Como sempre, os proprietários começaram a violência, e nós tivemos que nos defender - foram destruídas três casas de moradores, pelo proprietário da fazenda Jucuri, situada no município de Sapé. Fomos para lá reconstruir as casas. Quando terminamos o serviço, tomamos nossas precauções porque sabíamos o quanto os proprietários eram violentos. Resolvemos abrir três buracos, uma espécie de trincheira, para a nossa proteção. Foi a nossa sorte! Não imaginamos tamanha violência! Os proprietários vieram nos atacar pesadamente, no entanto, estávamos protegidos.

O primeiro grupo chegou atirando, veio em nossa direção e foram tomados de surpresa, quando viram que estávamos reagindo. Aí, escafederam-se. O segundo grupo, onde estavam os latifundiários, entre eles o Aguinaldo Veloso Borges, veio firme e em nossa direção atirando com metralhadora. Um dos nossos companheiros, quase um menino, não teve dúvida, atirou. O tiro pegou no tesoureiro da Liga dos Proprietários. Os latifundiários ficaram apavorados e fringiram, deixando no chão o Rubens Régis ferido, sem prestar qualquer socorro. Ele ainda estava vivo.

Aproveitamos a oportunidade e também fugimos. O medo dos proprietários foi tão grande que, só muitas horas depois, é que devem ter avisado a polícia. Como sempre, eles inverteram a situação; de agredidos, passamos a ser os agressores. Fizeram do Rubens Régis um "mártir" contra a "revolução vermelha".

A luta seguiu "quente!" enfrentamos os obstáculos, e o movimento camponês continuou a crescer. Comemoramos os 4 anos de fundação Liga de Sapé, com a presença de companheiros de muitas áreas. Homenageamos João Pedro Teixeira e Alfredo Nascimento. Em poucos dias, ia completar 1 ano do assassinato de João Pedro, e nenhum dos verdadeiros culpados estava na cadeia. Aproveitamos o ato para denunciar a impunidade. Os assassinos de Alfredo Nascimento também continuavam em liberdade. No meu discurso, dei muita força para a Reforma Agrária radical, na "lei ou na marra". Relembrei a caminhada de João Pedro e o que significava o seu sangue derramado. Fui muito aplaudida.

Como já falei, os senhores da terra não aceitavam, de jeito algum, que os seus moradores fossem associados da Liga. Aí, eles proibiram os moradores de plantarem o roçado, dentro da sua propriedade. Ficava quase impossível o trabalhador sobreviver na propriedade, sem contar com o roçado. A decisão foi desobedecer e continuar plantando. Era uma questão de sobrevivência e o proprietário não dispunha desse poder. Aí, a Liga entrava para apoiar: juntávamos os camponeses do local e, se o número fosse pequeno, pedíamos reforço dos associados. Dizíamos, nas reuniões, "precisamos de setenta ou mais companheiros", o que fosse preciso. Os voluntários apareciam logo. Ficava combinado o dia e hora - pronto, podíamos contar com eles! Na hora marcada, no local combinado, lá estavam com as ferramentas de trabalho, sementes e tudo o que era necessário. Limpavam o terreno, plantavam. Era aquela alegria!

Os proprietários entendiam que essa desobediência era uma "justa causa" para despejar os seus moradores. Eles haviam propositadamente criado esse conflito, mas quase sempre perdiam na justiça. Eram esses os nossos procedimentos, considerados pelos proprietários como terríveis invasões das Ligas Camponesas. Eles queriam acabar com o nosso avanço na luta. Usavam a violência, as ameaças, as infames denúncias, etc.... etc.... Uma das maldades que faziam, entre tantas outras era mandar o capanga entrar montado no cavalo pela porta da frente da casa de um

camponês e sair na outra porta, danificando, quebrando tudo e cortando as redes; depois, destruía o roçado.

Dávamos o troco quando era possível. Bastava enfrentá-los continuando na terra, exigindo apenas os nossos direitos e já ficavam enfurecidos. Só aceitávamos sair da terra quando recebíamos todos os nossos direitos. Um dia, no final de 1963, fizemos uma mobilização com mais de três mil camponeses. Fomos para o engenho Lagoa Preta cujo proprietário não aceitava, de jeito nenhum, acabar com o "cambão". Cercamos a sede da usina e exigimos a presença do usineiro. No portão de ferro que dava acesso para a casa, apareceu uma moça, que se identificou como a irmã do proprietário e disse-nos que o seu irmão não viria. Ele receberia dois representantes dos camponeses. O descontentamento foi geral e, por muito pouco, o portão não veio abaixo. Difícil foi segurar os camponeses revoltados e convencê-los a aceitar a proposta. A violência só era usada como a última solução.

Pedro Fazendeiro foi escolhido para ser nosso representante e ele entrou \* com Assis Lemos. Quando Pedro Fazendeiro saiu disse-nos: I — Eta proprietário difícil! Estava com a corda no pescoço e não queria ceder! Será que o homenzinho queria virar mártir! Só conseguimos tirar dele a promessa de que, se os demais proprietários da região concordassem com a ' proposta de acabar com o "cambão", ele também concordaria. Ficou acertado que, passando dois dias, voltaríamos a conversar para decidir o assunto.

Pacificamente deixamos a usina e pegamos a estrada, quando já estávamos bem distantes, avistamos um fogaréu no canavial. Decidimos voltar na carreira para ajudar apagar o fogo. Um dos companheiros, eu não me lembro bem o nome, nos deu ordem para parar e foi nos explicando que não carecia aquela corrida", porque, quando chegássemos lá, o fogo já haveria se propagado e seria impossível acabar com ele.

E agora, como íamos provar a nossa inocência. Seria dar a "nossa cabeça num prato "para o latifúndio, que, mesmo sem nenhuma razão, vivia nos acusando.

Quem iria acreditar na nossa palavra, diante desse fato consumado?! A nossa preocupação não era com o que o latifúndio ia pensar. A nossa grande preocupação era com a opinião pública. A gente contava com ela, precisava dela e não podíamos

perdê-la. Depois de apurados os fatos ficamos sabendo que foi um grupo de rapazes que não fazia parte do movimento camponês. Que se juntou ao nosso grupo, sem qualquer conhecimento da nossa luta, revoltados com a atitude do dono da usina, resolveu incendiar os canaviais. Decidimos que, apesar de não sermos os culpados, assumiríamos o prejuízo. Cada companheiro contribuiria com o que pudesse. Escolhemos os companheiros Pedro Fazendeiro, o Dr. Santa Cruz, o Dr. Zé Gomes e o presidente da Liga. Chegando lá, encontraram os proprietários com a moléstia, enfurecidos.

O Henrique Vieira que era um latifundiário muito poderoso nessa área, pediu a palavra e, babando de raiva, denunciou e protestou contra o incêndio nos canaviais. Um dos nossos representantes pediu a palavra e para a surpresa dos proprietários, afirmou que apesar de não sermos os responsáveis pelo incêndio, estávamos dispostos a assumir o prejuízo, desde que fosse criada uma Comissão para apurar os verdadeiros responsáveis. O espanto dos proprietários foi tão grande que esqueceram de fechar a boca. Foi aceita a nossa proposta. Para a Comissão, foram indicados Pedro Fazendeiro, do lado dos camponeses, e foi escolhido o Henrique Vieira, do lado dos proprietários. O governo também indicou alguém. Aí, conseguimos o nosso objetivo: foi assinado um documento, pelos proprietários, onde eles se comprometiam a reconhecer, na área São Miguel de Itaipu, o fim do "cambão".

O incidente que vou contar serve para confirmar a nossa força e organização. Quando retomávamos da comemoração da fundação do Sindicato de São Miguel de Itaipu, de repente, encontramos com um grupo grande de policiais. Todos traziam fuzis. Quando percebi, estávamos correndo de encontro a eles. Parecia o estouro de boiada organizada. Aquela multidão de camponeses rodeou os policiais, sem qualquer medo. Os policiais, por sua vez, apavorados, tentaram explicar que estavam ali para nos apoiar e proteger. Foi um momento importante para a nossa luta: aqueles homens que sempre nos perseguiram estavam ali, tremendo de medo, tentando dizer que eram nossos aliados. Abrimos o cerco e deixamos que caminhassem. A violência não é a nossa arma.

Foi em 1963, diante dos conflitos rurais que pipocavam em todo o Brasil, que foi aprovada uma lei\* que tratava só dos direitos dos trabalhadores rurais. Houve muita alegria no campo. Uma importante vitória! Sabíamos que os poderosos estavam

resolvidos a acabar, de qualquer jeito, com a nossa organização. Entretanto, nós também estávamos decididos a dar continuidade a nossa luta. Nada nos afastaria do nosso caminho. As provocações se repetiam, e com serenidade, íamos superando tudo ou quase tudo.

## **TRAGÉDIA DE MARI**

No início de 1964, infelizmente, não pudemos evitar um sério confronto entre os camponeses que estavam trabalhando na fazenda do Sr. Nezinho de Paula e os defensores dos proprietários. Esse incidente passou a ser conhecido como a "tragédia de Mari". Como sempre, a violência teve início por culpa dos proprietários. Sem pensar no que podia acontecer, enviaram os seus empregados, capangas e policiais para agirem contra nós. Vejamos: Os camponeses, há dias, estavam preparando a terra, com autorização do proprietário, o Sr. Nezinho de Paula, para plantar milho e feijão. Essa propriedades de ficava na beira da estrada que liga Mari a Guarabira, Logo pela manhã os camponeses que se encontravam trabalhando, foram surpreendidos por um jipe da Fazenda São João, pertencente ao Ribeiro Coutinho. O jipe estava cheio: policiais, três capangas empunhando metralhadoras, dois funcionários de Ribeiro Coutinho, e o gerente da Usina, o Fernando Gouveia. Logo que o jipe parou, um dos capangas perguntou aos camponeses quem era o líder e foi dizendo que tinha "contas a acertar com esse cabra safado.

O companheiro Galdino, sempre muito corajoso, aproximou-se rapidamente do jipe, dizendo: -Eu sou o Presidente do Sindicato de Mari! É comigo que quer falar?

Desde 1963, a Liga havia sido transformada em Sindicato. Houve uma forte discussão entre os dois. Entretanto, não houve um gesto de Galdino e nem dos outros companheiros que justificasse, de repente, uma rajada de metralhadora. Os camponeses, assustados, foram para cima do jipe, com o que tinham nas mãos e conseguiram tomar as armas. Quando os camponeses iam acudir os companheiros feridos, surgiu nova leva de policiais prontos para atacar. Os camponeses que tomaram as armas dos agressores da primeira leva, diante do novo ataque começaram a atirar. Por sorte, era grande o número de camponeses.

Mais ou menos duzentos. Foi o que possibilitou a reação, porque, no início, foi um combate desigual: os proprietários com metralhadoras e os camponeses, com

5e.us instrumentos de trabalho. E de quem foi a culpa de tudo o que aconteceu? Sem qualquer dúvida, dos proprietários.

Infelizmente, o primeiro a cair foi o nosso valoroso companheiro Galdino, que recebeu no peito uma rajada de metralhadora. Morreu, também, o nosso companheiro Manoel do Fumo e mais dois outros camponeses que eu não conhecia. Do lado dos agressores morreu o administrador Fernando Gouveia e mais seis. A versão dos proprietários foi a maior mentira, com o perdão da palavra foi uma safadeza. Contaram a história do jeito deles, torcendo os fatos, para nos acusar. Passamos de agredidos para agressores. Levaram os mortos para dentro do palácio do governo e improvisaram um comício. Exibiram os corpos, como troféu, sem qualquer respeito. Tentaram demonstrar um pesar que estavam longe de sentir. Com a ajuda de alto-falantes muito fortes, contaram o conflito do jeito de que convinha a eles; exibindo os corpos, tentaram indispor o povo de João Pessoa contra os camponeses, nos acusando do que não havíamos feito e nos chamando de agentes do comunismo internacional. Quem já viram camponês ter metralhadora? Um grupo de jornalistas honestos informou a verdade. A Frente de Mobilização Popular publicou uma nota relatando os fatos verdadeiros, como havia acontecido. Muitas outras entidades nos deram um forte apoio, como por exemplo: dos estudantes, intelectuais, partidos de esquerda e vai por aí... E os proprietários passaram a usar esse conflito como justificativa, para exigir uma forte repressão contra a Liga Camponesa.

Os latifundiários, preocupados com o crescimento e fortalecimento das Ligas, decidiram agir com mais prepotência, fazendo valer o seu grande poder. Inicialmente, foram cobrar do governador Pedro Gondim, eleito por eles, os favores que haviam prestado e, ao mesmo tempo, fizeram ameaças, diante da eleição que estava perto. Eles foram logo atendidos. Gondim deixou de ficar em cima do muro e assumiu, de uma vez, a defesa dos proprietários. Atendeu todas as suas exigências.

A luta tornou-se mais difícil: os jornais, fazia campanha vergonhosa, passaram a noticiar informações mentirosas contra as Ligas Camponesas. Praticamente, nenhuma notícia a nosso favor era publicada. A repressão dos policiais e dos militares contra nós ficou mais pesada ainda. O coronel Luiz de Barros não dava mais sossego para as lideranças e associados da Liga. Ele foi colocado em Sapé pelo governador, a pedido dos coronéis, para acabar com a nossa luta.

## O GOLPE

Pouco tempo depois, foi dado o golpe de 1964. O golpe veio para quebrar a nossa caminhada na conquista da Reforma Agrária, e para fazer o nosso país andar como caranguejo. O Brasil estava na estrada que iria fazer dele uma grande nação, com independência nacional, justiça social. Reforma Agrária, etc.

A ditadura militar veio para acabar com as Ligas, com o movimento camponês e até com os patriotas que defendiam a soberania do nosso país - aqui no campo, a repressão foi terrível. Acho que já falei nisso, mas é bom repetir: até uma reunião na casa de um companheiro passou a ser considerada subversão e estava proibida. Foi grande o número de camponeses presos e maltratados. Só porque se reuniram. Tudo fizeram para assombrar o homem do campo e, assim, impedir qualquer reação. As lideranças foram quase todas presas e assassinadas. Podemos contar nos dedos os líderes que milagrosamente, conseguiram escapar. Eu tive notícia, e muitos companheiros confirmaram que, em algumas fazendas, os latifundiários "mandaram enterrar os camponeses, deixando só a cabeça para fora. Depois, passaram o trator por cima das suas cabeças... Esse crime hediondo foi feito • para castigar os camponeses mais corajosos e servir de exemplo para os outros. Aliás, um companheiro me contou e pediu segredo—que até mesmo na fazenda ' do meu pai, lá embaixo, perto do córrego, foi cometida essa atrocidade, com dois \ camponeses que trouxeram de outro lugar. Eu nunca consegui saber quem eram eles. Sei que foram trazidos. Não eram da fazenda do meu pai.

Sempre que eu penso no golpe de 1964, fico intrigada. Não consigo a explicação, por que não houve reação contra esse golpe? O povo estava disposto! Havia muita gente disposta a lutar. Por que o Jango foi embora sem reagir? Os golpistas não tinham muito apoio. Foram ficando fortes depois. O que aconteceu? Até hoje, às vezes, eu fico pensando e não consigo entender... Apesar de toda essa vidência, a luta continuou, escondida e bem mais devagar, mas continuou. O que se aprende não se esquece, principalmente quando é em benefício da nossa família e da família dos nossos companheiros. Saber que a nossa luta nunca parou, nem mesmo com a ditadura, me traz muito conforto.

Hoje, felizmente, a luta cresceu bastante, e a participação da mulher camponesa na luta também. Essa participação reforçou a nossa luta. Quantas líderes

surgiram! Aqui mesmo, na Paraíba, a nossa combativa e corajosa Margarida Maria Alves, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoas Grande. Por causa da sua atuação foi fuzilada, com tiro de "espingarda 12", na porta da sua casa, na presença dos filhos e do marido. A companheira Maria da Penha do Nascimento, mais conhecida como "Penha" substituiu Margarida, também era uma grande liderança. Morreu num acidente de carro considerado estranho. Há muitas outras líderes, aqui e em todo o Brasil — há vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais dirigidos por mulheres, como é o caso do de Pilar, dirigido pela Maria José Faustino. Lutar por um pedaço de terra para quem nela trabalha, exigir os direitos garantidos na lei do país continua, até hoje, em 2002, a dar cadeia, massacres, assassinatos e todo

o tipo de violência. E o governo continua a colaborar com os latifundiários. E usineiros! Entretanto, Das Ligas surgiu o "Movimento Sem Terra". E a luta continua!



*Panfleto da campanha eleitoral de Elizabeth Teixeira*



*José Joffily, Francisco Julião e Elizabeth Teixeira em comício na cidade de Sape*



FOTO 03. 04 . 1962 – DA ESQUERDA PARA DIREITA: ANTÔNIO TEIXEIRA (PREFEITO DE SANTA RITA), UM CAMPONÊS, DR. FRANCISCO MARIA, ELIZABETH TEIXEIRA, DR. JOSÉ GOMES (ADVOGADO DE CAMPONESES) E DOIS OUTROS CAMPONESES (ARQUIVO FRANCISCO MARIA)

## CAPITULO VI

### PRISÃO, FUGA E EXÍLIO

Ainda continuavam a chegar mais contingentes. Ninguém é bobo. Logo percebemos o que estava sendo armado: o conflito de Mari foi a justificativa que, há muito tempo Pedra Gondim procurava, para atender as exigências dos proprietários rurais. Foi nesse momento que os latifundiários conseguiram tudo o que queriam. Daí por diante, a repressão contra as Ligas Camponesas e seus associados aumentou muito, muito mesmo!

Diante dos acontecimentos, as filmagens do "**Cabra Marcado Para Morrer**" foram proibidas em Sapé e, em todo o Estado da Paraíba. Coutinho batalhou muito. Ele demonstrou ter muita persistência. Queria que o filme fosse feito na Paraíba, com os camponeses de Sapé. Tentou e tentou, mas não conseguiu nada. Aí, resolveu conversar com o governador de Pernambuco.

Dias depois, Coutinho chegou muito animado, porque o governador Arraes aprovou o projeto e indicou o Engenho da Galiléia para fazer as filmagens, porque ficava mais perto da nossa área e era bem parecido com a região de Sapé. Arraes se dispôs, também, a dar uma ajuda: emprestaria um carro e forneceria a alimentação para toda a equipe. O trabalho começaria imediatamente.

Eu nem pensava mais no filme, cheguei a tomar um susto. Expliquei para o Coutinho que o Engenho da Galiléia ficava bem distante na minha casa. Não podia e nem queria ficar muito longe dos meus filhos. Eduardo Coutinho me disse que eu poderia ir a casa, de oito em oito dias e, se fosse necessário, eu poderia ir, no meio da semana. Pensei... pensei... e resolvi aceitar o encargo.

O Engenho da Galiléia ficava no Município de Santo Antônio, desapropriado há pouco tempo. Observamos a grande preocupação dos camponeses em preservar a organização e levar avante a grande conquista. Essa luta, apesar de difícil, foi vitoriosa. Havia muita união entre os moradores. Todos estavam bem satisfeitos e trabalhavam com muito gosto, tanto nas lavouras como nas melhorias das casas, da escola, etc.

A nossa chegada foi uma festa. Fomos recebidos com muito carinho e

passamos a nos sentir como se estivéssemos na nossa casa. Imediatamente a filmagem começou. Para mim, tudo era muito difícil, eu não era artista. Filmar dá muito trabalho e representar não é nada fácil, mesmo quando é a vida que a gente viveu. Eu não nasci para fazer isso. E nem queria ser artista. Estava ali por causa da luta. Não sei quantas vezes tinha que repetir a mesma cena. Foi preciso muita paciência e acreditar na importância desse filme para não desistir.

Viver novamente o que havia vivido foi uma experiência muito forte. Em alguns momentos foi bom poder recordar, mas, em outros, foi terrível. Viver por duas vezes a mesma coisa, mesmo sabendo que agora era filme, foi meio estranho.

Queria terminar tudo bem rápido e voltar para casa. Estava preocupada com os meninos. Não desgostava de estar ali, com aqueles companheiros. Sempre havia muita gente que vinha nos visitar ou nos entrevistar, o que tornava o local bem animado. Certo dia, tivemos o prazer de receber a visita do grande líder camponês, Gregório Bezerra. Ficamos conversando bastante tempo. Falamos sobre a luta e ele demonstrou ter conhecido bem o João Pedra. Gregório era simples, muito afetuoso. Apesar de ter sido deputado, continuava a ser um camponês. Deixou claro que continuava a luta para conquistarmos Justiça Social: a Reforma Agrária ... a igualdade ... Os companheiros que o conheceram melhor do que eu, diziam: "ele era feito de ferro e flor." O que sei a seu respeito já é suficiente para concordar.

O secretário e o primo de Arraes vinham sempre. Tornaram-se muito próximos da equipe. Acho que acompanhavam os trabalhos para informar ao Miguel Arraes. Ajudavam no que podiam. Os jornalistas vinham para nos entrevistar e fotografar. Chegavam, também, os jornalistas de outras países, como França, Argentina, Itália, Cuba, por exemplo.

A notícia sobre o golpe, dado no dia 1º de abril de 1964, pelos militares, surpreendeu-nos em plena filmagem. Fomos avisados de que a polícia não tardaria a chegar para nos prender. Saímos como estávamos, deixando tudo, praticamente com a roupa do corpo, e nos embrenhamos pela mata. Os companheiros do local indicaram para nos acompanhar dois camponeses, os que conheciam melhor aquela região. "Andando a pés" chegamos a Recife. Lá, os camponeses voltaram e nós nos separamos por medida de segurança. Cada um buscou o seu abrigo.

Vladimir de Carvalho, assessor do filme, me levou para a casa de um parente. Assim que souberam quem eu era, pediram para o Vladimir me levar embora, naquele mesmo dia. Eles não me queriam lá, porque eu era muito perigosa e não queriam correr esse risco.

O pobre do Vladimir, um excelente companheiro, ficou preocupado porque não sabia onde me esconder. Tentei acalmá-lo, explicando que havíamos morado em Jaboaão e tínhamos feito bons amigos por lá. Vladimir, mais tranquilo, acompanhou-me até a casa do Serafim e da Maria, sua esposa. Gente muito boa! Fiquei escondida na casa deles, mais de um mês. Pediram por tudo, que eu não mostrasse o meu rosto para os estranhos. Passei um mês indo do quarto para o banheiro e do banheiro para o quarto. Não podia chegar na sala e nem na cozinha. Tomava café no quarto, almoçava no quarto e jantava no quarto. A minha única distração era o jornal. Levei um susto quando deparei com o meu nome impresso.

Tratava-se de um edital de convocação. Estava sendo chamada para me apresentar no quartel. Andava muito preocupada com meus filhos: rezava para que nada de mal estivesse acontecendo. Depois dessa intimação, fiquei mais aperreada. Há muito tempo as crianças não tinham notícias minhas e nem eu delas. Até aquele dia, a única informação que eu havia recebido era de que a polícia foi a minha casa e como não me encontrou, colocou fogo em tudo. Pensei, preciso ter notícias dos, meus filhos:

- Vou me apresentar! Nada pode ser pior do que estar longe deles e sem qualquer notícia. Esse silêncio danado está me enlouquecendo. Decidi e estava decidido, iria me apresentar e seria o que "Deus quisesse".

## **PRISÃO**

Apesar de o companheiro Manoel Serafim fazer de tudo para eu não ir, estava decidida. Ele era ligado ao Partido Comunista, um velho militante muito experiente. Mas, o meu coração me dizia ao contrário. Eu não podia continuar ali.

Da Siqueira Campos parti para João Pessoa. Só tinha medo de ser detida no caminho. Em João Pessoa fui diretamente para o Batalhão de Engenharia. Era o dia do Trabalho, 1º de Maio. Assim que me apresentei, fui presa. Não tive nem sequer o direito de falar com a minha família, para ter notícia dos pirralhos.

Um policial contou-me que meu filho havia sido preso no meu lugar. E ele só foi liberado quando eu me entreguei. Fiquei pasmada diante de tanta indignidade! Libertei meu filho, graças a Deus! O meu coração estava certo.

Como eu ia contando, logo que cheguei ao Batalhão e disse o meu nome, uma metralhadora foi apontada na minha cabeça e, aos gritos me deram ordem de prisão. Fui revistada e imediatamente jogada dentro de uma cela. Só depois de três dias comecei a ser interrogada. O tempo em que fiquei presa só saía da cela poucas vezes. Nem posso reclamar, parece que Deus iluminou meus passos me conduzindo para o Grupamento de Engenharia. Se tivesse ido para o Quartel do 15 RI, a minha situação teria sido muito difícil, porque lá a tortura corria solta e os desaparecimentos também.

Foi no 15IU que deram sumiço em duas grandes lideranças do movimento camponês: "NEGO FUBA" e "PEDRO FAZENDEIRO". Eles estavam no Grupamento de Engenharia quando eu cheguei. Houve um dia, na hora do almoço em que conversei, por uns minutinhos com o companheiro Pedra Fazendeiro. Logo depois, eles foram transferidos para o 15 RI. E, lá ficaram presos por uns tempos e, no mesmo dia em que foram libertados, foram desaparecidos para sempre. Infelizmente, devem ter sido apanhados novamente, pelo Luís de Barros e torturados até a morte.

Desde o momento que fiquei sabendo da prisão do meu filho no meu lugar e do que fizeram com ele, não tive mais sossego. O meu ódio e a minha revolta cresceram ainda mais: fiquei numa agonia danada. Enquanto não olhei e conversei com o Abraão, quase fiquei louca.

Felizmente, ele conseguiu me visitar. Confirmou sua prisão e a tortura sem me contar os detalhes, quis me poupar. Contou-me que a nossa casa havia sido invadida por policiais, que trouxeram numa camioneta um tambor cheio de gasolina. O propósito deles era queimar a casa e tudo o que havia nela, inclusive eu e toda a minha família. Eles não contavam com o meu sumiço. Fui caçada dentro e fora da casa. As crianças foram muito ameaçadas, para contarem onde eu estava. \_ faria José, que na época estava com oito anos, nunca conseguiu esquecer toda aquela violência. Furiosos, os policiais foram me procurar na casa do meu pai. Como não me encontraram, passaram a resolver o destino das crianças:

- "queimá-las vivas ou não queimá-las..."Foram colocadas enfileiradas e, na presença delas, discutiam o "dilema:"

- Queimá-las vivas ou não queimá-las... Alguém, menos peçonhento, intercedeu em favor das crianças e elas foram poupadas. Colocaram fogo na casa e em tudo que estava dentro. Partiram decepcionados. Devem ter ido e procurar em outras bandas. Foi o que aconteceu, segundo o que o meu filho contou. Quando saí da cadeia ouvi a mesma história narrada por mainha.

O tempo de visita findou exatamente quando o Abraão estava me contando que meu pai resolvera ir buscar os netos e dividi-los entre ele e os meus irmãos. E o tempo de visita foi bem curto, não deu para muita coisa, nem para matar a saudade. Cometeram mais esse crime contra a família de João Pedra Teixeira:

Com o perdão da palavra, foi mais uma safadeza e covardia! E esses animais tiveram a coragem de dizer que estavam defendendo a ordem e a família! Que defesa é esta da ordem e da família, que tortura um menino de dezesseis anos, para ele delatar a sua mãe?' E, por pouco não queimam vivas, oito crianças, de dois anos a quatorze anos?' O Abraão foi torturado sem ter cometido crime. E, foi de tal maneira judiado, que comoveu a esposa do major Altino, que, diante de tanta perversidade, rompeu todos os obstáculos e veio me visitar no quartel. Veio para me prestar a sua solidariedade. Ela contou os detalhes da tortura e medisse que nunca havia tido notícia de uma criança ter sofrido tanto. E deu os detalhes:

**- Até um pedaço da nádega dessa criança foi arrancado com alicate!**

Imaginem como eu fiquei sabendo de tudo isso. Chorei de ódio, de raiva diante da minha impossibilidade de reagir.

Quando estive com o Abraão fora da cadeia, ele confirmou tudo isso e me contou outros detalhes e que um dia, quando estava preso, os policiais chegaram dizendo:

- Hoje, você conta onde está sua mãe e onde ela escondeu as armas para preparar a guerrilha ou você vai comer merda. Nós vamos trazer e você vai ter que comer. Desculpe, mas foi mesmo assim que os soldados falaram. Tudo fizeram para que ele me delatasse. Não havia nenhuma arma, nunca houve! Foi muita violência, entre outras e outras e outras tantas, que os golpistas de 1964 cometeram.

Desrespeitaram todas as leis que defendem os direitos humanos.

Assim que Abraão passou no exame de admissão, Julião conseguiu uma bolsa de estudos e ele foi morar em João Pessoa. Nunca imaginei que ele teria - que enfrentar tantas dificuldades e tanto sofrimento. Esses bandidos, quando houve o **golpe**, não se contentaram em prendê-lo e torturá-lo. A perversidade foi além. Só porque era filho de João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira ele foi expulso da Casa do Estudante e jogado na rua. Cancelaram a bolsa que ele recebia. Até o direito de comer no restaurante universitário foi cortado. Tudo isso, sem qualquer aviso, do dia para a noite ele ficou sem nada.

Os nossos companheiros não puderam ajudá-lo porque ou estavam presos ou desaparecidos ou foragidos. Abraão, para sobreviver, chegou a pedir esmola, perambulando pelas ruas de João Pessoa. Ele me contou que, um dia, estava com tanta fome que resolveu pedir um pão. O senhor bondoso, atendendo ao seu apelo deu-lhe um sanduíche. Assim que ele começou a comer, a fraqueza era tanta que ficou enjoado e tonto, por pouco, não desmaiou. Foi o choque da alimentação no estômago completamente vazio. Tudo isso me trouxe mais revolta.

Preocupada com a situação do meu filho e sem outra saída, mandei o Abraão ir até Sapé falar com o meu pai, para vender as vaquinhas que tínhamos e guardar o dinheiro para a sua sobrevivência.

Passei dois meses e vinte e quatro dias presa, depois, o major Aquino me liberou, porque não conseguiu me enquadrar em nenhum artigo da Lei de Segurança Nacional. As "investigações" eram sempre muito longas e muito cansativas. A mesma pergunta era feita muitas vezes. Até cansar. Aí, passavam para outras perguntas e, de repente, voltavam para a primeira. Perguntavam de forma diferente. Eram gentis e depois gritavam. Às vezes já começavam gritando e chegavam às ameaças. Depois, voltavam para os gritos. Voltavam a ser gentis, me prometiam liberdade e outras regalias. Chegaram até a dizer que já sabiam onde estavam as armas, só queriam que eu confirmasse. Cheguei a passar a noite toda e grande parte do dia na sala do interrogatório. Eles se revezavam em plantões, e eu continuava lá, com aquela lâmpada forte nos olhos. Quando sumiam e eu ficava sozinha, o cansaço vencida e eu começava a cochilar. Aí, vinha um grito que me fazia estremecer... Eu tinha que ficar lá, acordada. Acreditaram que, cansada,

eu acabaria fazendo o que eles queriam, enganaram-se. Algumas vezes, eu fui tirada da minha cela para prestar depoimento, à uma hora da manhã. Queriam que eu desse os nomes dos camponeses que participaram da luta. Queriam que eu dissesse onde estavam enterradas as armas que vieram de Cuba e queriam que eu incriminasse meus companheiros. Eu sempre dizia a mesma coisa para o major Aquino:

Não tenho conhecimento de camponeses ligados à subversão. Eles só lutavam pelos seus direitos: não pagar o cambão; não ser obrigado a comprar no barracão e não ser expulso sem indenização das terras, onde construíram as suas casas e fizeram os seus roçados. Nunca nenhum companheiro me deu uma arma. Nunca nenhum companheiro me chamou para qualquer ação violenta. Os atos públicos promovidos pelas Ligas foram sempre legais. Íamos para os atos públicos porque precisávamos denunciar a violência dos latifundiários, dos coronéis, etc.... Íamos para os atos públicos para exigir justiça. Íamos para os atos públicos para sentir a nossa força quando estávamos unidos. Só usávamos essa nossa força, para exigir que os proprietários obedecessem à lei que defendia os nossos direitos. Sem essa força, a lei morreria, esquecida no papel. Lutávamos porque era único jeito de diminuir as injustiças e conquistarmos os nossos direitos. Lutávamos também pela Reforma Agrária. Aí, os milicos que estavam me interrogando ficavam agitados ... Chegavam a me ameaçar.

Os militares me perguntaram muitas e muitas vezes se eu era comunista, filiada ao Partido Comunista (PC). Eu sempre dei a mesma resposta. Eu nunca fui comunista. Eu só era filiada ao Partido Socialista, o partido do Francisco Julião. A minha ida para Cuba preocupou muito os milicos - até perdi a conta do número de vezes que tive que dar explicações sobre essa viagem. Eles estavam cientes de que meu filho Isaac estudava lá. Ir para Cuba para visitar o meu filho não foi argumento para eles, queriam porque queriam saber o que eu havia feito lá e o que eu havia trazido. Continuei falando a verdade, repetindo a mesma coisa Foram tantas e tantas vezes que me deu canseira.

Uns dias antes de me liberarem, o Major Aquino, que sempre me tratou com o maior respeito, me perguntou:

- Quer dizer que toda a sua luta no campo foi em protesto ao assassinato

do seu esposo, o João Pedro Teixeira?

Expliquei que eu havia feito um juramento quando mataram João Pedro e que, antes de morrer, ele tinha me pedido, muitas vezes, para assumir a luta no seu lugar. Mas, que hoje o meu protesto não era só pelo assassinato do meu marido, mas de outros camponeses que também tinham sido assassinados. O Major me disse:

-Eu admiro!

Ele sabia que eu não era a pessoa perigosa, que os proprietários, os policiais e os capangas acusavam. Se acreditaram em mim, eu não sei. Mas, como nunca disse que não fiz o que fiz, não conseguiram me pegar em nada e não encontraram nenhuma prova contra mim, a coisa parou por aí.

Quando o major Aquino foi me dar a notícia de que eu iria ser liberada, ele me avisou que não "saísse de pés" pelas ruas de João Pessoa, que eu não tomasse ônibus e que fosse diretamente para minha casa. Explicou que ele estava me soltando, mas que o Major Cordeiro do 15 RI poderia me prender. Desesperada, eu disse para o major que eu não tinha nenhum dinheiro. Como eu iria sair e pegar um carro? Por que não podia pegar o ônibus? Aí, ele me disse que a única coisa que poderia fazer era me colocar dentro da ambulância e me deixar no ponto de táxi mais próximo. Aceitei imediatamente a oferta de ajuda e agradei. Ele combinou tudo comigo.

No dia seguinte, na hora combinada, subi na ambulância e fui conduzida até o ponto de táxi. Ainda era madrugada, e a escuridão dominava tudo. Assustada, pulei pra dentro do carro e disse para o motorista a direção do sítio. Estava com medo e muito aperreada por ter que pedir ajuda para o meu pai. A viagem não foi muito demorada. Cheguei rapidinho. Olhei pela janela e vi papai. Fiquei meio aborrecida e envergonhada por pedir-lhe para pagar o táxi. Mas não tinha escolha. Meu pai pagou, sem reclamar. Expliquei que havia saído da prisão muito doente, por causa de uma disenteria forte.

Entre na casa, meio ressabiada. Mas mainha me olhou com tanto carinho que o meu receio desapareceu. Ela entendeu a minha aflição. Nem precisei perguntar pelos meus filhos. Foi logo me contando:

- Os pirralhos estão bem! Estavam abandonados na sua casa. Ficaram com fome, comendo o que restava em casa, por oito dias.

. Pensei, nenhum companheiro pôde tomar conta deles, porque os que não estavam presos, tiveram que sumir do lugar. A minha família era contra a minha luta. Os meus queridos filhos tiveram mesmo que enfrentar o abandono. Soube que, além da fome, foram muito judiados. Mainha confirmou o que o Abraão havia me relatado. Felizmente ganhou o bom senso e eles foram poupados.

Meus filhos foram divididos entre meu pai e os meus irmãos, "como cachorros sem dono". A minha família odiava o pai deles e estava revoltada com a minha pessoa. Pobres das minhas crianças, nem puderam escolher onde queriam ficar. E eu ainda precisava agradecer por não ficarem no abandono.

Acho que a fogueira estava programada para toda família de João Pedra Teixeira, por sorte, escapamos! Pobres das crianças, desde muito cedo, tiveram que suportar o peso da nossa luta. Desde que tomei conhecimento dos acontecimentos, não pude mais fechar os olhos, via os meus filhos sendo queimados vivos. E os verdadeiros criminosos estavam livres ... Há perversidade maior do que essa?! Só a ameaça desse crime hediondo basta para deixar uma criança de "miolo mole". Pobres dos meus queridos filhos, tão inocentes e tão maltratados! O meu Abraão, como eu já contei, foi preso, torturado e teve que cuidar da sua vida, sem a ajuda de ninguém.

O meu filho Isaac foi o único que não foi atingido diretamente pelo golpe, porque se encontrava estudando em Cuba. Sofreu muito com as notícias que chegavam e com a total falta de notícias nossas. A revolta dentro de mim cresceu, e o ódio também.

Quem comandou toda essa estupidez foi O famigerado coronel Luís de Barros, o bajulador do latifúndio, torturador e assassino dos camponeses.

### **FUGINDO DA REPRESSÃO**

Ainda estávamos conversando quando chegou um bando de proprietários, Com a moléstia e muito bem armados, para acabar comigo. Foram entrando, porta adentro, sem bater. Estavam a minha procura. Por sorte, eu estava com mainha num dos quartos e eles não chegaram lá.

Quando minha mãe percebeu o que estava acontecendo, ficou vermelha de ódio. Com firmeza, ordenou que o grupo se retirasse da sua casa e não tocasse na sua filha. Ela conseguiu, nem sei como, ir expulsando os fazendeiros. Fechou todas as portas e continuou falando:

- Saiam! Saiam! Voltem para as suas casas! Atirar e matar a minha filha, aqui na casa onde eu moro, onde a minha filha nasceu e cresceu, não vai acontecer! Não admito uma violência dessa! Uma desgraça dessa não vai acontecer!

Mais calma e com um tom bem mais baixo, continuou:  
- Deus não vai permitir! Não pode acontecer! minha mãe começou a rezar, bem baixinho.

Os fazendeiros, lá fora, gritavam o meu nome e me xingavam dos nomes feios que conheciam. Mandavam que eu saísse da casa. Com muito ódio, tentando esconder o meu medo, colocando na minha voz, toda força que me restava, eu gritava, bem forte e alto:

Daqui, da casa da minha mãe, eu não saio, se quiserem me matar, vão ter que me matar aqui dentro. Esse será mais um assassinato covarde, o que nada pesa para quem já matou ou mandou matar tanta gente inocente." Eles se retiraram inconformados e foram buscar os policiais para que me expulsassem de dentro da casa dos meus pais. Com o pretexto de sempre: não podiam admitir que meu pai desse abrigo a uma comunista que andava acompanhada de um bocado de homens, fazendo agitação no campo, para roubar as terras dos proprietários.

Não demorou muito e um grupo de policiais cercou a casa, comandados pelo Coronel Luís de Barros. Eles estavam bem na entrada da casa. Fiquei assustada. Nem bem havia chegado e o coronel Luís de Barros estava ali, como se fosse um urubu. Eu tinha certeza de que, se ele colocasse às mãos em mim, eu nunca mais iria ser encontrada. Aí eu pedi:

Meu pai, por favor, consiga que esses policiais me deixem ficar aqui, pelo menos hoje. Não tenho medo de morrer, entretanto tenho muito medo de ser torturada. Eu já me apresentei uma vez e não vou deixar de me apresentar amanhã, bem cedinho. Por Deus, meu pai me faça esse favor, eu estou muito doente! Você é amigo dos proprietários e desses policiais também.

Papai cedeu ao meu pedido dizendo:

- Afinal, você é minha filha! Está certo, vou falar com eles.

Papai precisou assinar um documento declarando que eu estava doente e que, no dia seguinte, eu me apresentaria no Quartel do 15 RI, sem falta, logo às 8 horas da manhã. Senti um alívio danado e agradei a Deus e a meu pai, por conseguir escapar das mãos daquele bandido. Pobre do meu pai que passou um aperto danado, mesmo sendo amigo dos "homem": a polícia não lhe dava sossego, cobrando a minha presença. Ele havia assinado a minha fiança, garantindo a minha apresentação no dia seguinte. E eu desapareci. Com isso o meu pai sofreu um bocado. Lamento! Mas, não havia outra saída - era me entregar e ser torturada até a morte ou fugir.

Os proprietários, os policiais, estavam todos no meu encalço. Não tinha dinheiro. Onde eu poderia deixar meus filhos em segurança? Era impossível eles irem mais eu! Sabia que tinha que me afastar deles, até conseguir um lugar seguro e ter condição para sustentá-los. Estava certa de que o golpe logo seria derrubado, Não era possível tamanho absurdo!

Foi muito duro e foi muito difícil! Eu dispunha de poucas horas para ajeitar tudo e fugir. Não havia outro jeito, teria que deixar minhas crianças, como estavam, com a minha família, por pior que fosse, seria bem melhor do que estarem comigo naquela situação. Confiava em minha mãe. Ela iria fazer por eles tudo o que fosse possível.

Meu pai me avisou que com o Carlinhos ele não iria ficar de jeito nenhum, porque "ele tinha a carinha safada do pai". Tive que me segurar muito para não reagir e dizer as verdades que estavam na ponta da minha língua. Uma criança de seis anos rejeitada pelo avô. Nunca vou me esquecer, meu pai teve a coragem de falar, diante de Carlinhos, que não queria ele nem por um minuto, porque ele era a fotografia do pai. Aquele safado, agitador e comunista. Olhei para minha irmã, certa de que ela iria retrucar e fazer um agrado no meu filho, que observava tudo muito assustado. Entretanto, silenciou, O João Ramalho, meu cunhado, sem qualquer respeito pela criança, confirmou as palavras do meu pai:

- Procure quem queira esse menino, ele tem a carinha do cabra safado, do subversivo e comunista do teu marido. Por aqui ninguém quer ver a cara dele."

Abracei meu filho, disse que eu gostava muito dele e que eu queria que ele

fosse mais eu. Ele ia para onde eu fosse. Não deixei de dizer, que o pai foi um grande líder camponês, admirado e respeitado por muita gente. Tudo isso doía, doía muito. Foi difícil engolir, O Carlinhos me abraçou, choramingando. Ele estava com seis anos e nunca esqueceu isso; de vez em quando me dizia:

- Mainha não ligue nunca para os seus parentes, eles não são gente boa. Eles não gostam da gente. Eu nunca mais quero ter notícias dessa gente. Mainha, eles são maus. Meu avô não queria que eu chupasse uma laranja no pomar dele. Só por isso me ofendeu muito.

Fui falar com meu irmão mais moço, pedi a sua ajuda para eu fugir, Precisava de um automóvel que me levasse embora. Ele me disse que não poderia ser no carro dele, para evitarmos complicações. Iria pensar e tentar uma solução. Mais tarde veio me avisar que, às quatro horas da manhã, eu estivesse pronta que um carro iria me levar embora. Precisava conseguir alguma roupa, bem diferente para vestir. Eu não podia usar aquelas roupas pretas, porque seria facilmente reconhecida. Consegui uma saia estampada, uma blusa de mangas compridas e um lenço para amarrar na cabeça. Vestida assim parti levando o meu filho Carlos.

Meu pai estava certo de que eu iria me entregar. Assim que chegamos a João Pessoa, pedi que o carro nos deixasse num lugar que julguei seguro e ficava próximo ao pensionato onde o Abraão estava vivendo. Pedi que ele me comprasse uma passagem com o nome de Luíza. Ele tinha alguns trocados, da venda das vaquinhas. Na hora da partida, vesti-me com a roupa que havia trazido. Era um vestido de chita com cores bem berrantes e cheio de babados. Fiquei até envergonhada de vestir aquela roupa, não combinava nada comigo. Era exatamente o que eu estava precisando, ficar diferente. Quando amarrei o lenço na cabeça, completei o meu disfarce, era uma outra pessoa. O Abraão queria, porque queria ir nos levar. Foi difícil deixá-lo. Mas não era possível arriscar tanto. Muito emocionada, mas tentando demonstrar tranquilidade despedi-me do meu filho. Percebi que ele estava segurando as lágrimas. Tentando sorrir, disse-lhe que, em breve, estaríamos todos juntos novamente. Saí o mais depressa possível. Cheguei à Estação Rodoviária, bem na hora de o ônibus partir. Evitei ficar ali muito tempo porque a estação era bem policiada.

Quando cheguei a Recife, fiquei aliviada! Achei mais seguro descer no

mercado São José. Fui para a casa do companheiro Serafim, o mesmo que havia me acolhido antes. Quando entrei na sua casa, com o rosto triste e muito assustado, disse-me:

- Desculpe, companheira Elizabeth, mas não dá mais para você ficar aqui. O exército tem constantemente rondado a nossa casa. Outro dia, eles entraram e revistaram tudo, a casa inteira. Olharam tudo, abriram tudo, não se esqueceram de nada. E me fizeram muitas ameaças.

O companheiro era forte, não ficava assustado com pouca coisa. Mas ele estava bem assombrado.

Estava certa de conseguir abrigo seguro ali, fiquei desesperada: Não é possível! Botei as mãos na cabeça, sem saber o que fazer. Eu não tinha roupa, minha casa havia sido incendiada. Não havia sobrado nada. Eu não tinha nenhum dinheiro. Não tinha onde ficar. Estava sendo caçada e ainda havia a responsabilidade de uma criança de seis anos, para alimentar e abrigar. Nessa hora, eu achei que a melhor saída seria deixar que um caminhão passasse em cima de nós dois.

Fui para a estrada e lá fiquei à espera da morte. Entretanto, Carlinhos, assustadíssimo, sem entender nada, chorando e segurando na barra do meu vestido, me puxava para fora da estrada dizendo:

- Não, mainha! Não, mainha Foi o seu chamado que me fez recobrar o juízo. Eu não podia ficar muito exposta porque podiam me reconhecer e me prender. Um nó na garganta arrojava tanto, que eu não conseguia respirar. Eu era da cabeça aos pés uma pedra de gelo. Nunca fui muito de lamentações e logo consegui me controlar. Aí, lembrei-me de uma fábrica que não ficava muito longe de onde eu estava. Era uma fábrica de doces pertencente ao Cel. Euclides. Tentei me ajeitar um pouco, lavei o rosto, pentei meus cabelos. Ajeitei o Carlinhos e fomos em direção à fábrica. Procurei o quadro de empregos e não achei. Perguntei a um rapazinho que me pareceu trabalhar da fábrica, se estavam precisando de empregados e ele respondeu:

- Venha amanhã, bem cedinho, porque hoje o proprietário não está, sei que estão contratando gente no setor de embalagem.

Respirei aliviada. No outro dia, quando fui me apresentar ao proprietário da

fábrica, o infeliz me reconheceu. Um dia, ele estava indo do Recife para João Pessoa, quando eu e mais um grupo de camponeses estávamos na entrada de São Miguel, para realizarmos um ato público de protesto. Aí, lembrei-me que cercamos o carro e, num instante, fizemos o carro parar e falamos para o motorista:

- Nós somos da Liga Camponesa de Sapé. O senhor apoia as Ligas Camponesas? O motorista do carro, respondeu:

-Não sei.

Um dos companheiros, com firmeza, ordenou:

-Grite bem alto Viva às Ligas Camponesas!

O cara gritou:

- Viva às Ligas Camponesas de Sapé!

Ele me reconheceu assim que me enxergou e foi logo dizendo:

- Oh! Elizabeth Teixeira, quanto prazer, você está por aqui?! É você mesma que está aqui?! Veio procurar serviço na minha fábrica?! Ah! Tu deixaste tantos escritórios dos seus amigos comunistas! Vá para lá pedir serviço, nesses escritórios.

Então, voltei para a casa do amigo, na Siqueira Campos. Chegando lá, aos prantos, deparei com um carro de mercadorias do Rio Grande do Norte. O dono do carro era aparentado com a esposa do Serafim, a Maria. Ela era também do Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra Rio Grande do Norte. O senhor, assustado, indagou porque eu estava chorando tanto, com uma criança na mão. Maria explicou:

- Ela está chorando porque quer trabalhar e não consegue emprego, com a criança. Ela se encontra numa situação muito difícil!

O dono do carro virou para mim e perguntou:

- A senhora tem coragem de apanhar feijão, batatinha na vazante do rio, com as mãos, assim para sobreviver?

Maria retucou, assustada:

- Sei não, aquilo é uma desgraça, o trabalho é pesado e a comida é bem pouca. Pela manhã é só uma coalhada. Aí, você tem que arrancar o feijão sem descansar até o meio dia. No almoço é feijão, macaça com torresmo e volta pro trabalho até a hora da janta. Aí você tem pra comer batata e coalhada. Sei não, se você vai aguentar!

Imediatamente disse:

Companheiro, eu tenho coragem de enfrentar tudo! Ele falou:

- Então, a senhora quer ir mais eu, dou-lhe a carona até lá. Conheço um grande proprietário no Rio Grande do Norte, chamado Jacques Clementino Medeiros. Estou certo de que a senhora pode ficar lá na fazenda dele, apanhando feijão. O feijão está estragando por falta de gente pra trabalhar.

E foi assim que eu fugi, vestida com aquela roupa horrível colorida e cheia de babados, com o lenço cobrindo grande parte do meu rosto e escondendo os meus cabelos. A roupa bem folgada me fez parecer bem mais gorda. Tudo isso para ir dentro do carro com mais segurança. O motorista do caminhão nem por sombra sabia quem era eu.

Só muito tempo depois, reencontrei o companheiro Serafim, numa das vezes em que fui para o Recife, com a Deputada Leila. Encontrei Serafim em condições de saúde péssima. Ele sempre sofreu de diabetes, entretanto a doença piorou muito e, ele precisou amputar uma das pernas. Estava vivendo em uma cadeira de rodas. Sua esposa, a Maria, havia morrido de parto. Um sofrimento que ele não merecia.

Tive sorte, porque o caminhão transportava cereais, mercadoria proibida, na época, de passar de um Estado para outro, sem pagar imposto. E foi por isso que ele evitou as estradas principais, fazendo o caminho por dentro, usando as estradinhas sem asfalto. Foi muita sorte.

## **CLANDESTINIDADE**

Se eu tivesse tentado fugir de ônibus, não teria conseguido, porque os meus companheiros que foram por esse caminho, acabaram sendo presos.

A primeira coisa que eu fiz quando cheguei ao Rio Grande do Norte foi trocar o meu nome, para Marta Maria da Costa (no meu título colocaram errado, mas eu assinei certo Marta Maria). Fomos direto para a propriedade do Sr. Jacques Clementino de Medeiros. O proprietário me cedeu um quartinho enquanto durasse a safra. Carlinhos e eu ficamos morando nesse quartinho. Ele era tão pequeno que só dava uma rede bem estreitinha.

Iniciei o meu trabalho no dia seguinte da minha chegada, Trabalhei muito colhendo feijão. Terminou a safra do feijão, felizmente, teve início a safra da bata tinha. E continuei lá, até acabar a batatinha. A batatinha era plantada nas

vazantes do rio. A queutura do sol era tanta, que deixava a água bem quente. E eu tinha que arrancar a batatinha daquele chão, quente e molhado, Acho que foi isso que fez as minhas unhas caírem. Caíram todas, uma por uma.

Apesar do cansaço, eu acordava várias vezes durante a noite. Às vezes sonhava com meus filhos, outras vezes tinha pesadelos e acordava muito assustada, O pior era quando eu perdia o sono de vez. A vida nesse lugar não foi nada fácil. Não conhecia ninguém. Tinha medo de fazer amizades e medo de conversar.

Qualquer coisa me deixava assombrada. O trabalho era pesado, a comida, minguada, e o local da dormida era terrível. O salário miudinho empatava com o que eu devia Uma verdadeira escravidão, talvez pior. Tinha lutado tanto, para que os camponeses conhecessem e exigissem os seus direitos, reagissem contra esta exploração. Agora, eu precisava me curvar a tudo aquilo. Sabia que precisava **ficar** em silêncio. Mas nunca fiquei completamente. Sempre que podia, colocava uma perguntinha aqui e outra ali, dizia alguma coisa que achava importante, para **acordar** aqueles companheiros, enfrentando como eu aquela vida de escravidão. Era muito pouco, entretanto era só o que podia fazer naquela situação.

O proprietário colocou Carlinhos para pastorear o gado, quando viu que ele cava brincando na sombra de um pé de pau, perto de onde eu estava trabalhando.

Inicialmente, acreditei que em pouco tempo a ditadura iria cair e eu voltaria para perto das crianças. Iríamos reconstruir a nossa casa, cuidar da lavoura que está a abandonada. Dar prosseguimento à luta. Fui vendo o tempo passar e, para o meu pesar, a ditadura foi ficando e criando raiz.

Quando acabou a colheita da batatinha, acabou o trabalho, portanto, rua o mais depressa possível. O proprietário não quis saber se eu podia alimentar o meu filho e se eu tinha moradia. Precisava "limpar a propriedade" até a próxima colheita.

Meu filho e eu começamos a passar fome. Eu não estava mais aguentando toda aquela miséria e resolvi dar fim à minha vida. Arrumei uma corda amarrei bem no pé de pau e trepei numa pedra que ficava bem na beirada do riacho.

Quando eu ia passando a corda pela minha cabeça e ia me jogar pra fora da pedra, eu vi um vulto todo vestido de azul. Ela estava no mesmo galho onde eu

havia prendido a corda. Ela era muito alva e os seus pés estavam descalços e seus braços carregavam um lindo bebê. Eram mais ou menos seis horas da tarde. Um perfume suave envolvia tudo. Esse perfume foi me acalmando e eu passei a escutar um choro forte de criança. Estremeci, poderia ser Carlinhos ou seria o bebê que estava no colo?! Achei que era o meu filho. Preocupada desisti imediatamente da minha covardia e fui correndo para casa. Lá estava Carlinhos chorando muito, muito mesmo.

Não sei bem o que aconteceu: não sei se foi uma visão ou se foi alucinação. O que sei é que fiquei bem calma. Só um pouco envergonhada, comigo mesma, pela minha covardia. Fugir não era solução correta. Sempre fui uma mulher de tomar decisão: de enfrentar e de lutar, quando era preciso. Não ia desistir. Em alguma parte haveria um emprego, precisava ir buscá-lo. Eu estava disposta a aceitar qualquer serviço.

Assim que clareou, saí de casa, decidida. Caminhei por muitos lugares, sem conseguir nada. Era grande o desemprego, porque a safra havia terminado. Resolvi ir até uma pedreira. Lá conversei com o gerente. Ele me informou que havia um emprego, em São Rafael na casa dele. Sua mulher estava no hospital, com uma infecção pulmonar e precisava de alguém para ajudá-la. Ele me perguntou se eu poderia aguardar sexta-feira. Respondi que eu esperaria; desde que nos desse uma feira porque eu e meu filho estávamos sem nada para comer. Pediu para que eu voltasse à tarde. Iria fazer uma vaquinha, com os trabalhadores e conseguiria o dinheiro, para a minha feira. Fiquei aliviada.

Chegando a São Rafael, além do trabalho na casa do administrador da pedreira, o Seu Expedito Gonçalves, eu consegui outros trabalhos. Lavei muita louça, lavei muita roupa. Não havia tanque, não! A roupa era lavada no rio Açú debaixo de muito sol.

Sr. Chico Capela e a sua mulher Carninha eram donos de um bar. Eu passei a lavar roupa deles e, nesse dia, eles nos davam as refeições. Eram muito bons, eu nem precisava pedir, sempre que percebiam que eu estava com dificuldade, serviam-nos um prato de comida volumoso.

Gostava de trabalhar bastante, porque o trabalho me ajudava a pensar menos. Além disso, tudo custava muito caro. Barato só os nossos salários. O jeito era

aumentar as minhas horas de trabalho. Esquecia o cansaço e ia aceitando os serviços que apareciam. E isso eu fiz por muitos e muitos anos.

Logo que pude, aluguei uma casinha, que ficava bem no alto. Era pequena, mas a sala era boa. De lá eu enxergava a cruz da matriz. Havia um fogãozinho de lenha lá fora. No início, só tínhamos uma rede, duas panelinhas, dois pratos, colher, faca, uma mesinha e dois tamboretos. A maioria desses trens eu ganhei. Estavam bem usados, mas me serviram bastante. Depois, fui comprando, com muito sacrifício, as coisas mais necessárias. O dinheiro era muito pouco, dava certinho para as nossas contas. Podia até faltar! Sobrar, nunca sobrou! Qualquer gasto extra pesava bastante.

No começo, lá em São Rafael, parecia que eu estava enlouquecendo. Minha vontade era pegar um ônibus e chegar onde estavam os meus filhos. O que me segurou foi ter certeza de que eu não iria ver ninguém. Iria direto para a prisão. Isso se não sumissem comigo. O isolamento era terrível, Eu não tinha notícias das crianças, de minha, do meu pai, dos meus irmãos. Nem sabia o que havia acontecido com os nossos companheiros de luta. Não podia escrever, porque era muito arriscado. Não podia confiar em ninguém.

Ainda quando eu estava em João Pessoa, tive a informação de que, pouco tempo depois que deixei a casa do meu pai, os soldados chegaram. Deram uma busca na casa e talvez tenham aceitado a informação que meu pai lhes deu: eu havia saído da casa dele, para ir me apresentar lá no quartel, em Cruz das Armas. Foi a última notícia. Era uma agonia danada. Uma saudade tão grande que chegava a doer. A preocupação com os meninos era ainda maior. Mesmo cercada de gente, a solidão não me abandonava. Eu não podia repartir a minha tristeza e os meus problemas com ninguém. As saudades e as preocupações não me davam sossego: nem no trabalho, nem em casa e nem dormindo.

Eu queria tanto voltar para a Paraíba, para onde estavam os meus filhos. Entretanto, eu tinha conhecimento de que a mesma gente que nos perseguiu, estava lá, comandando a repressão. Eu seria apanhada na hora que chegasse. Eu tinha a certeza de que não escaparia da repressão do coronel. Luís de Barros pela segunda vez. Eu não tinha entendimento com nenhuma pessoa e nenhum advogado, para me orientar.

Não podia confiar em ninguém. Eu vivia lá completamente isolada do meu mundo. Era como se eu tivesse nascido outra vez. Eu em uma outra pessoa, com todas as lembranças, preocupações, saudades e tristezas da minha primeira vida e sem poder esquecer os meus deveres da vida atual. Nem mesmo quando fiz amizade com os meus vizinhos, falei sobre o meu segredo. Eles eram gente muito boa, entretanto o meu segredo não era seguro contar. Era coisa para eu guardar e repartir só com Deus. Todos ali me conheciam pelo nome que adotei:

Marta Maria da Costa. Todos eles foram sempre muito bons. Devo muito a eles! Quando Tiquinha, que morava ao lado da minha casa, percebia que a minha e, feira estava no fim ou havia acabado, me levava comida e até ponche. O seu ' marido, o Sr. Exedito, também era muito bom. Todos os meus vizinhos eram muito solidários. Eu nem precisava me preocupar com o almoço do Carlinhos. Eles sabiam que eu estava fora, lavando roupa, convidavam o Carlinhos para almoçar e, quando não encontravam o menino, faziam um prato e deixavam, bem tapado, lá em casa.

E o tempo em São Rafael correu muito devagar. Completou o primeiro ano, o segundo ano, o terceiro ano, e muitos e muitos outros anos ... O isolamento era terrível. Cada vez mais preocupada eu fui ficando. Tinha um medo danado de nunca mais poder encontrar os meus pirralhos. Via Carlos crescer e pensava nos meus outros filhos, onde estarão? Como estarão? Conversava em silêncio com cada um deles. Pedia para estudarem, para serem comportados e trabalhadores. Aí, eu me ajoelhava e rezava. Sempre naquele mesmo lugar, onde eu avistava a cruz. Pedia para Deus proteger todos eles, levando até eles o meu carinho, o meu amor. Pedia que me ajudasse a ir ao encontro deles, no momento certo. Acendia velas e rezava também para os meus santos de devoção. Isso eu fiz quase todos os dias, até eu voltar para a Paraíba. Não podia escrever, porque eu sabia o quanto era arriscado. Em todo o lugar havia gente ligada à repressão: nas estradas, nas rodoviárias, nos correios, e....

Felizmente, Carlinhos estava comigo: era um pirralho muito bom, bem sabido e trabalhador. Logo aprendeu, com outros meninos, apanhar água para ir vender nas casas. Caminhava uma grande distância com as latas. Havia uma vara que colocava nos ombros e as latas eram equilibradas, uma do lado esquerdo e a

outra do lado direito. Quando conseguia vender a água, ia correndo, com as latas vazias, enchia-as novamente e dava continuidade ao seu trabalho. Em pouco tempo conseguiu ter uma freguesia certa, o que facilitou. No final do dia, juntava aqueles trocados e vinha muito satisfeito me entregar. Eram trocados, mas naquela situação, ajudaram muito. Depois de um certo tempo, o meu filho abandonou o comércio de água por um mais rendoso, o de lanche.

Carlinhos acertou com uma senhora, que fazia uns salgadinhos e bolinhos deliciosos, para ir vendê-los no Colégio Estadual. Os salgadinhos eram cobertos com um pano bem alvo e vendidos na hora do lanche, nos dois períodos. Assim que ele pagava o que devia, trazia o restante, direto às minhas mãos.

Meu filho, nesses dezessete anos de exílio, foi o meu companheiro: comigo passou fome, comigo enfrentou o medo, comigo enfrentou a saudade dos irmãos e todas as dificuldades. Ter a companhia de Carlinhos foi muito importante; deu-me força para enfrentar as dificuldades; de certa forma, salvou as nossas vidas. Ajudou-me sempre em tudo. Quando eu ficava desesperada, Carlinhos chegava com aquele seu jeitinho, que lembrava o pai, e me fazia companhia. Éramos dois a esperar o reencontro. Ele não esquecia o pai e nem os irmãos. E, enquanto era pequeno, estava sempre perguntando pelos irmãos, querendo saber quando iria ao encontro deles:

- Mainha, eu sonho com o meu pai e ele me dá a sua bênção. Onde ele está? E os meus irmãos? Quando vou encontrar eles?

Eu engolia a tristeza e mostrava uma tranquilidade, que estava muito longe de sentir:

Você sabe que seu pai está no céu. Ele foi assassinado pelos latifundiários. Ele foi um líder camponês que junto com outros líderes, ensinou os seus companheiros a enxergar os seus direitos e lutar por eles. Essas coisas a gente, agora, não pode conversar com ninguém. Nem com o melhor amigo. Ninguém mesmo, do contrário vamos ter sérios problemas! Fique sossegado! Vamos encontrar os seus irmãos, logo que for possível!

Carlinhos, apesar de todas as nossas dificuldades, não deixou de estudar, terminou o grupo escolar e fez o ginásio. Quando ele ficou maior, expliquei melhor a nossa luta. Expliquei melhor as razões por que o pai foi assassinado e por que

havia dado o "golpe de 1964". Ele sempre demonstrou ter pelo pai muita admiração e carinho. Na hora exata, ajudou-me a enfrentar e superar o medo de voltar. Hoje, ele entende a nossa luta e concorda com ela. Ele conhece bem a situação do homem do campo, sem-terra, explorado, vivendo miseravelmente. Ele convive com o homem do campo, o tempo todo. Quando conversamos a respeito desse assunto, ele sempre me diz:

- Minha luta pela Reforma Agrária e pelos direitos do trabalhador do campo é uma luta muito justa. Ela é uma luta muito dura, muito difícil num país capitalista. Eu entendo o quanto essa luta é importante. Ela é muito necessária, por que tem que haver mudanças.

Ele tem uma grande vontade de conhecer Cuba, saber como é a vida dos trabalhadores num país socialista. Ele está casado, com filhos, e tem um pequeno negócio, onde vende carvão e outras coisas. É bem ativo: mata gado, mata bode, mata porco e vende no seu comércio. Trabalha duro, o lucro é pequeno, mas ele prefere. Não quer trabalhar alugado, de jeito nenhum. Até hoje, ele ainda se preocupa comigo, quase todas as semanas vem me visitar e me traz uma feira bem farta.

Em São Rafael, eu enfrentei um momento muito difícil. A minha saúde começou a piorar e fiquei sem condição de me levantar da cama. O meu corpo não obedecia mais ao que a minha cabeça determinava. Por mais que tentasse, não conseguia me levantar, para ir trabalhar. Acho que a saudade, a preocupação com os meus filhos, o trabalho pesado e sem descanso foram me roubando a saúde. Sentia-me mal, não conseguia levantar-me da rede, por mais que tentasse. Carlinhos esforçava-se para ganhar mais, entretanto o que ele recebia não era suficiente, para o nosso sustento e havia os remédios.

Passei vários dias doente e sem dinheiro. Graças à solidariedade das minhas vizinhas nunca passamos fome. Repartiam o pouco que tinham e cuidavam de mim como podiam. Eu estava aperreada, sem saber o que iria fazer: por mais que tentasse, não conseguia trabalhar. Sentia que estava com febre e não tinha forças, só urinava com muita dificuldade e muita dor. A barriga estava inchada, cheia de gases e eu tinha muita cólica. Fome não tinha, só comia um pouquinho, para não desgostar as minhas amigas.

Numa tarde, a Siliam, uma viúva que morava bem perto de mim, foi até a minha casa, me levar um chá. Bem satisfeita, falou, que trazia uma informação que poderia me ajudar:

- Dona Marta, a senhora não vai sarar sem tomar remédio e ficar com a cabeça mais fria. Eu estou sabendo que tem um candidato para prefeito muito rico, um tal de Sr. Osmar Marques Soares. Pra ganhar a simpatia dos eleitores, ele anda distribuindo o que eleitores precisam: dentadura, remédio, feira, tijolo, telha. Se a senhora for lá, é bem capaz de ele conseguir um médico e comprar os remédios de que precisa. Se quiser eu posso ir mais a senhora até o escritório dele. Eu já me informei onde é.

A ideia me deixou assustada. Não gostava muito dessas coisas, sem encontrar outra saída, acabei aceitando a indicação. Com muita, mas muita dificuldade, me arrumei e me arrastei, até chegar ao tal escritório. Tive que parar várias vezes. Sentava na calçada, descansava um pouco na sombra de uma árvore e, quando me sentia melhor, andava mais um pouco. E foi assim até chegar lá. Aí, entrei e fui recebida pela secretária. Disse-lhe que precisava falar com o Sr. Marques Soares e ela me perguntou se eu sabia escrever e me deu uma ficha para preencher. Preenchi a ficha com o nome de Marta Maria da Costa, troquei a data e o local do meu nascimento. Depois, fui levada para a sala do Sr. Osmar, Disse que estava muito doente e que precisava de médico e remédio. Ele me olhou, deu um sorrisinho forçado, escreveu alguma coisa, depois de carimbar o papel, me explicou que estava me dando uma guia para o hospital me fornece toda a assistência médica necessária.

Fui direto para o hospital. Após de ter sido bem examinada, o médico me disse que eu ficaria internada, para fazer uns exames e tomar os remédios necessários. Permaneci lá por oito dias. Quando recebi alta, o doutor passou uma receita e disse que eu teria que voltar ao escritório do Sr. Osmar, para que ele autorizasse a farmácia me entregar os medicamentos.

O Sr. Osmar carimbou a receita e disse que eu poderia apanhar os remédios na farmácia. Aí, eu pensei na importância da alimentação, para a eficácia dos medicamentos e disse:

- Agradeço pelos remédios. Mas eu vou chegar em casa com os remédios e

sem nada, nada para botar nas panelas. Eu sempre ganhei a vida lavando roupa e fazendo outros serviços pesados e, com a doença, não pude trabalhar, e a feira agora eu não tenho nada mesmo, para comer. E ainda não estou curada para dar conta destas tarefas. Ele me mandou ir, no dia seguinte, às 8 horas, sem atraso ao armazém do seu Zé Artur, Ele iria estar lá, e me daria uma feira.

Pouco antes das 8 horas eu já estava no armazém. A feira que recebi foi bem farta, tinha até carne verde de boa qualidade. Os remédios, a boa alimentação e o repouso me deixaram curada. Voltei ao médico, no dia marcado. Ele me avisou que eu não podia tomar sol forte e que, se voltasse para o trabalho pesado, eu não iria aguentar. Logo ficaria doente novamente. Eu até teimei. Era o nosso sustento eu tinha que continuar no meu trabalho. Mas lavar roupa sem sol não era possível, portanto esqueci as recomendações.

Não passou muito tempo e tive que reconhecer que o médico estava certo, começaram a aparecer umas manchas vermelhas, pelo meu rosto e pelo meu corpo. E as manchas foram aumentando. Procurei o médico do Projeto Rondon, que andava por lá. O diagnóstico foi o mesmo: eu não podia mais tomar sol. Entendi que não estava mais em condições de trabalhar na lavagem de roupa. A pressão estava muito alta e o sol estava me fazendo mal.

Sem trabalhar eu não podia ficar. Foi aí que me lembrei de que tinha uma certa experiência em alfabetização e eu gostei muito de trabalhar nisso. Resolvi abandonar a lavagem de roupa e ir alfabetizar crianças. Por ali, havia muitos pirralhos, um bando deles estava na idade de aprender a ler e escrever. A maioria não frequentava a escola e ficava sem aprender nada. O grupo ficava muito distante, e os pais, preocupados, não deixavam as crianças irem até lá.

Falei com as minhas vizinhas, sempre muito amigas e prestativas, gostaram da ideia e foram avisando para outras mães e os alunos foram chegando. Logo eu estava com a sala cheia de crianças. Os meus alunos me traziam muitas alegria se muita saudade também. Em certos momentos, faziam me lembrar os meus filhos: as briguinhas, o barulho, as brincadeiras ... Era uma alegria que fazia tempo que eu não saboreava. Os pais não podiam pagar muito, mas estava dando para o nosso sustento. Além disso, eu estava trabalhando para a Dona Araci. Ela era costureira e me contratou para fazer os acabamentos das suas costuras. Foram os filhos dela, o

Arimar e o Azimar, que me trouxeram a primeira notícia do meu filho Abraão.

Aproveitei a época das eleições, para tentar tirar o meu título eleitoral. A maioria dos candidatos oferecia facilidades, para quem quisesse o título e, ainda, pagavam a foto. Em troca esperavam o nosso voto, é lógico! Bobo é quem troca voto por favor. É melhor aceitar o favor e votar no candidato certo. A nossa grande arma é o voto secreto - ninguém pode descobrir em quem votamos. E foi assim que consegui tirar o documento com o nome de Marta Maria da Costa. Não foi nada difícil: expliquei que havia nascido no interior de Pernambuco e que os meus pais não tinham feito o meu registro. Sempre tinha trabalhado em casas de família e não tinha nenhum documento. O meu "batistério", a minha mãe havia perdido e eu desconhecia o lugar do meu batismo. Agora, eu queria ter o título para poder votar, como todo mundo. Como naquela época muita gente não tinha nenhum documento e para os políticos, que dominavam o lugar, quanto menos exigências, melhor. Ninguém investigou nada. Não demorou e recebi o meu título eleitoral. \* Um simples título trouxe-me muita alegria. Ter um documento significou, para mim, ter mais segurança. Antes, eu vivia assombrada, podia ser descoberta com facilidade. Bastava a polícia me pedir um documento e eu não tinha nenhum. Eles podiam querer investigar ... Daí para descobrir a minha identidade não seria muito difícil. A minha prisão significava deixar o meu filho Carlinhos abandonado, numa terra estranha. Além disso eu estava certa do que eles iriam fazer comigo, o que fizeram com "Pedra Fazendeiro" e "Nego Fuba".

Agora, com o documento, eu era oficialmente Marta Maria da Costa e podia provar. De repente, comecei a ficar preocupada: será que o documento não iria ser um estorvo para minha volta? Deixei o medo para depois. Mas, quando, quando eu poderia voltar a ser eu mesma? Quando eu iria poder voltar para a Paraíba e ter notícias dos meus filhos? Quando a ditadura iria acabar, quando? Eu tinha, ao mesmo tempo, muito medo e muita vontade de voltar para Sapé.

Às vezes, eu ficava tão desesperada, que não tinha outro jeito, a não ser ir ao médico para ele me dar algum remédio que me acalmasse. Numa dessas vezes, depois que o médico me examinou, ele chegou a dizer que eu estava prestes a "atirar pedras ao vento". Fiquei calada! Ah! Se ele soubesse dos motivos da

minha loucura, por certo entenderia, Apesar desse desespero todo, eu nunca, em nenhum momento, me arrependi da luta e nunca perdi a esperança de tomar a ver meus filhos.

Logo chegou a época das eleições, Aí, eu já sabia que o seu Osmar, o candidato, era um fazendeiro. O mais rico daquela região, Ele mandava em tudo, por ali: no hospital, nos vereadores, na polícia. Tinha a seu serviço, o dono da farmácia, do açougue, da padaria e do armazém, Perto das eleições deixou em minha casa muita propaganda, para eu fazer a sua campanha. Eu não gostava de fazendeiro. Nunca tinha votado em proprietário. Como eu estava devendo um grande favor para ele, eu achei que antes de decidir, precisava ter mais informações e por isso fui até a fazenda dele, para conversar com os moradores.

Lá me informaram que o Sr. Osmar tratava maíos seus empregados, pior ainda, os seus moradores. As crianças, filhas desses trabalhadores, passavam fome e ele não dava para elas nem uma xícara de leite, apesar de saírem da fazenda latões e mais latões. Dona Eudócia, mais conhecida como Dócia, era uma moradora dele, precisou vender cafezinho, na feira de São Rafael para não morrer de fome. O Sr. Osmar pensava que os votos dos seus moradores e empregados eram certos, porque eles tinham essa obrigação. Ai deles se não votassem nele!

Assim que verifiquei quem era este Sr. OS111ar, joguei as propagandas no lixo e votei nulo, pois o outro candidato também não merecia ser eleito. O voto é uma grande arma para o povo, Infelizmente, o povo não é bem informado e acaba sendo enganado, votando nos candidatos que defendem os interesses dos poderosos.

Além de ensinar os pirralhos, eu fazia outros serviços que apareciam. Entre eles, faixas, de tudo que era jeito. Um certo dia, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Rafael foi à minha casa encomendar umas faixas contra o Lavoisier Maia. Ele conhecia João Pedro e não demorou muito tempo para me reconhecer. Prometeu silenciar, mas passou a me convidar para atuar no Sindicato. Com o nome de Marta Maria da Costa eu achei que podia participar dos atos públicos, em protesto da barragem, que o governo iria fazer; prejudicando os camponeses e beneficiando os proprietários.

Cheguei até a fazer palestras para os estudantes que vieram encomendar faixas e ficamos conversando. Eles acharam que eu era muito entendida na questão da terra e até em política. Gostavam da maneira como eu explicava e discutia esses assuntos e passaram a me procurar quando tinham alguma dificuldade na escola. Vinham pedir explicação, discutir o assunto. Depois, convidaram-me várias vezes para ir fazer palestra no colégio. Fui até convidada a me candidatar vereadora.

O companheiro Presidente do Sindicato queria me trazer de volta para a Paraíba. Ele me garantiu que não havia mais problema. Mas eu ainda estava com receio. Diante das palavras dele eu comecei a ficar animada e pensar na minha volta. Muito tempo havia passado, a ditadura já não estava tão forte e até os policiais vão sendo substituídos. Eu não estava aguentando mais aquela situação. Passei dias pensando nisso. Foi aí que tomei a decisão de falar com os filhos da Dona Araci, que iam sempre para João Pessoa. Falei que precisava que eles me fizessem um grande favor, quando estivessem em João Pessoa, fossem até o Liceu Paraibano e se informassem a respeito do Abraão Teixeira. Expliquei que havia trabalhado na casa dos pais do menino, por muito tempo. Havia criado o Abraão e não tinha notícias dele. Eu sabia que ele havia estudado ali, como bolsista.

O colégio não deu nenhuma informação. Mas uma moça que conhecia o Abraão, disse que ele era o diretor do jornal "O Correio da Paraíba", em Patos. Os meninos foram até o jornal e conseguiram informações sobre o meu filho.

Em pouco tempo, o endereço do Abraão estava em minhas mãos. Foi tão grande a minha emoção que as pernas bambearam. Fiquei meio abobada, chorava e ria ao mesmo tempo. Naquele mesmo momento, tomei um café e comecei a escrever para o meu filho. Imediatamente levei a carta para o correio. Desse dia em diante, o meu coração não parou de saltar, toda vez que via o carteiro. Estava muito ansiosa. Será que nada havia acontecido com eles? Aí eu ficava muito aflita e preocupada. Em outro momento, ficava com medo de tudo isso ser apenas um sonho.

Os dias foram passando, e a carta tão esperada não chegou. Fui ficando aperreada e triste. A alegria foi se transformando em desespero. Pensava: se o endereço era aquele, qual a razão de o meu filho não responder a minha carta? Depois, ficamos sabendo, pelo próprio Abraão, que ele recebeu a carta, entretanto

não acreditou que fosse eu. Achou que era alguma enrolada, ou coisa parecida.

## **REENCONTRO**

Carlinhos, diante do meu desespero e do dele, resolveu ir ao encontro do Abraão. Na firma em que trabalhava, havia uns colegas que passavam as férias, na casa de uns parentes que moravam para aqueles lados. Quando os amigos partiram, Carlinhos foi mais eles, para procurar o irmão. Chegando a Patos, lá mesmo, dentro da própria rodoviária, procurou saber onde ficava o boxe do jornal "O Correio da Paraíba", a pessoa fez um gesto apontando para um dos boxes e disse:

- O escritório do Seu Abraão, o diretor do jornal fica ali!

Carlinhos estava há alguns metros do irmão. O meu menino me contou que, ao ouvir essa informação, sentiu uma emoção tão grande, que ficou meio atordoado e foi caminhando devagar, entrou no boxe, quando avistou o irmão disse:

- Abraão, eu sou o Carlinhos, seu irmão, e trago notícias da nossa mãe!

O Abraão, muito assustado, respondeu:

- A nossa mãe está morta e eu estou duvidando!

O boxe estava cheio. O Abraão levou Carlinhos para a sua casa, para poderem conversar com maior tranquilidade. Pelo que eles me contaram, os dois ficaram horas e mais horas conversando. O Abraão ficou ciente da nossa vida nesses dezessete anos de silêncio, e Carlinhos tomou conhecimento da vida do irmão. "Conversa vai e conversa vem...", de repente, os dois deram conta da minha preocupação, o Abraão teve a feliz idéia de telefonar. Resolveram imediatamente falar comigo, por intermédio do Posto de Serviço Telefônico.

Recebi o aviso e fui atender ao telefonema o mais depressa que pude. Na hora, fiquei preocupada, o que teria acontecido para eu receber um telefonema? Só poderia ser o Carlinhos. O que teria acontecido com o meu filho? Uma onda de calor tomou conta do meu corpo. Tentei espantar os pressentimentos ruins, para que a esperança ganhasse espaço. Poderia ser uma ótima notícia e seria. Fiquei nessa briga comigo mesma até pegar o telefone. A minha mão tremia 'tanto que tive dificuldade de firmar o fone no ouvido, aí disse:

Pronto! Quase falei meu verdadeiro nome, mas segurei a tempo. Quando ouvi

a voz do meu filho Abraão foi uma emoção que, por pouco, não me fez desmaiar. Perdi a respiração. A alegria foi tão grande que me fez chorar. Foi com muita dificuldade que consegui falar. Por mais que tente, não consigo me lembrar das nossas palavras. A única frase de que não me esqueci foi quando chorando eu gritei:

Abraão! Abraão! Venha, meu filho! Venha, meu filho! Chegue o mais rápido possível aqui, em São Rafael! Eu preciso, eu quero te abraçar! Só me lembro disso. Eu estava tremendo muito. Tive que me sentar um pouco na telefônica para me controlar, e poder voltar para casa. Desse momento em diante, eu recebera o maior presente que a vida poderia me oferecer. O tempo em que fiquei esperando o Abraão chegar foi de grande emoção e ansiedade.

Por coincidência, nesses mesmos dias, Eduardo Coutinho procurou o jornalista João Manoel de Carvalho para ter notícias minhas. Com a anistia, estava querendo dar continuidade ao filme que havia sido interrompido, como sabemos, em 1964, com o golpe militar. Com o endereço fornecido pelo João Manoel, o Eduardo seguiu imediatamente para Patos, para conversar com o Abraão. Em Patos, encontrou o Abraão e o Carlos, em preparativos para irem para São Rafael, ao meu encontro. Coutinho decidiu chegar junto com os meus filhos.



Elizabeth Teixeira lavando roupa no Rio Açú – São Rafael. Foto de “Cabra Marcado para Morrer” (divulgação)



Cena do filme *Cabra Marcado para Morrer*

Título eleitoral tirado em São Rafael – Rio Grande do Norte. Verifique assinatura de Maria da Costa (o nome está trocado), conforme o relato de Elizabeth Teixeira

TITULO ELEITORAL

Rio Grande do Norte - 4.630

São Rafael - 272 ZONA

Marta Maria da Costa

Rua ...

São Rafael

1. SEÇÃO

Marta Maria da Costa

1971

## **CAPITULO VII**

### **O REENCONTRO DE ELIZABETH COM OS FILHOS**

Não posso falar muito sobre o reencontro com o Abraão. Nunca as palavras vão dizer da emoção, da alegria daquele momento. Chorava e ria ao mesmo tempo. Abraão me abraçou e foi dizendo, sem tomar fôlego:

- Sua bênção, mãe! A senhora, desde esse momento, está convidada a ir morar em minha casa. Eu já sou pai de um garoto que vai completar um ano de idade e quero que esteja lá. Vamos ver o que pode ser feito, para reencontrar todos os meus irmãos, porque eu nunca mais tive notícia deles. Vamos ter que descobri-los!

Disse para o Abraão que aceitávamos o seu convite. Iríamos morar com ele. O meu coração batia tanto, que não sei como não explodiu. O sangue corria quente, e o meu rosto parecia que estava em brasa. Felicidade não mata, cura. Logo que vi o meu filho, tomei um susto. O meu coração não deixou de aceitá-lo; mesmo parecendo um estranho. Veja só, passou todo o tempo que passou, Carlinhos cresceu e ficou bem diferente. E eu queria ver o Abraão, tal e qual quando eu parti. Eu sabia que ele tinha que estar um homem. Mas, eu ainda estava esperando abraçar aquele jovenzinho que deixara choroso, há dezessete anos. De repente chegou um homenzarrão, bem forte. Não guardou quase nada do rapazinho que era. Se eu tivesse cruzado com ele, em qualquer lugar, talvez não tivesse reconhecido o meu filho. Eu buscava o menino e enxergava o homem.

Logo depois de ter passado aquele momento de grande emoção, voltei olhar para o meu filho, meio assustada: aquele homem forte, bem maior do que eu, era o meu menino. Foi bem nesse momento, que eu recebi mais uma surpresa, o Eduardo Coutinho estava ali, junto de Carlinhos. Seria possível? Fiquei surpresa. Eu nunca imaginei que iria encontrar o Coutinho novamente. Gostava dele.

Quando ele começou a falar, tomei um susto: o seu propósito era dar prosseguimento ao filme, imediatamente. O que me pareceu, naquele momento, impossível! Eu não estava pronta para filmar. Naquele dia, o meu pensamento girava em torno dos meus filhos, e não estava disposta a pensar no filme. Preferi

me calar, deixar para depois essa conversa.

Imediatamente, voltei a olhar para o Abraão. Pensei nos meus outros filhos. Eu precisava estar com eles, o mais depressa possível. Havia esperado muito, muito mesmo! Não queria esperar mais! Abraão falou muito, e eu fiquei pensando em tudo que ele me disse. Ah! A cabeça do meu filho havia mudado. Não restava nada daquele rapazinho combativo, ligado a nossa luta. Eu me recordei de que, após a morte do pai, o Abraão acompanhou tudo, participou das passeatas de protesto. Era bem consciente e atuante. Na campanha de 1962, ele acompanhou e ajudou o Julião, tempo todo. Lá em Pernambuco, participou dos atos públicos, falando e animando o povo. Os discursos dele eram muito fortes contra os latifundiários. No cemitério, na hora em que a sua irmã estava sendo enterrada, o Abraão fez um comovente discurso, deixando todo mundo emocionado. O Julião sempre dizia:

- Esse menino vai ser advogado! Vai ajudar muito na luta! Vai ser um defensor dos oprimidos. Vai cobrar o assassinato do pai!

Agora, ele não pensava mais assim, infelizmente. Ele sofreu muito. Ficou sozinho pelas ruas de João Pessoa, numa cidade estranha. Ele não teve ajuda de ninguém. Havia perdido o pai, depois perdeu a mãe e os amigos. Não sobrou ninguém. Nem os irmãos. Ele sabia que o avô não gostava do seu pai e nem dele. Felizmente o Abraão foi bem forte, continuou o estudo, trabalhou. Conseguiu se formar em jornalismo e criar uma família. Será que eu poderia querer mais?".

No outro dia o meu filho teve que partir para Patos, porque precisava trabalhar. Para mim, foi muito difícil me separar dele. Ele também estava desgostoso e me fez assumir o compromisso de o mais depressa possível deixar São Rafael e ir para Patos, morar com ele.

Eduardo Coutinho continuou insistindo em dar prosseguimento imediatamente às filmagens de "Cabra Marcado Para Morrer". Ele me explicou que havia conseguido encontrar uma cópia das filmagens que havíamos feito e que, agora, seria ligeirinho. Era só o final do filme. Iria filmar a minha vida no exílio. Foi muito difícil concordar com esse pedido, porque eu estava louca para rever meus filhos, minha família toda. Havia esperado dezessete anos por isso e não estava disposta a esperar mais.

Pensei melhor e vi que estava errada. Ir para a Paraíba e depois voltar para São Rafael seria mais difícil e ia ficar bem mais caro. O filme, como eu já sabia, era importante para a nossa luta. Pensei no juramento que fiz a João Pedro e em todas as dificuldades que ele teve que enfrentar. Acabei por aceitar a tarefa. A luta tinha que prosseguir.

Foram seis dias que pareceram anos e mais anos. Eu fiz de tudo para não errar nenhuma tomada das cenas, porque sabia que cada erro representava mais tempo que levaria para acabar o filme. No espaço das filmagens aproveitei o tempo livre para ir arrumando tudo o que fosse necessário para poder partir.

Avisei aos pais dos meus alunos e conseguimos uma nova professora. Fui me despedindo dos amigos, agradecendo tudo o que fizeram por mim.

A notícia de que eu era Elizabeth Teixeira correu tão depressa, que cheguei a ficar assustada. A minha casa, tão pequena e tão humilde, passou a ser visitada por muita gente. Companheiros de luta, que muito alegres com a notícia, chegaram para me abraçar. Muitas pessoas que eu nem conhecia vieram me homenagear. Rapidamente a notícia rompeu as fronteiras de São Rafael, e outros companheiros de lugares bem distantes mandaram cartas, telegramas ou vieram pessoalmente me cumprimentar. Os jornais vieram me entrevistar. Os alunos da Universidade do Rio Grande do Norte fretaram um ônibus para virem até São Rafael, prestar-me uma homenagem. Quando eles chegaram, fiquei muito emocionada. Todos aqueles jovens querendo me abraçar, dizendo o quanto me admiravam. Demonstraram que a luta não havia acabado. Fiquei meio acanhada e lamentei ter que recebê-los na porta da minha casa. Morava numa casinha tão pequena, que não cabia ninguém. Lamentei mais ainda não poder oferecer para aqueles meninos, que vieram de longe, um ponche com un1a bolachinha. Sei que eles devem ter percebido a minha situação de muita pobreza.

Assim que acabamos a filmagem, eu estava pronta para partir. Todas as providências já haviam sido tomadas. Os "trens" que tinha eram muito pouco, distribuí entre meus vizinhos mais necessitados. A nossa roupa coube numas sacolas.

Partimos para Patos, para a casado Abraão, no dia 03.03.1981, pela manhã. O meu exílio estava encerrado. Naquele momento eu estava enterrando Marta

Maria da Costa, para voltar a ser eu mesma. Quanto eu havia sonhado e esperado por esse momento!

## **REASSUMINDO A IDENTIDADE**

Desse dia em diante, voltei a ser Elizabeth Altina Teixeira. Agora, iria reencontrar meus filhos, minha família, meus companheiros e dar prosseguimento a minha luta. Queria desfrutar esse momento, segundo por segundo, minuto por minuto. Sentia uma emoção que não cabia dentro de mim. Enquanto o ônibus andava, fui relembando a minha vida: o meu casamento, o nascimento da minha primeira filha, a Marluce:

- Ah! Minha querida filha, você sabia o que iria acontecer e nos deixou, para ir ao encontro do seu pai. Essa saudade que tenho de vocês não vai acabar nunca!

Lembrei o nascimento de cada filho. Lembrei-me da minha vida com João Pedro: tudo que recebi dele, o carinho, a compreensão e a luta que ele me legou. Relembrei a minha caminhada na luta, prisão, a fuga e o exílio, como se fosse um filme. Eu estava serena, quase feliz. Há muito tempo não me sentia tão bem. Aí, perguntei para mim mesma:

Elizabeth, se você pudesse voltar no tempo, desde o momento em que resolveu fugir com João Pedro e poder decidir novamente, qual o destino que você escolheria? Respondi com muita convicção:

Do fundo do meu coração, o mesmo! Hoje ainda mais do que ontem! Estou certa de que viver é isso. Eu só posso agradecer a Deus por ter tido o companheiro que tive; ter aprendido a enxergar a realidade; ter tido coragem e força para assumir essa luta, que há de vencer e salvar o nosso país das injustiças e de tudo o que é mim.

De repente, vi que estávamos chegando a Patos. Eu nem percebi a distância. Não vi o tempo passar. Agora, era descer do ônibus, chegar o mais rápido possível à casa do Abraão. Ele me esperava na rodoviária. Abracei o meu netinho, o meu filho e a minha nora. Era quase noite do dia 03 de março de 1981, quando entramos na casa do Abraão.

Apesar do carinho com que fui recebida e da alegria de estar ali, com o meu

filho, o meu neto e minha nora, eu estava dividida. Queria ficar e queria correr para a casa do meu pai. Lá eu teria notícias dos meus filhos, de mainha, dos meus irmãos, de todos. Estava muito alegre e, ao mesmo tempo, muito angustiada.

Assim que eu cheguei a Patos, fui entrevistada por muitos jornais e revistas. Recebi muitos convites para participar de reuniões, encontros e dar palestras. Sempre que era possível, aceitava. Recebi muitas homenagens.

Por mais que tentasse, só depois de uma semana, consegui chegar até Sapé. Estava agoniada, preocupada, e ao mesmo tempo, explodindo de satisfação. Um medo de não encontrar meus filhos me dava um nó na garganta. Em alguns minutos eu estaria com eles. Eu queria chegar logo. Nunca uma viagem foi tão longa. Se fosse possível, eu abraçaria ao mesmo tempo, toda a minha família. Eu iria encontrar os meus filhos? Quando enxerguei a casa do meu pai, o meu coração passou a bater forte, tão forte que atrapalhava a minha respiração. Corri para chegar mais rápido. Logo avistei meu pai, as minhas pernas bambearam. Eu queria continuar a correr e estava praticamente parada. Tremia, tremia e tremia. Só consegui me controlar, quando ouvi a voz do papai:

- Chega! Chega! Chega! Ô gente! É você mesma? Você tá viva?! Sou eu mesma, meu pai, onde está minha mãe? Fui entrando como doida, correndo, tropeçando nos móveis e chamando:

Mainha! Mainha! Mamãe! sou eu, a sua filha! Mamãe, olhe para mim! Ela me olhou e disse:

- Você não é minha filha! Minha filha está morta, foi assassinada. O seu corpo foi encontrado, todo queimado, lá para o lado de Campina Grande. Você não é Elizabeth!

Mainha, por favor, acredite, sou eu mesma, a sua filha mais velha. Eu Sou Elizabeth! Eu fugi para não me matarem. Ela chamou o meu filho, sem deixar de me olhar e disse:

- João Pedro, essa é a sua mãe ?!

E ele começou a me olhar de baixo para cima e de cima para baixo, como se eu fosse uma estranha e depois respondeu:

- Vovó, ela é a minha mãe. Tô certo disso!

Então, Mainha falou:

- Chegue, minha filha, chegue bem perto.

Ela me abraçou. Estava tremendo e chorando. Precisei segurar as lágrimas.

Não queria chorar ali. Mainha voltou a chamar o meu filho:

- João Pedro, chegue, venha pedir a benção para sua mãe. Depois, se virou para mim voltou a me abraçar dizendo:

- Elizabeth, minha filha, eu sonhei tanto com esse momento. Mesmo tendo sido informada da sua morte. O meu coração me dizia que você podia estar viva. Eu rezei muito por você e também pedi a Deus que, se você estivesse viva, não me deixasse morrer sem te ver novamente.

Meu pai chegou bem perto de mim:

- Ô gente! É inacreditável! Parece um milagre! Eu não acredito no que tô vendo. É você mesma, Elizabeth? Onde você estava? Por que não deu nenhuma notícia esse tempo todinho? Deixou sua família e seus filhos sem nenhuma notícia? Por que fez isso? É você mesma?

Emocionada corri para ele. Apesar de tudo ele era o meu pai e estava demonstrando que havia sofrido com o meu desaparecimento. Corri para ele e o abracei. Beije o seu rosto, pedindo perdão:

- Papai, me perdoe! Papai, me perdoe!

Ele ficou calado me olhando, com o olhar muito distante. Depois, a minha irmã me contou que ele havia dito a ela:

Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra

- Como Elizabeth teve a coragem de me beijar, depois de tudo o que ela me fez!?

Quando passou a emoção e eu pude colocar os pés no chão, principalmente após a minha irmã ter me contado a atitude do meu pai, eu me arrependi muito. Eu não tinha nenhum motivo para pedir perdão para o meu pai, a não ser o meu desaparecimento involuntário. Quem teria que pedir desculpas era ele, porque participou do atentado que tirou a vida do meu marido. Não quero ter raiva dele, não. Apesar de tudo é meu pai e me ajudou na hora de precisão.

Lá, eu reencontrei apenas dois dos meus filhos, o João Pedro e a Maria das Neves. Como haviam crescido as minhas crianças! Eles estavam tão diferentes!

Era tão grande a minha saudade e eles estavam tão distantes:

- Bênção mãe! Bênção, mainha

Eu havia sonhado tanto com aquele reencontro e agora, aquele silêncio e aquela distância. Olhando para eles, tentava encontrar alguma coisa que me lembrasse os meus meninos. Tentei abraçá-los, mas senti o acanhamento de João Pedra. Maria das Neves aceitou o meu abraço e retribuiu. Mas faltava calor. Eram meus filhos, e eu continuava a amá-los. Ficaram sem mim dezessete anos. Agora, pelo simples fato de ser mãe deles, eu não podia ignorar o tempo que passaram sem que eu lhes transmitisse qualquer coisa que não fosse o silêncio da minha ausência. Eu sabia que foram abandonados, porque precisei fugir para não morrer. E eles, o que julgaram? Depois, veio a notícia da minha morte. De repente, eu apareço, e minha mãe aponta para mim:

- Essa é a sua mãe, peçam a sua bênção!

Eles não podiam ter por mim um grande afeto. O tempo em que ficamos separados, deve ter me apagado das suas lembranças. Eram tão pequenos ... Só o tempo e as explicações que eu estava devendo, poderiam fazer com que eles me aceitassem novamente. Para mim, não foi muito fácil reconhecer naqueles adultos, as crianças que eu deixei. Para eles, tinha que ser muito mais complicado e difícil. Amor é conquista, não pode ser imposto.

Ah! Que saudades dos meus pirralhos! Só um milagre poderia fazer com que voltassem a ser do jeitinho que eram. É querer o impossível. O importante é que eles estavam ali, bem perto de mim, criados e com saúde. Foi sempre o que eu mais pedi.

Maria das Neves foi criada pela minha irmã, Beatriz, Terminou o segundo grau e prestou vestibular para Psicologia. Como não foi aprovada, desistiu de estudar e ficou dando aula em Sapé. Ela está casada e tem um casal de filhos. É proprietária de um sítio, que fica na margem da estrada que liga João Pessoa a Campina Grande.

Achei que cada filha deveria ter um retrato do pai, como não consegui outro retrato de João Pedro, a não ser o que ele estava morto, não pude escolher: daria aquele retrato mesmo. Nem sei porquê, mas entreguei a foto destinada à Maria

dasneves, para a minha netinha. Disse para ela:

- A vovó vai lhe dar um presente para você guardar para sempre. É o retrato do seu avô. Eu não consegui nenhuma outra foto dele. A polícia invadiu a nossa casa e ateou fogo, em tudo. Fique com esse, eu estou lhe dando.

Logo em seguida, percebi que Nevinha estava muito alterada, cheguei mais perto dela, para perguntar o que estava acontecendo, nem deu tempo. Com voz estridente, começou a reclamar:

- A senhora fez muito mal em dar esse retrato à minha filha e dizer que esse retrato é do avô dela. Eu nunca falei que ela tem esse avô. Eu não quero que ela saiba da existência dele. Menos ainda da história dele. O avô que a minha filha tem é o padrinho que me criou.

Essas palavras foram piores do que chicote. Fiquei profundamente magoada. A minha filha, a filha de João Pedro, podia não gostar de mim. Não me considerar como sua mãe. Mas não tinha o direito de não respeitar a memória do pai. Foi tão injusto o que ela fez, que eu, por mais que tente, não consigo esquecer.

Sempre que preciso ir à casa de Maria das Neves fico aperreada. Vou por obrigação. Não me sinto bem. Não posso entender que os laços de sangue e de afeto o tenham sido totalmente varridos do seu coração. Ela sabe disso, porque foi ela quem mencionou o quanto João Pedro dava-lhe dengo. Com ela nos braços, andava para lá e para cá. João Pedro adorava carregá-las no seu colo. Ele sempre foi um pai muito afetuoso. Às vezes, ela ficava toda dengosa e, quando ele próprio não podia balançar a rede, ele pedia para que Marluce o fizesse.

Ela sabe disso. Ela não pode ter esquecido tudo. Afinal, ele não sumiu. Ele morreu, foi assassinado! E agora, só porque tem um pedaço de terra e um pouquinho de dinheiro, ela quer esquecer o seu pai. Quer esconder da filha a história de coragem e luta do seu avô. Onde deveria haver orgulho, há vergonha. Vergonha de quê? Vergonha de ter um pai que viveu e morreu pelo seu ideal. Qual o motivo de negar que é filha de João Pedro Teixeira, um grande líder da luta camponesa. Um mártir! Como ela teve coragem de me dizer isso, na minha cara? Isso me doeu muito.

Logo tomei conhecimento do jeito como o João Pedro Teixeira Filho foi

criado. Ele não teve chance nem de estudar. O meu pai dizia, a toda hora, que ele era filho de um comunista, que não valia nada. E que a mãe dele tinha se tomado também uma comunista e terrorista. Conheço a cabeça do meu pai e, por isso, posso imaginar a criação de João Pedro: sem carinho, sem compreensão. Criado mais como bicho do que como gente, pagando o preço de ser filho e ter o nome do homem que meu pai mais odiava.

Ele foi obrigado a trabalhar no pesado, desde cedo até a noite. Para não ter "a cabeça vazia e poder querer seguir os passos do pai e da mãe". Sei bem, tudo o que João Pedro sofreu. Só mesmo a fé da minha mãe conseguiu preservar o seu nome. Meu pai e meus irmãos queriam trocá-la, como fizeram com os outros. Mainha bateu pé e disse que era pecado desfazer da vontade de um morto. Foi ela mesma que me contou:

- Entre tantos filhos homens, ele escolheu esse, para levar o seu nome.

Agora,

ele morreu e o nome do filho não pode e não deve ser trocado - é covardia! É pecado!

Minha querida mãe persistiu tanto que conseguiu preservar o nome do meu filho. Ficou mesmo João Pedra Teixeira Filho.

O reencontro com os meus pais não foi fácil. Mesmo tendo havido manifestação de carinho e de alegria, eu sentia, no ar, a desconfiança. O medo de acreditar que era eu mesma e, depois, a decepção. Essa sensação que, eu sentia, o tempo todo, foi confirmada pelo Abraão, que havia escutado o meu pai dizendo:

- Será mesmo que essa aí é a nossa filha Elizabeth? E esse aí será mesmo o meu neto?

Fiquei morando com o meu filho Abraão até junho de 1985. Vi o seu sofrimento com a bebida, acompanhei sua doença, até que ficou muito mal, quase para morrer. Foi aí que o médico disse para ele:

- Abraão, se você quer continuar a beber, você é um homem morto. Dou pouco tempo pela sua vida. Deixe a bebida e você ficará completamente bom. A sua doença é causada pelo álcool.

Graças a Deus, daí por diante, meu filho deixou o vício. Quando fui viver na

casa do Abraão, ele só tinha um filho, o Abraão Teixeira Júnior e, quando deixei de morar com ele, haviam nascido mais dois: o Jorge Washington e o João Pedro Teixeira Neto. Foi muito bom estar com os meus netos. Cuidar dos bebês, tomar conta do Júnior, Matei um pouco a saudade que tinha de ter nos braços os meus meninos. Fui encontrando os meus filhos aos poucos. A minha filha Anaíde foi ao meu encontro em Patos, na casa do Abraão. Soube transmitir o calor do seu afeto. A minha pequenina Anaíde era agora uma moça. A grande dificuldade era olhar aquela moça e reconhecê-la, como a garotinha que eu havia deixado. O meu coração ficou em festa. Ao mesmo tempo em que explodia de felicidade, eu sofria por não poder encontrar a minha filha do jeitinho que ela era. Convenhamos, não é nada fácil para uma mãe deixar seus filhos crianças e encontrá-los completamente diferentes. Quando eu pensava, eu entendia, mas... Eu precisei de um certo tempo, para enxergar, em cada um deles, a criança que eu havia deixado.

Sempre tive muita preocupação com o meu filho Paulo, o que tomou o tiro na cabeça. Não foi fácil chegar até ele, mesmo com toda a minha insistência, demorou. No entanto, consegui. Como sempre, fiquei muito emocionada e ainda mais por causa da minha preocupação. Ele também se emocionou muito. Infelizmente, foi confirmado o aviso do médico. Ele não se recuperou plenamente. E nem podia, depois do tiro que recebeu na cabeça. Ele estava separado da mulher. Tinha três filhos. Estava morando em Buenos Aires, uma cidadezinha no interior de Pernambuco. Não estudou e bebe muito. Eu me lembrei de que, na época em que sofreu o atentado, havia recebido uma bolsa de estudos do Sindicato dos Metalúrgicos. Ele ia estudar em São Paulo, com tudo pago. Era um menino muito inteligente. Teria, por certo, uma outra vida. Ah! Se não houvesse os latifundiários, esse crime contra uma criança indefesa não teria acontecido!

Depois, reencontrei Maria José, para os mais próximos, Mariinha. Desde o primeiro instante, senti o seu afeto, apesar de bem silencioso. Calma, doce e também muita calada. Sem muitas palavras, mas com atitudes, logo revelou que apóia a nossa luta. O tempo confirmou a impressão do nosso primeiro encontro. Nunca deixa de me trazer o jornal. Pouco contou o que foi a sua vida, após a minha partida. Estou certa de que não foi nada fácil. Apesar de tudo que sofreu, ela é um amor de criatura. Casou e tem dois filhos. O seu marido era motorista de ônibus. Atualmente, eles têm um pequeno comércio.

Pouco depois que encontrei Mariinha, recebi um convite especial, para a apresentação do filme "Cabra Marcado Para Morrer". A apresentação foi realizada na Câmara dos Deputados Federais, em Brasília. Antes de começar o filme, Miguel Arraes fez um discurso homenageando João Pedro Teixeira e a mim. Outros deputados pediram a palavra, com o mesmo objetivo. Foi a primeira vez que pude assistir a esse filme. Fiquei muito emocionada quando avistei meu filho Isaac na tela. Quando saí de Cuba, ele era um garoto! Agora, estava um homem. Olhei bem para ele, para poder guardar aquela imagem comigo. Pareceu que era muito calmo e seguro. Aquelas pessoas que sabem querer e vão buscar, mas sem pressa. Ah! Que saudade estava sentindo do meu filho! O Coutinho havia me contado que havia ido filmá-lo em Cuba.

Quando estava em Brasília, os companheiros da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) convidaram-me para fazer uma palestra. Fui recebida pelo presidente, pelo secretário e outros companheiros da direção. Fiquei muito surpresa com o tamanho da sede da CONTAG. Ela revela bem a força do homem do campo, quando estão unidos.

O presidente da Comissão Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Luciano Mendes de Almeida, um grande defensor dos oprimidos, convidou-me para almoçar na CNBB, com ele e muitos outros padres brasileiros e estrangeiros. Depois, Dom Luciano levou-me para a sala de orações, presenteou-me com uma bíblia e o patrocínio da minha ida ao Rio de Janeiro, com uma acompanhante, para reencontrar os meus filhos Eudes, Marta e Marinês que moravam lá. Assim que cheguei ao Rio, fui ao encontro deles com o coração explodindo de alegria.

O meu reencontro com o José Eudes foi cheio de ternura. Ele me abraçava rindo e chorando ao mesmo tempo. E me abraçava muito. E continuou a me abraçar dizendo:

- Mainha eu sempre tive esse sonho. Eu sonhava sempre que estava indo encontrar a senhora e quando acordava ficava triste, até chorava porque eu tinha a certeza de que eu nunca mais iria encontrá-la. Minha mãe, é verdade mesmo que a senhora está aqui?! Dessa vez eu não estou sonhando?! Eu estou abraçando a senhora?! É a senhora mesmo?!

José Eudes, desde o primeiro momento, lembrou-me João Pedro. Ele era muito especial, parecido com o pai: pela ternura, pela forma como guardou a nossa imagem e também o jeito como transmitiu o seu carinho. Havia, no seu semblante e no seu olhar, a mesma simpatia, a mesma bondade, a mesma doçura, a mesma decisão que sempre enxerguei em João Pedro. Fiquei emocionada e transbordei de alegria. Esse meu menino havia crescido bastante, sua voz era forte, mas, com certeza, havia dentro dele a criança que eu havia deixado. Enxerguei isso desde o primeiro encontro. O laço entre nós foi mais forte do que o tempo que nos separou. A imagem do primeiro encontro foi sendo confirmada ao longo do nosso relacionamento. Ele era especial e amava a terra, tanto quanto o seu pai.

Era solidário com os seus companheiros. Ah! Eu não poderia saber que os latifundiários iriam me armar mais uma rasteira. A mais terrível de todas, para uma mãe.

Marta foi criada pela minha sogra, Dona Francisca. Herdou da mãe de João Pedro, a generosidade. Casou e foi morar no Rio. É mãe de cinco filhos. Quando ui visitá-la, dois dos meus netos já estavam casados. Ela era proprietária de um bar, perto da rodoviária. Depois, vendeu o bar e conseguiu um emprego de fiscal da rodoviária. Madura, forte, mas não deixou de transmitir muito carinho.

No meu reencontro com a Marinês, houve muito afeto. Apesar de ter ficado tão novinha, ela nasceu em março de 1960, não esqueceu de mim. Ela havia ficado na casa do meu pai. Depois, foi morar no Rio, com Marta. Ficamos muito emocionadas. Marinês me abraçava aos prantos. O seu corpo todo tremia forte. E ela se agarrava a mim, como se estivesse com medo de que eu sumisse novamente. Muito emocionada, acariciei a minha filha. Beije a sua testa. Fui conversando com ela, como fazia quando ela era pequena. Naquele momento, quis transmitir-lhe todo carinho e todo afeto que estava lhe devendo.

Fiquei no Rio de Janeiro um mês, na casa de Inês, uma doçura de pessoa. Era agente pastoral e muito firme nos trabalhos sociais. Depois, voltei para Brasília. Quando cheguei, fui almoçar na CNBB. Foi uma boa oportunidade para agradecer a Dom Luciano o grande favor que ele havia me prestado.

Quando cheguei de Brasília, fiquei em João Pessoa, porque estava sendo realizado o Congresso dos Canavieiros, patrocinado pela CONTAG e IGREJA.

Eu havia sido convidada. Recebi uma homenagem que não esperava. Depois, a pedido dos companheiros, eu falei para os canavieiros e seus assessores sobre a luta de João Pedro Teixeira, a minha luta e a minha vida no exílio.

As manifestações de respeito, admiração e carinho dos companheiros, por João Pedro e por mim, me emocionaram. Gostaria de que a minha família e meus filhos estivessem ali, assistindo a todas aquelas homenagens que recebemos.

A demonstração de força e decisão para a luta, revelada durante as discussões entre os camponeses que participaram do Congresso, deixou-me comovida. Ali, eu comecei a ver que a nossa luta valeu muito. Nem toda a repressão de 1964, conseguiu calar e nem parar a luta do homem do campo. Ela continuou, apesar de tudo.

Assim que terminou o "encontro", voltei para a casa do meu filho. E de lá andei caminhando pela região de Sapé e Massangana. Tomei conhecimento de que os camponeses estavam se sindicalizando e entrando na justiça para exigir seus direitos quando era necessário. Essa caminhada me fez muito bem, porque me trouxe a certeza de que a morte de João Pedro e de tantos outros líderes camponeses não foi por nada. A nossa luta não foi em vão. De vez em quando eu recebia um convite: encontros sindicais, reuniões, conferência, homenagens e vai por aí...

O filme "Cabra Marcado Para Morrer" foi premiado no 1º festival de cinema do Rio, em 1984, com o troféu "O Tucano". O nome não tem nada com o FHC, felizmente. O Eduardo Coutinho me convidou para ir receber o prêmio com ele.

Em 1985, no Dia Internacional da Mulher, recebi, em São Paulo, uma homenagem muito significativa e pude rever muitos companheiros paraibanos que tiveram que emigrar para lá, porque foram expulsos de suas terras e não conseguiram emprego na Paraíba. Foi lá que fiquei conhecendo a paraibana, prefeita de São Paulo, Luíza Erundina. Conheci a companheira Ana Dias, seu marido também foi vítima da violência dos proprietários.

Fiquei muito honrada com o gesto dos formandos de História, da Universidade de Patos. Eles fizeram uma placa muito bonita, homenageando João Pedro Teixeira, convidaram-me para madrinha da turma e para inaugurar a placa.

Levou um tempo grande para encontrar todos os meus filhos. O último foi o Isaac, que estava em Cuba. Ele regressou ao Brasil, em 1986. Como eu havia pensado, quando assisti ao filme, ele é muito calmo mesmo. Tem a fala mansa, mas demonstra saber o que quer. É um médico competente. Teve que revalidar o seu diploma de médico no Brasil e não encontrou dificuldade nos exames. O pior foi atender a todas exigências do Conselho Federal de Educação. Deu muito trabalho mesmo!

Isaac é um excelente filho, carinhoso e prestativo. Está casado. Quando ele voltou, ficou morando comigo, em João Pessoa. Eu havia comprado essa casa, em que moro até hoje e, com o dinheiro que recebi do Coutinho, pelo filme "Cabra Marcado Para Morrer." Enquanto ficou em João Pessoa, Isaac trabalhou junto com os companheiros do PT e depois, foi para o Rio Grande do Norte, onde está trabalhando até hoje. É médico em postos de saúde. Há dois anos me presenteou com uma netinha.

Devagar fui juntando umas palavras, suspiros, algumas perguntas e ... acabei confirmando o que imaginava. A vida das minhas crianças não foi nada fácil. Algumas foram humilhadas e maltratadas. Três perderam até os seus nomes: Eudes charnava - se Lenine; Maria das Neves era Odévia; Maria José era Maria José Altina, o meu nome foi cortado.

Um dia, quando conversava com Maria José, quase sem querer, ela falou: - A gente é muito humilhado quando tem que viver na casa dos outros. Eu e meus irmãos, os que foram criados pelo meu avô e pelos meus tios e tias, fomos proibidos de falar o nome do nosso pai e o seu também. Eu nunca pude dizer que era filha do líder camponês João Pedra Teixeira e nem de Elizabeth Altina Teixeira, Presidente da Liga de Sapé. Hoje eu considero isso um crime.

O reencontro com cada um dos meus "pirralhos" me trouxe muita emoção e uma grande alegria. Não posso negar que, depois, a alegria misturava-se com uma revolta imensa, por tudo o que lhes foi roubado, pelas humilhações e pelo sofrimento deles. Além do mais, nem todas as minhas explicações e todo o meu carinho poderiam recuperar os dezessete anos perdidos. Por sorte, fui presenteadas, pelos meus filhos, com o melhor dos presentes: os meus netos. Quando posso,

cuido deles, como gostaria de ter cuidado dos meus meninos e das minhas meninas. Entretanto, não sou de ficar choramingando e dei continuidade a minha vida, tentando dar assistência aos meus netos, aos meus filhos; sem abandonar a luta.

## **A LUTA CONTINUOU**

Nas eleições de 1989, trabalhei para eleger o Lula presidente. Participei, como foi possível ajudando, também, os companheiros mais comprometidos com a luta dos camponeses. Foi nessa época que me aproximei mais dos companheiros do Centro de Defesa dos Direitos Humanos / AEP. Dei o meu apoio ao coordenador do Centro de Defesa, o Dr. Vanderley Caixe, para Deputado Federal. Ele era considerado pelos latifundiários como subversivo, continuador das Ligas Camponesas, só porque se preocupava em organizar e ajudar o homem do campo a lutar pelos seus direitos. Era advogado dos camponeses, em várias áreas. Participei, no CENTREMAR, em João Pessoa, de uma manifestação, em apoio a essa candidatura. Depois da campanha, passei a participar de várias atividades do Centro de Defesa. Foi nos primeiros meses de 1988 que recebi o convite para trabalhar no CD DH / AEP. Aceitei e passei a atuar com os companheiros do Centro de Defesa, sempre que era preciso, principalmente no trabalho com as mulheres camponesas: participava das reuniões, tanto em João Pessoa como nas áreas rurais. Escrevia para a revista "Vamos!". Nos dias combinados ou eu ia ao Centro de Defesa ou a companheira Ayala chegava à minha casa. Eu falava sobre a luta na época das "Ligas Camponesas" e falava sobre a minha vida. Ela anotava e organizava o meu depoimento, depois me dava para ler. O texto era publicado na revista "Vamos!", em capítulos, e, depois, seria editado um livro.

Mainha faleceu de repente. Estava lavando roupa e cuidando do almoço, quando uma vizinha veio me chamar para atender um telefonema. Com curiosidade e preocupação, atendi ao chamado. Era da casa do meu pai e estavam me avisando que minha mãe acabara de falecer. Voltei para casa com muita dor no coração. Acabava de perder a minha maior amiga. Apesar de tudo, eu sei o quanto ela deve ter lutado e sofrido por mim. Em minutos, a minha vida com ela foi lembrada. Infelizmente, estávamos tão separadas, pelos problemas que eu tinha com meu pai. Podia ir vê-la tão raramente! Sofria por isso e sei que ela também. Morreu tão de repente! Não estava doente e sempre me deu idéia de gozar de uma ótima

saúde. Agora, sem nos dizer adeus, partiu. Mesmo longe, eu sabia que ela estava ali. Buscava sempre notícias dela. Contaram-me que tomou banho, deitou-se e, de repente, ficou completamente parada, tão parada que meu pai, assustado, mandou chamar o meu irmão. Ela estava morta. Quando o médico chegou, não pôde fazer nada.

Chamei Anaíde, Isaac e Carlos que estavam em casa. Todos quiseram ir comigo. Partimos imediatamente, para a casa do meu pai. Passei a noite toda com Mainha e o outro dia também, até a hora do enterro. Felizmente, nesse dia, a minha família me poupou: não houve provocação por parte das minhas cunhadas, dos meus irmãos e nem do meu pai. Rezei muito por minha mãe. Sei que ela está comigo.

Aos poucos, fui reassumindo a luta: conferências, entrevistas, apoio aos companheiros nas invasões ao INCRA, a fazendas, apoio os companheiros nos acampamentos, nas greves, etc. Talvez seja uma luta mais devagar, apesar de a violência sempre estar presente, combina melhor com a minha idade. Já não sou mais a jovem de antes. Entretanto, enquanto viver, quero estar participando da luta.

Viajei novamente para o Rio de Janeiro, em julho de 1989, a convite do Grupo "Tortura Nunca Mais", para receber a medalha "CHI CO MENDES de RESISTÊNCIA" Fiquei muito emocionada com essa homenagem, principalmente porque estou sabendo que Chico Mendes é um símbolo da resistência do homem do campo. Como tantos outros grandes líderes camponeses, ele foi assassinado pelos proprietários da terra, pelos latifundiários. Continuo a receber convites, continuo a receber homenagens e não deixo de dar entrevistas quando sou procurada pelos jornalistas. Aqui na Paraíba, sempre que tomo conhecimento de um acampamento, ou de uma greve, etc. não deixo de levar o meu apoio.

Estou sabendo que, em quase todos os lugares do país, os camponeses estão lutando, enfrentando a repressão que nunca deixou de existir: nem antes de 1964 e nem depois de 1964. Até hoje, apesar de toda democracia proclamada, a repressão continua muito presente. Basta abrir os jornais para vermos que a violência contra a nossa luta continua terrível. A impunidade também continua. As prisões também continuam: ontem, era o Pedro Fazendeiro, o João Pedro Teixeira, Elizabeth Teixeira e outros. Hoje, são presos os líderes do "Sem Terra",

continuadores da nossa luta, o José Rainha e vai por aí...

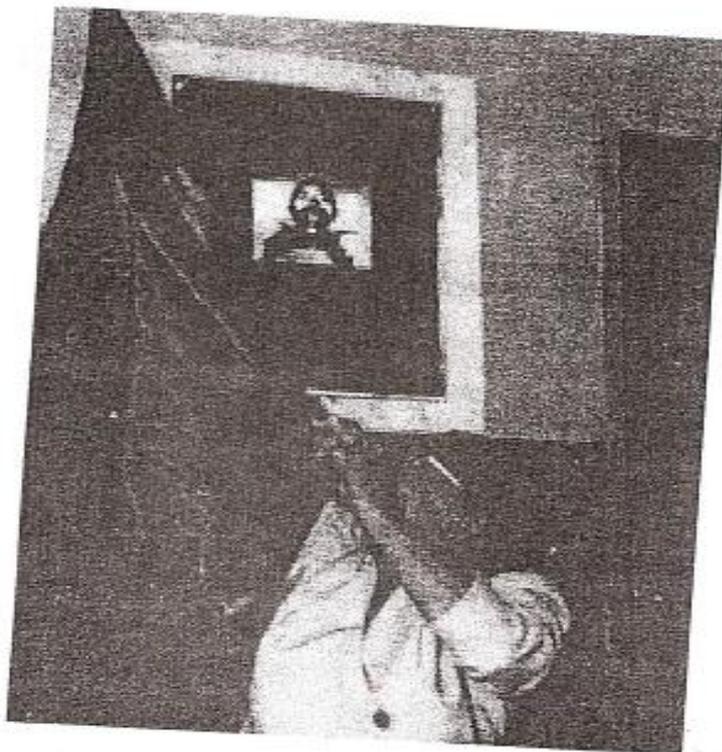
Tenho fé em que um dia, a Reforma Agrária vai ser conquistada. A decisão dos companheiros do "Movimento do Sem Terra", de ir à luta, não ficar à espera do governo, é uma decisão muito acertada. Se não tiver ação do povo, invasão de terras, invasão do INCRA, as caminhadas, passeatas de protesto e muitas outras atividades, a Reforma Agrária não vai acontecer nunca. O governo, nem por sombra, quer entrar nessa briga com os proprietários. Se puder, fica cozinhando o homem do campo, como sempre fez. Só com a força da união e com muita luta é que vamos conquistar a Reforma Agrária. Fazer dela uma realidade é o caminho para conquistarmos a justiça social, igualdade de direitos, igualdade de oportunidade. Ai vai acabar o desemprego e a violência, no campo e na cidade.



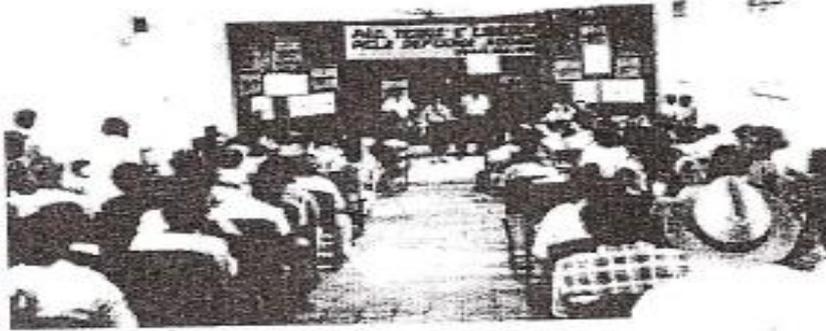
*Elizabeth Teixeira em companhia do cineasta Eduardo Coutinho recebendo "O Tucano" em novembro de 1983*



*Elizabeth Teixeira homenageada na CONTAG / retrospectiva das ligas camponesas*



*Elizabeth Teixeira e João Pedro Teixeira homenageados na universidade Federal de Patos, pelos formandos do curso de história - Elizabeth, madrinha da turma, inaugurando a placa em homenagem a João Pedro Teixeira.*



*Elizabeth participando do lançamento das candidaturas populares*



*Elizabeth Teixeira participando das greves dos canavieiros*

## **CAPÍTULO VIII**

### **MAIS DUAS MORTES**

#### *A Morte de José Eudes*

O latifúndio, no dia 27 de setembro de 1988, fez mais duas vítimas na família de João Pedra Teixeira. Não tenho dúvida: quem armou a mão do meu filho João Pedra Teixeira, para assassinar o irmão José Eudes Teixeira, foi o latifúndio; personalizado nas figuras de meu pai e meu irmão. Nada tenho para esconder, mas tenho tudo para denunciar esse crime hediondo. Nada vai conseguir me arrancar da luta, nem mesmo isso! A Reforma Agrária é a bandeira que continuo assumir, até quando chegar a minha hora. Ah! Se não fosse os latifundiários nada disso teria acontecido!

José Eudes nasceu em 31.01.1959 e foi assassinado pelo seu próprio irmão, em 7.09.88, antes do Sono, município de Sapé, a menos de trezentos metros da cruz, marco do local onde tombou o seu pai - um terrível pesadelo! Não, infelizmente! Foi uma realidade cruel, inacreditável! Uma verdadeira tragédia!

Passei dias e mais dias terríveis. Talvez os piores de toda a minha existência. Depois, fui me acalmando e tentando entender as razões que levaram o meu filho João Pedra a matar o seu irmão: essa violência - essa tragédia! Pensei na vida de João Pedro Filho, sempre humilhado. Desde novinho, sem conhecer o afeto, sem ter um lar. Relembrei algumas coisas que chegaram ao meu conhecimento: bastava o velho mandar ele fazer qualquer coisa, fosse o que fosse a hora que fosse, mesmo que estivesse ocupado; João Pedro não titubeava, obedecia As ideias do avô era mais ideias dele. O velho criou esse menino desde 1964, o João Pedro tinha apenas quatro anos. Sabe, ele foi criado para o ódio, nem sequer foi alfabetizado. Foi criado para odiar: odiar as ideias do pai e talvez, até a sua pessoa.

A personalidade de João Pedra Filho demonstrava bem essa criação: era descontrolado, inseguro e violento. Autoritário e, ao mesmo tempo, completamente submisso e dependente do Manoel Justino. Na presença do avô, a única palavra que me dirigia era "Bênção, mãe!" Ele apoiava os latifundiários. Detestava a nossa luta. Considerava os associados da Liga Camponesa "bandidos, bandidos

destruidores da propriedade alheia". Pudera, não era de se estranhar esse pensamento, criado por quem foi criado! Como já falei várias vezes, o velho sempre apoiou o latifúndio, como cego servidor. Ele agia assim por interesse, e o meu filho não. O horror de João Pedro pela nossa luta era forte, muito forte: quase irracional. Odiava por odiar. Não queria discutir o assunto. Estou certa de que essa atitude inicialmente foi instigada pelo avô. Depois, ele pode ter ligado a nossa luta com todos os males que aconteceram na sua vida: **a morte do pai; o tiro na cabeça do irmão; o suicídio da irmã; o meu desaparecimento; a maneira dura, injusta e fria como foi criado; as humilhações que sofreu e vai por aí. Pobre do meu filho! Como acusá-lo?!**

Lembro-me de um dia que ele veio a João Pessoa trazer a sua esposa para a maternidade. Ela estava para descansar. João Pedro Filho chegou até a nossa casa e ficou proseando. Foi uma alegre surpresa! Ele nunca havia conversado tanto comigo e tão afetivamente. Foi nesse dia que ele me contou como havia sido criado pelo avô: trabalhando muito e sempre estava sendo surrado, até que, um dia, o avô bateu tanto nele, tanto, que ele chegou a vomitar. O velho ficou muito assombrado. E desse dia em diante, nunca mais bateu nele. Fiquei revoltada e fiquei triste, senti-me culpada de uma culpa que eu não tinha. Tive vontade de afagá-lo nos meus braços e colocá-lo em meu colo. Acariciar seus cabelos; dar-lhe o afeto que lhe foi roubado. Disse:

- Reconheço que você, meu filho, foi um sofredor: criado como um escravo, trabalhando e apanhando, apanhando e trabalhando. Sem amor, sem carinho e sem poder sonhar com um futuro melhor porque nem direito a estudar você teve! O seu avô odiava de morte o seu pai. De certa forma foi obrigado a criá-lo. Não conseguiu sequer trocar o seu nome. Querendo ou não querendo, tinha o João Pedro Teixeira vivendo debaixo do teto dele. Com a cabeça que tem, até mesmo sem perceber, pode ter descontado em você a raiva que tinha do seu pai.

Acho que ele esqueceu que você é meu filho, portanto seu neto, sangue do seu sangue. Quando estava longe e pensava em você, eu temia que, mesmo sendo uma criança inocente, o Manoel Justino não conseguisse amá-lo, como o seu neto. Pode até ter tentado! Avô é pai com mel de engenho. O meu pai nunca aceitou o seu pai. Eu perdi a conta, as vezes que ele me pediu que deixasse vocês

com o seu pai e voltasse para a casa dele. Deu para compreender!? Reconheço a vida difícil que você teve. Lamento muito, muito mesmo, não ter podido criá-lo. Tudo teria sido bem diferente...

João Pedro olhou-me com um sorriso meio amarelo e continuamos a conversar. Ao entardecer, o meu filho pediu a minha bênção e se foi. Pareceu-me mais receptivo às minhas palavras e ao meu afeto. Acalentei a idéia de ter conseguido chegar mais perto dele.

José Eudes em tudo era o oposto ao irmão: seguro, calmo, independente. Ao completar 16 anos, foi viver sua própria vida. Trabalhou no Rio de Janeiro, e depois, em São Paulo. Completou o primeiro grau e cursou o primeiro ano do segundo grau. Voltando de São Paulo para João Pessoa, ficou morando comigo. Sempre muito carinhoso e prestativo. Sentia-se apertado com as dificuldades para conseguir o trabalho que queria. Estava cansado de trabalhar para os outros. Isaac, por intermédio dos companheiros do PT (Partido dos Trabalhadores), arrumou-lhe um emprego de vigia. Eudes disse-nos que desse tipo de emprego ele já estava cansado, porque nada ele conseguia, só exploração por cima de exploração. Precisava de um pedaço de chão para poder plantar, ver brotar e poder colher. Era esse o trabalho dos seus sonhos, o trabalho do seu pai, o trabalho que ele estava necessitando, mas estava difícil conseguir terra para trabalhar.

Lembrei-me de "Antas do Sono". Com a morte da minha mãe, eu passei a ter direito a um pedaço de terra desse sítio. Fui mais Isaac conversar com o meu pai. Manoel Justino reconheceu prontamente o meu direito. Forneceu-me uma declaração de posse permitindo que Eudes, fosse trabalhar na terra que me caberia por direito. Quando Eudes recebeu a notícia, ficou muito animado. Quis dar início ao seu trabalho imediatamente. Mas a terra não tinha nada em cima dela e ele precisava de um local para morar.

Isaac, solidário com o irmão propôs-se a ajudá-lo. Havia juntado um dinheirinho em Cuba e colocou esse dinheiro à disposição de Eudes, para ser construída uma casinha onde ele passaria a morar. Ficou combinado que João Pedro Filho ficaria responsável pela construção.

Enquanto Eudes esperava, ele ajudou o irmão no que foi possível. Quando

estava em casa ficava buscando muitas informações sobre agricultura e também sobre a luta camponesa. Especulava sel11pre. Um dia, quando só estávamos os dois em casa, Eudes aproveitou para pedir que eu lhe contasse detalhadamente como foi assassinado o seu pai. Ele me disse que sabia do crime, "por ouvir contar ... " Mas ele queria saber de tudo Por mim, com todos os detalhes.

Atendendo ao seu pedido, falei sobre João Pedro Teixeira e a sua luta, falei da coragem dele, permanecendo na luta mesmo sabendo o que iria acontecer. E contei da perversidade dos latifundiários, mandando assassiná-lo, com covardia. Ele ficou muito emocionado, estava sentado à mesa junto comigo e, apertando a minha mão, disse que iria dar prosseguimento à luta do pai. Lembro-me exa1:a.n1ente das suas palavras:

- Vou continuar a luta que meu pai deixou e você está continuando. Tomando conhecimento dessa luta como a senhora lhe contou, eu vou dar prosseguimento a ela, até as últimas consequências.

Mesmo antes de a casa estar terminada, Eudes chegou à terra e imediatamente, começou o seu trabalho. Em pouco tempo, vinha sempre carregado de macaxeira, feijão verde, milho, batatinha, inhame, de tudo. Tudo de sacos, dava para o nosso sustento e para distribuir entre os vizinhos.

Eu dizia: "para que tanta coisa, meu filho?" Ele imediatamente respondia:

- O que é meu é da senhora também. Eu não trabalho só para mim. Eu trabalho para mim, para a senhora e para repartir com os que precisam.

Entretanto, às dificuldades começaram a surgir: como Eudes poderia adubar a terra e plantá-la sem ter dinheiro?! Para fazer a terra produzir, é preciso uma certa quantia. O pouco dinheiro que sobrou da construção acabou rapidinho, e a colheita ainda iria demorar. É o problema de todo camponês: ou não tem terra, ou se tem um pedacinho de terra, não tem dinheiro para plantar. Os juros dos bancos, mesmo os do governo, "são pela hora da morte". Além do mais, difícil de conseguir e impossível de ser pago.

Eudes no início do ano de 1988, chegou a casa muito abatido. Estava completamente sem dinheiro. Sem dinheiro, não poderia continuar trabalhando na

terra. Muito triste, aperreado, estava pensando que teria que emigrar novamente para São Paulo. Fiquei olhando para ele, achando tudo isso um absurdo e, de repente, eu me lembrei de que a Dra. Sany Jápiassú, que havia sido advogada de trabalhadores rurais e estava coordenando o Projeto Nordeste, talvez pudesse nos ajudar, conseguindo um empréstimo, para comprar o adubo e a semente de que Eudes tanto precisava. Com a informação que lhe dei, meu filho ficou tão agitado, que me convenceu a ir mais ele, naquele mesmo dia, conversar com a Dra. Sany. Ela nos recebeu afetivamente e explicou o seguinte:

- Eudes, você volta e organiza em Sapé um grupo de agricultores formando uma associação rural comunitária e, através dessa entidade, reivindique recursos para que vocês possam fazer uma plantação de inhame. Aí eu poderei liberar as verbas, para que possam continuar a trabalhar na terra.

Diante dessa promessa, Eudes voltou para a sua posse, todo animado. Reunir os companheiros era muito fácil. Ele havia estabelecido amizade com os camponeses do lugar. Reuniam-se às vezes para discutirem a situação difícil em que se encontravam e tentaram buscar uma solução. Sem condições de pedir financiamento no banco, portanto sem dinheiro, eles estavam na mesma situação de Eudes, com suas plantações paradas. O meu filho reuniu, imediatamente, uns vinte e cinco trabalhadores, explicou a proposta da Dra. Sany. Os companheiros e logo fundaram a Associação. Em pouco tempo, o número de cresceu para cem.

O nome da Associação foi escolhido por Eudes e aprovado por todos os "Associação Rural Comunitária João Pedro Teixeira". Coincidência para acreditar! Assim que a documentação solicitada foi entregue, Eudes pediu ao **projeto Nordeste a liberação da primeira parcela dos recursos do**. Quando recebeu a importância, distribuiu para cada agricultora a quantia de trinta e cinco mil cruzados. A roça comunitária de inhame foi feita. E, com o dinheiro que sobrou, puderam tocar suas lavouras.

Eudes estava justamente cuidando do roçado quando foi chamado para fazer Projeto Nordeste. Pouco tempo depois de ter feito esse curso, o aviso para ir receber um cheque. Era a primeira parcela dos os destinados à construção de um armazém comunitário onde não só os

mas todos os pequenos agricultores, poderiam guardar a sua produção.

Com o correr do tempo, José Eudes, com a inteligência e sensibilidade que herdara do pai passou a enxergar a extrema exploração a que estavam sendo submetidos os assalariados do campo e a situação terrível situação que os camponeses tinham que enfrentar.

Três semanas antes da tragédia, meu filho chegou a minha casa lamentando a situação de miséria da área rural. Ele estava revoltado com a quantidade de crianças que morriam de inanição, fome no duro! Tanta terra, tanta riqueza e tanta fome! disse-me com lágrimas nos olhos:

- Minha mãe, a coisa mais triste que eu presenciei, em toda a minha vida, foi ver uma criança morrer de fome! Eu vi a filha de um companheiro assalariado morrer de fome. A mãe, desesperada, tentava lhe dar a mamadeira de garapa. A criança largada. Sem força para sustentar a cabeça, corroída pela miséria, olhos fundos e fechados, lábios sem cor, pele e osso, já não sugava a mamadeira. Não sentia mais a terrível dor da fome. Deixara de chorar! E a mãe, sem desanimar, continuava tentando e tentando... No dia seguinte, o pai, cabisbaixo, pedia ajuda para o enterro de um anjinho. Até chorei, minha mãe! Agora, entendo melhor a sua luta e a do meu pai! Não podemos deixar que essas injustiças continuem a povoar o céu de anjinhos. É preciso dar um basta a tudo isso.

Fiquei emocionada, parecia João Pedro conversando comigo, sempre sofrendo e sempre indignado com a situação de miséria da nossa gente. E Eudes continuou:

- Quando construirmos o armazém, eu vou reivindicar leite para aquelas crianças.

Numa outra ocasião, eu estava na casa de José Eudes, quando um camponês chegou, pedindo um pouco de comida. O seu rosto e o seu estado demonstravam muita miséria e muita fome. Eudes não teve dúvidas, pegou a metade de tudo o que havia panelas e deu para o camponês faminto. Não era mendigo, pelas suas mãos e pelo seu jeito via-se que era um trabalhador do campo.

A atitude do meu filho deve ter assustado os proprietários da região e seus fiéis servidores. Ali encostados a eles no mesmo chão onde lutou João Pedro, foi

fundada a Associação dos Pequenos Produtores Rurais João Pedro Teixeira. Daí em diante, começaram os problemas: João Pedro Filho estava sempre questionando e interpelando o comportamento do irmão. Falava alto, forte, e fazia ameaças; dizia para Eudes que não admitiria subversão naquele chão. Eudes, com paciência, explicava para o irmão:

- Eu não estou lutando por nada disso que você está falando. Eu só quero poder me beneficiar e beneficiar esses pequenos agricultores, sofredores como eu. Tudo o que estamos recebendo é crédito dado pelo governo. Pode ir ao Projeto Nordeste confirmar às minhas palavras.

João Pedro Teixeira Filho ignorava as explicações de Zé Eudes. Socorro, uma professora muito amiga nossa, contou-me que, segundo Eudes, João Pedro Filho ficou furioso diante da pretensão do irmão de querer reconstruir monumento em homenagem ao pai:

- Se você tiver o atrevimento de construir o monumento daquele agitador comunista, dentro da propriedade do meu avô, espere e veja o que vai lhe acontecer.

Socorro continuou:

Eudes disse-me que tinha que ser paciente com o irmão por causa do temperamento nervoso e violento dele. Queria evitar desavenças e, por isso, iria dar um tempo para realizar o seu sonho.

Socorro me explicou que Eudes não havia me contado sobre o incidente, porque não queria me deixar desgostosa ao saber que um irmão estava contra o outro irmão.

Dia 23 de novembro de 1988, foi a data marcada pelo pessoal do Projeto Nordeste para ser entregue, oficialmente, a verba para construção do armazém. A solenidade ocorreu em Sapé, na presença dos membros da Associação Rural Comunitária: João Pedro Teixeira e Associações Anta Um e Anta Dois. Eu fui para Sapé participar e me emocionei quando o governador chamou o presidente da Associação, o Sr. José Eudes Teixeira para receber o cheque. Os camponeses ficaram em pé, aplaudindo e aplaudindo...

## **ASSASSINATO DE EUDES**

Eudes pediu que eu e a sua irmã Maria José voltássemos a Sapé na terça feira. Ele queria que fôssemos conversar com a juíza do Município para regularizar a nossa posse. Assim, o armazém poderia ser construído, na nossa terra. Quando minha mãe morreu, a terra foi dividida em sete partes iguais, cada pedaço de terra medindo nove hectares, caberia a cada um dos filhos. Só que, segundo a juíza de Sapé, a declaração de posse que me foi entregue pelo meu irmão José Justino, era falsa.

Após conversarmos com a juíza, José Eudes convidou-nos para irmos até a casa dele. Ao chegarmos, encontramos João Pedro Filho. Começamos a conversar e João Pedro me dizia que José Eudes era muito sabido. Ele estava ligado aos comunistas e estava com as ideias das Ligas Camponesas: tomar as terras dos outros. Foi quando me levantei e bati no ombro de João Pedro e, com carinho, tentei explicar:

Não é nada disso não, meu filho! Essa verba veio pelo Banco Mundial e foi repassada pelo governo, para o Projeto Nordeste, com objetivo de financiar os pequenos produtores, para que eles possam produzir. É projeto do governo, porque, hoje, só quem produz alimentos são os pequenos produtores. As grandes propriedades só querem saber de gado, cana de açúcar e soja. Compreende, meu filho?!

Ignorando o que eu acabara de explicar, João Pedro Filho continuou a acusar o irmão, dizendo que Eudes estava recebendo dinheiro da Rússia. Sorri com o absurdo. Mas achei melhor ficar calada, com medo de jogar um irmão contra o outro. José Eudes tinha um gênio muito calmo e levou tudo na brincadeira, e até disse:

- Então falta ainda outra parcela de dinheiro, que, por certo, eu vou receber da parte de Fidel.

Parecia uma discussão normal, um "bate boca" entre irmãos, nada acirrado! Maria José tentou interromper a discussão, olhou para o relógio, levantou-se, ao mesmo tempo em que avisava, que já eram 11 h30min e precisávamos apanhar o ônibus de volta para João Pessoa. Eudes dispôs-se a nos levar até o ponto do ônibus.

Na saída, João Pedro disse para José Eudes que ele estava morando no que era dele, numa casa construída por ele. Nesse momento, Maria José, que não havia tomado partido o tempo todo, um pouco revoltada diante de tantos absurdos, disse para João Pedro:

- Olhe rapaz, você está passando no rosto de Eudes, uma mínima quantia que deu pra construir a casa! Essa casa foi construída com o dinheiro de Isaac Teixeira. Aí José Eudes, com toda calma, falou:

- No fim do ano, eu vou tirar essa roça de inhame, aí da frente. Mãe, será que a senhora me dá um pedacinho de terra pra que eu possa construir um quartinho pra mim?

Enquanto respondia ao pedido de Eudes, fui chegando perto de João Pedro, tentando convencê-lo:

Meu filho, essa terra é de vocês dois. São vocês dois que trabalham nela. Os outros irmãos estão com a vida encaminhada e não vão querer voltar para o campo. Aqui, tudo pertence aos dois. Eu só peço a união de vocês. Imaginei que João Pedro estivesse agindo assim, empurrado por ciúmes, coloquei a minha mão em cima da dele tentando acariciá-lo. Depois, olhei para Eudes e disse:

Meu filho, você constrói onde você quiser, sendo dentro da nossa posse. O que eu tenho é dos meus filhos e essa terra é principalmente sua e de João Pedro.

Antes de sair de dentro de casa João Pedro, disse para Eudes:

- Olhe moço, eu tenho respeitado muito você, que fundou essa maldita associação e botou o nome daquele homem (João Pedro Teixeira) e está recebendo dinheiro da Rússia e de Cuba.

- No momento em que Eudes ia fechando a porta, perguntou para o irmão se ele estava precisando de algum dinheiro. Puxou do bolso o talão de cheques. Nesse momento, com muita rapidez, João Pedro sacou a arma e atirou. Eu cheguei a ver a bala atingindo Eudes, bem na região do coração. Eudes, assustado, tentou fugir, deu alguns passos e caiu. O irmão continuou atirando ... O talão de cheques ficou banhado de sangue. Vi Maria José prestes a desmaiar, pálida e com os lábios roxos. Gritei:

- Minha filha, vá para dentro da casa.

Tentei alcançar o braço de João Pedro. Desesperada, gritava:

- Pelo amor de Deus, pare! Meu filho, como você teve coragem de atirar no seu irmão?! Como você pôde fazer isso?!

João Pedro deu o terceiro tiro. Rapidamente carregou o revólver e virou-se para mim, quase encostando o revólver no meu rosto:

- A senhora tem que respeitar o meu avô. Foi ele que criou os seus filhos. Da família eu só respeito meu avô e meu tio José Justino e mais ninguém.

- Meu Deus! Você matou o seu irmão!

João Pedro olhou para o Eudes caído numa poça de sangue e partiu em disparada. Corri para o meu filho e, debruçada sobre o seu corpo, confirmei o que temia. Desesperada, fui ao encontro de Maria José, que estava arriada no chão, encostada a uma das paredes da casa, muito pálida, com os lábios roxos. Tremia sem parar. Sacudi seu corpo e esfreguei seus pulsos e suas mãos:

- Por Deus, minha filha, eu preciso muito de você!

Ela estava em choque. Foi difícil erguê-la e reanimá-la. Algumas pessoas chegaram e me ajudaram. Ouviram os meus gritos e vieram nos socorrer.

Eudes recebeu três tiros: o primeiro atingiu o coração, o outro foi alojar-se na orelha e o terceiro pegou nas costas. Só o primeiro tiro teria sido suficiente para matá-lo. Era aquela bala "dundum", conforme entra no corpo vai explodindo e abrindo tudo.

José Eudes, tal qual o pai, foi morto à traição! No chão, onde caiu o pai, caiu o filho também. A morte de um foi quase ao lado do outro e pelo mesmo motivo.

- Ave Maria! Você anda e avista a cruz de João Pedro Teixeira; dá mais alguns passos e avista a cruz de José Eudes Teixeira.

Só quem passou por coisa parecida pode saber o desespero meu. Nem sei como resisti e consegui força para ir atrás de João Pedro, tentando segurar o seu braço, implorando para que ele parasse com aquilo. Eu não tive medo, eu não tive raiva. Eu só queria salvar os meus filhos. Aí, enlouquecida, botei as mãos na cabeça: Só Deus, só Deus para me dar forças para enfrentar essa desgraça!

Corri para o lado de Maria José e corri para o lado de Eudes. Pobre do meu filho! Tantos sonhos, tão jovem e tão temo! Estava tão alegre com o cheque que

recebera para começar a construir o armazém comunitário. A minha cabeça explodia. Sentia-me sufocada. Abracei mais uma vez o meu filho e fui para perto de Maria José.

Lembrei-me do que me foi avisado por um amigo: era preciso tomar muito cuidado, porque ele havia visto o meu irmão, José Justino, quando estava bebendo, dizer para as pessoas que estavam a sua volta, sem qualquer preocupação de ser discreto, que não concordava com as ideias de José Eudes. Que era preciso eliminá-lo, o quanto antes melhor, porque ele era o segundo João Pedra Teixeira. E ainda completou: a Associação fundada por ele teria que ser banida daquela terra porque, do contrário, iria dar muito trabalho.

Estou certa que o meu irmão José Justino e o meu pai armaram a mão do meu filho para cometer esse crime. Foi mais um favorzinho que o Manoel Justino prestou para os seus amigos latifundiários.

Reconheço a culpa do João Pedro Filho. Ele tinha muitos problemas, mas não era um louco. Foi um fraco, muito complicado e muito sofrido. As pessoas devem pagar pelos atos que praticaram. Não é por ser meu filho, entretanto, até que ponto podemos apontá-lo como o único culpado, sem aceitar as atenuantes e enxergar a trama armada? Ele obedeceu e pronto, tinha uma necessidade muito grande de agradar ao avô. Ninguém pode negar o tumulto que foi a sua vida. Eu não o acusei, entretanto não impedi e nem impediria que os policiais agissem e que a justiça o condenasse. Eu, como mãe, sabendo da vida dele, não podia acusá-lo.

Viver esse momento foi muito difícil, de um lado era a mãe do criminoso e, de outro, era a mãe da vítima. Eu nem sei como consigo falar dessa tragédia, como consigo pensar nisso, sem enlouquecer. Foi e continua a ser muito difícil aceitar essa situação. Muitas vezes me perguntei por que fui tão apressada e me distanciei tanto do meu filho. Se estivesse mais perto, talvez tivesse tido tempo para protegê-lo. Talvez a mão de João Pedro houvesse tremido quando tivesse que atirar em mim, para atirar no irmão.

E, se assim não fosse, convenhamos, a morte seria bem mais suave do que essa realidade.

Nunca esquecerei, João Pedro atirando e Eudes assustado, tentando correr e caindo. A terra ficando molhada com o seu sangue. Não sei como não enlouqueci. Fiquei bem doente, não conseguia dormir, assim que fechava os olhos, aquela tragédia aparecia como se tudo estivesse acontecendo novamente.

Vejo sempre José Eudes, do jeitinho como ele estava, no último fim de semana da sua vida. Ele ficou comigo. Conversamos e fizemos muitos planos! Escuto a sua voz dizendo-me:

- Minha mãe, quando for levantar uma casinha para mim, eu vou reconstruir o monumento em homenagem ao meu pai. A senhora se lembra desse monumento? Era grande? Como ele era?

Fui me lembrando dos detalhes do monumento, e ele foi ficando mais animado e sorrindo disse-me:

- Eu quero fazer um monumento digno da luta de João Pedro Teixeira, já consegui com o prefeito de Sapé os tijolos, o cimento e consegui com alguns companheiros que, além de agricultores, são também pedreiros, o trabalho voluntário. Vou mandar fazer a placa em bronze com os mesmos dizeres da outra placa. E, na terça-feira ele estava ali, caído no chão!

A versão dos meus irmãos, a respeito do crime de João Pedro Filho é bem diferente: "João Pedro matou Eudes por achar que estava sendo desprestigiado na partilha do pedaço de terra, herdado por sua mãe".

Concordo que João Pedro Filho era bem desconfiado. Cansamos de explicar para ele que ninguém queria roubar nada dele e que tudo o que estava sendo feito ou iria ser feito, seria no pedaço de terra que caberia a Eudes, após ser concluído o inventário. Mesmo assim, João Pedro não concordou e me disse com rispidez que isso era mais um "arrumadinho" dos que queriam se apossar de sua terra. Os nove irmãos, diante das constantes intervenções autoritárias de João Pedro, estavam considerando-o a "ovelha negra da família". Até parecia que era muita terra, não era não. Só nove hectares. Eu tentava conciliar. Eudes me ajudava. Só isso não ocasionaria tamanha tragédia.

Eudes não imaginou até que ponto essa luta continuava a ser difícil! Foi tornando-se uma liderança, tal qual o pai, sem querer ser, só queria ajudar aos

companheiros. Fundou a Associação com o nome do pai, porque admirava a luta do pai e quis homenageá-lo, Orientava os camponeses, porque se revoltou com a situação de miséria Conseguiu financiamento para que trabalhassem em suas terras, libertando-os da humilhação, dependência e exploração do latifúndio, porque também precisou desse financiamento, para poder tocar sua lavoura. Iria reerguer o monumento em homenagem ao pai, porque ficou revoltado com a destruição, considerou uma grande violência e injustiça. O povo mesmo já dizia que um novo João Pedro Teixeira com uma pasta de lado, estava em Sapé para continuar a luta do pai. O que era normal para Eudes, tomou-se uma atitude imperdoável para os latifundiá110s, conseqüentemente para os seus lacaios. Infelizmente, entre esses, estavam meu pai, meu irmão e meu filho.

Depois da morte de José Eudes, foi aberto o processo e eu recebi inúmeras intimações da polícia para depor, tanto na polícia como na justiça. Não fui. Não Iria depor contra meu filho, custasse o que custasse. Aliás, estava certa de que esse crime não seria penalizado. Nunca vi um crime que tivesse cobertura dos proprietários dar em alguma coisa.

### **ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO FILHO**

João Pedra sumiu mesmo! Por muito tempo fiquei sem ter qualquer \_ informação. Rezava pedindo que Nossa Senhora o protegesse. Foi um sobrinho do meu pai, um sargento reformado da polícia, que me deu notícias do paradeiro do meu filho. Encontrava-se foragido, lá para os lados de Pernambuco. Fugiu sozinho, deixando, em Sapé, a filha de seis meses e a esposa sob o encargo do seu tio, José Justino. Estava preocupada. Temia pela vida dele.

Estava cuidando da minha netinha, quando o telefone tocou, a ligação era para mim. Disseram que era do Instituto Médico Legal. Perguntaram se eu era mesmo Elizabeth Altina Teixeira. Se era a mãe de João Pedro Teixeira Filho. Estremeci, senti um arrepio. Com o coração apertado, respondi afirmativamente. Imaginei o pior e quis estar errada. Indaguei, aflita:

-O que aconteceu ao meu filho? Enquanto aguardava a resposta, meus pensamentos dispararam para João Pedro Filho, desde que assassinou José Eudes, havia desaparecido e agora, o que havia acontecido? Eu sabia mas não queria saber!

Aliás, eu sabia que isso iria acontecer; só não sabia a data! Foram os latifundiários que mandaram assassinar mais um membro da família do líder camponês, João Pedro Teixeira. Estou certa disso! A voz do outro lado do telefone confirmou o que eu temia: estava sendo chamada, para fazer o reconhecimento do meu filho e receber o seu corpo.

Como eu já falei, João Pedro Filho sofreu tudo o que pôde e o que não pôde, desde bem pequeno. Manoel Justino fez dele o que nunca conseguiu fazer comigo. João Pedro era dócil e obediente! Matou o irmão para agradar o velho. E acabou jogado no meio do mundo, como um bagaço. Foi assassinado. Fiquei muito revoltada, pesarosa - ele era meu filho, e eu nunca deixei de estimá-lo. Rezei tanto por ele! Os jornais e as rádios também anunciaram chamando os familiares de João Pedro Teixeira Filho, para fazer o reconhecimento e buscar o corpo. Vários conhecidos nos avisaram. Eu mesma vi no jornal.

Infelizmente, o João Pedro Teixeira Filho foi assassinado, à traição, no dia 03 de maio de 1994. Tenho mais esse crime para agradecer aos latifundiários! Como sempre, eles decidem a vida e a morte dos homens do campo. Quando decidem pela morte, tentam não se comprometer. Chamam um dos seus sicários, os de maior confiança, e dão a ordem. Imediatamente, essa ordem é cumprida, e o matador é contratado. Sempre agem na espreita, portanto, na covardia o matador é cumpridor fiel da empreitada. Chega a ser obstinado. Para dar conta da tarefa, faz de tudo. Só descansa, quando atinge o alvo. É raro falhar. Se, por acaso, a pessoa não morre, tranquilo, aceita o fato; porque acredita, como apregoa sempre, que ele só atira. Quem mata é Deus! Quando Deus não quer, nem o demo consegue!

Ah! Se não fossem os latifundiários, nada disso teria acontecido! Parece que o meu destino é esse mesmo - um tiro após outro tiro e outro tiro...E... quando não foi tiro, foi veneno! E vão ficando as cruzes ... Eu vou resistir até morrer. ninguém vai me derrubar!

Anaíde, Maria José e o meu genro Mário não me deixaram ir ao IML. Assumiram a tarefa por mim. Eu estava me sentindo muito mal. Entretanto, queria estar com o meu filho. Diante dos argumentos, pensei melhor e acabei ficando. Logo que o corpo foi liberado, minhas filhas e o meu genro fizeram o enterro. Bem rápido. Jandira, a mulher de João Pedra, compareceu ao necrotério e

acompanhou o enterro. Aliás, ela esteve em nossa casa, algumas vezes, buscando documentos, para poder receber a pensão para a filha. Numa dessas vezes, trouxe a menina e, assim, pude conhecer a minha netinha. Surpreendeu-me o seu nome, Altina. Afaguei-a em meu colo. Quis tê-la bem junto de mim. Ela ficou meio ressabiada. Olhei fixo o seu rostinho, para guardá-la comigo.

João Pedro Filho, após ter matado o José Eudes, ficou desaparecido por quase seis anos. Ele foi para São Paulo e conseguiu emprego numa fábrica. Em 1994, veio para a Paraíba gozar suas férias e pretendia, no final do mês, regressar. Jandira contou-me que ele apareceu de repente, em Mari, para visitá-las: a ela e a filha

Infelizmente, não deixaram João Pedro Filho voltar para São Paulo: bebia com um grupo de amigos - nem houve briga, discussão, nada mesmo! Quando ele foi se levantando recebeu um tiro "à queima roupa". Ele foi socorrido e, ainda, conseguiu falar. Acusou o tio de estar por trás desse assassinato. Respeitava tanto o tio e foi mesmo esse tio que deve ter mandado acabar com ele. Pobre do meu filho, tão moço! Ele ficou internado no hospital municipal, entretanto não resistiu e partiu...

Dias antes dessa violência, fui avisada de que João Pedro Filho encontrava-se em Mari. Fiquei com muita vontade de ir vê-lo. Entretanto, achei melhor esperar que ele chegasse até a minha casa. Infelizmente, foi assassinado antes que eu pudesse abraçá-la. Quando rezo por João Pedro Filho, rezo com saudade e muita tranquilidade por ter agido como agi. Agradeço aos anjos por terem me ajudado a enxergar tudo e a tomar a decisão correta - não denunciei o meu filho! Ele foi assassinado porque sabia demais...

## **EPILOGO**

É com muito orgulho e esperança que observo o Movimento Sem Terra, com tanta garra, dar continuidade à luta pela Reforma Agrária. Uma das minhas grandes alegrias é ver a participação forte das mulheres no Movimento Camponês: as companheiras participando, lado a lado, com os companheiros, fortalecem a luta. Eu pude conferir isso, bem de perto, em fevereiro de 1997, quando estive no acampamento do Movimento Sem Terra, no Pontal do Paranapanema.

Fiquei satisfeita com o convite dos companheiros. Logo que cheguei, fui para

o educandário São José, na cidadezinha de Santo Anastácio, que fica perto do acampamento. Lá, fui recebida, por uma conterrânea bem combativa, a Irmã Gorete. Ela está vivendo há mais de seis anos no Pontal, apoiando a luta dos "Sem Terra" e de todos os injustiçados, Ao chegar ao acampamento, fui recepcionada, com muito carinho por um grupo de companheiras, na casa de uma delas. Haviam terminado de assistir ao filme "Cabra Marcado Para Morrer". Fizem muitas perguntas e pediram que contasse a minha experiência.

Diolinda, a mulher de José Rainha, fazia parte desse grupo. Disse-lhe que havia ficado muito revoltada com a sua prisão e que havia protestado diante dessa arbitrariedade.

Fiquei conhecendo a companheira Maricela, mulher do Gilmar, líder camponês do MST. Ela me contou que lá no México a luta não é diferente.

A companheira Maria Rodrigues me falou sobre a ocupação da fazenda São Domingos no dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher). Essa invasão foi realizada exclusivamente por mulheres. Cheguei a ficar arrepiada. Conheci algumas e alguns dirigentes do movimento, grandes lideranças camponesas. Guardo, com muito carinho, a bandeira que recebi do companheiro José Rainha, muito perseguido e ameaçado, várias vezes preso e respondendo a um processo fajuto. Tudo é igualzinho aos tempos da Liga!

O Movimento Sem Terra surgiu depois de toda aquela repressão que chegou com o golpe de 1964, que assassinou e fez desaparecer quase todas as grandes lideranças do movimento camponês. Eles acreditaram que haviam conseguido aniquilar a nossa luta, eng8110 deles. Eu já disse muitas vezes o que vou dizer, mas gosto de repetir:

Sinto-me muito satisfeita, de poder presenciar a continuidade da luta. Essa é a nossa resposta, aos latifundiários e seus sicários.

Felizmente, olho para trás sem me arrepender de nada do que fiz. Não tenho ódio. Tenho muita indignação - não é acanhada e nem pessoal. Se me perguntarem agora: você odeia o Aginaldo Veloso Borges e outros latifundiários, pistoleiros e capangas - todos os que provocaram as tragédias que caíram sobre os ombros da nossa família, a família do grande líder camponês João Pedro Teixeira, eu vou

dizer que não odeio ninguém. O sentimento que guardo e vou levar comigo, é o amor. A nossa luta é fruto de muito amor. Foi o amor aos companheiros famintos que indignou João Pedra Teixeira e o conduziu à luta. Foi assim, também, com as grandes lideranças, que tive o prazer de conhecer. Eudes transbordava amor! "Pedro Fazendeiro" e "Negó Fuba" também!

A indignação vem em seguida e é muito importante. Essa indignação é fruto do amor. Ela nos estimula a reagir contra tudo que é injusto e errado. A bandeira que hoje empunho é a bandeira do MST, pela Reforma Agrária: "Terra para quem nela trabalha!" Os anos estão pesando. Entretanto, eu ainda não recuso um convite para apoiar a luta. Não participo como antes, participo como posso. Estou confiante na nossa vitória.

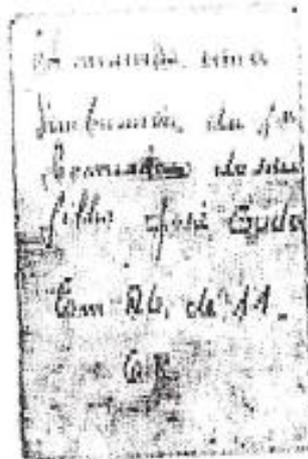
A ditadura acabou. Fala-se tanto em democracia, mas o presidente governa por decretos. A miséria e a concentração de riqueza cresceram. A violência contra a nossa luta continua, e lá se foram mais de trinta e cinco anos. Aí estão os massacres, as prisões arbitrárias, as destruições dos acampamentos, das lavouras ... Os que ajudam e defendem o Movimento Sem Terra são perseguidos pelo governo. É a mesma violência e é a mesma impunidade. É a mesma campanha acirrada contra a nossa luta. Em Eldorado dos Carajás, por exemplo, foram assassinados 19 camponeses do MST e houve muito trabalhador ferido, até crianças e mulheres. Foi preciso muitas cobranças das entidades internacionais, para que o julgamento fosse marcado. E que julgamento?! É para a gente ficar vermelha de indignação- a vergonha das vergonhas: o primeiro acusado, apesar de todas as provas contra ele, foi absolvido. Ficou provada a corrupção no julgamento. O promotor exigiu que o julgamento fosse suspenso, diante das irregularidades. Mas, o juiz queria dar continuidade. Ouvi dizer que esse juiz parecia advogado de defesa dos criminosos... Só diante de muita mobilização e denúncia o julgamento foi suspenso. E aí empacou! Lá se foram sete anos, e os criminosos estão livres. Houve novo julgamento e foi a mesma vergonha.

Saiu no jornal que no "**Informe 2.000**" da Anistia Internacional (uma entidade estrangeira que defende os direitos humanos, muito respeitada) que o Brasil é um dos países que mais viola os direitos humanos. A Anistia Internacional declarou que o nosso país está inerte no combate à prática de tortura, violência e

criminalidade. E destacou, também, a violência da polícia contra os membros do Movimento Sem Terra, apontando inúmeros casos de torturas e assassinatos. Tenho conseguido, ao longo do tempo, cumprir o meu juramento. Nem as cruzes fincadas no meu caminho fizeram-me desistir. Enquanto eu tiver vida e, até mesmo, quando estiver agonizando com a vela na mão, eu gritarei o mais forte que puder: "**Reforma Agrária** já!"



1º comunhão de José Eudes



Verso da foto de José Eudes



José Eudes, quando recebe, sexta-feira, o cheque para dois anos de assistência comunitária

Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra

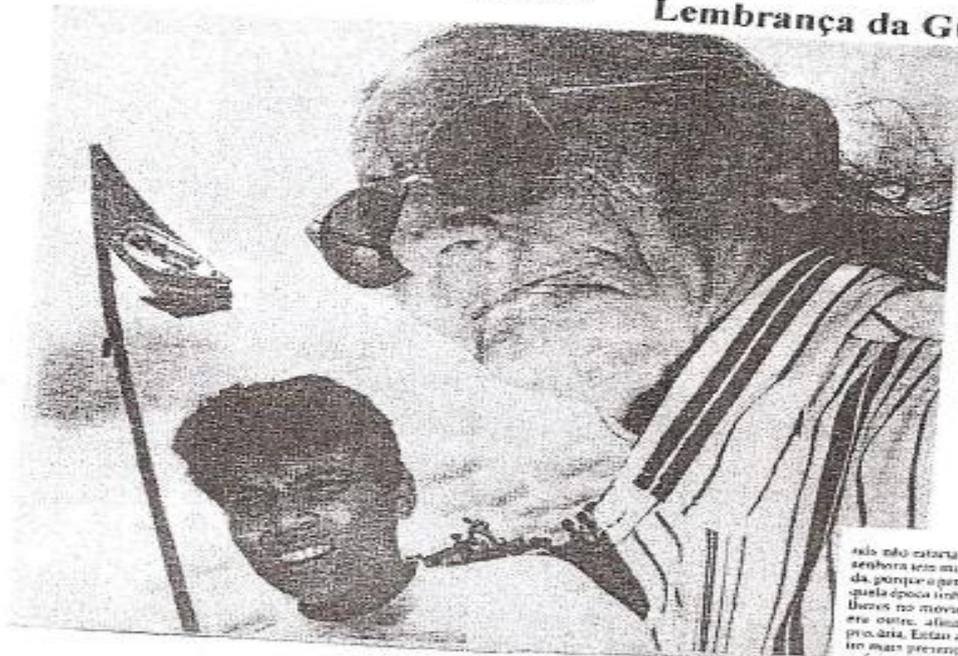
## MULHERES E MARGARIDAS

Elizabeth Teixeira. Um mês depois que sua mãe foi assassinada (abril de 92) pelo latifundiário chamado a Brásia, para depois no Conselho Parlamentar de Inquérito. Foi quando a presidente João Collor me fez esta pergunta: "Elizabeth Teixeira, você vai voltar à sua terra e continuar a luta de João Pedro?" Eu respondi: "Para o

que der e vier, presidente".  
Diolinda Alves de Souza - Dinoré Elizabeth, a curiosidade de conhecer a senhora era grande, de todo mundo aqui, principalmente de uma mulherada daqui, depois de ver a dona Elizabeth no filme. Ficou as suas apostas esperando, todo mundo querendo saber que coisa a senhora ia fazer. A senhora é uma profissional para nós hoje. É muito difícil ter uma pessoa que sobreviva e ainda continue com estes pensamentos, com as ideias de luta

A líder camponesa dos anos 50 Elizabeth Teixeira, cuja história foi contada no filme "Cabra Marcado para Morrer" encontra Diolinda A. de Souza, do MST, no Pontal do Paranapanema

## Lembrança da Guerra



MEMÓRIAS DE GUERRA

... não estamos aqui hoje. E a senhora tem muito mais vida ainda, porque o período que naquela época tinha um caráter de luta no movimento. A situação era outra, afinal, a educação era privada. Então a senhora em outro momento de espírito para enfrentar a luta.

Elizabeth Dinoré, você me entendeu muito. Você é uma pessoa que eu não sei como eu vou lidar a sua costura de mulher. Essa foi uma das viagens mais bonitas que eu já fiz, porque eu já fiz muitas viagens, para a Suíça e Itália, mas eu sempre em que o período correção e educação, não é costume, que eu tire oportunidade de visitar os acampamentos e ver a situação dos sem-terra. Isso, pois não é maravilhoso, minha filha, tenho muito que agradecer a vocês por esse viagem maravilhosa. Eu fiquei em que eu estava, com a companhia Dinoré, que eu vou estar me lembrando quando eu vou para uma companhia. Uma coisa, lá fora, das mulheres, coisa da minha vida.  
(Mônica - Editora)

que pertenciam.  
Elizabeth - Não eu quero dar a você mais parábola, a terra minha terra, que hoje está na terra. Naquele época, as mulheres pouco atuaram na vida da luta de hoje. Quando eu saí para a área de conflito, era a companhia de mil, 2 mil frentes. Era só eu de mulher, que sou acompanhada das companheiras para ir defender a camponesa que estava lá em conflito com o proprietário. Então eu acho que o direito de luta, na

minha época, quando eu era presa, o contrário Lúcio Barros, que ainda é vivo, me disse: "Tem vergonha mulher sua vergonha. Tem lugar é em casa cuidando das três filhas". E eu respondi a ele: "Não vergonha, não, o meu! Cuidado com os pais meus que você está dependo sem você, porque quem me deu foram vocês, políticos que mataram meu marido. Quem matou meu marido não dá um cabo de polícia dentro do trabalho camponês".  
Diolinda - Eu não vejo diferença

deixa Elizabeth, entre a sua história e a nossa. E como se a senhora, naquela época, estivesse no mesmo lugar hoje, na luta pelo retorno agrária. E não ficou foi um dos mais importantes, por tentar de questionar que não estava ainda hoje. As companheiras e eu percebemos que as ligas camponesas eram o mesmo que é a luta pelo retorno agrária na área de hoje. A senhora também no era o mesmo o pensamento vive da reforma agrária. Se não fosse pelo lutar do passado,

FOLHA DE S. PAULO  
10 de fevereiro de 1997 mais!

Elizabeth Teixeira com José Raulo e Dirlândia de Almeida e integrantes do Movimento das Sem Terra



## Mulheres sem-terra conversam com Elizabeth Teixeira sobre sua luta



Elizabeth é apresentada com uma bandeira do MST

da enviada especial

Todas as comissões levam a Roma — ou a "luta" pela reforma agrária — quando se trata das anfitriãs de mulheres que militam no Movimento das Sem Terra e se reúnem com Elizabeth Teixeira no Portal do Paranaíba.

Se no tempo de Elizabeth a participação das mulheres nas lutas camponesas era nula, hoje, entre as sem-terra, elas já são capazes de formar uma organização à parte, bem diferente do tempo em que Elizabeth contou nos debates as "Carmelitas" e "Felicíssimas".

"Eu fui tomando conhecimento da luta com o meu marido", ela contou às mulheres da MST reunidas no acampamento Tequaraçu. "No dia-a-dia do trabalho dele nos sindicatos das pedreiras e na Liga de Sapé. Mas a gente já estava colocando minha gente no movimento. Se não fosse o golpe militar, não tínhamos instalado aquela situação das mulheres que não iam à luta. Elas já estavam conseguindo o rendimento, já faziam a Carmelita, a Felicíssima, muitas camponesas que estavam entendendo, que deviam acompanhar a minha caminhada, pelo menos no dia dos atos públicos."

Em contraponto, Maria Rodrigues, 36, da direção estadual do MST, explicou a Elizabeth, no julgamento típico da militância, como tinha acontecido a última ocupação de terra feita exclusivamente por mulheres.

"Foi no dia 8 de março de 86, Dia Internacional das Mulheres, em protesto à prisão de Dirlândia. Foi aqui mesmo no Tequaraçu, fazenda São Domingos. Não entramos para dentro da fazenda, tombamos terra e ocupamos. Queríamos mostrar para a sociedade que nós, mulheres do campo, estávamos organizadas e que não era a prisão de Dirlândia que ia acabar com a nossa luta."

Mesmo no português durinho com que se expressa, a militância feminista de hoje explica na ponta da língua à camponesa de ontem a "questão da viabilização" da reforma agrária:

"O governo vive privilegiando o capital estrangeiro, especulando aqui no nosso país, e não tem nenhum incentivo, a nível de política agrícola, para os assentados e os pequenos produtores. A tecnologia é não viabilizar o projeto de solos marginais".

Mesmo para a mexicana Mariécia, 26, mulher de Gilmar Mattos, um dos dirigentes do MST nacional, a diferença de tempos não torna a coisa diferente. "No México", ela contou a Elizabeth Teixeira, "eu também apoiava os movimentos pela melhoria da sociedade, pelo direito à vida, à casa e à comida".

Caso à parte é o da Itira Gorete Sousa, 43, paribana de Picaí, há três anos no Portal, que recebeu Elizabeth, hospedada na fazenda São José, na cidade de Santa Anastácia, onde é professora.

"Eu sou freira há 11 anos, da Congregação Filhas de Maria, Missão Maria, cujo carisma é o trabalho de evangelização entre os povos mais pobres. Nosso objetivo é fazer um pouco aquilo que Jesus fez, que é defender a causa dos pobres, dos pobres e denunciar aquilo que os oprime".

Itira Gorete tinha estado na sem-terra a ocupar no dia anterior a fazenda Santa Ireninha, a primeira a ser instalada no regime de Santa Anastácia.

Ela já conhecia Elizabeth Teixeira de nome, da Paraíba, e de labores. Trabalhava em um Estado rural tinha trabalhado com a líder sindical Margarida Maria Alves, assassinada em 1981.

Elizabeth Teixeira

A conversa de Elizabeth Teixeira com a militância feminista do MST terminou com uma resposta dela à pergunta sobre o que deve ser feito hoje pela "viabilização" da reforma agrária.

Em linguagem mais simples, Elizabeth respondeu:

"Nas eleições, o povo sempre vota ao contrário. Por que o poder nunca procura colocar em poder um trabalhador, um operário que sabe da vida dos colegas, que sabe como está o setor ou das condições? Sempre se elegem os outros... No caminhar para Roma, que fundamentado no evangelho quer corrigir a militância, é claro que essas mulheres perdem as eleições de si mesmas numa estrada sem, das esperanças, logo de os outros. (Márcia Fontene)

# Política feminina

FOLHA DE S. PAULO

3 de 8 maio de 1987, domingo, 10 de fevereiro de 1987

**MULHER**

## A Difícil Luta Por um País Mais Justo

Em nosso país a situação em geral do trabalhador é cada dia mais angustiante.

É difícil falar sobre a vida e a situação dos trabalhadores, principalmente do trabalhador rural, que sem condições de se manter na terra juntamente com sua família, vem de encontro às periferias das cidades grandes, aumentando assim o número de favelas; o alto nível de desemprego; e lançado este desafio, o trabalhador fica cada vez mais desesperado, mais rejeitado, mais oprimido e de uma forma ou de outra ele mergulha no país do vale tudo pela sobrevivência, pela satisfação das necessidades básicas, pela defesa da qualidade de vida. Por que tanta miséria, tanta falta de respeito com o ser humano?... **VAMOS REAGIR!**

Companheiros vamos reivindicar uma **REFORMA AGRÁRIA verdadeira**, que só será feita, e **SÓ NASCERÁ DA LUTA DOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MOBILIZANDO** as massas, quer nos campos e nas cidades; os avanços dependem de nós. É preciso combater a miséria em nosso país, garantindo assim o acesso efetivo dos Trabalhadores Rurais à **TERRA**, integrando-se na luta com o objetivo de construir e fazer avançar os ideais das classes menos favorecidas.

...Chegou o momento de fazer valer os nossos protestos; denunciando as várias Rejeições Sociais, buscando uma solução agora nas eleições que se aproximam, quando vamos ter oportunidade de avançar de voto, termos um Governo com estruturas democráticas de poder, e que possa garantir ao nosso povo o respeito e trazer de volta a dignidade, e por um fim na fome do nosso povo. Vamos rejeitar todo tipo de demagogias, e hoje mais conscientes da luta e da realidade brasileira, **VAMOS** de encontro a um **GOVERNO** que aposte na valorização do nosso povo; por um **PAÍS SEM DISCRIMINAÇÕES**, mas de **IGUALDADE**, **SEM PRECONCEITO**, mas de **RESPEITO**, **SEM FOME**, mas **COM ALIMENTOS**, alimentos em nossas mesas. Que o **BRASIL**, seja livre e o nosso **POVO** também.

ELIZABETH ALTINA TEIXEIRA  
Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CAEP)



Elizabeth Teixeira

# POSFÁCIO

## TRAJETÓRIAS REENCONTRADAS

### Rosa Maria Godoy Silveira

Historiadora da UFPB

Membro do Fórum de Mulheres da UFPB

Depois tudo, de todos, escrever este posfácio é uma honra espinhosa. Pois que, de um lado, se você é chamada para escrevê-lo, talvez haja a expectativa de que você fale alguma coisa nova sobre a obra que é posfaciada; e, por outro lado, provavelmente, a obra já tenha dito tudo e resta pouco a dizer.

Mas, pensemos, de outro ângulo, nenhum texto se encerra no ponto [mal ortográfico: lançado ao mundo, percorre trajetórias insuspeitas ao(à) autor(a), construídas pelos leitores, que dele se apropriam, cruzando com as suas vidas. Um(a) posfaciador (a) é um(a) leitor(a) privilegiado, antes dos demais leitores, mas essa intencionalidade do seu ato pode, por vezes, limitar a sua visão.

No entanto, penso ter vislumbrado um *novo, muitos novos*, a apontar, em:

- Elizabeth Teixeira, com a sua saga fabulosa, de certo modo, conhecida em certos espaços de militância política e acadêmica, mas ainda a ser conhecida por um público maior e por segmentos de camponeses;
- > Ayala Rocha, a militante tenaz, cujos ouvidos recolheram o relato de Elizabeth e cujas mãos o lavraram com os sentimentos de uma intelectual comprometida Com as causas populares;
- Frei Betto, que, na concisão do seu Prefácio, mantém a coerência política e ética como poucos;
- Euzébio Rocha, cuja carta de pai transmite o orgulho pelo empreendimento da filha e a admiração pela figura de Elizabeth;
- Sobretudo, uma ausência [formal] presente [como inspiração e ação]:
- Vanderley Caixe.
- Sobretudo, uma ausência [formal] presente [como inspiração e ação]:
- Vanderley Caixe.

O que junta estas pessoas, nascidas em diferentes lugares deste país? Por que me junto a elas? E, embora falemos de maneiras diversas, estamos na mesma trama e há um discurso comum que proferimos?

Enquanto a heroína paraibana Elizabeth - heroína, sim! Embora isso possa atentar contra as tendências historiográficas anti-heroicizantes, as grandes massas de excluídos têm o direito a referências históricas próprias -, iniciava, nos anos de 1940, no interior da Paraíba, a sua ruptura ideológica com a sua família de sangue, um jovem Deputado constituinte por São Paulo iniciava, aos 27 anos, uma carreira parlamentar de sucessivos mandatos, atuando em defesa e na proteção dos recursos naturais do Brasil: Euzébio Rocha.

Transita-se da década de 1940 para a de 1950. O operoso deputado atua e apresenta projetos em torno de assuntos educacionais (Ensino Secundário, Formação profissional dos professores, Ensino Técnico-industrial, Ensino militar), culturais, trabalhistas (CLT, funcionalismo público, estabilidade, periculosidade, aposentadorias e pensões, ordens profissionais), habitacionais (moradias para os trabalhadores), assistenciais e de saúde (atendimento a crianças, combate a epidemias). E, sobretudo, empresas de desenvolvimento (eletricidade, encampação de ferrovias) e a regulamentação de controle sobre minérios e recursos naturais. Vinculou seu nome, definitivamente, à história do país, via Petrobras, pois foi o relator da Lei 2004, de 3 de outubro de 1953, que instituiu o monopólio estatal do petróleo e criou a Companhia. Foi militante da campanha "O Petróleo é Nosso".

Na mesma época, Elizabeth, casada com João Pedro Teixeira, já morara no Recife e retomara a Sapé, Paraíba. A militância do marido junto aos camponeses, depois no meio operário da capital pernambucana e, novamente, no âmbito do campesinato paraibano, já desencadeara sucessivas ações repressivas a João Pedro e companheiros, por parte dos latifundiários, e alargava o fosso com a sua família originária, especialmente seu pai, que orbitava na esfera do poder latifundiário e para o qual a atuação do genro e o envolvimento da filha com o movimento dos trabalhadores rurais era "coisa de comunista". As Ligas Camponesas se espraiavam. O Brasil vivia as contradições do Estado Populista e um acirrado confronto de forças políticas. Os segmentos conservadores intensificam a repressão e urdem contra a ordem legal-constitucional estabelecida.

1962: enquanto o deputado Euzébio Rocha iniciava o seu último mandato parlamentar, João Pedro Teixeira é assassinado pelo latifúndio. Elizabeth encampa a sua luta. 1964: golpe militar. Elizabeth é presa, é solta, foge para um exílio de 15 anos no interior do Rio Grande do Norte, sob nome fictício. Encerra-se um longo 1º ato.

O que há em comum entre Elizabeth-João Pedra Teixeira e Euzébio Rocha, por sobre a distância geográfica e de esfera de atuação?

Um salto no tempo: 1976. Chega a João Pessoa (Paraíba) um advogado do interior de São Paulo, cerca de 32 anos, chamado Vanderley Caixe. Lutando contra a ditadura desde os seus tempos de estudante universitário, integrou as Forças Armadas da Libertação Nacional (F ALN); foi preso político entre 1969 e 1974. Assim como de Frei Betto, com quem partilhara a prisão política, a ditadura não arrefeceu o ânimo de Vanderley. Saindo da prisão, retomou a luta de resistência contra os militares. Bacharel em Direito, mudara em 1975 para o Rio de Janeiro, atuando no escritório do grande professor Sobral Pinto, um dos grandes baluartes contra o regime militar; foi assessor jurídico da Pastoral Penal, redator e jornalista do jornal *Tribuna da Imprensa*; colaborador do jornal *Opinião*. Conhece Ayala Rocha, que se toma sua companheira afetiva e de lutas, de lutas porque afetiva e afetiva, porque de lutas.

A convite do progressista Arcebispo negro da Paraíba, D. José Maria Pires, Caixe criou o primeiro Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Brasil, com o objetivo de lutar contra a ditadura e a violência policial.

Em 1980, após reuniões com advogados trabalhistas rurais em todo o Brasil, fundou a Associação Nacional de Advogados dos Trabalhadores Rurais, sendo seu secretário-geral, promovendo denúncias, em entidades e cortes nacionais e internacionais (OAB, Comissão dos Direitos Humanos, Corte Interamericana de Direitos Humanos/OEA, entre outras), quanto às omissões das autoridades brasileiras em casos de violações de direitos, de cerceamento ao exercício profissional além de ameaças e assassinatos de advogados dos trabalhadores rurais. Ameaças e cerceamentos dos quais Caixe e Ayala também foram alvo, de parte de grupos poderosos cujo único "argumento" é a prepotência, a intimidação e a violência, para assegurarem seus privilégios.

No mesmo ano de 1976 em que Caixe e Ayala chegam a João Pessoa, a

Universidade Federal da Paraíba, até então, constituída por quadros ainda vinculados às oligarquias locais, por injunções de um processo de modernização do Nordeste, encetado pelo regime militar, inicia uma expressiva ampliação institucional, física, dos seus corpos docente, técnico e discente. Cerca de 1.500 professores de fora aportam à Paraíba, provenientes de estados vizinhos, das regiões Sul e Sudeste, entre as quais me incluo, e, inclusive, do exterior. Muitas dessas pessoas carregavam trajetórias de militância contra a ditadura brasileira, especialmente, no Movimento Estudantil. Muitas eram jovens e, mesmo algumas tendo sido presas ou vivido no exílio, havia muitos sonhos de um país melhor e vontade de concretizar os, apesar do fechamento que o regime impusera à participação política. Mas a conjuntura estava mudando: abalado pelos efeitos das duas crises do petróleo, o modelo econômico não operava mais "milagre". A sociedade civil, sob forte liderança da Igreja Católica, começava a reorganizar-se, depois do furacão repressivo que havia desestruturado movimentos sociais, destruído entidades populares, eliminado suas lideranças sob as mais diversas formas: exílio, torturas, desaparecimentos, assassinatos.

De modo que, em 1978, começaram os sinais de uma retomada política.

Na Paraíba, D. José Maria Pires começa a exprimir uma nítida e corajosa postura em defesa dos oprimidos e contra as arbitrariedades, lastreada nos princípios do Concílio Vaticano II. Na Universidade, era fundada a Associação dos Docentes da UFPB (ADUFPB-JP), posteriormente, uma seção sindical da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior- ANDES. Na mesma época, era criado o primeiro grupo feminista da Paraíba, *Maria Mulher*. Em 1979, era criado o Comitê Brasileiro pela Anistia - CBA.

Em 1979, Elizabeth Teixeira retoma do seu exílio no próprio país, tão perto da Paraíba como poucos imaginavam, por ela relatado em detalhes neste livro. E tão duramente diferente de alguns que chegaram a ser dourados no exterior. O exílio de lideranças das classes populares que, se não mortas ou torturadas ou desaparecidas ou presas, silenciadas; o exílio maior das próprias classes trabalhadoras, vivendo as cruéis condições de vida, arrocho salarial, expropriação e repressão.

A lenta e gradualliberalização do regime pelo Governo Geisel e a volta dos exilados produziram o retomo do multipartidarismo e as discussões sobre projetos

políticos para a redemocratização da sociedade brasileira. Nesse âmbito, como uma docente da Universidade Federal da Paraíba, sudestina e de extrato médio urbano, pude vivenciar, pessoalmente, a apartação de parte dos intelectuais universitários em relação às questões mais amplas da sociedade e às alianças com as classes trabalhadoras, especialmente as camponesas. Recordo-me claramente desse fosso quando de movimentos como O de Coqueirinho, Cachorrinho e Gurugi: muitos docentes apenas queriam defender melhores condições de vida e salários para si; quando se tratava da Associação Docente oferecer apoio aos movimentos sociais, era uma minoria a defender a amplitude da luta.

Anos de 1980. Na primeira metade, o envolvimento desses personagens todos na mobilização pelas Diretas, abortadas, mais uma vez, por uma conciliação pelo alto, de nossas elites, sempre temerosas da participação popular. Na segunda metade, a luta na Constituinte, as forças populares buscando alargar a conquista de direitos. Tempo de Margarida Maria Alves, cujo assassinato demonstrava o quão era difícil o embate, o quão a estrutura fundiária nordestina continuava em mãos de poderosos reacionários exploradores. Vanderley e Ayala, neste embate. Elizabeth Teixeira se unia a eles no Centro de Defesa e é nesta convivência e militância que Ayala vai recolhendo os depoimentos ora sistematizados neste livro. Interessante coincidência: por outro caminho, Lourdes Maria Bandeira, professora da Sociologia da UFPB e hoje, docente da UnB e expressiva militante do movimento feminista no país, e eu, por instância veemente de Maria da Penha do Nascimento, sucessora de Margarida na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande (PB), também recolhíamos os depoimentos de Elizabeth. Por uma terceira via, Neide Mieli, atuante na Diocese de Guarabira, igualmente registrava as falas de Elizabeth. Neste ínterim, Euzébio Rocha, se encerrara sua trajetória parlamentar, dedicava-se à docência de Ensino Superior e publicava várias obras, sempre coerente em defesa de um projeto nacionalista para a economia brasileira, sempre denunciando a ação deletéria dos trustes, culminando com críticas à política de privatização do governo Collor.

Se a conjuntura política dos anos de 1990 se apresentava promissora com o *impeachment* de Collor, a Paraíba sofria perdas preciosas em sentido físico e/ou político e simbólico: a morte de Penha Nascimento; o retomo de Vanderley Caixe e Ayala a São Paulo, depois de 17 anos, embora eles continuassem e

continuem o seu desempenho pelos Direitos Humanos, e Caixe mantivesse/mantenha acesa esta chama, através da revista *O Berro* e como escritor e conferencista, a nível internacional, a par da militância advocatícia em favor dos desvalidos, entre os quais se inclui o MST; a retirada de D. José Maria Pires, de suas funções episcopais, em 1996, em decorrência dos limites de idade, embora, também ele (o que não é surpreendente), persistisse com intensas atividades posteriores. Elizabeth vive novos capítulos trágicos de sua dramática vida, mas, ainda que imersa em dor, sempre que podia, não se furtava, como ainda hoje, de comparecer a manifestações de lutas dos camponeses e de movimentos os mais diversos contra injustiças e arbitrariedades perpetradas sobre as classes trabalhadoras, expressando firmemente as conexões e as distinções entre a Questão Agrária de ontem e de hoje, apontando a importância da memória daquelas lutas para os tempos atuais mas compreendendo as suas especificidades.

Em 1992, Euzébio Rocha escreve a Ayala sobre o livro ora publicado. Usa uma expressão para designar Elizabeth: *uma fênix*.

Novo salto no tempo. Em 2007, a companheira Wilma Mendonça, docente do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, oriunda da militância na CPT, e, portanto, aprendiz e companheira na convivência com D. José, Vanderley, Ayala, Elizabeth, possibilita meu reencontro

Com Ayala, então em visita a João Pessoa. Em 2008, Ayala decide, finalmente, trazer à luz a sua sistematização dos depoimentos de Elizabeth Teixeira. E sou, honrosamente para mim, convidada para escrever este Posfácio.

As pedras se reencontram nos percursos, depois de mais de três décadas. O que transmite o relato de Elizabeth, convertido em letras impressas, por Ayala? O que significa este reencontro de trajetórias, incluídas aquelas pessoas que já se passaram desta vida, corporificado no livro?

De um lado, uma memória do medo, registro do medo e da barbárie que se instalou neste país com a ditadura militar: censura, amordaçamento político, repressão ideológica e física.

Mas memória, também, de lutas: de João Pedro Teixeira, Euzébio Rocha, Elizabeth, Frei Berto, D. José Maria Pires, Margarida Alves, Penha, Vanderley, Ayala, Wilma, de muitas e muitas pessoas que resistiram e não desistiram; e, lá no meu pequeno e contraditório espaço universitário, acho que um pouco a minha

também. E, sobretudo, os trabalhadores brasileiros.

Mas, acima de tudo, memória da esperança, de superação do medo, de saber que vale a pena a luta, do sentido do presente, fundado na retrospectiva de um passado iníquo que precisa ser banido, em direção a um futuro que precisa ser atalhado e construído de outra forma.

Como *uma fênix*, Euzébio Rocha. Com muitas fênix. Renascidas das próprias cinzas dos momentos difíceis, e das cinzas concretas dos que, efetivamente, morreram pela causa da justiça social, contra o arbítrio, a impunidade, a censura, a tortura, a repressão. Um sentido do tempo, das mudanças necessárias e possíveis, poetizadas pelo próprio Vanderley Caixe:

## **Quando a primavera chegar**

QUANDO a primavera chegar, eu olharei as rosas,  
mas os meus olhos estarão obnubilados  
/pelos grilhões do inverno passado.  
Minha mente estará demasiadamente sombria  
para receber a claridade do novo sol.  
Minha alma estará triste e dolorida  
da última noite passada.  
NÃO me lembrarei que a nova estação em flores  
estará nascendo.  
Recordarei as noites de insônia,  
os homens no cárcere padecendo.  
QUANDO o dia voltar, eu direi dessas noites  
de iniquidades.  
Falarei dos que sofreram o flagelo em celas,  
dos que gereram nus as noites frias  
nas celas-fortes;  
do inverno queimando o corpo e a alma  
*Idos* prisioneiros castigados;  
da auto-mutilação; dos braços retalhados.  
Falarei da demência de homens sobre homens;  
da tortura abafada atrás das muralhas.  
QUANDO a primavera chegar, eu  
quero ter presente o inverno passado.  
Não esquecer essas noites que haveremos de impedir;  
do homem-besta sobre o homem.

PRPW, 17/8/73

Vanderley Caixe

Do livro "19 Poemas da Prisão e Um Canto da Terra"